

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGENS**

**FRANCINE CARLA DE SALLES CUNHA ROJAS**



**CLARICE / FERNANDO / FRANCINE:**  
amizades de entrevistas críticas



**CAMPO GRANDE – MS  
AGOSTO / 2016**

**FRANCINE CARLA DE SALLES CUNHA ROJAS**

**CLARICE / FERNANDO / FRANCINE:**  
amizades de entrevistas críticas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal  
de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do título  
de Mestre em Estudos de Linguagens, pela linha de pesquisa  
Literatura e Memória Cultural.

Área de Concentração: Teoria Literária e Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Drº. Edgar César Nolasco

**CAMPO GRANDE – MS**  
**AGOSTO / 2016**

**FRANCINE CARLA DE SALLES CUNHA ROJAS**

**CLARICE / FERNANDO / FRANCINE:**

amizades de entrevistas críticas

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Edgar César Nolasco (Orientador / Presidente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

---

Profa. Dra. Angela Maria Guida  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

---

Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

---

Profa. Dra. Natália Fontes de Oliveira (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

---

Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

---

Profa. Dra. Márcia Gomes Marques  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de  
Linguagens (UFMS)

"Toma conta da amizade"

*Lanço latina*

"Missivas que *incluo* em *Cartas perto do coração*"<sup>1</sup>:

Nando, tentei tirar todas as minhas máscaras, mas são tantas que só consegui encontrar-me na dúvida mais cruel. Estou gélida de plena morte. Não creio conseguir esse encontro que marquei comigo mesma e que tentei fugir por tanto tempo. Escrevo-lhe para rogar ajuda. Não confio mais em mim. Penso que só a alteridade certa pode me conduzir para o amor! Refiro-me à nossa amizade, Nando. Não consigo mais me transbordar em lágrima porque não há mais nenhuma face que possa mitigar a minha dor. Sinto-me como uma árvore agonizante, cujas raízes necessitam de um pequeno oásis para se vivificar. Sinto-me como um ventre seco, uma semente pútrida, o pó depois da lava. Sinto também a minha veia no pulso tentando me implodir no mais mínimo de mim mesma. Quero fazer da minha face e dessa minha morte momentânea alguma cor: vermelha amarela preta, porque o branco dessa página não preenchida grita em agonia. Solicito a tua amizade e um pedaço do teu amor. Creio que, às vezes, a vida pode voltar, segura a minha mão na noite escura da minha vida, querido amigo! Clamo!

Clari, teu nome indica o próprio fulgor depois do caminho pelo vale da sombra da noite. Você falou em escuridão e de se implodir a si mesma, mas creio que o teu coração precisa deste momento pulsante até encontrar a sua própria maçã no escuro. O teu pecado maior é que é aceitar viver com a nossa face mais nua e instintiva. Mas creia também em nosso amor, que nunca tive a devida coragem de confessar. Tome o fogo como um sinal de transição. Você está incendiada, mas não é o pó que acredita ser. Não está perdida, embora um pouco insegura da vida. O ápice de viver é mergulhar no abismo de si. Não tenha medo. Secretamente, eu desci aos infernos e me tornei meu torturador. E de tanta dor que sinto, Clari, só posso pensar na claridade tua para me salvar. Rogo a você que me salve de meu carrasco que sou eu. Que, assim, eu te livrarei da agonia de não ter uma vida em morte. Estamos ambos mortos, mas eu a amo e tu me devotas e dedicas. Dediquemo-nos a sobreviver à própria vida. E, porque não, à nossa própria morte...

<sup>1</sup> O texto, intitulado "Missivas que *incluo* em *Cartas perto do coração*", é de autoria de um amigo do mestrado e também membro do NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados), Eduavison Pacheco Cardoso que desenvolve pesquisa intitulada "AMAVIOS, AMÂNCIAS E AMAVISSÉS: exercícios de crítica biográfica fronteiriça sobre Hilda Hilst". O presente texto assume relevância dentro do contexto geral das cartas aqui reunidas, pois além de apresentar, de forma sucinta, toda a explanação que desenvolvi, e nesse sentido desempenha a função de um segundo sumário, é também uma espécie de guia cuja companhia é indicada ao leitor, a fim de que este tenha em mente que a escrita sobre a amizade, e a escrita dos amigos, não corrobora a ideia de encontro cujo sentido aponta para a finalidade, algo que demanda fim, mas sim, diz respeito ao que se entende por (des)encontro, ideia concebida por Fernando Sabino no livro *O encontro marcado* (1956). Espero, igualmente, que quando o(a) presente leitor(a) começar a ler o conjunto de cartas e se deparar, desejo que com surpresa, até mesmo com alegria e risos, com o texto escrito pelo amigo tome algo para si com o propósito de pensar a amizade como uma conversação que não acaba nunca à exemplo do que explana Jacques Derrida em *Políticas da amizade* (2003) quando atrela o *por vir* a amizade.

**ESTA DISSERTAÇÃO POSSUI VÁRIOS TÍTULOS<sup>2</sup> QUE O LEITOR PODE ESCOLHER:**

**CLARICE / FERNANDO / FRANCINE:** amizades de entrevistas críticas

**FERNANDO SABINO E CLARICE LISPECTOR:** amizade e cartas perto do coração

**GRANDE COISA, IMPORTANTE COISA É ISTO A AMIZADE EM CARTAS PERTO DO CORAÇÃO<sup>3</sup>**

**“NÃO ERA MAIS UMA MENINA COM UM LIVRO ERA UMA MULHER COM SEU AMANTE”<sup>4</sup>**

**FERNANDO SABINO E CLARICE LISPECTOR:** uma amizade pós-ocidental

**FRANCINE CARLA DE SALLES CUNHA ROJAS<sup>5</sup>**

<sup>2</sup> A brincadeira, por assim dizer, que faço aqui, é claramente inspirada no livro *A hora da estrela* (1977), e seus múltiplos possíveis títulos, e no conto “A quinta história”, presente no livro *Felicidade Clandestina* (1971), ambos os textos são de Clarice Lispector. Trata-se dos textos claricianos que mais me tocaram e, por extensão, são os que mais gosto.

<sup>3</sup> O presente título faz referência a uma coluna escrita por Clarice, chamada “Pra que servem os amigos?”. O texto está presente no livro *Correio feminino* (2006).

<sup>4</sup> A princípio, tal título poderia não ter relação com o conjunto de cartas, mas como na introdução, e mais claramente na quarta carta “Entre bios e espectros: a tríplice amizade”, discorro de forma mais aprofundada acerca da minha amizade com Fernando e Clarice, tal relação acaba emergindo a partir da ideia da minha inserção como amiga, mediada, principalmente, pela leitura de *Cartas perto do coração* (2011). Trata-se de uma “Felicidade Clandestina”, a de ler cartas destinadas a outros, é um prazer deveras usurpador da intimidade alheia.

<sup>5</sup> A ideia de meu nome configurar como título desse volume deriva do fato de que o conjunto de cartas sou eu, portanto também meu nome, e o meu nome assim como o “eu” são as cartas aqui reunidas, com todos os seus defeitos e qualidades. Por trás dessa afirmação está a leitura como atravessamento, em outras palavras, as cartas como textos que me constituem e, por outra via, a constituição das cartas pelo meu olhar. Tal assertiva é fruto do tempo da minha vida dedicado a Fernando e Clarice e do ato de amor que me leva a “ligar” as cartas (DERRIDA, 2001).



“A CULPA É MINHA / ELA(ELES) QUE SE ARRANJE(M)”<sup>6</sup>

“O DIABO DESTA VIDA É QUE ENTRE CEM CAMINHOS TEMOS QUE ESCOLHER APENAS UM, E VIVER COM A NOSTALGIA DOS OUTROS NOVENTA E NOVE”<sup>7</sup>



“A DEMORA É PARTE DA COISA”<sup>8</sup>

**O (DES)ENCONTRO PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM:** a tríplice amizade

**DA AMIZADE:** perto dos corações de Fernando e Clarice

**FERNANDO SABINO E CLARICE LISPECTOR:** amar a amizade perto dos corações selvagens

<sup>6</sup> Os dois títulos mencionados são elencados por Clarice Lispector nas primeiras páginas de *A hora da estrela* como possíveis outros títulos para seu livro, em um total de quatorze, incluindo seu nome. A presença de cada um, longe de qualquer gratuidade, entrega o desejo de lançar o(s) leitor(es) em um jogo intertextual, a fim de enriquecer a leitura, de forma que se sinta impelido a relacionar o binômio com as cartas aqui reunidas. Minha leitura é a de que a primeira frase “A culpa é minha” soa como admissão da minha culpa em relação aos equívocos que certamente permeiam todo trabalho acadêmico, trata-se de admissão de culpa mas não de desculpa. A segunda frase sofre uma ligeira modificação em relação ao original a fim de abrigar novo sentido. As mudanças efetuadas são as que estão entre parêntesis e dizem respeito a pluralização da frase, pois se na versão de Clarice a frase original é “Ela que se arranje”, a transformação efetuada resulta em “Eles que se arranjem”. Essa minha versão é um claro aviso ao leitor de que este deve ter certa autonomia na leitura, é também um lembrete de que “apenas” apresento o caminho que o leitor deve percorrer. Minha presença quando do momento da leitura de outras pessoas deve ser uma presença espectral. Por último esclareço, desde já, que o leitor pode se sentir à vontade para discordar de minha leitura e oferecer uma contra-resposta.

<sup>7</sup> Frase de André Gide que Fernando Sabino menciona no livro *O encontro marcado* (1956), muito embora não especifique em que escrito de Gide a frase aparece. A referência utilizada é: GIDE *apud* SABINO. *O encontro marcado*, p. 54. Ao eleger a frase de Gide mencionada por Fernando como um dos possíveis títulos da minha dissertação quero esclarecer que a escolha da pesquisa implica que a pesquisadora eleja uma, dentre as várias possibilidades de pesquisa, deixando para trás os outros “noventa e nove caminhos” que poderiam ter se concretizado

<sup>8</sup> Fala do crítico Silviano Santiago quando entrevistado por Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira. A entrevista pode ser encontrada no site: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2169/1308>.

A aproximação entre a prática de dedicar e de destinar, tão própria da conduta epistolar, ecoa nas palavras de Jorge Luis Borges segundo as quais *só podemos dar o que já demos, só podemos dar o que já é do outro* (BORGES, 1985). Os textos que seguem advêm dos *outros*, a medida em que estes outros me incitaram ao desafio do diálogo que transcorre no campo da escrita. Por tal motivo é que envio, destino e dedico o conjunto de cartas aos destinatários elencados abaixo. Evoco e invoco também a significativa fala de Jacques Derrida em *O cartão-postal* (2007), que aqui se presentifica em conjunto com a fala de Borges:

Há aqui um sofrimento da destinação (não, não uma neurose de destino, ainda que...), na qual tenho total direito de me reconhecer. Eu sofro (mas como todo mundo, não? De minha parte eu sei) de um verdadeira patologia da destinação: dirijo-me sempre a uma outra pessoa (não, novamente a uma outra pessoa!), mas a quem? [...]º.

REMETENTE: Francine Carla de Salles Cunha Rojas

DESTINATÁRIOS: Fernando Sabino, Clarice Lispector, Edgar Cézar Nolasco, Angela Guida, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Drª Rosângela Cury de Souza, Camila Torres, Eduavison Pacheco Cardoso, Daniela Corrêa Nachif, Alex da Silva Domingos, Adrielly Ferreira Viela, Fernando Abrão Sato (Bisnaguinha), Mila Guimarães Darós, Milena Nolasco Marques Silva, Pedro Henrique Alves de Medeiros (VH), Willian Rolão Borges da Silva, Laura Cristhina Revoredo Costa, Jeanete Bravim Cunha (Lúcia) (*in memoriam*), Adriana Raquel de Salles Cunha Rojas, Francisco Carlos da Silva Rojas, Francisco Carlos de Salles Cunha Rojas, Esthefânia Raquel de Salles Cunha Rojas, Afrodite (*in memoriam*), Zeus e Adolfinho.

---

º DERRIDA. *O cartão-postal*, p. 127.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é exercício de ponderação, o desafio proposto pela ação reside em perceber no que o *outro* ajudou e para tanto é preciso sensibilidade, é necessária também para perceber que a linguagem não contempla o inalcançável terreno da gratidão, por esse motivo é que começo a compreender que a gratidão é uma paixão ingrata. O que segue abaixo é a tentativa, por meio de recursos gráficos, de expressar parte do que se denomina a memória do coração de acordo com o filósofo grego Antístenes de Atenas:

Primeiramente agradeço a mim, por saber dialogar com algumas outras partes minhas e, nos momentos finais de escrita, reconhecer o próprio esforço para que assim, num gesto carregado de símbolo, embora empreendido inicialmente com certa timidez, agradeça a si. O gesto empreendido desvincula-se de um ato meramente egoísta e abre espaço para o exercício de reflexão que prima por reconhecer no sujeito crítico aquele que inicia o diálogo. A ausência de si nos “agradecimentos” longe de indicar a prática de modéstia e humildade evoca o exercício do orgulho querendo se travestir de humildade como bem pontuou Fernando em uma das cartas para Clarice quando explica que querer ser humilde em demasia é a forma mais odiosa de orgulho (SABINO, 2011);

Ao Prof. Edgar César Nolasco pelos seis anos de orientação e de convívio na UFMS e fora dela. Infelizmente, professor, não sou capaz de expressar minha gratidão pelo senhor como gostaria de fazer e não me é confortável, ***haja vista*** a formalidade do ritual acadêmico, recorrer ao silêncio. Mas ele se impõe como o único recurso linguístico que mais se aproxima de expressar o que sinto. Reitero que o princípio econômico pelo qual me pauto não aponta a ausência de gratidão, mas o excesso da mesma;

A Clarice Lispector e Fernando Sabino, cujos espectros me acompanharam por quase seis anos da minha vida. Sou grata por serem constante fonte de inspiração, sob a qual o presente trabalho foi escrito e desde já evoco/invoco a presença-na-ausência de vocês na próxima etapa (doutorado);

Aos meus amigos outros, coincidentemente todos neccenses, Camila Torres (Camomila), por ter me ajudado a ver além de momentos dolorosos de dúvida, Eduavison Pacheco Cardoso, Willian Rolão Borges da Silva, Alex da Silva Domingos, Daniela Correa Nachif, pelas conversas *transloucadas*,

A Pedro Alves de Medeiros (VH) e Fernando Abrão Sato (Bisnaguinha), as pessoas mais “lesgos” que conheço e amigos que em particular me presentearam com várias risadas e conversas transgressoras cujo teor não seria apropriado comentar;

A Yasmin Massulo Noviaky, pelo riso escrachado ocasionado pelo humor duvidoso e pelas piadas infames e bregas, a Mila Guimarães Darós pelas indicações cinematográficas ainda não assistidas (mas que serão nessa vida) e pelas agradáveis conversas, e Milena Nolasco por simplesmente ser a única pessoa no NECC que ainda apresenta algum traço de sanidade (perderá isso brevemente, trata-se de um presságio);

Aos professores Angela Guida e Marcos Antônio Bessa-Oliveira pela rígida arguição na banca de qualificação e pela presença na defesa;

A Dr<sup>a</sup> Rosângela Cury de Souza, por me ajudar a lidar com os espectros que me rondam e com uma parte de mim mesma com a qual não tinha, até então, coragem de dialogar, certamente as dificuldades para a escrita do trabalho seriam mais árduas sem o seu auxílio;

Aos meus parentes: Adriana Raquel de Salles Cunha Rojas (mãe) e Francisco Carlos da Silva Rojas (pai), pelo constante apoio e por fornecer força nos momentos de dúvida e dor ao longo da minha vida. São exemplos com os quais muito aprendi a partir da observação, tanto no que diz respeito ao que gostaria de seguir, quanto no que concerne ao que gostaria de modificar, afinal, os pais são modelos a serem pensados e desconstruídos. Como bem podem perceber a repetição da emblemática lição *foco no objetivo* obteve efeito positivo na minha vida;

Agradeço também a Francisco Carlos de Salles Cunha Rojas (irmão), por me ajudar a entender e a praticar as relações *na* distância e a Esthefânia Raquel de Salles Cunha Rojas (irmã), por me ensinar constantemente o exercício da paciência;

A Jeanete Bravim Cunha (Lúcia) (Avó) (*in memoriam*), cujo duplo nome me desperta curiosidade desde a mais tenra infância. Agradeço a você, pois foi a primeira pessoa a fomentar essa paixão esfuziante e corrosiva pela leitura em mim. Nossas conversas em torno dos livros, e de outros fatos da vida, permanecem na minha memória. Recuso-me até hoje a considerar o conceito corriqueiro de “Adeus” quando recordo de ti, prefiro acreditar na aproximação;

Aos meus queridos amigos e companheiros de outra espécie: Afrodite (*in memoriam*), Zeus e Adolfinho por serem companhias constantes, ainda que em alguns momentos indesejadas, muitas vezes aprontando e latindo nos momentos de escrita da dissertação, e pelos estranhamentos proporcionados pelos desconcertantes olhares;

Ao PPGMEL (Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Linguagens), por fornecer a estrutura básica para o desenvolvimento da dissertação ao longo de dois anos de curso;

A UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) por me abrigar em seu espaço ao longo dos seis anos da minha formação;

À CAPES por fornecer a bolsa de auxílio a pesquisa sem a qual o desenvolvimento do trabalho encontraria mais obstáculos.

Passei a minha vida tentando corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar. Ao tentar corrigir um erro, eu cometia outro. Sou uma culpada inocente.

LISPECTOR *apud* BORELLI. *Clarice Lispector*, p. 23.

Ouçã: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver.

LISPECTOR *apud* BORELLI. *Clarice Lispector*, p. 129.

**RESUMO:** Minha pesquisa tem como propósito investigar a relação de amizade dos escritores Fernando Sabino e Clarice Lispector, não a partir do que se entende amplamente sobre a amizade, mas *a partir* de uma dada concepção que compreende as diferenças, bem como a participação da pesquisadora-arconte, que acontece por meio da transferência. Para tanto, o recorte da pesquisa reside no período em que trocaram cartas, 1946 até 1969, o que, por sua vez, não me impede de recorrer, a medida do necessário, a outras produções de Sabino e Lispector. A amizade dos escritores se iniciou de forma bastante peculiar, pois Clarice enviou, por sugestão, talvez de Lúcio Cardoso, um exemplar com dedicatória de seu primeiro livro *Perto do coração selvagem* (1943) para Fernando Sabino. O gesto de Clarice deu início a relação de amizade que se estendeu até a morte da escritora em 1977. A amizade, como parte do *bios* dos amigos, influencia os escritores e suas respectivas produções, posto que Fernando e Clarice, respectivamente, submetiam seus escritos as avaliações do amigo. Nesse sentido é que procuro desvincular a amizade de sua concepção fraternal, e relacioná-la com outras noções que me auxiliarão a compreender a relevância da amizade na vida / obra dos escritores, são algumas delas: a alteridade, como forma de lidar com as diferenças que o amigo apresenta, a amizade para além do princípio da morte, posto que compreendo que a amizade não cessa quando um dos amigos morre e a dedicatória, como gesto realizado pelo amigo a fim de homenagear o outro. Embasa minha explanação a crítica biográfica pós-ocidental atrelada a discussão em torno do arquivo, visto que consideram o *bios* do sujeito que tece o discurso crítico e, por extensão, o lócus em que o crítico se encontra, a bibliografia básica que fornece o pressuposto teórico diz respeito aos livros *Crítica Cult* (2007) e *Janelas indiscretas* (2011), ambos de Eneida Maria de Souza, *Histórias locais / projetos globais* de Walter Mignolo e *Políticas da amizade* (2003) de Jacques Derrida. A fim de cumprir com os objetivos elencados organizo minha dissertação em três conjuntos de cartas, o primeiro abrange o período de dezembro de 2014 a outubro de 2015 e é denominado **“A EMERGÊNCIA DO EXERCÍCIO CRÍTICO-BIOGRÁFICO PÓS-OCIDENTAL: a partir da amizade, dedicatória e herança de Fernando Sabino e Clarice Lispector”**, o segundo conjunto abarca os meses de março a outubro de 2015 e é intitulado **“(DES)ARQUIVANDO CARTAS PERTO DO CORAÇÃO”**, por fim, o último grupo é composto de cartas escritas no período de janeiro a julho de 2016 denominado **“A ÚLTIMA DESPEDIDA?: gestos (in)finitos”**.

**Palavras-chave:** Amizade; carta; literatura; Lispector; Fernando.

**RESUMEN:** Mi investigación tiene como objetivo investigar la relación de amistad de los escritores Fernando Sabino y Clarice Lispector, no de lo que se entiende en gran medida sobre la amistad, pero a partir de un diseño dado que entiende las diferencias, así como la participación de la investigadora-arconte, que se lleva a cabo a través de la transferencia. De este modo, el recorte de la investigación consiste en el periodo que se intercambiaron cartas de 1946 a 1969, lo que, a su vez, no me impide el uso de la medida de lo necesario, a otras producciones de Sabino y Lispector. La amistad de escritores comenzó bastante peculiar, ya que Clarice envió a sugerencia, talvez de Lúcio Cardoso, una copia con la dedicación de su primer libro *Cerca del corazón salvaje* (1943) para Fernando Sabino. El gesto de Clarice inició la relación de amistad que duro hasta la muerte de la escritora em 1977. La amistad, como parte del *bios* de los amigos, influye los escritores y sus respectivas producciones, ya que Fernando e Clarice, respectivamente, presentaron su escrito a las votaciones del amigo. En este sentido, es que busco desatar la amistad de su diseño fraterno y relacionarlo con otras ideas que le ayudarán a entender la importancia de la amistad en la vida / obra de los escritores, son algunos de ellos: la alteridade, como una manera de lidar con las diferencias que el amigo tiene, la amistad más allá del principio de la muerte, ya que entiendo que la amistad no termina cuando uno de los amigos mueren y la dedicatoria, como un gesto de su amigo con el fin de homenagear el outro. Embasa mi explicación la conocida crítica biográfica vinculada a la discusión sobre el archivo, ya que consideran el *bios* del sujeto que teje el discurso crítico y, por extensión, el lócus em lo que el crítico se encuentra, la bibliografía básica que proporciona la suposición teórica se refiere a los libros *Crítica Cult* (2007) y la *Ventanas indiscretas* (2011), los dos de Eneida Maria de Souza, *Historias locales / proyectos globales* de Walter Mignolo, y *Políticas de la amistad* (2003) Jacques Derrida. Con el fin de cumplir con los objetivos enumerados organizo mi tesis en tres conjuntos de cartas, el primero abarca el período comprendido entre diciembre de 2014 a octubre de 2015 y se llama **"EL EJERCICIO DE EMERGENCIA CRÍTICA BIOGRÁFICA POS-OCCIDENTAL: a partir de la amistad, la dedicatoria y la herencia de Fernando Sabino y Clarice Lispector"**, el segundo conjunto comprende los meses de marzo a octubre de 2015 y se titula **"(DES)ARCHIVANDO CARTAS CERCA DEL CORAZÓN"**. Finalmente, el último grupo está formado por las cartas escritas en el período de janero a julio de 2016 llamado **"EL ÚLTIMO ADIÓS?: gestos (in) finitos"**.

**Palabras-clave:** Amistad; carta; literatura; Lispector; Fernando

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1 - Foto das capas da 8ª edição e da 1ª edição de <i>Cartas perto do coração</i> .....                                     | 39  |
| Figura 2 - Facsimile da dedicatória de Clarice Lispector para Fernando Sabino reproduzida em <i>Cartas perto do coração</i> ..... | 79  |
| Figura 3 - Clarice Lispector e Fernando Sabino.....   | 192 |
| Figura 4 - Contracapa da 8ª Edição.....   | 194 |
| Figura 5 - Contracapa da 1ª edição.....   | 194 |

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>PRÓLOGO - CARTA INICIAL ENDEREÇADA A FERNANDO E CLARICE .....</b>  | <b>15</b>  |
| <b>1º CONJUNTO DE CARTAS - DEZEMBRO DE 2014 A OUTUBRO DE 2015 – A EMERGÊNCIA DO PENSAMENTO CRÍTICO BIOGRÁFICO PÓS-OCIDENTAL: A partir da amizade, dedicatória e herança de Fernando Sabino e Clarice Lispector ..</b> | <b>25</b>  |
| CARTA I – FERNANDO SABINO E CLARICE LISPECTOR: amizade para além do princípio da fraternidade.....  | 39         |
| 1º continuação da carta I – O(s) eu(s) e o(s) outro(s): a experiência da alteridade na amizade.....   | 60         |
| 2º continuação da carta I – Perto do coração jaz uma amizade: a retórica do epitáfio dos amigos-espectros .....   | 65         |
| CARTA II – AOS AMIGOS: a dupla dedicatória em <i>Cartas perto do coração</i> .....  | 79         |
| 1º continuação da carta II – Ao sol carta é farol: o documento, o monumento e o literário .....   | 93         |
| CARTA III – Amigos herdeiros, fidelidade na infidelidade: herança e desobediência na amizade.....   | 110        |
| <b>2º CONJUNTO DE CARTAS – MARÇO A OUTUBRO DE 2015 – (DES)ARQUIVANDO CARTAS PERTO DO CORAÇÃO.....</b>   | <b>122</b> |
| CARTA IV – Entre <i>bios</i> e espectros: incontáveis amizades .....  | 148        |
| CARTA V – Conversas puxam conversas!: conversações entre os amigos .....  | 167        |
| CARTA VI – “Diálogos possíveis” de Fernando e Clarice .....   | 180        |
| CARTA VII – No rastro do silêncio, a fotografia sob o meu olhar.....  | 191        |
| <b>3º CONJUNTO DE CARTAS – JANEIRO A JULHO DE 2016 – A ÚLTIMA DESPEDIDA?: GESTOA (IN)FINITOS.....</b>   | <b>206</b> |
| CARTA VIII – Através da carta, a saudade .....  | 216        |
| CARTA IX – O esquecer e o lembrar nas cartas do coração .....   | 238        |
| CARTA X – A cerimônia do adeus .....  | 275        |
| <b>EPÍLOGO – “SEGURA A MINHA MÃO NA NOITE ESCURA DA MINHA VIDA” ..</b>  | <b>282</b> |
| <b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>289</b> |
| <b>COLETANÊA DE RECORDAÇÕES.....</b>  | <b>300</b> |
| <b>Anexo 1 - Anotações referentes a reescrita do primeiro capítulo – parte I .....</b>  | <b>301</b> |
| <b>Anexo 2 - Anotações referentes a reescrita do primeiro capítulo – parte II ....</b>  | <b>302</b> |
| <b>Anexo 3 - Anotações referentes a reescrita do primeiro capítulo – parte III ...</b>  | <b>303</b> |
| <b>Anexo 4 - Anotações referentes a reescrita do primeiro capítulo – parte IV ..</b>  | <b>305</b> |
| <b>Anexo 5 - Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte I .....</b>   | <b>307</b> |
| <b>Anexo 6 - Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte II.....</b>   | <b>308</b> |
| <b>Anexo 7 - Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte III ....</b>  | <b>309</b> |
| <b>Anexo 8 - Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte IV ....</b>   | <b>310</b> |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Anexo 9 - Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte V.....</b>   | <b>311</b> |
| <b>Anexo 10 - Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte VI ..</b>   | <b>312</b> |
| <b>Anexo 11 - Recado revertido para o remetente de origem .....</b>  | <b>313</b> |
| <b>Anexo 12 - Comprovante de pagamento do evento XV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana para estudantes .....</b> | <b>314</b> |
| <b>Anexo 13 - Crachá do evento XV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana para estudantes .....</b>                   | <b>315</b> |
| <b>Anexo 14 - Passagens de ida e volta – Campo Grande (MS) – São Paulo (SP) – Santiago (CL).....</b>                         | <b>316</b> |
| <b>Anexo 15 - Carta ao orientador .....</b>  | <b>317</b> |



**PRÓLOGO<sup>10</sup> -**

**CARTA INICIAL ENDEREÇADA A FERNANDO E CLARICE**

Ali cada palavra é vivida, profunda, interior; os sofrimentos maiores estão presentes, existem palavras cobertas de sangue. Mas um vento de *grande* liberdade sobre tudo; a própria ferida *não* é sentida como obstáculo.

NIETZSCHE. *Ecce homo*, p. 67.

---

<sup>10</sup> A palavra “prólogo” passa a configurar como título, posto que o mesmo fornecerá aos leitores uma ideia de equivalência: “Introdução = Prólogo”, igualmente é o termo do qual me valho para fornecer aos leitores o indicio de que apesar de se tratar de um trabalho acadêmico possui determinados elementos, os quais aparecerão ao longo das cartas, que deslocam a rigidez da terminologia para uma certa leveza e peso que desejei empregar ao texto.

Campo Grande, 03 – 11– 2015

Meus queridos amigos Fernando e Clarice,

Há alguns anos recebi um importante encargo, sobre o qual ambos já podem fazer uma ideia, trata-se do conjunto de cartas que vocês escreveram entre os anos de 1946 a 1969 e que posteriormente foi publicado em forma de livro. Até então, nos idos anos de 2011, não tinha conhecimento do fato ocorrido o que me valeu uma empreitada em terreno desconhecido, refiro-me ao estudo das cartas no campo das Letras.

O inicial desconhecimento sobre as cartas escritas gerou consequências notáveis e igualmente importantes para o desenvolvimento da dissertação, uma delas diz respeito a desconstrução da concepção epistemológica de que as cartas são meramente documentos que fornecem respaldo ao estudo de determinadas áreas e que não são objetos de estudo em si.

Tal concepção hegemônica é devida a um pretenso conceito de literatura acompanhado do chamado “texto literário”, cabe aqui rebater a citada posição com os questionamentos: o que vem a ser literatura? E afinal, o que é chamado de texto literário?, desde já, amigos, informo que a responsabilidade da reflexão em torno das perguntas fica a cargo dos que defendem uma corrente de pensamento mais ortodoxa, visto que os mesmos pretendem erigir respostas “congeladas” como forma de fornecer segurança.

A história que estou prestes a contar pretende, aos poucos, diluir a ortodoxia por meio das minhas leituras das cartas e de determinadas escolhas, sendo que uma delas é sinalizada logo no início desta introdução, já que o fato de a introdução se valer da rubrica prólogo , cuja presença é explícita, atenta para certa natureza ficcional, isto é, para uma história que *desejo* e *preciso* contar, cuja gênese é

composta de minhas leituras, tanto a das cartas quanto de outras leituras realizadas, quanto de conversas e convivências.

Vale lembrar, para os que desconhecem o termo, que prólogo é empregado no intuito de designar a introdução para uma história, caso o leitor, no preciso momento de leitura, esteja se questionando: Mas se prólogo é uma introdução, então qual motivo justifica trocar um por outro? Não seria o título uma redundância? Consideremos que “INTRODUÇÃO” é a palavra específica que me cobra a terminologia acadêmica, a qual tenho a necessidade de atender, pelo menos até certo ponto, já “PRÓLOGO” é minha escolha particular que se justifica quando escrevo sobre a necessidade de contar uma história.

A narração é, portanto, gerada pela leitura e, sob a forma, a princípio, de simples fagulha aos poucos cresce e transforma-se em inquietação, o incômodo da ferida que perturba. Narrar o que está *por vir* é exercício que evoca o confronto com a finitude coberta pelo desejo de resguardar do esquecimento<sup>11</sup>, como recorda Jacques Derrida em “Che cos’è La poesia?” (1988):

Desde então, impresso sobre o próprio traço, vindo do coração, o desejo do mortal desperta em você o movimento [...] de proteger do esquecimento esta coisa que ao mesmo tempo se expõe à morte e se protege – em uma palavra, o porte, a retração do ouriço, como na estrada um animal enrolado em bola. Gostaríamos de pegá-lo nas mãos, aprende-lo e compreendê-lo, guardá-lo para nós, junto de nós.<sup>12</sup>

O desejo de resguardar motivado pela consciência de finitude, e que encontra no arquivo sua prática mais explícita, induz a que me considere como uma das destinatárias do texto epistolar, justamente por aliar as *razões de coração* as *razões de princípio*. Mas não sendo a única sob a qual recai o endereçamento das cartas pergunto-me: a quem mais tais textos e as cartas que se seguem são endereçados?,

---

<sup>11</sup> Dessa forma, e para remeter a um livro de Fernando Sabino, será o exercício de escrita um *Movimento simulado* (2004)?

<sup>12</sup> DERRIDA. Che cos’è La poesia?, p. 114.

cartas estas que as normas acadêmicas denominam, quando reunidas em um conjunto encadernado, dissertação.

A princípio respondo que endereço tal trabalho-carta a vocês, amigos. Mas, não é somente a vocês a quem este texto é destinado, são, também, os outros destinatários, implícitos nas entrelinhas do texto, os amigos que convoco no intuito de contribuírem para a nossa longa conversa, sejam eles os teóricos lidos ou os amigos pessoais, aqueles que transitam entre a esfera pessoal e a do trabalho.

Endereçar esta carta para outros amigos além de vocês, Fernando e Clarice, se origina do meu desejo resguardado no coração, como explana Derrida em “Checos’ é La poesia”, de protegê-los da morte, isto é, de protegê-los da consequência filha da morte, o esquecimento. Dessa forma, a amizade é um meio pelo qual driblo a “morte”, pois o amigo é aquele que guarda a alma do outro, como aponta uma possível origem da palavra amigo, o sujeito traz em seu coração (*in core*) o traço, o rastro, de existência daqueles que se foram.

Pergunto-me, também, a principal dúvida: Qual endereço deve estar inscrito? Pois a convenção epistolar exige que do outro lado do envelope deve constar a rubrica que atende ao requisito do destino, por assim dizer, o local de “repouso final”. Para tal questão chego à conclusão de que o endereço é algo maleável e que, tal como propõe Derrida, é mais apropriado falar, portanto, em “destinerrância”<sup>13</sup>, pois o termo possibilita que esta dissertação-carta vague espectralmente por um amplo caminho e

---

<sup>13</sup> O conceito de “destinerrância” é abordado por Jacques Derrida no livro *Sur Parole, Instantanés philosophiques* (1999), não traduzido para a língua portuguesa, e, *grosso modo*, diz respeito, de forma similar a proposta de encontro de Fernando Sabino, ao conceito de destino como um gesto que não visa uma determinada finalidade, mas sim, aponta para o ato de vagar como que sem destino. Vale lembrar que “destinerrância” é a junção de dois termos: destino e errância, ambos as palavras corroboram a questão do caminhar sem destino certo. Tive contato, pela primeira vez, com o termo a partir da tese de doutorado de Ana Maria Amado Continentino que se encontra no seguinte endereço: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Teses/AnaMaria.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Teses/AnaMaria.pdf).

se descubra destinada, na verdade, a todos aqueles que sintam nascer dentro de si, originada pelo afeto (afetar), o amor pela amizade e sua prática política.

O questionamento elencado em torno do endereçamento nasceu após a leitura das suas cartas e reflexão sobre como a amizade alimenta a escrita. Ao me questionar a quem devo endereçar, posto que os dois já estão mortos, penso na sua ação Fernando, visto que em um primeiro momento endereçou várias cartas para a Clarice, e mesmo após a morte dela, concebeu uma espécie de carta-homenagem que é o *Cartas perto do coração*, para a amiga. A publicação das cartas escritas por vocês, assume, portanto, os contornos da homenagem, gesto que visa reafirmar, e mais além, recordar (trazer de novo ao coração) a amizade.

Infelizmente, as cartas que escreveram, amigos, permaneceram esquecidas por muito tempo, e por esquecidas quero dizer que a crítica não se deteve no aspecto específico que é a faceta, do escritor, como missivista. Diante de tal perspectiva considero que, dentro do que depreende a amizade, as suas cartas mostram facetas diferentes daquelas personificadas pelos Fernando e Clarice – cronistas, contistas, romancistas, isto é, a *persona* escritor de ficção é mais conhecida e preferida do que a *persona* missivista, amiga etc, o que aponta a concepção da supremacia do “texto literário”. Nesse sentido, como explana Elvia Bezerra, coordenadora de literatura do Instituto Moreira Salles (IMS):

Seja pelo vigor de uma emoção expressa em palavras comuns, seja pelo valor literário ou por seu conteúdo histórico, as cartas ajudam a compor a identidade de um povo e podem se revelar notáveis se escritas por um humilde soldado ou por um alto pensador [...] Por serem íntimas, costumam surpreender quando vêm a público, e, por exibir traços insuspeitados de seus autores, não podem ser sonogadas à história de um país.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> BEZERRA. Correio IMS, sp. A referência utilizada advém da descrição do site “Correio IMS” do Instituto Moreira Salles, cujo endereço eletrônico é <http://www.correioims.com.br/>. Tal site disponibiliza, para os leitores interessados, cartas de escritores, intelectuais, músicos, em suma, pessoas que compunham a vida cultural brasileira e estrangeira.

A surpresa suscitada quando do lançamento do livro de cartas deriva, como explanou Elvia Bezerra, da publicação, para o leitor, de detalhes que constituem o *bios* dos escritores que não são observados, explicitamente, na faceta ficcional. Logo, estudar as suas cartas, é um gesto que visa apontar e trazer à tona aquilo que ficou relegado ao segundo plano, não por ser de “menor valor”, mas por oferecer uma perspectiva de estudo que difere do texto literário.

Acredito que é por esse motivo que existem poucos trabalhos, meus amigos, que tratam de suas cartas e da amizade. A falta de fortuna crítica<sup>15</sup> voltada especificamente para *Cartas perto do coração* reflete a perspectiva crítica que já mencionei. Desta forma, um amplo campo se abre para nós, como diria Derrida, trata-se de: “[...] uma história de ‘coração’ [...] um único trajeto de múltiplas vias”<sup>16</sup> que se iniciou. História que não começou em 2011, quando, pela primeira vez, li as cartas, mas sim em 21 de abril de 1946 quando Clarice escreveu a primeira carta para você, Fernando, e, muito menos se encerrou quando Fernando escreveu a última carta que consta no *Cartas perto do coração*, em 29 de janeiro de 1969.

Os fatos que elenquei até o momento, para quem escrevo, qual o destino de minha carta, a fortuna crítica, visam todos tratar da amizade e em que medida transitam entre as esferas que compõem o *bios*. Tratar de uma determinada noção de amizade é considerar a múltipla participação do círculo de amigos e também levar em consideração que, tal como falou Silviano Santiago em *Mário de Andrade: carta aos mineiros* (1997): “[...] a inteligência de um é a dele mais a dos seus amigos”<sup>17</sup>, dessa

---

<sup>15</sup> Informo para o leitor que de acordo com o site de banco de teses e de dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior - <http://bancodeteses.capes.gov.br/>) existe somente um trabalho, a nível de pós-graduação (Mestrado), que tem como objeto de estudo o *Cartas perto do coração*. O trabalho mencionado é intitulado “Carta, lição e encenação em Clarice Lispector”, de Karine Aragão dos Santos Freitas, da UFF (Universidade Federal Fluminense), orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Matildes Demetrio dos Santos.

<sup>16</sup> DERRIDA. *Che cos'è la poesia*, p. 113.

<sup>17</sup> SANTIAGO. BH, junho de 1925, p. 123.

forma, o que Santiago denomina inteligência, entendo como um construto que não se dá de forma isolado e no qual os amigos possuem relevância ímpar.

Para tratar da amizade, a nossa, Fernando e Clarice, me detenho na amizade como noção que se difere de como é entendida pelo senso comum. Faz-se necessário, por conseguinte, falar um pouco da amizade fraternal que se utiliza da metáfora familiar como forma de unificação de identidades.

Para tanto, visando atender a esse objetivo maior, o de investigar como a amizade, matéria do *bios*, influência nas esferas da vida do Fernando-missivista e da Clarice-missivista, é que o conjunto de cartas se encontra dividida em três outros conjuntos com respectivos títulos, a presença do intitlamento pode soar estranho em se tratando de missivas mas preferi primar pela organização tão necessária quando o que se trata é amalgamar folhas que compõem o arquivo.

Cada uma das missivas trata basicamente da amizade, mas, ao mesmo tempo, relacionando-a com outras noções que somam a minha perspectiva, a dizer, a amizade que não se encerra, proposição embasada no conceito de transferência e nas considerações de Derrida acerca do arquivo em *Mal de arquivo: uma impressão Freudiana* (2001).

No primeiro conjunto de cartas, escritas no período de dezembro de 2014 a outubro de 2015, e que foram intituladas “**A EMERGÊNCIA DO EXERCÍCIO CRÍTICO-BIOGRÁFICO PÓS-OCIDENTAL: a partir da amizade, dedicatória e herança de Fernando Sabino e Clarice Lispector**”, desenvolvo as proposições críticas que fornecerão a base teórica para as reflexões posteriores. Dessa forma, por meio da crítica biográfica pós-ocidental, trago à tona a perspectiva da amizade para além do familiarismo, a alteridade exterior como a consequência da amizade que respeita e não exclui as diferenças, em seguida, me detenho na amizade dos amigos e

espectros, a fim de discorrer sobre o gesto de homenagem de Fernando ao publicar o livro de cartas.

Percebo, Fernando, que a homenagem, não é somente de sua parte, mas também de Clarice, pois você reproduz nas primeiras páginas do livro a dedicatória que a escritora fez em um exemplar de seu livro de estreia, *Perto do coração selvagem* (1943). A reprodução da dedicatória de Clarice faz, por assim dizer, às vezes do “cartão de apresentação” do livro de cartas.

Dessa forma, após adentrar o livro, o leitor acaba por transpor a barreira da intimidade epistolar e faz-se necessário discorrer sobre a carta e a sua concepção como documento que atesta e dá respaldo a algo. Sob a ótica da leitura, as cartas são, portanto, os componentes da minha herança, bem como as outras leituras, sobre as quais, como “boa” herdeira, assumo o compromisso de revitaliza-las por meio da fidelidade infiel.

No segundo conjunto de cartas, escritas entre março a outubro de 2015, **“(DES)ARQUIVANDO CARTAS PERTO DO CORAÇÃO”**, prossigo com a discussão sobre a herança que constitui o arquivo da amizade, explico o que entendo por tríplice amizade e desenvolvo o argumento de que é essa amizade entre Fernando, Clarice e eu que permite o acesso ao arquivo dos escritores para tecer as cartas.

Em seguida, relaciono a nossa amizade, Fernando e Clarice, com a conversa e investigo o que se entende pelo termo, visto que, ato contínuo, aprofundo a questão da conversa atrelando-a com a entrevista que Clarice fez com você, Fernando, para a revista *manchete* de 1969, ao mesmo tempo em que penso a entrevista como rastro dos arquivos dos amigos, visto não existir o chamado “arquivo absoluto”.

Ao fim do segundo capítulo, ainda sob a égide do rastro do arquivo, trago para a discussão um outro item do nosso arquivo, amigos, e trata-se de algo bastante peculiar, falo da única fotografia de ambos, de que tenho notícia até o momento.

No terceiro conjunto de cartas, que abarca as missivas escritas entre janeiro e junho de 2016, denominado “**A ÚLTIMA DESPEDIDA?: gestos (in)finitos**”, me detenho na questão representada pela despedida, compreendida como gesto cuja entrelinhas contemplam a distância e a necessidade de comunicar a despedida, o início do rito da separação.

Em um primeiro momento empreenderei certa discussão que se relaciona com a despedida, na verdade, é a consequência dela, refiro-me a saudade e em como é retratada nas nossas cartas. Nesse sentido, a saudade também visa inscrever o outro na memória de forma que seja efetuado constantemente um exercício de recordação e revalidação do amigo, como forma de elaborar a relação com o esquecimento.

Por último, irei desenvolver a ideia do que se entende por “cerimônia de adeus”, e esta é uma via de mão dupla, uma vez que diz respeito tanto as despedidas retratadas em *Cartas perto do coração* quanto a que empreendo, visto que se trata da última carta desse conjunto.

Para aqueles que porventura leiam essas páginas desejo que, assim como me perturbei lendo as cartas de Fernando e Clarice, também extraiam algum proveito, que se divirtam, se emocionem e sintam nascer dentro de si a ânsia da curiosidade por saber sobre o que vai tratar as próximas cartas, conforme forem chegando em mãos.

Que os leitores assumam a postura que muitas vezes desempenhei, a de leitora remetente que ao mesmo tempo é destinatária das cartas. A relevância do leitor praticar a postura é a de apagar a separação entre texto e leitor e situa-lo em um

processo de participação dentro do qual assume o papel de recebedor (destinatário), mas também o de escritor (remetente).

Por fim gostaria de avisar ao leitor: não necessariamente todos os momentos de leitura serão agradáveis ou fluidos, na verdade, sob o risco de essas últimas linhas serem interpretadas como descortesia, considero que se assim acontecesse aí diria que de minha parte houve falha considerável, visto que, tal como a leitura, o processo de escrita é permeado de turbulências e incômodos.

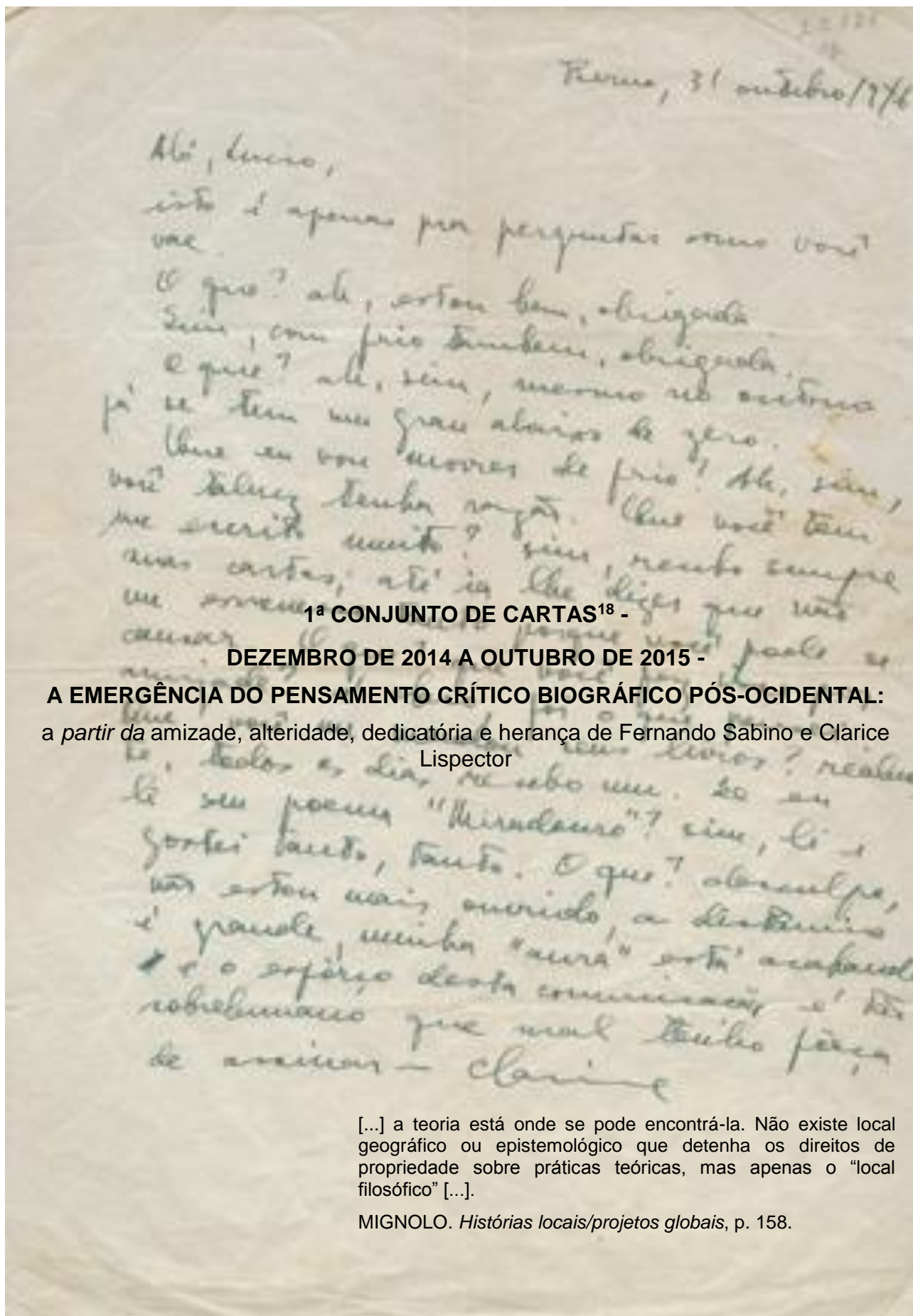
Desde já agradeço a atenção dedicada,

Com carinho,



*Francini parla de Gênes junho 1998*

P.S: Sinto-me na obrigação de dar um último aviso ao leitor, que este fique atento e seja paciente, pois muitos dos episódios aqui narrados se iniciam a partir de leituras realizadas nos mais diversos momentos e das mais variadas formas, outros episódios, desta vez originados a partir de músicas que escutei ou de outras manifestações culturais, apontam para a busca, sempre constante, de melhor “ler” o “objeto”.



1ª CONJUNTO DE CARTAS<sup>18</sup> -

DEZEMBRO DE 2014 A OUTUBRO DE 2015 -

**A EMERGÊNCIA DO PENSAMENTO CRÍTICO BIOGRÁFICO PÓS-OCIDENTAL:**

a partir da amizade, alteridade, dedicatória e herança de Fernando Sabino e Clarice Lispector

[...] a teoria está onde se pode encontrá-la. Não existe local geográfico ou epistemológico que detenha os direitos de propriedade sobre práticas teóricas, mas apenas o "local filosófico" [...].

MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 158.

<sup>18</sup> Leitor(a), favor olhar a parte final da dissertação, mais precisamente os anexos 1, 2, 3 e 4, os quais tratam da reescrita do primeiro capítulo. As presenças dos mencionados anexos são justificadas, pois foi a forma que encontrei de me inserir particularmente no conjunto de cartas, além de oferecer uma perspectiva diferenciada para o(a) leitor(a) que terá a possibilidade de acompanhar, não somente o resultado final de meu trabalho, mas como parte dele foi concebido e reescrito.

Campo Grande – MS, 19 dezembro 2014

É preciso contar com a formulação de um *lócus* de enunciação migrante, na medida em que a identidade já se reveste como híbrida, ao falar e responder a partir de dois ou mais lugares, não conduzindo, portanto, a sínteses, fusões ou identidades estáveis.

SOUZA. *Crítica cult*, p. 13.

Ao insistir nas ligações entre o lugar da teorização (*ser de, vir de e estar em*) e o *lócus* de enunciação, estou insistindo em que os *loci* de enunciação não são dados, mas encenados.

MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 165

Caros amigos e leitores,

O projeto no qual me envolvo requer certa prática que transcende normas epistolares. O desafio, portanto, reside em desenvolver uma prática própria que não pertença totalmente a nenhum dos dois polos (acadêmico e epistolar) e a forma encontrada para atingir tal objetivo é a de escrever cartas que ao mesmo tempo em que são endereças a Clarice e Fernando são também dirigidas a outros leitores.

O que diferencia minha escrita é o tom de gradação que desejo empregar e que contribui para o conjunto de cartas como um todo, a palavra gradação evidencia o sentido de processo que é toda a forma de escrita e que aqui se mostra sob a forma de etapas, sendo as primeiras as que correspondem ao embasamento teórico.

Portanto, consideremos que a discussão que pretendo elaborar neste primeiro conjunto de cartas propõe o debate em torno de proposições específicas, as quais integram o bojo da crítica biográfica pós-ocidental, tais como os laços afetivos, particularmente: a amizade, o afeto, o amor, as cartas e a minha inserção no discurso crítico. Justificando, por isso, a presença da primeira pessoa no desenrolar da ação<sup>19</sup>,

---

<sup>19</sup> Aviso aos leitores que intercalo o uso da primeira pessoa do singular com a primeira pessoa do plural no segundo conjunto de cartas, mais especificamente na quarta carta “Entre *bíos* e espectros: incontáveis amizades”, igualmente justifico o uso do “nós” no momento, em detrimento da primeira pessoa.

dado que a amizade de vocês, Fernando e Clarice, é também construída pelo meu olhar, a medida que me insiro como amiga.

A inserção do eu provém de uma forma do fazer crítico que de acordo com Eneida Maria de Souza, em seu livro *Crítica Cult* (2007), quando se detém em explicar o bovarismo, designa como a configuração moderna de autobiografia, pois: “A atividade crítica seria, no meu entender, uma das formas modernas da autobiografia, considerando-se que o sujeito escreve sua vida quando pensa estar narrando suas leituras”<sup>20</sup>. A fala de Souza, quando discorre sobre a forma de autobiografia, me permite considerar que a concepção que separa teoria e sua prática é invertida, visto que tal inversão ocorre ante a presença do *bios* nas leituras do crítico.

Conforme o raciocínio de Souza, em vista disso, a atividade crítica é atravessada pela transferência do sujeito crítico para com o que estuda como forma de discutir e pensar criticamente seu *bios* e suas histórias, por esse motivo é que: “[...] o que ele descobre e interpreta na vida do outro é, em última instância, algo que o crítico dessa natureza quer e precisa dizer”<sup>21</sup>.

Nesse sentido é que evoco a fala de Paul Valéry em conversa com o escritor austríaco Stefan Zweig em *O mundo que eu vi* (1999), pois os: “Jovens descobrem seus poetas porque querem descobrir a si mesmos”<sup>22</sup>. Ver o outro, buscá-lo, seja de que *personae* se trata, é uma tentativa, consciente ou não, de descobrir e entender a si mesmo, pois penso melhor a partir do momento em que me abro para o diálogo com o outro e, conseqüentemente, com a diferença.

Não que o “objeto” da minha dissertação não trate daquela amizade que se desenvolveu durante vários anos e que Fernando procurou retratar em *Cartas perto*

---

<sup>20</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 121.

<sup>21</sup> NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 40.

<sup>22</sup> VALÉRY *apud* ZWEIG. *O mundo que eu vi*, p. 64.

do coração, mas diz respeito a construção da amizade *outra*<sup>23</sup>na qual me insiro. Falo, portanto, de uma tríplice amizade, como consequência da minha transferência para com o “objeto” de estudo. Na falta de melhor designação que contemple aquilo ao redor do qual a atividade de pesquisa gravita é necessário utilizar a palavra “objeto”, ainda que o uso implique no risco de incorrer na separação.

Entendo o conceito de transferência na esteira de Rosemary Arrojo em *Tradução, desconstrução e psicanálise* (1993): “A transferência seria aqui um outro nome para esse ‘enamramento’, essa ‘loucura’ que prende um sujeito a um objeto-texto”<sup>24</sup>. A loucura de que fala Arrojo é a consequência do que Roland Barthes, em *Sade, Fourier, Loiola* (1971), denomina de processo de transmigração de um texto para a vida:

[...] o prazer do Texto realiza-se, por vezes, de uma forma mais profunda (e é então que se pode justamente dizer que há Texto): quando o texto, literário, (o Livro) transmigra para a nossa vida, quando uma outra escrita (a escrita do Outro) consegue escrever fragmentos da nossa própria quotidianidade, em resumo, quando se produz uma *co-existência*.<sup>25</sup>

Ao iniciar a introdução do primeiro conjunto de cartas citando a crítica Eneida Maria de Souza, precursora da crítica biográfica no Brasil, e Walter Mignolo, já resalto de antemão a emergência da crítica biográfica pós-ocidental e, conseqüentemente, a aproximação entre as esferas do *bios* (leitura, lócus, exercício crítico). Tal crítica constitui a base teórica de toda a explanação que desenvolvo e que, por conseguinte, me auxiliará no estudo da amizade entre os escritores Fernando Sabino e Clarice Lispector.

---

<sup>23</sup> O termo amizade *outra* é concebido na esteira do que Walter Mignolo denomina de epistemologias outras. Nesse sentido, amizade *outra* designa uma outra forma de relação da qual participo, tal colocação não seria possível de acordo com a lógica do ocidentalismo, posto que para a mesma o estudo da amizade entre escritores desconsidera o papel do pesquisador, por entender que existe uma separação entre a teoria e sua prática.

<sup>24</sup> ARROJO. *Tradução, desconstrução e psicanálise*, p. 148.

<sup>25</sup> BARTHES. *Sade, Fourier, Loiola*, p. 13.

Vale lembrar que a escolha teórica pela crítica biográfica-pós ocidental reside na minha afinidade intelectual, pois a mesma possibilita que engendre meu discurso a partir de um lócus específico, o meu, relacionando-o, ao mesmo tempo, com a vida e a obra dos amigos escritores, o diferencial dessa corrente crítica repousa na relação que reúne teoria e ficção. Sobre o assunto, Souza esclarece que: “A diferença quanto a crítica biográfica praticada durante esses últimos anos consiste na possibilidade de reunir teoria e ficção, considerando que os laços biográficos são criados a partir da relação metafórica existente entre obra e vida”<sup>26</sup>.

Para tanto, se vale de elementos desconsiderados por serem tidos como “menores”, na acepção do termo que o juízo de valor atribui, tais como bilhetes, notas, cartas, diários íntimos, rascunhos, entrevistas, a própria escrivadinha do escritor, em suma, os documentos e itens que compõem a vida e, por extensão, o arquivo do escritor. Conforme explicita Eneida M. de Souza:

No que diz respeito à abordagem mais pontual da crítica biográfica é preciso distinguir e condensar os polos da arte e da vida, por meio do emprego do raciocínio substitutivo e metafórico, com vistas a não naturalizar e a reduzir os acontecimentos vivenciados pelo escritor.<sup>27</sup>

O primeiro passo para asseverar a relação biográfica pós-ocidental, assinalada no título da introdução do primeiro conjunto de cartas, é considerar igualmente a emergência<sup>28</sup> do “eu” na crítica biográfica pós-ocidental<sup>29</sup>. Trata-se da prática do sujeito crítico que se vale tanto de suas histórias, amalgamadas ao longo da vida, seu

---

<sup>26</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 21.

<sup>27</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 19.

<sup>28</sup> Em nota de rodapé do livro *Histórias locais/ projetos globais*, no capítulo intitulado: “A RAZÃO PÓS-OCIDENTAL: A CRISE DO OCIDENTALISMO E A EMERGÊNCIA DO PENSAMENTO LIMINAR”, a tradutora Solange Ribeiro de Oliveira faz uma nota de rodapé para explicar o jogo de sentido utilizado pelo autor, em língua inglesa, em relação ao termo *emergenc(y)*. Tal jogo de sentido deriva das palavras *emergence* (o processo de emergir) e *emergency* (a necessidade e a urgência de que algo aconteça). Em língua portuguesa, a reprodução do jogo linguístico se faz impossível, visto que para os dois termos temos uma mesma palavra: emergência. Valho-me do duplo sentido para apontar a necessidade da crítica biográfica pós-ocidental.

<sup>29</sup> Neste parágrafo me detenho brevemente a conceituar o que entendo por crítica biográfica pós-ocidental, para que, desta forma, não precise retomar repetitivamente o conceito e não prejudicar a leitura do texto.

locus, no meu caso se trata de um locus fronteiriço (a tríplice fronteira: Brasil, Paraguai, Bolívia), meu *bios*, quanto das histórias e dos *bios* que compõem o meu objeto de estudo, a amizade de Fernando e Clarice.

Minha preferência em utilizar o termo Pós-ocidental ou Pós-Occidentalismo e não Pós-Colonialismo reside na ressalva feita por Mignolo, no já referido segundo capítulo de seu *Histórias locais/projetos globais* (2003), onde ele trata da designação “pós” que compõe a nomenclatura de algumas teorias, tais como: Pós-Colonialismo e Pós-Occidentalismo.

O crítico argentino explica que o Pós-Colonialismo retém seu objeto no estudo sobre o imaginário do sistema mundial colonial/moderno, sendo que majoritariamente estes mesmos discursos são feitos em língua inglesa, mesmo que por intelectuais que migraram do assim chamado “Terceiro mundo” para o “Primeiro mundo”.

Já o Pós-Occidentalismo, segundo o estudioso, emerge de *loci* específicos em que vozes foram silenciadas e vidas foram consideradas dispensáveis mediante o uso da política de identidade da retórica do sistema mundial colonial/moderno. A perspectiva do pós-Occidentalismo engendra seu discurso *a partir de*, na medida que ao falar sobre algum determinado assunto mescla-se o objeto com o *bios* da pesquisadora, de modo que ao pensar que fala do outro acaba falando de si mesma e de sua condição.

Para Mignolo o Pós-Occidentalismo emerge das histórias locais das Américas, (América do Sul, América Central) como resposta ao colonialismo ocidental moderno. O uso do “pós” que constitui esta última corrente crítica se justifica quando lembrado que a América do Sul foi concebida não como a parte representativa e efetiva do Ocidente, mas sim vista como o reboque do imaginário ocidental colonial/moderno, isto é, “pós” assume a acepção de *além de*, ou seja, além do que propõe a ideia

nascida do projeto global do Ocidentalismo. Nas palavras de Mignolo: “[...] ‘pós-ocidentalismo’ seria a palavra chave para articular o discurso de descolonização intelectual a partir dos legados do pensamento na América Latina”<sup>30</sup>.

Por tal motivo é que pratico o que entendo por crítica biográfica pós-ocidental, haja vista que articula a descolonização crítica necessária para se pensar o que me proponho: amizade, além da ideia ocidental, a herança, a alteridade, a morte, a dedicatória. Quando utilizo a palavra imaginário, como mencionei, é no sentido empregado por Mignolo, ou seja: “[...] o imaginário do mundo colonial/moderno é sua própria autodescrição, as formas pelas quais descreve a si mesmo através do discurso do Estado, dos intelectuais e dos acadêmicos [...]”<sup>31</sup>, em outras palavras:

[...] o imaginário do sistema mundial colonial/moderno é o discurso sobrepujante do ocidentalismo, com sua transformação geoistórica, em tensão e conflito com as forças de subalternidade geradas pelas reações iniciais dos escravos ameríndios e africanos e agora pelo ataque intelectual ao Ocidentalismo e pelos movimentos sociais e, busca de novos caminhos para um imaginário democrático.<sup>32</sup>

Percorrer esse breve caminho que acabo de fazer se justifica ao passo em que necessito, para refletir e discorrer *a partir da* amizade de Fernando e Clarice, também levar em consideração o meu *bios*, a relação do crítico com seu objeto, o *lócus a partir do qual* falo e erijo minha reflexão, ou seja, América Latina, Brasil, Mato Grosso do Sul, Campo Grande e a crescente necessidade de (re)pensar algumas considerações feitas acerca da amizade, da alteridade, da herança, das cartas, assim como dos arquivos de Fernando e Clarice<sup>33</sup>.

<sup>30</sup> “[...] ‘pos-ocidentalismo’ sería la palabra clave para articular el discurso de descolonización intelectual desde los legados del pensamiento en Latinoamérica” (MIGNOLO, 1998, sp., tradução nossa).

<sup>31</sup> MIGNOLO. *Historias locais/projetos globais*, p. 48.

<sup>32</sup> MIGNOLO. *Historias locais/projetos globais*, p. 49 – 50.

<sup>33</sup> Me deterei mais precisamente na questão do arquivo no segundo conjunto de cartas, denominado “**(DES)ARQUIVANDO CARTAS PERTO DO CORAÇÃO**”. A ideia do primeiro conjunto de cartas é a de se deter em discutir conceitos específicos essenciais para o segundo conjunto de cartas. A exemplo da percepção de amizade, cuja presença é justificada por entender que, devido a minha pesquisa, crio uma relação de amizade para com os escritores.

A preocupação em evidenciar o lócus de enunciação compõe o arcabouço da crítica biográfica pós-ocidental, posto que entende que o discurso crítico se relaciona com o lócus, pois emerge como uma forma encontrada pelo crítico de encená-lo em qualquer lugar que esteja. Para mim, o lócus possui uma dupla acepção, o sentido epistemológico e o geográfico, visto que falo e penso de um lócus particular e bem poderia encená-lo em outro lugar geográfico.

Ao encenar meu lócus por meio do discurso crítico (afinal, um lugar tido como subalterno pede uma acepção de amizade que se desvincule de seu senso comum), escolho refletir *a partir dele*, e não sobre, de forma que o meu saber crítico se constitua, a respeito de não adotar integralmente os saberes hegemônicos modernos, não desconsiderando o que propõem as formas de pensamento hegemônico.

Em outras palavras, o saber que emerge das histórias locais que foram (e ainda são) subalternizadas não destrói outras formas de conhecimento, através da desconsideração. As histórias locais subalternizadas “apenas” pretendem traçar um pensamento que delas emergem. Por isso é que falar *a partir de* é apontar que o pensamento: “[...] é local no sentido de que não existe pensamento no vácuo, que pensar (como comer e evacuar, que é também universal para certas espécies de organismos vivos) corresponde a necessidades materiais e locais”<sup>34</sup>.

Quando, na esteira de Mignolo, considero que o pensamento é local enquanto produto de uma determinada história local, escolho, como ponto de partida, o compromisso de repensar as proposições dualistas do imaginário ocidental colonial/moderno. Proposições estas que elenquei logo no início dessa introdução epistolar e que repito agora: amizade, afeto, morte, herança, dedicatória.

---

<sup>34</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p. 287.

Em contrapartida a essa forma categorizadora de pensamento, a crítica biográfica pós-ocidental encontra a necessidade de repensá-las na medida que são produtos do imaginário colonial. Início o exercício do repensar com uma das “categorias” mencionadas, a amizade. A imagem mais comum dela é a que é denominada de amizade fraternal, trata-se, como o próprio nome aponta, em perceber o amigo como irmão, tal como a extensão da família. No momento presente, discuto sobre o assunto brevemente, pois mais à frente discorrerei de forma mais consistente.

Tal visão fraterna da amizade provém de um desejo de igualdade que, por conseguinte, ignora e exclui tudo aquilo que é diferente, em outras palavras, o amigo é igual ao outro, é um outro “eu” e aquele outro que não atende a essa descrição é sumariamente desconsiderado enquanto ser. Nas palavras de Francisco Ortega, sobre o assunto, em *Genealogias da amizade* (2002):

O medo ao diferente, aberto, indeterminado, contingente e desconhecido leva-nos, sem dúvida, a procurar analogias, formas de adaptação e tradução em imagens conhecidas e próximas, que nas descrições de relações pessoais são as da gramática familiar. Isso revela uma pobreza imaginativa, nossa incapacidade de jogar, experimentar, brincar com o novo, o imprevisível e o aberto. Se as formas de relacionamento possível não se esgotam na família, e se a família nem sempre forneceu o único arsenal metafórico a nossa disposição, não existe nada necessário nesse uso decorrente de imagens e metáforas familiares e fraternais.<sup>35</sup>

Repensar a herança que emerge da relação de amizade provém de uma dupla necessidade, pensá-la em conjunto com a amizade de Fernando e Clarice ao percebê-los na condição de amigos herdeiros um do outro e a herança do crítico, tanto a de teor mais teórico como o próprio objeto de estudo. Já pensar sobre as cartas que os escritores trocaram advém do fato de que a quebra da intimidade epistolar foi cometida por um dos correspondentes, Fernando, e das necessárias e urgentes considerações acerca da relevância das cartas na amizade de escritores e em suas respectivas

---

<sup>35</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 124.

trajetórias literárias. Mas, para a discussão que proponho é relevante que se considere que minha crítica é influenciada pelo *bios*.

Para tecer a teorização biográfico pós-ocidental é necessária a inserção da vivência, dito de outra forma, as minhas experiências pessoais no discurso crítico<sup>36</sup>, para que desta forma não percorra o caminho já traçado pelo imaginário do sistema colonial moderno. Nesse sentido, minha inserção se dará principalmente *a partir* do momento em que não mais diferencie o inimigo do amigo, entendendo-os como elementos que coabitam no mesmo sujeito.

Ao propor a inserção do *bios*, entendido aqui como a vida e seu componentes (amizade, afetividade, fatos e vivências, em suma, tudo aquilo que se transforma e liga o sujeito a um determinado lugar) do pesquisador no fazer crítico, o que está em vista é refutar a divisão que segrega a pratica em si da teoria, assim como explana Mignolo, no artigo do livro *Teorias sin disdisciplina* (1998), “Postoccidentalismo: el argumento desde America Latina”: “A rearticulação das relações entre práticas sociais e práticas teóricas é um aspecto fundamental do pós-ocidentalismo como condição histórica e horizonte intelectual”.<sup>37</sup>

Visando encenar a pratica do que propõe Mignolo, e já no limiar da troca epistolar propriamente dita, esclareço ao leitor destas páginas que os escritos são organizados em três conjuntos de cartas e de acordo com o período em que foram redigidos. O conjunto de cartas em questão, correspondentes ao período de dezembro de 2014 a outubro de 2015, é composto de três missivas, sendo que a primeira possui três continuações e a segunda carta somente uma continuação.

---

<sup>36</sup> Sobre a questão da experiência na crítica abordo no segundo capítulo o termo razão pós-subalterna, pois o conceito atende a necessidade de considerar o lócus descentralizado do sujeito crítico.

<sup>37</sup> “La rearticulación de las relaciones entre prácticas sociales y prácticas teóricas es un aspecto fundamental del postoccidentalismo como condición histórica y horizonte intelectual.” (MIGNOLO, 1998, sp., tradução nossa).

A fim de situar o leitor dentro da minha proposta é que inauguro cada novo conjunto redigindo uma pequena introdução. Sua característica principal é fornecer uma explanação de caráter mais geral sobre os assuntos que permeiam cada correspondência. A exemplo desta introdução na qual viso me deter na crítica biográfica pós-ocidental e em como ela me auxilia no necessário embasamento crítico das cartas.

Em seguida, na primeira carta “Fernando Sabino e Clarice Lispector: amizade para além do princípio da fraternidade”, teço considerações mais detalhadas acerca da amizade de Fernando e Clarice, desvinculando a amizade de sua concepção familiar e pensando-a como uma relação em que o eu inventa a si mesmo a partir da diferença representada pelo outro. Vale ressaltar que o recorte dessa longa relação reside no período em que trocaram cartas, as quais constam em *Cartas perto do coração* (2011)<sup>38</sup>.

Na esteira dessa discussão, na primeira continuação “O(s) eu(s) e o(s) outros: a experiência da alteridade na amizade”, é que explano acerca da alteridade exterior, entendendo que o amigo não representa, *ipsis litteris*, um outro eu (como propõe a amizade fraternal), mas sim o estrangeiro com o qual dialogo naquilo que o outro apresenta como diferença. A outra forma de alteridade, que também abordo, diz respeito à aquela que se constrói entre Fernando, Clarice e o sujeito crítico biográfico pós-ocidental, isto é, no diálogo para com os amigos mortos.

Em seguida, na segunda continuação “Perto do coração jaz uma amizade: a retórica do epitáfio dos amigos-espectros”, trato da questão da retórica do epitáfio na

---

<sup>38</sup> O livro *Cartas perto do coração* foi lançado inicialmente pelo mercado editorial em 2001 através editora Record, contudo, a edição por mim utilizada é a de 2011, pela mesma editora. A diferença entre as duas edições são somente alguns detalhes referentes a capa. Ressalto que o conteúdo é o mesmo. Trato, rapidamente, da diferença entre as edições na continuação “Fernando Sabino e Clarice Lispector: amizade para além do princípio da fraternidade”.

amizade, posto que Fernando dialoga com a amiga, já falecida, por meio do *Cartas perto do coração*, e eu com eles, através das minhas cartas que constitui a homenagem póstuma para com os amigos.

Posteriormente, na segunda carta “Aos amigos: a dupla dedicatória em cartas perto do coração”, discorro acerca da dupla dedicatória. Entendo-a no sentido de homenagem, a qual trata tanto daquela que o escritor mineiro fez ao publicar o livro de cartas com o título que faz referência ao primeiro livro de Lispector, *Perto do coração selvagem* (1943), quanto a dedicatória que Fernando reproduz nas primeiras páginas do livro. Dedicar algo a alguém demanda pensar nas palavras do escritor argentino Jorge Luis Borges segundo as quais somente dedicamos *o que já é do outro* (BORGES, 1985).

Fernando, também, embora de uma forma diferente e indireta, dedicou um de seus escritos a amiga Lispector, falo da crônica “Poltronas numeradas”, em que uma das personagens se chama Clarice, o que corrobora o fato de que Lispector foi uma presença constante na vida do escritor, seja por meio da literatura, das cartas ou das amizades. De acordo com Arnaldo Bloch:

Há uma mulher que nunca desapareceu. É Clarice Lispector, com quem Fernando Sabino correspondeu-se durante 23 anos, de 1946 até 1969. A amizade cresceu nesse período de intensa troca de cartas, numa frequência as vezes semanal.<sup>39</sup>

Na continuação da segunda carta “Ao sol carta é farol: o documento, o monumento e o literário”, penso de forma mais precisa acerca das cartas trocadas entre os escritores. Reflito que existe uma quebra da “etiqueta epistolar”, melhor dizendo, transponho, através da leitura, a barreira representada pela privacidade da carta íntima dirigida ao amigo e me posiciono como a co-destinatária das *Cartas Perto do Coração* (2011).

---

<sup>39</sup> BLOCH. *Fernando Sabino*, p. 132.

Posição instituída ao mesmo tempo em que sou, também, a remetente, ao passo que escrevo estas cartas endereçada a Fernando e Clarice. Penso que ao me valer da posse proporcionada pela leitura das cartas, faço valer o direito da partilha medida pela leitura. Desta forma, Lyslei Nascimento, no artigo “Vínculos e gavinhas”, do livro *Mário de Andrade* (1997), corrobora o que explícito, quando esclarece que:

As cartas são tangíveis e memoráveis, podem ser lidas e relidas, mostradas e até exibidas, mais do que isso, as cartas podem ser partilhadas, é isto, publicadas! A carta-livro é carta aberta ao público. Tenho assim, eu e todos os leitores de cartas alheias, carta branca nas mãos, diante dos meus olhos.<sup>40</sup>

Ao fim do primeiro conjunto de correspondências, na terceira carta “Amigos herdeiros, fidelidade na infidelidade: herança e desobediência na amizade”, abordarei a questão da herança, e irei desenvolvê-la em dois sentidos. O primeiro diz respeito a herança de um rol de leituras e vidas, de uma tradição, com a qual converso, e em outro sentido, aponta para Fernando como herdeiro de da amiga, uma vez que o escritor mineiro era um assíduo leitor da escritora, seu conselheiro em assuntos pessoais e profissionais, bem como profícuo comentador da obra de Clarice.

Ao publicar as cartas com Lispector, assim como ler, criticar e dar algumas sugestões sobre a produção dela, Fernando Sabino proporciona um novo olhar sobre a produção clariciana. Aqui a discussão de Jacques Derrida e Elisabeth Roudinesco em *De que amanhã...diálogo* (2004) se faz necessária, principalmente ao explicitar que o herdeiro verdadeiramente fiel (na sua ação de infidelidade) proporciona a revisitação de sua herança, cuidando para que sempre acrescente algo na releitura.

A prática do processo de releitura, pois o mesmo não deixa de ser uma prática justamente por implicar em continua construção, desafia a amizade fraternal, posto que estremece as fronteiras da instituição familiar ao derrubar a complacência e a simetria tão típicas desse viés e observar que, assim como todo o acontecimento que

---

<sup>40</sup> NASCIMENTO. Vínculos e gavinhas, p. 115.

se desenvolve no seio do *bios*, a experiência da amizade convoca a que o sujeito se desafie e ao outro, transforme-se, desestabilize e discorde do amigo, em suma, que sinalize explicitamente aquilo que já sabemos ocorrer em nosso íntimo, isto é, que a amizade envolve que o amigo saia de dentro de “si” e vá à procura do outro, seja esse outro ele mesmo ou outra pessoa.

Faço votos de boa leitura meus amigos,

Até a próxima,

Da amiga,

*Francine parla de Goltes junho 2004*

CARTA I - Fernando Sabino e Clarice Lispector: amizade para além do princípio da fraternidade

Campo Grande – MS, 01 de fevereiro de 2015

Minha amizade por você teve presença por tão pouco tempo. Acho que deveríamos apagar tudo e principiar pelo princípio.

LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 61.

Meus queridos amigos,

Acredito que a primeira edição do livro de missivas *Cartas perto do coração* (2001) tenha lançado uma luz sobre uma questão até então inexplorada, a amizade entre vocês, Fernando e Clarice. Isto porque, até então, a crítica literária brasileira reteve seu foco nas produções individuais dos escritores, sejam elas as crônicas, os contos ou os romances. Descobre-se então que a amizade de vocês dois era antiga e datava do início das respectivas carreiras de escritores, como atesta Fernando na introdução do livro: “Na última fase da vida de Clarice Lispector surgiram-lhe outras relações de amizade, mas a nossa foi das primeiras e mais intensas, desde o início de sua carreira literária”<sup>41</sup>:



FIGURA 1 – Foto das capas da 8ª edição e da 1ª edição de *Cartas perto do coração*  
Fonte: Biblioteca pessoal

<sup>41</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 07.

Apesar da primeira edição ter sido lançada em 2001, utilizo a edição mais atual, de 2011, pela mesma editora, como afirmei em momento anterior. As diferenças são poucas, mas assumem um significado dentro do âmbito das cartas e da amizade. Me deterei, rapidamente, nas capas de ambas as edições antes de iniciar a discussão propriamente dita, no intuito de atrelar as diferenças e as semelhanças apresentadas pelas capas a relação de amizade que transpassa anos.

A primeira semelhança que se faz notar, trata-se de algo até mesmo evidente, é que os nomes de Fernando Sabino e Clarice Lispector constam como autores de *Cartas perto do coração*. Afinal, nada mais justo, visto que não foi somente Fernando que escreveu cartas, embora ele tenha organizado as missivas para publicar, os dois escritores desempenharam os papéis de remetente e destinatários.

Em relação ao título do livro existe uma diferença que, sutil, pode passar despercebida pelo leitor, mas que quando vista contribui para a construção de sentida engendrada pelo título. Na edição de 2011 a cor da fonte do título é rosa prateado, na primeira edição, a cor da fonte é vermelha, a atenção na escolha da cor, detalhe aparentemente mínimo, como poderia proclamar os leitores, desperta o interesse e leva a concepção de relações entre cor e título. Ainda que tais concepções sejam regidas por estereótipos a mudança de cor suscita o questionamento: No que a mudança implica? O que ela aponta?.

Iniciemos com a consideração de que a cor do órgão, cujo nome configura no livro, é vermelho, percebemos, dessa forma, a ligação criada no campo do interdito entre o título (coração) e a cor da fonte que aparece como que pare ressaltar o caráter amoroso e intimista das cartas.

O detalhe da cor da fonte, na primeira edição, tem como consequência, portanto, realçar que as cartas, bem como a amizade de Fernando e Clarice, são

provenientes por(pelo) coração, por (pelo) afeto, por (pelo) amor, ainda que, e essa é uma ressalva bem vinda, a trajetória do coração seja acompanhada do interesse político de Fernando se utilizando do nome da amiga ao publicar as cartas de Clarice, após sua morte, junto com as escritas por si.

Outro detalhe que assinala sua presença em ambas as edições, mas com uma ligeira diferença, diz respeito a frase que vem logo após o título do livro. Na edição de 2001 a frase é “dois jovens escritores unidos ante o mistério da criação”<sup>42</sup>, já na de 2011 a frase é “dois jovens escritores unidos pelo mistério da criação”<sup>43</sup>. A diferença entre o vocábulo *ante* e *pelo* cria uma distância semântica relevante, *ante* acarreta, não mais um elo de ligação entre os amigos, mas algo com que Fernando e Clarice se deparam ao longo de sua jornada como escritores, por sua vez, *pelo* denota que o que os unia, além da amizade, é o mistério da criação que circunda a literatura, isto é, o laço que os ligava e uma das características que tinham em comum, era o fato de que o que os impulsionava não era a resposta, mas a pergunta em si representada pelo mistério.

Por fim, a última diferença apresenta pelas capas, é a presença, na primeira edição, de um desenho representando Fernando e Clarice juntos, a autoria é de Alfredo Ceschiatti, artista com quem Clarice já travara conhecimento, pois Ceschiatti desenhara um quadro da escritora. A presença do desenho do artista plástico esclarece para o leitor que, se fisicamente os amigos estavam separados, juntos estavam, metaforicamente, pela via do coração. Na edição de 2011, a ausência do desenho permite ao leitor perceber que é corroborada a distância geográfica que separava os amigos.

---

<sup>42</sup> LISPECTOR; SABINO. *Cartas perto do coração*, capa do livro.

<sup>43</sup> LISPECTOR; SABINO. *Cartas perto do coração*, capa do livro.

Munida desse fato, a publicação do livro de cartas, passo a ter a possibilidade de uma nova perspectiva de estudo, embasada pela crítica biográfica pós-ocidental a qual trabalha a relação vida e obra, tanto da via do “objeto” de estudo quando do crítico que se entrelaçam. Para tanto, de acordo com Eneida Maria de Souza, me valho da ligação entre as vidas, mas de forma a não corroborar os binarismos próprios da Literatura Comparada tradicional:

[...] ao processar a relação entre obra e vida dos escritores pela mediação de temas comuns, como a morte, a doença, o amor, o suicídio, a traição, o ódio, as relações familiares, como o tema dos irmãos inimigos, da busca do pai, da bastardia, do filho prodigo e assim por diante.<sup>44</sup>

Acrescento a esta plêiade elencada por Souza a amizade, posto que entendo que os dois amigos se valeram da amizade que um nutria pelo outro, para pensar seus respectivos projetos literários, mas sobre isso discorrerei em momento posterior, estabelecendo, assim, a relação entre vida e obra. Contudo, na qualidade de crítica biográfica pós-ocidental também entabulo o diálogo entre *bios* e obra, tendo em vista que o componente que me liga aos dois escritores é a amizade intermediada pela leitura do livro de cartas, dado que “Procurando os amigos, percorro seus escritos”<sup>45</sup>.

Ler as cartas dos meus amigos, Fernando e Clarice, é devassar a intimidade epistolar, e o ato de processar a relação entre obra e vida ressaltada por Souza direciona não no sentido de exercer a acepção literal do exercício comparativo, isto é, elencar valores e apontar o melhor e o pior de acordo com a perspectiva categorizadora do imaginário ocidental. Mas me leva a pensar a amizade entre os escritores, e a minha com eles, pelas diferenças que aparecem independentemente do que estabelece a *doxa*<sup>46</sup> da amizade ocidental.

---

<sup>44</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p, 20.

<sup>45</sup> VINCENT-BUFFAULT. *Da amizade*, p. 17.

<sup>46</sup> Sobre o conceito de *doxa*, Roland Barthes em *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003) vai explicar que: “Formações reativas: uma *doxa* (uma opinião corrente) é formulada, insuportável; para me livrar dela, postulo um paradoxo; depois esse paradoxo se torna grudento, vira ele próprio uma nova concreção, uma nova *doxa*, preciso ir mais longe em direção a um novo paradoxo. BARTHES. *Roland*

Meu objetivo ao erigir uma reflexão *a partir* da amizade dos dois é constatar como a mesma se constitui durante o período em que trocaram cartas, não que vá excluir de minha articulação outros diálogos que Fernando e Clarice tiveram ao longo da vida, mas os abordarei conforme somem à minha perspectiva da amizade deles, aquela que se abre para a experimentação, conversas e discordâncias.

Um segundo objetivo gira em torno de desvincular a ideia do criador solitário, ou seja, parto da ideia de que Fernando e Clarice escreveram levando em consideração as mutuas opiniões sobre seus escritos, por conseguinte, participavam mutuamente dos respectivos processos de criação, pois “A verdadeira criação é um ato de orgia”<sup>47</sup> que considera o outro como parte relevante de tal desenvolvimento. No artigo “Amizade: o vale quanto pesa da literatura”, do periódico *Cadernos de estudos Culturais: Silviano Santiago – Uma homenagem* (2014), a autora Myriam Ávila rechaça essa aura de escritor enquanto participe único de um ato solitário de criação artística:

Não se trata, entretanto, de assumir um tom nostálgico, mas de avaliarmos criticamente o papel da amizade nos desenhos da nossa vida literária no século 20 e nos afastarmos cada vez mais da ideia do criador solitário, em busca de reconhecer o desenvolvimento compartilhado de cada carreira de escritor.<sup>48</sup>

Ao entender que a amizade é um espaço que propícia o embate de opiniões e considerações me coloco na contramão de uma percepção que vê o amigo como irmão, explanarei mais acerca desse assunto no próximo subtítulo em que me deterei na alteridade exterior. Tal leitura fraternal não consegue dialogar com as diferenças apresentadas pelos dois escritores.

Na esteira desse objetivo, segue o de investigar como e em que medida os amigos se valeram dessa amizade para pensarem seus respectivos projetos literários.

---

*Barthes por Roland Barthes*, p. 85. Grosso modo a *doxa* da amizade é a sua aceção comum do amigo-irmão.

<sup>47</sup> SABINO *apud* BLOCH. *Fernando Sabino*, p. 73.

<sup>48</sup> ÁVILA. *Amizade: o vale quanto pesa da literatura*, p. 75.

Se digo como e em que medida é por acreditar que eles se valeram, sim, da relação para pensar em suas produções e posições literárias. Lembro o fato de que Fernando ao criar, junto com Rubem Braga, a editora Sabiá, publicou vários livros da amiga e os seus. Uma das cartas de Clarice, a de 14 de agosto de 1946, na qual comenta o livro *Movimentos simulados* (que foi publicado somente em 2004), de Fernando, é bastante esclarecedora nesse sentido:

Trabalhe bastante Fernando, dê um “tempo” largo aos movimentos simulados. O personagem é corajoso? (não sei como dizer o que quero dizer sob a palavra “corajoso”). Gostaria que ele fosse. Vou copiar para você o pedaço em que você me dá uma ideia do sentido de movimentos simulados.<sup>49</sup>

O fato dos amigos se valerem da amizade para pensar e concretizar projetos na área da literatura não reduz a amizade de Fernando e Clarice a uma relação que está embasada unicamente na política do favor, não é essa a ideia que proponho. Reduzir a amizade somente ao jogo de interesses é desconsiderar a participação relevante do afeto na relação, o que se percebe, portanto, a partir da amizade dos escritores é união entre os dois polos, interesse e afeto.

Na verdade não se trata de pensar em separado ambas as questões, o favor (interesses) e o afeto (recordemo-nos que etimologicamente amizade provém da palavra amor), a saída está em articular as duas considerações e perceber como se constrói a relação entre elas. A fim de pensar tal proposição e procurar caminhos epistemológicos *outros* (MIGNOLO, 2003), que ao contrário de excluir por meio de categorias e reduções, é que o suporte teórico de minha fala diz respeito a crítica biográfica pós-ocidental.

Tal pensamento crítico fornece o pressuposto do elo vida e obra que embasa a reflexão teórico-crítica *a partir dos* elementos extra-textos-literários elencados na introdução do presente conjunto epistolar, a fim de que seja impresso na dissertação

---

<sup>49</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 49.

sobre qual Clarice e Fernando trato. As vidas e obras as quais me refiro são a dos escritores e a minha como pesquisadora-arconte-amiga.

Muito embora a amizade não seja um conceito próprio da crítica biográfica pós-ocidental é muitas vezes utilizado por ela para: “[...] enlaçar as múltiplas paixões que regem tanto a vida quanto a literatura”<sup>50</sup>. Na verdade, a amizade passeia por diversos campos do conhecimento, sendo geralmente “objeto” de estudo da filosofia, teologia, psicologia, sociologia, letras, e cada uma das áreas citadas possui enfoque diferente em relação ao assunto, em suma, por exemplo, se na teologia prepondera a visão da amizade dos homens com Deus, na psicologia o enfoque reside na construção da amizade, bem como em suas práticas, e no impacto que a mesma exerce dentro de um grupo de pessoas, já no campo das letras a perspectiva repousa na amizade entre escritores e em como a mesma influência nas produções literárias.

Não obstante a ampla plêiade de autores, o recorte crítico desta carta reside no meu diálogo principalmente com dois pensadores: Jacques Derrida e Francisco Ortega, autores respectivamente das obras *Políticas da amizade* (2003) e *Amizade e estética da existência em Foucault* (1999), *Para uma política da amizade* (2000) e *Genealogias da amizade* (2002).

Fazer da amizade, mais precisamente da amizade de Fernando Sabino e Clarice Lispector, os amigos que fomentam meu diálogo, é também me valer das *razões do coração*, para desenvolver minha articulação crítica. As *razões do coração* são, como o nome indica, nas palavras de Edgar César Nolasco, em seu texto “Políticas da Crítica Biográfica” do periódico *Cadernos de estudos Culturais: Crítica biográfica* (2010):

[...] das razões dos corações, destacamos a escolha pessoal, as imagens, as amizades pessoais, a escolha, a dívida, a transferência, a herança, a

---

<sup>50</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 13.

recepção, a vida, as paixões, o arquivo, a morte, a experiência, as leituras, as bibliotecas, as viagens, os familiares, as fotografias, os depoimentos etc.<sup>51</sup>

Escolhas pessoais, imagens, ao passo que estas residem na escolha específica por parte do sujeito que necessita retratar algo ou alguém, em suma, como indica Nolasco no texto, *razões do coração* são tudo aquilo que não sendo de natureza essencialmente material, objetiva, palpável, econômica é o que toca mais fundo no sujeito ao ponto em que este se vê impelido a buscar o encontro com o que causa a sua perturbação, a qual é suscitada pelo que é denominado como *Mal de arquivo*<sup>52</sup>.

Mas, ao mesmo tempo em que, enquanto pesquisadora, valho-me das razões de cunho mais afetivo para minhas escolhas intelectuais, percebo que Fernando e Clarice igualmente faziam suas respectivas escolhas, sejam elas do âmbito mais pessoal, como as amizades, sejam as escolhas literárias e profissionais, muitas vezes embasadas pelas *razões do coração*.

Na verdade, o que está por trás de nossas escolhas, minhas e as dos dois escritores, são o que nos afeta<sup>53</sup>, o que nos toca, tanto o que nos agrada quanto o que desagrada, o que nos atinge, aquilo que nos desperta algum tipo de reação que a paixão denomina amor ou ódio, mas que diz respeito aos dois. Posto que minha relação de amizade com Fernando e Clarice é um composto do qual participam mistos de conflitos, concordâncias, indagações, perturbações.

O princípio desse pressuposto está embasado em uma certa liberdade direcionada que o amigo tem na escolha de um companheiro e que em um primeiro momento ocorre devido a aproximação mediada pela semelhança, mas que não

---

<sup>51</sup> NOLASCO. Políticas da Crítica Biográfica, p. 36.

<sup>52</sup> A questão do arquivo rapidamente aparece no primeiro conjunto de cartas, posto que trato, de forma mais específica, sobre o assunto, no segundo conjunto de cartas; **DES(ARQUIVANDO) CARTAS PERTO DO CORAÇÃO**.

<sup>53</sup> Remeto a raiz do termo afeto, que provem do latim *afecctio*, informo que o termo bem como sua acepção de afetar irá aparecer novamente na terceira carta “amigos herdeiros, fidelidade na infidelidade: herança e desobediência na amizade”, neste tópico, em especial, o termo afetar é pensado em conjunto com a questão da herança.

adquire um compromisso permanente com ela. Essa liberdade de concordar e de discordar do amigo, enfim, de conversar, foi amplamente utilizada por Fernando e Clarice. Na introdução de *Cartas perto do coração* (2011), o escritor mineiro já demonstra os frutos desse profícuo interlúdio:

Trocávamos ideias sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulávamos nossos valores e descobríamos o mundo, ébrios de mocidade, era mais do que a paixão pela literatura, ou de um pelo outro, não formulada, que unia dois jovens ‘perto do coração selvagem da vida’: o que transparece em nossas cartas é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores.<sup>54</sup>

Posto que busco engendrar uma discussão em torno do que se entende por amizade para melhor pensar *a partir de* Sabino e Lispector, necessito apontar que, conforme mencionei logo acima, a discordância, a discussão, e acrescento agora os “favores” solicitados, são fatos rechaçados por uma dada concepção de amizade designada como amizade fraternal, encabeçada principalmente por filósofos ocidentais como Montaigne e mais anteriormente Cícero.

Digo rechaçadas, pois a amizade fraterna elege como representante o amigo-irmão com quem mantenho relação simétrica, por conseguinte, igualitária, uma vez que ele é igual a mim, um eu, mas em outra pessoa. Entendo, até aqui, que o objetivo da fraternidade é neutralizar o amigo como o representante da diferença. Em seu *Políticas da amizade* (2003), Derrida igualmente expõe que a fratriarquia: “[...] pode *compreender* os primos e as irmãs mas, vê-lo-emos, compreender pode também querer dizer neutralizar. Compreender pode mandar esquecer [...]”<sup>55</sup>.

Compreender o amigo, o irmão, a irmã, até mesmo o primo, na esteira de Derrida, é esquecer algo como as especificidades de cada indivíduo, o que os torna

---

<sup>54</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 08.

<sup>55</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 11.

diferentes, aquilo que não se encontra em outro, para que assim possa chamá-lo de amigo-irmão e torná-lo um espelho, um mero reflexo de si mesmo.

Está por trás dessa ideia de fratriarquia o princípio democrático de igualdade já proposto pela filosofia Aristotélica. Em *Para uma política da amizade*(2000), Ortega rememora a herança delegada à amizade por Aristóteles:

O amigo aparece nos discursos da amizade na figura do irmão. A amizade democrática constitui-se a partir de Aristóteles – que iguala a amizade entre irmãos à democracia – como um processo de fraternização: a amizade é, em princípio, democrática por ser fraternal.<sup>56</sup>

Esse modelo de amizade ocidental clássico está embasado em um manual de conduta moral, no qual o verdadeiro amigo é aquele que é um outro eu. Nota-se uma compreensão da amizade, da alteridade e da figura do amigo como um espelho, um reflexo, e que por isso não exigiria favores ou faria pedidos incorrendo no desnivelamento da simetria, afinal seria possível exigir de si mesmo favores e realizar cobranças?. Trata-se de excluir a possibilidade de mentira, seguir um código moral tido como “digno” e não acarretar para si e nem para o outro o dever ou a prestação de algum favor gerado pela dívida, pois, de acordo com essa lógica, assim que se extinguissem a mutua necessidade a amizade findaria.

Em contrapartida, no livro *Políticas da amizade* (2003), Derrida vai ressaltar a desproporção na amizade, bem como o favor e a utilidade como elementos que compõem o âmbito da relação entre amigos:

A boa amizade supõe a desproporção. Exige uma certa ruptura de reciprocidade ou de igualdade, e também a interrupção de toda a fusão ou confusão entre tu e eu. E significa ao mesmo tempo um divórcio com o amor, seja ele o amor de si. As quantas linhas que definem esta boa amizade não se distingue da má senão ao escapar a tudo quanto se acreditou reconhecer sobre nome de amizade. Como se se tratasse ali de uma simples homonímia. A boa amizade nasce da desproporção[...].<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 60.

<sup>57</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 74

Saliento que o que Derrida propõe acima, como amizade, passa também por considerar que um mesmo ser é a morada de duas figuras que de acordo com a *doxa* da amizade são incompatíveis: o amigo e o inimigo. Que melhor forma, penso, existe para alcançar a desproporção do que a experiência da inimizade na amizade?

Fernando torna-se o *inimigoamigo*<sup>58</sup> de Clarice e ela a *inimigaamiga* de Sabino quando discordam um do outro, novamente a *doxa* poderia apelar questionando: o inimigo não seria aquele que lança mão dos mais variados artifícios, até mesmo romanescos para *prejudicar* o outro?.

Palavra-chave em destaque: *prejudicar*. Respondo: Fernando em momento algum, nas cartas enviadas para a amiga, quando desta discordou, o fez de modo inconsequente e superficial com pretensão de fazer a crítica pela crítica, Clarice idem, de modo que me leva a pensar:

Os dois conceitos (amigo/inimigo) cruzam-se então e não deixam mais de se permutarem. Entrelaçam-se, como se se amassem um ao outro, ao longo de uma hipérbole em espiral: o inimigo declarado [...], o inimigo verdadeiro, eis um melhor amigo que o amigo. Por que se ele pode odiar-me ou guerrear-me em nome da amizade, se ele respeita em suma o verdadeiro nome da amizade, respeitará o meu próprio nome.<sup>59</sup>

A partir disso, o que propõe Derrida é considerar que a figura do amigo e a do inimigo não são impensáveis em conjunto. Pelo contrário, o filósofo avança a discussão crítica em torno da amizade quando aglomera em um mesmo sujeito as duas figuras, está por trás dessa proposição a saída para a complacência que embasa o fraternalismo, pois o mesmo é a anulação das diferenças, e, portanto, do político na amizade.

---

<sup>58</sup> As palavras *inimigoamigo* e *inimigaamiga* aparecem grafadas juntas por uma ação proposital e não como consequência de um erro linguístico-normativo. A intenção é juntar, de forma literal, o amigo e o inimigo, para que assim seja reforçada a concepção de que são duas figuras intrínsecas e impensáveis separadamente.

<sup>59</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 83 - 84

Fernando e Clarice já assinalavam, assumiam e exerciam em suas cartas essa percepção outra do amigo, e além das cartas trocadas entre eles, o *inimigoamigo* aparece em outros textos, como na coluna “Pra que servem os amigos”, de 20 de julho de 1960, do jornal *Correio do amanhã*. Na coluna Clarice considera que: “Grande coisa, importante coisa é ter um amigo. Desses que tem a serena autoridade de divergir de opinião emitida sem que haja choque, sem que haja orgulhos feridos [...]”<sup>60</sup>, novamente, tal dupla figura aparece em um outro livro de cartas de Clarice, o *Minhas queridas* (2007), quando a escritora explicita que: “[...] faz parte do ser amigo ter também o direito de se irritar e de se chatear às vezes: quando isso nunca acontece é porque a pessoa não está à vontade”<sup>61</sup>.

De forma contrária, por sua vez, o filósofo clássico romano Cícero, exemplarmente, retrata as considerações do modelo de amizade fraternal no diálogo filosófico “Lélio ou da amizade”, inserido no seu *Da amizade*, no qual expõe que: “Ora, na amizade não há simulação nem fingimento algum: a amizade é tudo aquilo que é verdadeiro e voluntário [...] Penso, pois, ser a natureza e não a indigência a fonte de amizade [...]”<sup>62</sup>.

Da mesma forma, Michel de Montaigne reafirma a herança fraternal quando corrobora as considerações ciceronianas em *Sobre a amizade* (2011), capítulo à parte de seus *Ensaíes* (lançado primeiramente em 1580). O filósofo francês discorre que a amizade perfeita: “acaba com a exigência de tais deveres, leva-os a odiar e expulsar da relação as palavras de divisão e diferença, como favores, obrigações, gratidão, pedido, agradecimento e seus semelhantes”<sup>63</sup>.

---

<sup>60</sup> LISPECTOR. *Correio feminino*, p. 67.

<sup>61</sup> LISPECTOR. *Minhas queridas*, p. 269.

<sup>62</sup> CÍCERO. *Da amizade*, p. 39.

<sup>63</sup> MONTAIGNE. *Sobre a amizade*, p. 35.

A filosofia Clássico-Occidental, da qual fazem parte Montaigne e Cícero, é pródiga em fundar a tradição da amizade que origina o fraternalismo. Faço uma ressalva de que embora o filósofo francês, de acordo com Ortega, dissocie a amizade da família, sua leitura foi concebida mediante as considerações Aristotélicas que aliam o amigo ao irmão e, embora critique a falta de liberdade na amizade familiar, concomitantemente expõe que:

Tudo é genuinamente comum aos dois: suas vontades, pensamentos, julgamentos, bens, mulheres, crianças, honra e vida, e sua correspondência é a de uma alma em dois corpos, de acordo com a ótima definição de Aristóteles. Assim, eles não podem nem emprestar nem dar nada um ao outro.<sup>64</sup>

Tenciono relacionar a fala de Montaigne com o modelo fraternal, mesmo que o filósofo francês queira se desvincular do modelo familiar por acreditar na falta de liberdade, pois enxergo uma similaridade entre as concepções. Ao desconsiderar as diferenças em detrimento das semelhanças, Michel de Montaigne corrobora o modelo fraternal. As proposições de Francisco Ortega são esclarecedoras nesse momento, pois através delas posso transpor a fala de Montaigne atrelando-a à amizade fraternal, visto que para o filósofo espanhol o autor de *Ensaíos* incorre em contradição:

Montaigne está tão imerso na tradição familialista da amizade que não parece perceber a contradição, o paradoxo na sua argumentação. O amigo aparece sempre como o irmão; no fundo as relações de amizade são pensadas como fraternais.<sup>65</sup>

A origem desta amizade fraternal, na qual se deteve Montaigne, Cícero e a filosofia clássica ocidental, em geral, é esclarecida por Francisco Ortega ao explanar que a gênese do fraternalismo reside em sua propagação como uma estratégia discursiva de um regime universalista. Seu objetivo visa excluir todos os seres humanos que não pertençam a uma mesma religião, “raça” ou nação.

---

<sup>64</sup> MONTAIGNE. *Sobre a amizade*, p. 35 – 36.

<sup>65</sup> ORTERGA. *Genealogias da amizade*, p. 100.

Afirmo que o pensamento anterior se faz valer da política da identidade tendo em vista que a mesma se: “[...] baseia na suposição de que as identidades são aspectos essenciais dos indivíduos, que podem levar à intolerância, e de que nas políticas identitárias posições fundamentalistas são sempre um perigo”<sup>66</sup>.

Ironicamente, a estratégia universal do fraternalismo não era tão igualitária como se pretendia, raciocínio que conduz a afirmação mencionada pelo próprio Ortega: “Somente meus irmãos são homens, os demais são animais ou feras”.<sup>67</sup> Tal concepção universalista de um determinado viés da amizade tenciona unificar as identidades, incorrendo em uma política identitária dominante que assim se apresenta, de acordo com Walter Mignolo: “[...] a política identitária dominante [...] se manifesta [...] através de conceitos universais abstratos como ciência, filosofia, Cristianismo, liberalismo, Marxismo e assim por diante”<sup>68</sup>.

A amizade de Fernando e Clarice, na linha de raciocínio de Montaigne e do fraterno, seria algo como “uma falsa amizade”, ou ainda, uma amizade inexistente, fundada em base não solidificada por valores tidos como morais e dignos.

Felizmente, Fernando e Clarice escapam espertamente ao alcance dessa perspectiva justamente por ser uma relação de amigos dispares que discordavam entre si e de outros, debatiam entre si, mas que submetiam seus respectivos trabalhos aos olhares do amigo, pois se a amizade, como propõe Montaigne, exclui as palavras de diferença (discordância, embate, desafio) a relação entre os escritores seria exclusivamente de dívidas e favores mútuos, não sendo possível o afeto e os conselhos que os escritores trocavam entre si.

---

<sup>66</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 289.

<sup>67</sup> ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 65.

<sup>68</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 289.

A perspectiva fraternalista, devido a sua proposta de identidade universal, não pensa as diferenças que compõem a amizade de Fernando e Clarice muito menos a amizade metafórica construída que inclui a participação efetiva da pesquisadora, a crítica biográfica pós-ocidental, considerando-se que o modelo de fraternidade é um produto do imaginário do mundo colonial/moderno.

Imaginário este que separa a teoria da prática, o sujeito de seu “objeto”, reafirmando a ideia de dualismos e comparações. Em contrapartida, a crítica biografia pós-ocidental visa justamente diluir a fronteira entre o sujeito crítico e as formas de saber *a partir* da inserção do *bios*, do pesquisador e do “objeto”, e das histórias locais que compõem esse mesmo *bios*.

O imaginário colonial ocidental/moderno faz suas aproximações com o princípio nas semelhanças apresentadas entre pares e não leva em consideração os traços distintos, idiossincráticos e que, claramente existindo, individualizam o sujeito rechaçando a ideia universal de que somos todos iguais e que estamos reunidos sob a aura da irmandade universal.

Por outro lado, ao considerar a amizade como uma relação aberta à experimentação, ao desafio, à deslocação, à discordância, escolho falar a partir de uma ideia *outra*, como explana Ortega: “[...] de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização”<sup>69</sup>. Multiplicidade, porque reúne em um mesmo ciclo vários amigos, intensidade e experimentação, pois trata-se de uma relação que escapa as formas de se relacionar abalizadas pelo imaginário ocidental, e afinal, desterritorialização, visto que a amizade está sendo revisitada e deslocada de seu território tido como “específico”, a fraternidade.

---

<sup>69</sup> ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 157.

A partir do momento em que as diferenças que constituem a amizade de Fernando e Clarice são levadas em consideração, emerge uma aproximação entre amigos que não ocorre tão somente pelas semelhanças, apesar, devo lembrar de que as mesmas são importantes para o seu início, mas ao longo da amizade elas devem coexistir com as diferenças.

A aproximação entre amigos, da qual me valho neste conjunto de cartas, está embasada pela proposição de Walter Mignolo, no já citado *Histórias locais/projetos globais* (2003), no quarto capítulo<sup>70</sup>, de um encontro que para a crítica biográfica pós-ocidental se desenvolve pelas *semelhanças-nas-diferenças*, isto é, uma aproximação feita pelas diferenças apresentadas de ideias e opiniões entre os amigos, pois, afinal, um elo outro que une as pessoas parte do raciocínio de que todos possuem traços distintivos que permitem se identificar enquanto sujeitos únicos.

Ressalvadas as diferenças entre o que discute Mignolo, pois não está pensando na questão da amizade em seu livro, e o que discuto neste trabalho, as considerações do crítico me auxiliam a pensar a amizade fraternal como a concretização do que propõe as *semelhanças e diferenças*, sendo a amizade da discordância a concretização das *semelhanças-nas-diferenças*. Sobre essa relação entre a ideia dualista e categorizadora e a sua, o teórico argentino discorre que:

Enquanto a noção de semelhança-e-diferença constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se construiu a própria ideia de civilização ocidental (relegando as diferenças aos bárbaros, selvagens, canibais primitivos, subdesenvolvidos etc), a ideia de semelhanças-nas-diferenças evoca a recolocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas não numa direção única [...], mas em todas as direções e temporalidades regionais possíveis.<sup>71</sup>

Ao me valer da leitura proporcionada pelo conceito de *semelhanças e diferenças*, para assim pensar o modelo fraternal, quero destacar duas questões: a

---

<sup>70</sup> O capítulo ao qual me refiro é “Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais? As políticas e sensibilidades dos lugares geostóricos”.

<sup>71</sup> MIGNOLO. *Histórias locais / Projetos globais*, p. 278.

primeira é explicar que o modelo fraternal está firmado nas semelhanças, e não nas diferenças, sumariamente descartando-as. A segunda questão diz respeito a que uma tal conduta originada pelo ocidentalismo, o amigo como irmão, é produto do que Walter Mignolo vai denominar como “conhecimento ocidental”. Desta forma o teórico entende que:

Assim, por conhecimento ocidental e razão imperial/ colonial compreendo o conhecimento que foi construído nos fundamentos das línguas grega e latina e das seis línguas imperiais européias (também chamadas de vernáculos) e não o árabe, o mandarim, o aymara ou bengali, por exemplo.<sup>72</sup>

O conhecimento ocidental nega o direito às diferenças que é intrínseca a concepção de amizade com a qual dialogo, visto que as formas de relacionamento humano são permeadas de inconstâncias e assimetrias, posto que existem, mesmo que mascaradas, as discordâncias entre amigos. Contudo, o fato de negar o direito de existência não significa que as diferenças serão anuladas e, por conseguinte, deixarão de existir. É para me desvencilhar desse pensamento que evoco a alternativa oferecida por Ortega quando este explana que: “Somente um deslocamento da ideologia familialista pode promover a variedade, a experimentação de formas de vida e de comunidade, e a multiplicidade de escolhas”<sup>73</sup>.

Em uma relação de amizade aberta à experimentação é inevitável a divergência de opiniões resultantes de pensamentos que se diferenciam entre si. Portanto, cabe aos amigos saber articular esse embate dentro do universo que constitui a amizade, de modo que o diálogo seja cada vez mais fortalecido. Essa diferença constituída a partir da discordância é reforçada pela assimetria na relação, posto que quando amigos discordam um do outro é porque os mesmos já não são “iguais” entre si, aliás nunca o foram, mesmo que exista a insistência de um modelo em estaque.

---

<sup>72</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 290.

<sup>73</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 160 – 161.

A força da assimetria entre amigos é corroborada por Ortega quando explicita que: “Ao contrário dos discursos tradicionais da amizade, que usam a assimetria e a irreciprocidade para afirmar a identidade, o mesmo, a assimetria serve aqui para realçar a alteridade, o cuidado do outro, a diferença”<sup>74</sup> e, acrescento, que ela é relevante para pensar *a partir da* amizade de Fernando e Clarice que a percebem e a abordam nas cartas.

Em carta de janeiro de 1957, Fernando reconhece a maturidade de Clarice, maturidade essa que ele não vê em si mesmo: “Nada melhor você poderia dizer do que descobrir afinidade entre meu livro e o seu. Ela existe, mas você está a léguas de distância na minha frente em maturidade”<sup>75</sup>. Assim como na carta de 29 de janeiro de 1969 em que Fernando externaliza sua admiração com o livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), lançado, aliás, pela editora de Sabino, a Sabiá:

Clarice, são 3 e 5 da manhã e acabo de ler seu livro há cinco minutos. Li-o desde meia noite e vinte, de uma só vez, sem interromper um segundo, e te escrevo ainda sob a parte mais grossa da emoção da leitura. Não anotei nada, não tenho nada a sugerir. Estou atordoado. Eu não mereço mais ser seu leitor. Você foi longe demais para mim.<sup>76</sup>

Ao falar para a amiga Clarice que esta possui uma maturidade que ele, como escritor, não tem, mas deseja, Fernando estabelece uma diferença para com Lispector. Se, na esteira de Ortega, a assimetria reforça a diferença, Sabino estabelece então uma amizade assimétrica com a escritora.

Reforço que a ideia que desenvolvo não passa pelo campo do estabelecimento de juízo de valor a fim definir, de modo pretensioso, quem é melhor escritor. Uma vez reconhecida, a diferença possibilita que os amigos discordem um do outro como parte intrínseca de uma relação humana e crítica, tal palavra aqui aparece em sua melhor acepção.

---

<sup>74</sup> ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p, 81.

<sup>75</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 179.

<sup>76</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 191.

Entre os motivos que suscitaram as diferenças e as discordâncias de Fernando e Clarice, durante o período em que trocaram cartas, está a literatura de ambos. Ao afirmar no início desta carta que os dois se valeram da amizade para pensar seus projetos literários percebia, no momento e também agora, que era uma prática comum que cada um enviasse para o outro, datiloscritos, de seus contos, romances e crônicas.

Tenho em mente o momento em que Clarice pede para Fernando que este leia e comente o livro *A maçã no escuro* (1961), conhecido inicialmente como *A veia no pulso*. Ao fazer esse pedido, Lispector dá início a uma situação que, em pouco tempo, se transforma em contenda. Em seu livro *O tabuleiro de damas* (1988), Fernando recorda o episódio mencionando que:

Nos originais que ela me enviou de Washington, onde passou a morar, do romance *A maçã no escuro*, título que sugeri – ia se chamar *A veia no pulso* –, fiz 304 sugestões. Ela aceitou praticamente todas. Acabei sendo eu próprio seu editor, com Rubem Braga, na Editora do autor e na Editora Sabiá.<sup>77</sup>

Atendendo ao pedido da amiga, Fernando lê o datiloscrito e fez os apontamentos que julgou necessários, em um total de 304 sugestões e comentários, e, entre uma delas, vale destacar o título que de *A veia no pulso* (1961) transformou-se em *A maçã no escuro*. A sugestão fora feita, pois Fernando achara o título: “[...] pouco eufônico. Soou mal a todo mundo que falei, por causa de “aveia”. Qualquer dos títulos das três partes, para o meu gosto pessoal, é melhor [...] Com um pouco de esforço se encontraria no próprio livro título [...] que o exprimisse”<sup>78</sup>.

Após certo tempo, Clarice aceita as correções do amigo e manda o manuscrito de volta para que Sabino enviasse para Ênio da Silveira, representante da editora Civilização Brasileira. Entretanto, Sabino constata que a amiga adotou praticamente

---

<sup>77</sup> SABINO. *O tabuleiro de damas*, p. 127 – 128.

<sup>78</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 142.

todas as sugestões feitas. Em carta de janeiro de 1957, o escritor comenta que está consternado: “Ps: Fiquei constrangido de você ter aceito todas as minhas sugestões, ao pé da letra, sem maior discussão. Fiz as correções, mas, francamente não precisava de tamanha violência”<sup>79</sup>.

Ao que Clarice responde se defendendo ao mesmo tempo em que explica ao amigo que de fato ocorreu um diálogo, mas um diálogo interno cujo resultado foi a constatação de que os apontamentos feitos por Fernando eram justos e coerentes:

Sobre o seu P.S., a respeito de eu ter aceito todas as suas sugestões ao pé da letra, sem maior discussão. Tive, sim, discussão interna, e via quase sempre o seu ponto de vista, e também concordava. O que eu não sabia era separar em mim o que era julgamento ou avaliação, do que era teimosia minha. Não sei se no decorrer do nosso conhecimento mutuo você notou [...] quanto sou teimoso. Minha atitude mais frequente é a de resistir, mesmo irracionalmente. Tendo chegado à conclusão de que suas anotações eram certas, consegui vencer minha teimosia e aceitei-as. O que mais demorei a aceitar foi cortar o que você chamou de “prefácio” – mas acho que você teve razão. Eu tinha um certo apego a ele, por questões líricas. Mas acho melhor o modo como ficou, transpondo as frases mais indispensáveis do “prefácio” para outros lugares.<sup>80</sup>

É dessa disposição em se deixar questionar, em discordar do amigo, que se constitui a amizade de Fernando e Clarice e que a amizade fraternal, enquanto a procura de si no outro, em busca somente das semelhanças, não se sustenta teoricamente, posto que implica em uma ação de hospitalidade, mas o outro devendo obedecer e se adequar às leis do dono da casa, em outras palavras, às leis do amigo-hóspede.

Nesse sentido, não haveria espaço para as diferenças, aquelas ressaltadas por Ortega, o amigo seria então o eu em um outro, nessa dada concepção da amizade e de hospitalidade o ponto de partida é a familiaridade, o que me é conhecido e compõe a esfera cíclica de minha vida. Mas a partir do momento em que o outro adentra, o outro aqui compreendido em sua diferença, tal situação é alterada.

---

<sup>79</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 181.

<sup>80</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 185.

O crítico Evando Nascimento, ao entrevistar Jacques Derrida, em “A solidariedade dos seres vivos – Entrevista com Jacques Derrida” (2001) para a Folha de São Paulo, discorre inicialmente sobre alguns dos temas que o filósofo franco-argelino vinha se debruçando, dentre eles, os já mencionados, amizade e hospitalidade.

Na proposta de Derrida, ressalta Nascimento, a hospitalidade deveria se pautar pelo conhecimento proporcionado pelo contato com o que é heterogêneo, assim como pela aceitação do outro em sua diferença; da mesma forma, ao pensar *a partir da* amizade Fernando e Clarice, cresço mais criticamente se considero, não o modelo familiar que privilegia a igualdade em detrimento das divergências, por sua vez, relegando-as ao lugar marginal, mas considerando e reconhecendo as opiniões outras que a “boa” amizade acarreta. De acordo com Nascimento:

Na amizade e na hospitalidade incondicionais está implicada a acolhida do outro enquanto outro. Se no Ocidente se concebeu que a lei da hospitalidade determina a submissão do estrangeiro às leis da casa, para Derrida, a hospitalidade incondicional deveria se pautar não só pela aceitação da diferença (social, cultural, moral) do outro, mas sobretudo pelo aprendizado que o contato com o desconhecido proporciona.<sup>81</sup>

O que marca esse processo de transição entre a amizade fraternal para a amizade, do que posso designar metaforicamente como embate, é o que Walter Mignolo vai nomear como o processo de *aprender a desaprender*<sup>82</sup>. Em outras palavras, o sujeito crítico biográfico pós-ocidental pensa a amizade não como o eco do que já foi dito (amizade fraternal), mas a descategoriza quando a desloca de sua *doxa*, para que assim emergja uma forma outra de amizade, entendida, na diferença, como a relação em que inimigo e amigo assinalam sua presença na mesma pessoa.

---

<sup>81</sup> NASCIMENTO. A solidariedade dos seres vivos: entrevista com Jacques Derrida, p. 01.

<sup>82</sup> Tal conceito aparecerá novamente na terceira carta “Amigos herdeiros, fidelidade na infidelidade: herança e desobediência na amizade”.

Nesse seguimento teórico, a amizade adquire novas formas, e transgride o estabelecimento de fronteiras como a relação com o outro originada pelo modelo fraternal, para a alteridade exterior que pensa o sujeito e sua diferença.

Meus queridos amigos, por hora me despeço,

A carta é grande, mas o tempo é curto,

Até mais,



1ª continuação da carta I - O(s) eu(s) e o(s) outro(s): a experiência da alteridade

Campo Grande – MS, 05 de março de 2015

Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.

LISPECTOR. *Crônicas para jovens*, p. 141.

Para que possa prosseguir a carta anterior, meus caros amigos, início evocando um episódio ocorrido a pouco. Estava lendo um livro da minha biblioteca, o *Crônicas para jovens: de amor e amizade*<sup>83</sup> (2010), que reúne crônicas escritas por você, Clarice, ao longo de sua carreira sob as temáticas amor e amizade. Passando os olhos pelas páginas me deparo com uma crônica muito interessante, cujo nome, “Saudade”, já é por si só um convite ao pensar. A tal ponto me impressionou o texto que transcrevi-o acima.

---

<sup>83</sup> As crônicas que compõem o referido livro foram selecionadas pelo historiador, jornalista e professor Pedro Karp Vasquez no ano de 2010, com o intuito de apresentar a escritora brasileira para o público mais jovem. Vasquez também organizou outros livros com textos de Lispector, tais como: *Crônicas para jovens: de escrita e vida* (2010), *Crônicas para jovens: do rio de janeiro e seus personagens*, *Crônicas para jovens: de bichos e pessoas*.

O texto explicita a relação da alteridade com a amizade a partir de um processo metaforizado que a autora denomina de incorporação do outro, sendo que tal incorporação denota o sentido de abarcar o outro com a finalidade de suprimir a saudade.

Nesse sentido, tal processo contempla a necessidade que o amigo tem do outro, sendo este a parte necessária para a travessia cuja finalidade reside no encontro de si mesmo. Você, Sabino, assim como Clarice, também se atenta para a questão da alteridade, principalmente quando reconhece e admite para a amiga que sente inveja dela, pois Clarice, de acordo com o escritor mineiro, apresenta qualidades que ele, como escritor, gostaria de ter. Em carta de 06 de julho de 1946, quando residia em Nova York, o escritor confessa que: “Te respeito, admiro e invejo. Frágil, frágil feito uma coisa. Invejo tanto como um sujeito que vi na Broadway”<sup>84</sup>.

Vejo que essa questão, tão relevante, a alteridade, além de aparecer nas cartas, aparece, igualmente, no livro *O encontro marcado* (1956), onde a epígrafe reproduzida por Sabino é o trecho de uma carta escrita e endereçada para ele por um amigo em comum com Clarice, o escritor mineiro Hélio Pellegrino. De acordo com a carta:

Acontece, entretanto, que nascemos para o encontro com o outro, e não o seu domínio. Encontrá-lo é perde-lo, é contempla-lo na sua libérrima existência, é respeitá-lo e amá-lo na sua total e gratuita inutilidade. O começo da sabedoria consiste em perceber que temos e teremos as mãos vazias, na medida em que tenhamos ganho ou pretendemos ganhar o mundo. Neste momento, a solidão nos atravessa como um dardo.<sup>85</sup>

O que tem em comum o trecho da crônica “Saudade” e a carta de seu amigo Hélio, que Fernando reproduz como epígrafe de seu livro? Elas têm em comum o fato de que ressaltam a procura do amigo em se completar a partir do outro, mas a procura empreendida já está, desde seu início, fadada a um não-fim, ao (des)encontro.

---

<sup>84</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 26.

<sup>85</sup> PELLEGRINO *apud* SABINO. *O encontro marcado*, p. 07.

Ambos os trechos frisam a relevância, para a amizade, em se considerar, isto é, reconhecer, a alteridade exterior, pois, conforme Luciana Grupelli Loponte no artigo “Amizade em Foucault: ética, estética e educação”, no livro *Ó meus amigos, não há amigos* (2010): “A relação com o outro está baseada na invenção [...] de si mesmo. Ao me olhar no outro, ao me reconhecer na diferença do outro, me transformo [...] e esse é um movimento constante que uma rede de amizades não cessa de efetuar”<sup>86</sup>.

Para Fernando e Clarice, a amizade proporcionou o espaço de reinvenção de si a partir do outro, na esteira da fala de Loponte, os amigos buscam a completude quando do momento em que reconhecem no outro a diferença, aquilo que gostariam de ter e almejam para si.

Em carta de 27 de julho de 1947, Fernando comenta com a amiga a leitura que realizou de uma carta que Clarice escreveu sobre o escritor tcheco Franz Kafka. No comentário, Sabino demonstra sua admiração e o reconhecimento de que Clarice expressou ideias que ele, julgando a si mesmo, não conseguiria demonstrar: “Não se preocupe com a carta sobre o Kafka escrita ao Araújo: li-a, e achei excelente, como inteligência, o que você diz, que é exatamente o que eu nunca tinha pensado e se pensasse não acharia jeito de me exprimir”<sup>87</sup>.

Sobre o assunto, a relação de alteridade exterior na amizade, Oswaldo Giacóia Junior, no prefácio para o livro *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche* (2011), considera que: “[...] se é verdade que, enquanto homens do conhecimento, somos de nós mesmos desconhecidos, então como é que podemos nos encontrar face a face conosco mesmos, senão por intermédio da alteridade?”<sup>88</sup>, as duas falas, a de Giacóia Júnior e a de Loponte, se assemelham ao ressaltar a

---

<sup>86</sup> LOPONTE. Amizade em Foucault, p. 113.

<sup>87</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 84.

<sup>88</sup> JÚNIOR. Prefácio de *Para uma ética na amizade de Friedrich Nietzsche*, p.13.

importância da alteridade para se pensar a forma de se relacionar com o outro e consigo mesmo, daí pensar que: “[...] o verdadeiro de si nunca é integral e acabado, mas em transito permanente pela escada das autossuperações que o bom amigo consegue ser para nós”.<sup>89</sup>

No caso da carta de Pellegrino para Fernando, salta aos olhos do leitor que a busca pela completude do sujeito existe, como também existe a consciência de que se trata de um empreendimento sem fim. As visões acerca da alteridade, Clarice falando a partir da saudade e Pellegrino se dirigindo ao amigo, se complementam a medida que ambas as falas, seja nas entrelinhas ou de forma mais explícita, propõem que a saudade, no caso de Clarice, e a solidão, no caso da carta de Hélio, resultam do desejo de que o outro se faça, de alguma forma, presente em sua ausência.

O desejo de o sujeito se completar na amizade pressupõe, de modo bastante razoável e lógico, que o amigo tenha a consciência de que algo lhe falta, seja uma qualidade que deseja ou alguma outra espécie de característica que almeje e que o outro, o amigo, tenha. Essa, que vou denominar como característica faltante, marca a distância e a diferença entre os amigos, diferença esta que, como mostrei na carta anterior, a amizade fraternal procura camuflar e esconder, visto que o que a embasa, a proximidade, quando em demasia: “[...] oculta as diferenças, não possibilita a pluralidade nos relacionamentos”<sup>90</sup>.

Portanto, a aproximação, quando demasiada, anula a possibilidade de invenção de si mesmo através do outro e de suas diferenças, visto que o modelo fraternal está assentado no conceito moderno do ser, que assim é definido por Walter

---

<sup>89</sup> JÚNIOR. Prefácio de *Para uma ética na amizade de Friedrich Nietzsche*, p.15.

<sup>90</sup> LOPONTE. *Amizade em Foucault*, p. 105.

Mignolo: “O conceito moderno do ser é secular e, portanto, construído sobre uma negação do outro, que é identificada com o Deus da totalidade cristã”<sup>91</sup>.

A amizade fraternal, visando negar o outro e suas diferenças, que levam ao questionamento e ao desafio da identidade que até então era dada como certa e fechada, entra em conflito quando da criação de uma forma de se relacionar com o outro (amizade) que se dispõe a articular e pensar em um mesmo círculo figuras tidas como contrárias: o amigo e o inimigo, uma vez que, para Derrida: “O que aqui se diz do inimigo não pode ser indiferente ao que se diz do amigo, uma vez que estes dois conceitos se co-determinam”<sup>92</sup>, ao passo que também se complementam, conforme assinala Friedrich Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* (1986):

Se queremos ter um amigo, devemos querer, também, guerrear por ele; e, para guerrear, é preciso *poder* ser inimigo. No amigo, deve-se, ter o melhor inimigo. Deves estar com o coração mais perto dele do que nunca, quando a ele te opões<sup>93</sup>.

Para o filósofo alemão, o que aproxima os amigos não é o fato de que eles concordam respectivamente um com o outro, continuamente, mas sim quando divergem entre si estabelecendo a distância solicitada pela “boa” amizade. O *inimigoamigo* é então aquele responsável por instituir a assimetria, o desafio na relação com o amigo, isto é, o estranho, a diferença. Está por trás da figura *inimigoamigo* mostrar que: “[...] como em tudo o que nos parece natural, familiar, se esconde, ao mesmo tempo, o sinistro, o estranho, o lúgubre”<sup>94</sup>, trata-se, portanto, de pensar a amizade (amigo e inimigo) como o estranho familiar, o *unheimlich* de que fala Sigmund Freud em seu ensaio, de 1919, “O estranho” (Das Unheimlich).

Este conceito freudiano acarreta, também, além da alteridade exterior do *inimigoamigo*, uma outra forma de alteridade que é de relevância para pensar a

---

<sup>91</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 245.

<sup>92</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 130.

<sup>93</sup> NIETZSCHE. *Assim falou Zaratustra*, p. 72.

<sup>94</sup> ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 51.

condição da amizade de Fernando e Clarice, assim como a minha amizade com os escritores, falo da relação com o outro, isto é, com o amigo na morte, relação que se constrói no luto interminável e na perda da presença física. Para Evando Nascimento a alteridade, a amizade e o luto se relacionam intrinsecamente de modo que: “O luto que me estrutura antes mesmo do desaparecimento do outro, por assim dizer, ainda em sua presença viva. O luto que não acaba nunca, precisamente porque o outro está perdido *para sempre* [...]”<sup>95</sup>, o outro que o luto mostra estar, em sentido literal, ausente, mas igualmente presente nessa ausência, ainda que o responsável por essa evocação da presença do amigo morto seja o sobrevivente da amizade.

Amigos, mais uma vez o tempo está contra nós,

Com urgência, e certo embaraço, me despeço de modo abrupto

Mais tarde continuamos nossa conversa,

Com saudades,



2ª Continuação da carta I - Perto do coração jaz uma amizade: a retórica do epitáfio dos amigos-espectros

Campo Grande – MS, 15 de maio de 2015

O discurso do epitáfio representa a possibilidade de uma amizade para além da morte. Amar o amigo supõe o compromisso de amá-lo além da vida ou da morte.

ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 69.

Nenhum grande discurso sobre a amizade, tal é aqui a nossa hipótese, terá alguma vez escapado à grande retórica do *epitáphios*, e, portanto, a alguma celebração transida de espectralidade, ao mesmo tempo fervente e já tocada pela frieza cadavérica ou petrificada da sua inscrição, do devir-*epitáfio* da oração.

DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 105.

---

<sup>95</sup> NASCIMENTO. O estrangeiro, a literatura – a soberania, p. 41.

Ó meus amigos, não há amigos!,

Serão todas essas cartas, de certa forma, um único epitáfio? Se, de fato, formos nos atentar para o sentido da palavra, sim, as cartas acabam compondo o epitáfio, isto é, a minha homenagem para os amigos, visto que se endereçam aos mortos (mas também aos vivos, faço essa ressalva, pois de último momento me lembro dos leitores).

A ideia de que esta carta aborde a questão da morte (do morto) e da amizade é fruto da afirmação com a qual tentei terminar a carta, refiro-me a assertiva de Evando Nascimento. Se fosse me deter mais no assunto a carta anterior tomaria proporções demasiadamente grandes e foi, pois, visando a praticidade que decidi remete-la e somente após o fato é que enviarei sua continuação.

Um fato que se torna, pelo menos curioso, principalmente quando considerada uma das epígrafes acima, que foi emprestado do filósofo Francisco Ortega em *Para uma política da amizade* (2000), é que está implícito em uma relação de amizade que um dos amigos irá sobreviver ao outro, isto é, verá o outro morrer.

Da mesma forma que não desvinculo a morte da vida, trato: “A morte, quanto metáfora da vida. O Mistério visitado”<sup>96</sup>, não separo o prazer da dor, o amigo e o inimigo (eles bem podem coabitar em uma mesma pessoa), não penso separadamente a amizade da morte e vice-versa, não quero dizer que são a mesma coisa, mas, sim que, participam conjuntamente daquilo que se chama ciclo da vida.

O que acontece em relação a morte é que ao fazer com que o sujeito se depare com o seu fim, obriga-o a revisitar sua trajetória e a constatar que não mais existirá um caminho para *além da* vida física que se extingue. Derrida em *Políticas da amizade*

---

<sup>96</sup> GOLDBERG. Apresentação de *História da morte no ocidente*, p. 13.

já explicitava esse compromisso assumido, bem como a relação morte e vida, pelos amigos em amar o outro tanto na vida quanto na morte:

Não poderei amar por amizade sem me comprometer, sem antecipadamente me sentir comprometido a amar o outro para além da morte. Logo, para além da vida. Sinto-me, e de antemão, antes de todo e qualquer contrato, levado [porte] a amar o outro morto. Sinto-me assim (levado a) [(porte à)] amar, é assim que me sinto (amar)<sup>97</sup>.

A condição de amar o amigo na morte, como indica a fala de Jacques Derrida, é intrínseco a constatação de Francisco Ortega, quando o filósofo espanhol explica que o amigo se vale do recurso da retórica do epitáfio, entendido como o discurso do luto, para poder ainda manter a amizade. A partir do momento em que o amigo-sobrevivente se vale da retórica do luto na amizade, o compromisso e o diálogo com o outro é reafirmado. Em 2001, decorridos, portanto, vinte e quatro anos da morte de Clarice, você, Fernando, reúne as cartas que iniciam em 21 abril de 1946 e perduram até 29 de janeiro de 1969 e publica-as em forma de livro-homenagem.

O seu ato, Fernando, de publicar cartas trocadas na intimidade com a escritora, aponta para o gesto de homenagem póstuma à amiga falecida, um necrológio<sup>98</sup>, tal ação é a consequência de sua sobrevivência na amizade. *Cartas perto do coração* assume, por conseguinte, os mesmos contornos que os monumentos feitos em homenagem às vítimas fatais de guerras e combates, ao passo que: “Os monumentos aos mortos em combate teriam a função de representar e evocar sua sobrevivência na memória dos vivos”<sup>99</sup>, sendo assim, a homenagem para com o morto visa reavivar na memória do sobrevivente a lembrança daquele que partiu, de modo que o morto não seja esquecido.

Além da sobrevivência, em seu encaixo, a homenagem proporciona a sobrevivida para os espectros e está sobrevivida é tratada por Fernando como a

---

<sup>97</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 26.

<sup>98</sup> A palavra necrológio designa o elogio falado ou escrito sobre uma pessoa já falecida.

<sup>99</sup> ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 74.

concretização do anseio de que o espectro da amiga se transporte para o entre *além* e *aquém*, se presentificando na sua bio-ausência<sup>100</sup>. Sobre o assunto, Derrida, na esteira do filósofo Cícero, atenta que dentre as vantagens da amizade está a esperança de um porvir da transcendência, um desejo de transcender que é da parte de Sabino como amigo de Lispector, e da minha parte como amiga dos dois escritores:

A amizade traz imensas vantagens, nota Cícero, mas nenhuma delas é comparável a esta esperança sem igual, a este êxtase em direção a um porvir que ultrapassará a morte. Por causa da morte, e desta passagem única para além da vida, a amizade dá-nos assim uma esperança que nada tem de comum, exceptuando o nome, com qualquer outra esperança.<sup>101</sup>

A amizade, com o cuidado de não resvalar no sentimentalismo, não finda com a morte de um dos amigos, dado que reproduz a retórica do epitáfio e, conseqüentemente, estabelece um vínculo com o outro, sendo a homenagem uma forma possível. Por conseguinte, seu gesto, Sabino, de publicar o livro de cartas incorre na relação com o epitáfio, o que induz a possibilidade de uma amizade para além do princípio da morte, onde é possível o diálogo entre o amigo vivo e o outro.

Faço menção à epígrafe de Ortega, amar o amigo supõe o compromisso de amá-lo além da vida, da morte e das despedidas. O gesto de despedida quando do momento da morte possui amplos significados para Derrida, dentre os que são mencionados no livro *Adeus a Emmanuel Levinas* (2004), chamo a atenção para o que o filósofo franco-argelino denomina “A-deus” (“*A-dieu*”) ao discorrer sobre seu amigo, e também filósofo, Emmanuel Levinas, e que vai na contramão da morte-fim, para Derrida:

Essa questão-oração que me levava a ele já participava talvez dessa experiência do a-Deus pela qual comecei há pouco. A saudação de a-Deus não significa o fim. “O a-Deus não é uma finalidade”, diz ele ao recusar essa “alternativa do ser e do nada” que “não é a última”. O a-Deus saúda o outro para além do ser, naquilo “que significa, para além do ser, a palavra glória”.<sup>102</sup>

---

<sup>100</sup> O termo bio-ausência diz respeito a concepção da não presença de um corpo biológico, isto é, a ausência literal de vida que atesta a morte física.

<sup>101</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 17 – 18.

<sup>102</sup> DERRIDA. *Adeus a Emmanuel Levinas*, p. 30.

A conversa estabelecida entre Fernando e Clarice, e dos escritores comigo, sob a perspectiva do epitáfio e do a-Deus, é de natureza espectralizante, ou seja, é um contato que se inicia com o adeus, compreendido como a despedida do corpo físico, ao mesmo tempo em que é continuado através da homenagem, da lembrança e da interação com o outro.

Acredito que a melhor forma de pensar as circunstâncias desse diálogo seja refletindo acerca do espectro clariciano em sua condição de presente na ausência, fugaz, ou seja, o espectro clariciano: “[...] transita entre o mundo dos vivos e o dos mortos, o presente e o ausente”<sup>103</sup>, entre o que está e o que não está. Não sendo nem corpo, nem alma, por isso mesmo sendo os dois, *nem um e outro*, mas sim *um e outro*. Jacques Derrida, em *Espectros de Marx* (1994), entende que o espectro é:

[...] uma incorporação paradoxal, o devir-corpo, uma certa forma fenomenal e carnal do espírito. Ele torna-se, de preferência, alguma “coisa” difícil de ser nomeada: nem alma nem corpo, e uma e outra. Pois a carne e a fenomenalidade, eis o que confere ao espírito sua aparição espectral, mas desaparece apenas na aparição, na vinda mesma da aparição ou no retorno do espectro. Há desaparecido na aparição como reaparição do desaparecido.<sup>104</sup>

A esta tal amizade que leva o amigo a homenagear e, conseqüentemente, dialogar com o morto, com o espectro, delega ao amigo-sobrevivente, Fernando, o compromisso, subentendido no pacto da amizade, de manter a memória, e proporcionar a sobrevivida, daquela, Clarice Lispector, cuja existência física findou.

Nesse entender, Sabino se comprometeu a manter viva a memória da Lispector, mas assim como ocorre, por uma via, o diálogo do presente com o ausente, o último igualmente fala, mas de uma maneira mais velada, ou melhor é dizer que a palavra-resposta é ao espectro instituído. Para tanto, evoco as palavras que são de Jacques Derrida, que novamente se faz presente: “Vivo no presente falando de mim

<sup>103</sup> DERRIDA. A solidariedade dos seres vivos, p.07.

<sup>104</sup> DERRIDA. *Espectros de Marx*, p. 21.

pela boca de meus amigos, e já os ouço falar à beira da minha sepultura”<sup>105</sup>, as palavras de Derrida, que poderiam ser ditas também por Clarice Lispector, tocam fundo na questão da consciência profunda da morte de si e do outro-amigo. Sobre a consciência da morte, Clarice, de forma muito similar a fala de Derrida, explica, em sua última entrevista, ao responder ao jornalista Julio Lerner sobre o período em que não está escrevendo, que: “Por enquanto estou morta, estou falando de meu túmulo”<sup>106</sup>.

O amigo que, parafraseando a fala de Derrida, fala a beira da sepultura de Lispector, Fernando Sabino, durante boa parte de sua vida, foi aquele que sobreviveu aos amigos e coube a ele recordar Clarice, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos. Ressalto que se chamo uma atenção especial para o escritor não é por boicotar Clarice e sim porque foi Sabino, conforme já mencionei, que viveu além dos amigos e que, inclusive, publicou as cartas, por conseguinte, realizou diversos discursos fúnebres, papel sempre desempenhado por ele, mas é a consequência dos que continuam vivos, é este o fardo dos sobreviventes da amizade.

Fardo dotado de insustentável leveza para o amigo sobrevivente, pois este herda a morte do outro na relação de alteridade que se conduz para além dos limites. Então, o amigo: “[...] *trans-porta* a minha própria morte, do amigo, e é herdada pelo amigo que guarda o objeto *como o último sobrevivente* da amizade daquele amigo”<sup>107</sup>. Os amigos são também herdeiros, não somente de obras, leituras e críticas, mas igualmente do *bios*, da vida do amigo e de sua morte. Carregam em seus peitos e em suas vidas o fato de que convivem com duas mortes, a de si e a do outro.

---

<sup>105</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 19.

<sup>106</sup> LISPECTOR. “Panorama com Clarice Lispector”. [1 de fevereiro de 1977]. Rio de Janeiro: TV Cultura. Entrevista concedida a Júlio Lerner.

<sup>107</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Clarice Lispector pintora*, p. 193.

Clarice também carregou esse fardo dotado de insustentável leveza<sup>108</sup> e levou consigo a morte de outros amigos. Tenho em mente duas crônicas da escritora que abordam a questão. A primeira crônica é intitulada “Lúcio Cardoso” e a outra é “As dores da sobrevivência: Sérgio Porto”, ambas escritas para expressar a dor, o luto ante a perda irreparável do outro e a culpa pela sobrevivência, pois esta é também uma árdua tarefa a ser constantemente desempenhada e vivenciada, as duas crônicas expressam muito bem a capacidade de Clarice de ser afetada pelo que acontece aos amigos. Diante da morte dos amigos, em especial a do escritor Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) Lispector brada:

Não, não quero mais gostar de ninguém porque dói. Não suporto mais nenhuma morte de ninguém que me é caro. Meu mundo é feito de pessoas que são as minhas – e eu não posso perdê-las sem me perder [...] Perdoe eu ter sobrevivido.<sup>109</sup>

Sabino, assim como Clarice, herda tal saudade dos amigos, ao ponto de que na sua sucinta biografia, intitulada *Fernando Sabino: reencontro* (2000), seu biógrafo Arnaldo Bloch expõe para o leitor, a fim de que o mesmo tenha uma mais ampla noção das relações de amizade do escritor, a emocionada relação que Fernando tinha com os amigos mortos:

[...] Fernando vem alimentando a fantasia de encontrar-se, nas madrugadas mais quietas, com os fantasmas de Otto, Hélio e Paulo. Na entrevista a Roberto D’ávila em 1995, que marcou o início de seu voto de silêncio, o escritor disse coisa parecida, entre zombeteiro e emocionado: Hélio Pellegrino vivia a assobiar atrás da sua porta e, à medida que avançava a noite e o abandono, Otto e Paulo chegavam para complementar o quarteto e espantar as trevas.<sup>110</sup>

A sua relação, Fernando, com os amigos mineiros reforça a ideia de que constantemente marcava encontros com os amigos espectros<sup>111</sup>, Clarice dentre eles.

---

<sup>108</sup> A ideia de insustentável leveza provém do livro do escritor tcheco Milan Kundera: *A insustentável leveza do ser* (1983). Ao longo do trabalho retomo a metáfora de autoria do escritor.

<sup>109</sup> LISPECTOR. *Crônicas para jovens*, p. 93 – 94.

<sup>110</sup> BLOCH. *Fernando Sabino*, p. 36 – 37.

<sup>111</sup> Retomarei a questão que se refere ao espectro na terceira carta “Amigos herdeiros, fidelidade na infidelidade: herança e desobediência na amizade”. Somado a ideia de (des)encontro, o encontro com os amigos-espectros reforça a ideia de fugacidade, de presença-na-ausência e de destinerrância.

A fim de continuar o diálogo que em vida foi profícuo, Fernando publica o livro, também como uma forma de se encontrar com Clarice e manter uma conversa com ela, mas *Cartas perto do coração* igualmente acarreta para si o (des)encontro com um eu atravessado por experiências outras do passado, nesse sentido, existe uma reunião triádica, Clarice, Fernando e o Fernando de outrora, o missivista, o remetente.

A fugacidade gerada por tal encontro, que é constantemente renovado e nunca concluído, se origina do fato de que a amiga, Clarice, já está morta, portanto trata-se de um encontro espectral, fugaz. O qual se desenvolve tal como uma travessia cujo objetivo reside no encontro e na descoberta de si, por tal motivo é que no parágrafo anterior utilizei o parênteses na palavra (des)encontro, para atentar ao duplo sentido que o jogo semântico me permite realizar.

Com o seu falecimento, Fernando, em 2004, em decorrência de um câncer no fígado, o diálogo entre amigos “aparentemente” cessa. Diante disso, seria o caso de me questionar, como o faz Derrida quando se despede do amigo Emmanuel Levinas: “A quem nos dirigimos num momento como este? E em nome de quem nos autorizaríamos a fazê-lo?”<sup>112</sup>. O “aparente” cessar do diálogo entre amigos não se comprova efetivo, portanto, a amizade dos dois continua, mas de forma diferente, digo que a amizade de Fernando e Clarice continua, pois como amiga-arconte, proporciono a sobrevivência para os escritores ao me inserir como amiga.

A morte de Fernando e Clarice não arrastou consigo a existência do diálogo, a despeito dos corpos dos dois escritores padecerem diante da inevitável ação corrosiva do tempo e da doença. Instituo a prática ativa de uma conversa aberta, ao me valer da morte como matéria do *bios* e traço que acentua, ao invés de encerrar, a relação

---

<sup>112</sup> DERRIDA. *Adeus a Emmanuel Levinas*, p. 16.

de uma amizade construída entre Fernando, Clarice e o sujeito crítico que articula a partir da condição de ser-vivente.

Tal interlocução exige para si que a amiga vivente, a parte mais ativa, posto que viva, da relação triádica, saiba articular e manejar os “fios da vida” não somente de Fernando e Clarice, mas os seus próprios para tecer em torno de si uma prática da amizade que não se restrinja a soletrar ao pé da letra a amizade familiar-fraternal.

Nesse sentido, meu trabalho assemelha-se ao do personagem historiador mencionado por Roland Barthes em *Michelet* (1991) quando este propõe que: “O historiador [...] tece junto os fios de todas as vidas [...]”<sup>113</sup>. Tecer os fios das vidas, da minha com as suas, Fernando e Clarice, requer que me aproxime da morte, a dos escritores, para que possa estabelecer o diálogo com os amigos, em outras palavras, enamoro-me da morte e da amizade a fim de que possa, da melhor forma possível, articulá-las conjuntamente e não as separando, pois, conforme indagação de Friedrich Nietzsche em seu livro *Ecce homo* (2008): “Como separar vida e obra, doença e saúde? Apropriando-se da doença, ele a torna sua saúde”<sup>114</sup>. Reconhecer a morte, minha e a do amigo não é sinônimo de salvação, como também não o é reconhecer a morte de Fernando e Clarice, mas, ao tomá-la como aquilo a que todos estão sujeitos, escolho melhor conhecer tal condição e, além do mais, escolho “conversar” de forma mais aprofundada com os escritores.

A fala do filósofo alemão me serve para pensar minha atividade crítica, pois ao me valer da vida e morte de Fernando e Clarice para falar de mim através dos outros, atesto, conseqüentemente a fala de Eneida Maria de Souza mencionada na introdução deste capítulo quando a crítica explica que *a atividade crítica é uma forma*

---

<sup>113</sup> BARTHES. *Michelet*, p. 75.

<sup>114</sup> NIETZSCHE. *Ecce homo*, p. 125

*moderna de autobiografia ao considerar que o sujeito (ins)creve sua vida ao pensar que está narrando as leituras por ele realizadas (SOUZA, 2007).*

Mais uma vez, a figura do historiador citado por Roland Barthes se faz necessário quando discorre acerca da relação do historiador, e acrescento crítico biográfico pós-ocidental, com a morte:

O historiador, magistrado fúnebre, deve, pois, se aproximar o mais perto possível da morte. Deve viver a morte, o que significa que deve amá-la; somente a esse preço, tendo entrado numa espécie de comunhão primitiva com os mortos, é que poderá trocar com eles os signos da vida.<sup>115</sup>

A morte como metáfora que simboliza a distância física entre amigos não encontra mais respaldo, pois é a morte que proporciona aos amigos o apagamento das distâncias que antes se supunham intransponíveis. Francisco Ortega (2009) corrobora o que proponho, uma vez que o filósofo realiza uma subversão na relação da morte com o afastamento, tal como a que penso:

Paradoxalmente, a morte do amigo não supõe um distanciamento que substituiria a proximidade e intimidade da relação de amizade, mas sua superação, a distância entre o eu e o outro é ultrapassada, suprimida e transformada numa presença plena.<sup>116</sup>

Dessa forma, Fernando está próximo de Clarice, assim como o espectro de Clarice está próximo de Fernando. Mas, em vida, eles já dialogavam sobre o assunto de modo a externalizar a perturbação suscitada pelo assunto. Apesar de tal questão não ser abundante nas cartas que trocavam, a temática emerge na entrevista que Clarice fez com Fernando para a série “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”, para a revista *Manchete* no ano de 1968. Clarice pergunta ao amigo de que forma ele lida com o “problema da morte”:

- Como é que você encara o problema da morte?  
 - Deixar este mundo não me faz mais alegre, porque a vida é boa. Mas a morte é o eterno repouso. E eu tenho muita vontade de repousar eternamente. E muita curiosidade. Espero que não doa muito. Gostaria de morrer em nome de alguma coisa. Morrer deliberadamente, e não como alguém que depois do jantar espera que o garçom lhe traga a conta e fica

<sup>115</sup> BARTHES. *Michelet*, p. 75.

<sup>116</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 96.

pensando na gorjeta. Fazer da minha morte a justificação da minha vida. Mas não creio que mereça tanto.<sup>117</sup>

Chamo a atenção para a forma por meio da qual a pergunta foi feita, destaco as palavras “o problema da morte”. Elas explicitam, bem como a resposta que Fernando elaborou, perspectivas divergentes sobre o assunto. Enquanto Clarice utiliza o vocábulo “problema” atribuindo um sentido carregado de um certo peso, Fernando demonstra, ao que tudo indica, uma perspectiva sobre a morte que destoa do medo extremo que geralmente a ronda.

Recordo que o epitáfio escolhido pelo autor corrobora a afirmação: “Aqui jaz Fernando Sabino, nasceu homem morreu menino”, por si só, o epitáfio bem-humorado de Fernando demonstra que o escritor mineiro era imbuído de certa maturidade na infância, mas nutria, já no fim da vida, o que se denomina de espírito juvenil. Na entrevista, os amigos dialogam sobre o assunto que em um futuro não tão longínquo os atingiriam de uma forma mais direta, seus respectivos pontos de vista complementam-se.

Acredito que ao perguntar para o amigo como ele lida com a problemática da morte, Clarice parece querer escutar Sabino no intuito de melhor pensar e resolver a sua relação com a morte, aqui chamo a atenção para um curioso fato acerca da escritora, por uma vogal, apenas, o sobrenome Lispector é um quase anagrama do termo “espectro”, por isso podemos falar em Clarices espectros, visto que a discussão anagramática aliada ao âmbito espectral delega ao texto crítico a responsabilidade em lidar com as várias Clarices e Fernandos.

Acontece que a falta de mais uma vogal “e” delega o espectro clariciano as entrelinhas, reafirmando a relação da escritora com a questão da morte. Edgar Cézár Nolasco na apresentação do livro *Espectros de Clarice: uma homenagem* (2007),

---

<sup>117</sup> LISPECTOR; SABINO. Diálogos possíveis com Clarice Lispector, p. 202.

denominada “Clarice espectros”, já atentava para a semelhança de Lispector com espectro, de acordo com o crítico: “[...] e, se tratando de Clarice Lispector ela desvela, desde o nome, a herança anagramática de espectros (Lispector)”<sup>118</sup>.

Assim, cabe ressaltar que a amizade de Fernando e Clarice me permite deliberar que a pergunta feita pela escritora, “como lidar”, mesmo que respondida naquele momento por Sabino, continuou sendo uma incógnita, visto que o questionamento de Clarice acaba sendo o que também faço, na medida que ao exercer a crítica biográfica pós-ocidental e me inserir nessa amizade necessito refletir acerca da morte, contudo, como ser vivente ainda não possuo resposta para tal pergunta.

As considerações feitas, sejam de natureza filosófica ou de outra origem, sobre a relação da morte com a amizade, nos apontamentos de Derrida no já citado *Políticas da amizade* (2003) e no livro *Adeus a Emmanuel Levinas* (2008), partem do *leitmotiv* atribuído a Aristóteles, a assertiva aparentemente contraditória: “Ó meus amigos, não há amigos”, a qual explana que, segundo Jacques Derrida, “A apóstrofe [...] aponta para a morte dos amigos [...]”<sup>119</sup>.

Na esteira do filósofo, Suzana Albornoz, no artigo “Políticas da amizade de Jacques Derrida”, apresenta um breve estudo sobre a obra do filósofo franco-argelino e salienta que a assertiva refletida por ele sinaliza: “[...] o fato de que o amigo morto vive através da lembrança do amigo sobrevivente”<sup>120</sup>, mas também, acrescento, sobrevive por meio de gestos de homenagem como dedicatórias e publicação de livros de cartas.

---

<sup>118</sup> NOLASCO. Clarice Espectros, p. 09.

<sup>119</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 44.

<sup>120</sup> ALBORNOZ. Políticas da amizade de Jacques Derrida, p. 138.

Fernando, como amigo sobrevivente, fornece não somente a sobrevida para Lispector através da publicação das cartas e da publicação de uma crônica, “Poltronas numeradas”, presente no livro *As melhores crônicas de Fernando Sabino* (1997), na qual existe uma personagem chamada Clarice, mas também proporciona experiências para aquele vivente. Experiências que configuram no diálogo com a amiga morta, mesmo que não no sentido literal da palavra. Embasa a minha fala as inferências de Jacques Derrida em *Adeus a Emmanuel Levinas* (2008): “A morte: não em primeiro lugar o aniquilamento, o não-ser ou o nada, porém uma certa experiência, para o sobrevivente, do ‘sem-resposta’”<sup>121</sup>.

Refletir, a partir de Fernando e Clarice a assertiva atribuída a Aristóteles, difere-se mais de uma pretensa reafirmação passiva de herança ocidental. Interessa-me, sobretudo, a interpretação que se refere à morte dos amigos, e aqui ela assume um duplo sentido, vale lembrar que um não é antagônico ao outro.

A morte diz respeito ao fim de uma existência corpórea e espiritual, mas também leva junto de si como uma consequência, até às vezes mais temida do que o fim da existência física: o esquecimento daquele ou daquela que já não mais vive. Devo, portanto, considerar, assim como o fez Fernando com Clarice, que a morte, tanto do corpo quanto da memória (lembranças, recordações), são os dois lados de uma moeda que intercala vida e sobrevida na amizade.

Para Fernando, o esquecimento da amiga morta é remediado a partir do momento em que decide agregar ao *Cartas perto do coração*, considerando é claro também sua publicação, elementos que visam reafirmar a ação da amizade de ambos e evocar a lembrança da amiga, proporcionando a sobrevivência da memória de Clarice Lispector, elementos estes que são dois: a reprodução da dedicatória que a

---

<sup>121</sup> DERRIDA. *Adeus a Emmanuel Levinas*, p. 21.

amiga fez para ele no livro *Perto do coração selvagem* (1943), nas primeiras páginas de *Cartas perto do coração*, sem nem mesmo conhecê-lo pessoalmente, e a entrevista que Lispector fez com Fernando para a revista “Manchete”, que compõem a série “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”, no qual me deterei no segundo conjunto de cartas, mais precisamente, na carta “Diálogos possíveis de Fernando e Clarice”; no que se refere à dedicatória, trato dela no subtítulo subsequente a este.

Meus amigos,

A conversa até agora tem sido bastante prazerosa, mas preciso postar logo a carta,

Até mais ver,

*Francine parla de Golles pinha Rojas*

CARTA II - Aos amigos: a dupla dedicatória de Cartas perto do coração

Campo Grande – MS, 18 de julho de 2015

Meus queridos companheiros,

Agora a pouco me encontrava envolvida numa luta proporcionada pela forma como terminei nossa conversa anterior. Minha perturbação envolve o fato de que você, Clarice, enviou para Fernando o seu livro de estreia antes de conhecê-lo. Não me satisfaz a explicação de que tal atitude foi resultado da indicação de um amigo em comum. Mas, o que mais poderia ter sido? Acredito ter encontrado algo que se *assemelha*, veja bem, digo *assemelha-se*, a uma resposta (a dedicatória como ato político), falo dela mais para frente. Antes gostaria de fazer algumas considerações relevantes.

Querida Clarice, reproduzo abaixo, em facsimile, a dedicatória que escreveu para Fernando em um exemplar do livro *Perto do coração selvagem* (1943) um ano após o seu lançamento e, posteriormente, enviou para o escritor, quando este ainda residia no Brasil.

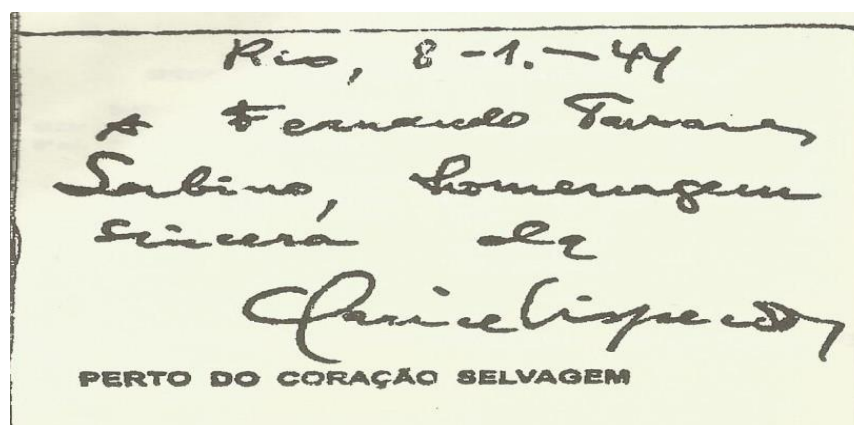


FIGURA 2 – Facsimile da dedicatória de Clarice Lispector para Fernando Sabino reproduzida em *Cartas perto do coração*<sup>122</sup>

Fonte: Biblioteca pessoal

<sup>122</sup> "Rio, 8-1.-44, A Fernando Tavares Sabino, homenagem sincera de Clarice Lispector". LISPECTOR; SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 06.

Sobre esse episódio, Fernando, na introdução de *Cartas perto do coração*, cogita que um amigo em comum, o escritor Lúcio Cardoso, tenha sugerido a você que enviasse um livro seu com uma dedicatória a Sabino. Menciono que nem o missivista e muito menos o leitor possuem a certeza sobre a precisão da informação dada por Sabino.

Esse fato, em princípio banal, deu início a uma relação de amizade que perdurou ao longo de 34 anos, continuando por meio destas cartas, e que atravessou fatos importantes na própria história cultural e política do Brasil, para mencionar alguns: o recém término da segunda guerra mundial, o governo do general Eurico Gaspar Dutra e a ditadura militar. Sobre o livro enviado por você, Clarice, Sabino comenta que:

Em janeiro de 1944, eu mal havia completado 21 anos e recebia em Belo Horizonte, onde ainda morava, o exemplar de um romance chamado 'Perto do coração Selvagem', com uma dedicatória da autora, Clarice Lispector, que eu não sabia quem fosse. Também não sabia por recomendação de quem – talvez de Lúcio Cardoso. Fiquei deslumbrado com o livro.<sup>123</sup>

No ano de 1944 Fernando, então um jovem rapaz de 21 anos, recém havia lançado seu livro de estreia, um volume de contos, denominado *Os grilos não cantam mais* (1943), livro bem recebido pela crítica e que valeu ao escritor mineiro uma carta admirada de Mário de Andrade. No mesmo ano lança sua primeira novela *A marca* (1944) pela editora José Olympio e se muda, juntamente com sua esposa Helena Valladares Sabino, para a cidade do Rio de Janeiro.

No Rio entra em contato com outros escritores como Vinicius de Moraes, de quem se tornou amigo, Rubem Braga, o jornalista Carlos Lacerda, com quem compartilhava a aversão ao político Getúlio Vargas, o pintor Di Cavalcanti, o jornalista

---

<sup>123</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 07.

Moacir Werneck de Castro, e os poetas Manuel Bandeira e Augusto Frederico Schmidt.

No ano de 1944 Fernando era, em poucas palavras, um jovem escritor em início de carreira. Dois anos após Clarice ter mandado o livro com a dedicatória, portanto, em 1946, o escritor Rubem Braga apresenta um ao outro pessoalmente. Sobre o encontro, o mineiro fala de sua impressão positiva da escritora: “Fiquei deslumbrado com ela”<sup>124</sup> e continua:

A partir de então tivemos um convívio diário: passávamos horas de conversa em nossos encontros marcados numa confeitaria da cidade. Ou mesmo em minha casa, onde ela teve ocasião de conhecer, além de Helena, meus companheiros de Minas Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, (mais tarde Hélio Pellegrino).<sup>125</sup>

Por sua vez, em 1944, Clarice estava recém-casada com o diplomata brasileiro Maury Gurgel Valente, parte no dia 19 de janeiro, do mesmo ano, para a cidade de Belém onde o marido exerce a função de vice-cônsul. Durante sua estadia na cidade toma conhecimento das primeiras críticas do seu livro de estreia *Perto do coração selvagem* (1943), os comentários iam desde a interessante crítica de Sérgio Milliet na sua coluna “Últimos livros” do diário *O estado de São Paulo*, aos comentários elogiosos dos amigos Lêdo Ivo, no *Jornal de Alagoas*, de Lúcio Cardoso, para o *Diário Carioca*, e a crítica de Álvaro Lins, cujos comentários desagradaram a Clarice.

Sei que logo após uma curta estadia no Rio de Janeiro, Clarice e seu marido vão para Nápoles (Itália), iniciando um longo período de 16 anos em que se manteria afastada do Brasil. No mesmo ano a escritora toma conhecimento que ganhou o prêmio *Graça aranha* pelo seu livro de estreia. Ainda em Nápoles, Lispector conhece, o já mencionado, Rubem Braga que viera à cidade italiana como correspondente de guerra. Se me detenho em narrar fatos de teores um tanto quanto histórico é com a

---

<sup>124</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 07.

<sup>125</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 07.

preocupação de situar onde estavam e o que vocês faziam no ano em que a escritora escreveu uma dedicatória para Fernando sem ao menos conhecê-lo.

Diante do fato elencado quero aqui levantar algumas questões tais como o que se entende pelo termo dedicatória, o uso político dela empregado por Clarice, no sentido de que a mesma serviu como uma espécie de “carta de apresentação” pela qual a escritora se apresentou a Fernando e, por último, detenho-me em pensar uma dupla dedicatória, a primeira já mencionada e a segunda, da parte de Fernando, quando este publicou o livro *Cartas perto do coração* (2011) para homenagear a amiga.

Refletir sobre tais questões me auxiliarão a tecer uma reflexão em torno da relevância da dedicatória na construção da amizade dos escritores. Para tanto, parto do aparato teórico oferecido pela teoria do paratexto, embora não pretenda pensar exclusivamente dentro de um âmbito textual, mas sim em um contexto maior, como já assinalado, a amizade.

No artigo, intitulado *Arquivo secreto: dedicatória e cartas de amor na escrita de Grande sertão veredas*, Ivana Ferrante Rebello explana que o paratexto: “[...] refere-se a um grupo de produções que acompanha o texto, tendo a função de introduzir, comentar e condicionar sua recepção”<sup>126</sup> e a dedicatória é:

Comumente definida como breve texto em homenagem a alguém em particular, a quem se demonstra admiração profissional ou pessoal, afeto ou gratidão por dívida intelectual, ou mera cortesia para com um amigo ou familiar, a dedicatória escreve-se, em geral, numa das páginas de abertura de um livro, frequentemente na página de rosto interior ou na primeira página em branco.<sup>127</sup>

Fato é que a palavra paratexto designa um conjunto de elementos que acompanham o texto literário e que são responsáveis por estabelecer o intermeio entre a obra e o leitor, influenciando o último por meio de seus elementos constitutivos.

---

<sup>126</sup> REBELLO. *Arquivo secreto*, p. 181.

<sup>127</sup> REBELLO. *Arquivo secreto*, p. 182.

Para tanto, o paratexto não é somente aquilo que é da ordem do escrito mas também aquilo que é da ordem do gráfico, do visual, como os títulos, as epígrafes, os prólogos, as dedicatórias, índices, glossários, notas de rodapé, capas, em suma, elementos que estão tanto dentro do texto como fora dele, seria o caso de pensar, como propõe Aulus Mandagará Martins, na esteira do crítico francês Gerard Genette, em seu artigo “As margens do texto nas margens do cânone”, que:

Gérard Genett [...] situa o paratexto, justamente, numa zona fronteira entre o que ainda não é e o que já é o texto. Deste modo, o paratexto é tudo aquilo que acompanha ou rodeia um texto, instituindo-o como obra e inscrevendo-o no circuito de comunicação. A capa ou o projeto gráfico, o título, o nome do autor, o selo da editora, são exemplos desses elementos paratextuais que configuram o livro como objeto e, dotados de uma função pragmática, orientam os modos de aceder ao texto, estipulando, em diferentes dimensões, protocolos de leitura.<sup>128</sup>

A própria raiz da palavra paratexto corrobora a definição da parte de Genette e Martins, que embora variando em determinados detalhes, é consenso entre os teóricos da área. A palavra paratexto é de origem grega, *para*, que, por sua vez, significa ao lado de, perto de algo, no caso, um texto gráfico, isto é, ao redor, no entorno do texto<sup>129</sup>. Aliás, Genette foi o teórico que cunhou o termo e mais se deteve nele, em sua obra *Umbrals*<sup>130</sup> (2001) o crítico assim define o termo paratexto: “O paratexto, sob as suas formas, é um discurso fundamentalmente heterônimo, auxiliar, ao serviço de outra coisa que constitui sua razão de ser; o texto”<sup>131</sup>.

Nesse sentido proposto, o de auxílio a uma razão de ser, subentendendo a ideia de que se trata de um elemento a margem cuja função é de mero auxiliar, dessa forma, discordo da leitura feita por Mandagará Martins, na esteira de Genette, quando

<sup>128</sup> MARTINS. As margens do texto nas margens do cânone, p.170.

<sup>129</sup> A origem do termo “paratexto”, abordada neste capítulo, é a mencionada na resenha do livro *Paratextos editoriais*, de autoria de Rodrigo da Costa Araújo. Para maiores informações ver: [http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num10/resenhas/palimpsesto10\\_resenhas01.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num10/resenhas/palimpsesto10_resenhas01.pdf)

<sup>130</sup> Tal título é o volume traduzido para o espanhol feito por Susana Lage. Existe uma tradução para o português intitulado *Paratextos Editoriais* (2009) e o original é intitulado *Seuils*. Valho-me da tradução para a língua espanhola posto que a versão em português se encontra esgotada.

<sup>131</sup> “El paratexto, bajo todas sus formas, es un discurso fundamentalmente heteronimo, auxiliar, al servicio de otra cosa que constituye su razon de ser; el texto.” (GENETTE, 2001, p. 16, tradução nossa).

declara que: “Afirmar que o paratexto encontra-se à margem do texto não significa reduzi-lo a um elemento secundário, simples acessório ou componente restrito ao suporte da obra literária, afastando-o conseqüentemente da análise textual”<sup>132</sup>.

Quando afirmo que discordo de Martins nesse ponto é por pensar a dedicatória não a serviço, estritamente, do texto literário, mas em conjunto com a amizade e com as cartas trocadas, assegurando sua relevância ímpar na relação de Fernando e Clarice.

O termo paratexto propriamente dito, de acordo com Gerard Genette, é um conceito maior que abrange outras duas classificações que visam melhor organizar os elementos que giram em torno e os que estão presentes dentro de um texto. O paratexto é dividido em dois tipos: epitexto e peritexto.

Os primeiros são todos aqueles que não estão propriamente presentes no livro (texto), mas circulam livremente no espaço ao redor do texto, como as entrevistas, as críticas, os diários, as cartas. Por sua vez, o segundo, diz respeito a elementos que estão dentro do texto, como: desenhos e ilustrações. São também classificados em paratexto autoral, tipos de paratextos cujas responsabilidades são do autor da obra, como dedicatórias, títulos, epígrafes, e paratextos editoriais que tratam dos aspectos publicitários tais como formato, desenhos, ilustrações.

De acordo com a classificação proposta por Genette, o cerne da minha discussão seriam dois paratextos, a dizer, a dedicatória e as cartas. É o caso de indagar: valer-me-ia então de um estudo totalmente paratextual? Não, haja vista que me restringiria unicamente ao campo de estudo textual quando, na verdade, me proponho a pensar a dedicatória em um construto maior: a amizade de Fernando e Clarice, e desvinculada da prática de mecenato, muito abundante, principalmente nos

---

<sup>132</sup> MARTINS. As margens do texto nas margens do cânone, p. 170.

séculos XIV ao XVII, quando o autor dedicava a obra ao mecenas que o patrocinava. Genette corrobora tal pensamento ao explicar que: “A dedicatória é geralmente uma homenagem remunerada, seja com proteção do tipo feudal, seja mais burguesamente [...]”<sup>133</sup>.

Nos séculos XX e XXI a dedicatória configura uma outra ação, um outro sentido, não necessariamente vinculado ao patrocínio artístico. Ela é usada para expressar reconhecimento e gratidão a amigos, intelectuais e outras pessoas que tenham influenciado e contribuído para o desenvolvimento da obra. Sobre o assunto, Aulus Mandagará Martins, no já citado artigo, explica que: “Dedicar uma obra a alguém é um gesto de reconhecimento e gratidão, no âmbito das relações sociais, políticas, intelectuais ou afetivas do escritor”<sup>134</sup>. A homenagem que provém desse gesto simbólico é o ponto em comum entre duas práticas da dedicatória que necessitam se especificar. Genette as diferencia ao explicar que:

A palavra dedicatória designa duas práticas evidentemente relacionadas que são importantes distinguir. As duas consistem em fazer homenagem de uma obra a uma pessoa, a um grupo real ou ideal, ou a alguma entidade de outra ordem. Uma implica a realidade material de um exemplar que se doa ou se vende efetivamente, a outra, a realidade ideal da obra mesma, cuja posse (e transferência ou não) não pode ser mais que simbólica.<sup>135</sup>

Se perfaço esse caminho teórico é por precisar pontuar duas questões essenciais que constituem o cerne da minha discussão em torno da dedicatória de Clarice. A necessidade de embasamento teórico que é suprida até certo ponto pelas considerações de Genette em *Umbral* e a necessidade adquirida ao constatar que não contempla as diferenças da discussão que desenvolvo, pois, o discurso crítico

---

<sup>133</sup> “La dedicatória generalmente es un homenaje remunerado, sea com proteccion de tipo feudal, sea más burguesamente”. (GENETTE, 2001, p. 103).

<sup>134</sup> MARTINS. As margens do texto nas margens do cânone, p. 174.

<sup>135</sup> “La palabra *dedicatória* designa dos prácticas evidentemente emparentadas que es importantes distinguir. Las dos consisten em hacer el homenaje de una obra a una persona, a um grupo real o ideal, o a alguna entidade de outro orden. Una implica la realidade material de um ejemplar que se dona o se vende efetivamente, la otra, la realidade ideal de la obra misma cuya posesión (y cesión o no) no puede ser más que simbólica” (GENETTE, 2001, p. 101, tradução nossa).

engendrado por Genette é de natureza gráfica, essencialmente textual, ou seja, visa o texto literário.

Quando Clarice envia para Fernando seu livro de estreia com uma dedicatória, os dois escritores não se conheciam pessoalmente o que me permite perceber a ação como o primeiro ato político da amizade. O primeiro contato travado entre eles foi por meio de um amigo que ambos tinham em comum, o escritor Rubem Braga.

As considerações de Genette, por serem textuais, não contemplam teoricamente esse fato, dado que para o teórico francês existem dois tipos de dedicatários, o privado e o público, se o primeiro encampa pessoas conhecidas ou não pelo público e que constitui a esfera relacional, amigos e parentes, do dedicador, o dedicatário público é aquele relativamente conhecido com quem a pessoa que dedica quer travar relações públicas da ordem do intelectual, artístico. Para Genette:

[...] existem dois tipos distintos de dedicatários: os privados e os públicos. Entendo por dedicatário privado uma pessoa conhecida ou não pelo público a quem é dedicado uma obra em nome de uma relação pessoal: de amizade, família ou outra [...] O dedicatário público é uma pessoa mais ou menos conhecida com quem o autor, manifesta ter através de sua dedicatória, uma relação de ordem pública: intelectual, artístico, política ou outras.<sup>136</sup>

Ao escrever uma dedicatória em um exemplar de *Perto do coração selvagem* para um desconhecido, Lispector faz um uso político do ato de dedicar, vale ressaltar que dedicar nunca é um gesto inocente por parte do(a) autor(a) da obra, de forma consciente ou não, e o uso político ao qual me refiro é no sentido de se aproveitar de um primeiro contato para aprofundá-lo e dialogar com outro escritor (Fernando).

Diálogo que se comprovou profícuo ao possibilitar a criação de espaço para comentários sobre leituras realizadas de respectivas obras, opiniões e comentários

---

<sup>136</sup> “[...] subsisten dos tipos distintos de dedicatarios: los privados y los públicos. Entiendo por dedicatario privado una persona conocida o no por el público a quien es dedicada una obra em nombre de una relación personal: de amistad, familia u outra [...] El dedicatario público es una persona más o menos conocida com quien el autor manifiesta tener, por su dedicatória, una relación de orden público: intelectual, artístico, político u otros”. (GENETTE, 2001, p. 113, tradução nossa).

sobre o processo de criação de cada um, troca de notícias e informações sobre o Brasil e discussão de amenidades. Ivana Ferrante Rebello, no já mencionado artigo, corrobora minha fala ao propor que:

Na esteira das relações que envolvem a proximidade entre o dedicatário e o seu receptor, o ato de dedicar um livro revela em si uma intenção, um interesse contido em seu registro escrito. Apesar de ter passado muito tempo desde as práticas do mecenato até hoje, a dedicatória não deixou de ser uma prática ritualística na qual o dedicatário e o receptor são cúmplices de uma reciprocidade única, em que se vislumbram intenções e sentimentos: registrar é deixar marcas.<sup>137</sup>

O uso político da dedicatória, por parte de Clarice, implica também em uma simbólica partilha autoral de seu livro, ou seja, acarreta uma desconstrução da propriedade autoral pela atribuição de seu trabalho, pois por meio dela Clarice começa a (re)conhecer<sup>138</sup> aquele que viria a ser um de seus grandes amigos. Atribuir o livro é delegar, a despeito de que não seja uma delegação total, mas é, ao mesmo tempo, delegar o que já é, em alguma instância, do outro, fato de que Sabino também fará proveito como explanarei mais adiante.

A atribuição de autoria por meio da dedicatória é mencionada em *Os conjurados* (1985), livro no qual o escritor argentino Jorge Luis Borges endossa o que aqui discuto, quando dedica o livro a sua parceira Maria Kodama: “Só podemos dar o que já demos. Só podemos dar o que já é do outro. Neste livro estão as coisas que sempre foram suas. Que mistério é uma dedicatória, uma entrega de símbolos!”<sup>139</sup>.

O gesto traçado por Borges, de dedicar um livro, traz inscrito em seu corpo simbólico-literário a partilha do seu labor intelectual e permite que pense de forma

<sup>137</sup> REBELLO. Arquivo secreto, p. 183 – 184.

<sup>138</sup> A palavra (re)conhecer aqui aparece no sentido de estabelecer o conhecimento e o contato entre ambos, dentre as formas possíveis para alcançar tal objetivo, fazer uma dedicatória para alguém que ainda não conhecia pessoalmente foi a forma escolhida por Clarice para que os dois se conhecessem. O uso dos parênteses atesta o fato de que, após o primeiro contato, a amizade dos dois escritores era um constante exercício de conhecimento, isto é, reconhecer o amigo, mas sempre de forma aberta as mudanças pelas quais os sujeitos passam, por isso “conhecer”, palavra que considera e se abre para o novo, a mudança.

<sup>139</sup> BORGES. *Os conjurados*, p. 07.

similar a dedicatória clariciana. Na esteira da assertiva de Borges, Eneida Maria de Souza em *O Século de Borges* (2009) discorre que:

A ideia contida no termo inscrição possibilita que se cristalize, ela escrita, a experiência vista como palavra que se troca através do diálogo mantido entre eles. A doação do livro desconstrói o sentido de propriedade autoral de Borges e a insere numa alteridade, em que não existe mais, ao menos imaginariamente, separação entre as instâncias do eu e do tu.<sup>140</sup>

Apesar da fala de Souza estar direcionada ao escritor argentino Jorge Luis Borges e a dedicatória que este fez para Maria Kodama, acredito em poder atrelar esse pensamento para refletir a dedicatória de Clarice para Fernando. De acordo com Souza, ao compartilhar a autoria cria-se uma alteridade em que, em certa medida, deixa-se de separar o eu do tu. Clarice, por não enxergar diferenças, compartilha a autoria de sua obra, gerando uma amizade que é, em sua dupla face, o símbolo entregue de que fala Borges e o próprio mistério da criação que nunca cessa.

Se, de acordo com Borges, somente podemos dedicar o que já é do outro, penso Fernando Sabino toma essa lição ao pé da letra ao ponto de nomear o livro de cartas com Clarice como *Cartas perto do coração*. Trata-se aqui de uma clara alusão ao livro *Perto do coração selvagem* (1943). Emerge, por conseguinte, a noção de dupla dedicatória que assinala no título, a qual provém da relação de dois fatores, o primeiro, é a dedicatória feita por Lispector para Sabino, sobre o qual já discorri.

O segundo reside em um fato implícito cujas pistas são dadas ao leitor durante a leitura das cartas, em outras palavras, a segunda dedicatória parte de Fernando para Clarice, posto que ao publicar as suas cartas com a amiga, Sabino dedica o livro a escritora e essa dedicatória não é menos relevante do que aquela que a escritora fez no exemplar do seu romance de estreia para Fernando, afinal a atitude de

---

<sup>140</sup> SOUZA. *O século de Borges*, p. 45 – 46.

Lispector foi o primeiro passo para que a relação fosse firmada, dando início à amizade que mudou e influenciou a literatura e a vida de ambos.

Mas, se o contato entre os escritores tivesse se encerrado quando Lispector fez a dedicatória, mesmo assim já seria possível estabelecer, por meio da Crítica Biográfica, os laços de amizade que eles de fato desenvolveram. Mas, como o livro de cartas demonstra, a amizade entre eles se aprofundou a ponto de Lygia Marina, esposa de Fernando Sabino, comentar na biografia do escritor feita por Arnaldo Bloch que:

Aqueles dois jovens, literatos, labirínticos e em busca de seu universo mágico, ambos recém-casados, estavam apaixonados. No final baixava sempre aquela culpa total: abraço pra Heleninha, abraço para o Maury. Eu até disse ao Fernando: isso foi um caso de amor deslumbrante, mal resolvido. Ele perguntou se eu enlouquecera, e eu respondi: Fernando, se isso não é caso de amor, não existe caso de amor.<sup>141</sup>

Muito embora ao tentar negar tal atitude de sua parte, Fernando acaba se traindo ao escrever no fim da introdução de *Cartas perto do coração* (2011) a sua admissão de que o que os unia não deixava, também, de ser uma paixão não desenvolvida de um pelo outro: “Era mais do que a paixão pela literatura, ou de um pelo outro, não formulada, que unia dois jovens ‘perto do coração selvagem da vida’ [...]”<sup>142</sup>, ao mesmo tempo, o escritor mineiro prossegue admitindo que a relação dos dois ultrapassava as fronteiras do que o mesmo denomina de paixão não formulada entre eles.

Na falta de subsídios comprobatórios, os quais não são do meu interesse latente, que sustentem um possível envolvimento de natureza romântica, a paixão aqui mencionada, e pensada por mim, é amor a amizade, isto é, o amar o amigo, mas também o amor pela amizade, a paixão pela busca do destino desconhecido, o mistério da criação, justificando o título dos três conjuntos de cartas aqui reunidos

---

<sup>141</sup> BLOCH. *Fernando Sabino*, p. 133.

<sup>142</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 08.

“**Fernando / Clarice / Francine: amizades de entrevistas críticas**”, visto que Derrida em *Políticas da amizade* questiona:

A amizade, o ser-amigo, então, o que vem a ser isso? Pois bem, é *amar* antes de ser amado. Antes mesmo de pensar o que quer dizer *amar*, o *amor*, a *amância*, é preciso saber que não se o saberá senão interrogando primeiro o ato e a experiência de amar, mais do que o estado ou a situação do ser amado [...] O amigo é então aquele que ama antes de ser aquele que se ama [...].<sup>143</sup>

O amor de uma amizade, para uma amizade, de Fernando para Clarice, de minha parte para os dois escritores. O amor *da* e *para* a amizade que levou Fernando, como afirmei em parágrafo anterior, a intitular o livro de cartas aludindo ao primeiro livro da amiga. Vale a pena me deter, de acordo com o raciocínio do amor *da* e *para* a amizade, no título do livro de cartas e realizar, como é necessário, uma busca genealógica que me leva ao livro de Clarice e, por extensão, ao motivo que levou a escritora a intitular sua primeira obra de *Perto do coração selvagem* (1943).

Ao longo desta carta ficou claro que o título do livro de cartas remete ao livro, de Lispector, *Perto do coração selvagem*. Mas, qual a origem do título do livro de Clarice? É alguma referência a uma obra lida pela escritora? Clarice mesma responde com a epígrafe utilizada: “Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida”<sup>144</sup>.

Tal fala provém do livro *Retrato do artista quando jovem* (lançado em 1916, mas a edição que utilizo é a de 1998) do escritor irlandês James Joyce. O livro vai retratar as histórias de infância e juventude do personagem Stephen Dedalus e do rito, entenda-se: travessia, caminhada com seus percalços, pelo qual passa para atingir a idade adulta, o que leva Joyce a indagar acerca de Dedalus:

[...] onde estava ele? Ele estava longe de tudo e de todos, sozinho. Ele estava desligado de tudo, feliz, rente ao coração selvagem da vida. Estava sozinho, e era jovem, cheio de vontade, e tinha um coração selvagem; estava sozinho no meio dum ermo de ar brávio, entre águas salobras, entre a colheita marítima e conchas, entre emaranhados e redemoinhos, entre claridades

<sup>143</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 23.

<sup>144</sup> JOYCE *apud* LISPECTOR. *Perto do coração selvagem*, p. 05.

embaraçadas de cinzento, entre figuras de crianças e de raparigas vestidas de alegria, e de luz, entre vozes infantis e joviais que enchem o ar.<sup>145</sup>

O trecho que acabo de citar do livro de Joyce, o título do livro de Clarice e o livro de cartas têm em comum, de acordo com a minha leitura e percepção, é o fato de que os termos ‘perto do coração selvagem’, ‘perto do coração’, ou então, ‘coração selvagem da vida’ são uma espécie de máxima em que os corações de tal tríade, Clarice, Fernando e Joyce, dividem entre si o mesmo jogo semântico de que se valem em seus escritos: *Retrato do artista quando jovem* (1998), *Perto do coração selvagem* (1943) e *Cartas perto do coração* (2011). Não é o sentido literal do termo, na acepção de que o coração não designa o órgão pulsante que move o ser, isto é:

Não o coração no meio de frases que circulam sem correr riscos pelos cruzamentos e se deixam traduzir em todas as línguas. Não o coração dos arquivos cardiográficos, simplesmente, objeto de conhecimentos ou de técnicas, de filosofias e de discursos bio-ético-jurídicos. Não o coração das Escrituras ou de Pascal, provavelmente, nem mesmo, o que é ainda menos evidente, aquele que Heidegger prefere ver em seu lugar. Não, uma história de “coração”, poeticamente envolta no idioma “aprender de cor”, este da minha língua ou de uma outra, a inglesa (*to learn by heart*), ou ainda de uma outra, a árabe (*hafiza a'n zahri kalb*) – um único trajeto de múltiplas vias.<sup>146</sup>

Antes de pensar literalmente em que direção poderia apontar o “perto do coração” dos escritores, penso que, principalmente, a expressão diz respeito a qualquer coisa, ou antes, a todas as coisas que emergem de uma paixão, do afeto (atingir) e do amor. Sim, porque não pensar nele enquanto força propulsora que me locomove e os locomovem, Fernando e Clarice, na escolha de um entre os cem caminhos possíveis?

Perto do coração, como quer Fernando, e *Perto do coração selvagem* (1943), como quer Clarice, é, antes de tudo, eleger por meio das razões do coração as coisas e aqueles (os amigos) que nos acompanharão, mesmo que na ausência, na tentativa, em vão, de desvendar os mistérios da criação de que falou Sabino no subtítulo do

<sup>145</sup> JOYCE. *Retrato do artista quando jovem*, p. 180.

<sup>146</sup> DERRIDA. *Che cos'è la poesia?*, p. 113.

livro, tentativa apaixonante cujos *loci* são perto dos nossos corações selvagens (Fernando, Clarice e Francine).

Pensar acerca do título e como consequência perfazer um caminho que me leva a relacionar o livro de Joyce ao livro de Clarice, e, por último, ao livro *Cartas perto do coração* se justifica a medida que minha pesquisa também carrega em seu nome, literalmente, os corações selvagens, não propriamente juvenis, mas sedentos pela procura, pelo segredo, pelo mistério, haja vista que: “Não há paixão sem segredo, este segredo, mas não há segredo sem essa paixão. *No lugar do segredo*: aí onde, no entanto, tudo está dito e onde o resto não é nada – além do resto [...]”<sup>147</sup>.

Segredo este que suscita nos escritores o vínculo representado pela amizade e pela possibilidade de que juntos, como amigos, Fernando e Clarice estarão no rastro de tal mistério. Rastro dentro do qual haverá constantes reafirmações da amizade mediante, por exemplo, a dedicatória, representada pela homenagem que se configura no título do livro de cartas, por parte de Fernando Sabino, e pela reprodução da dedicatória que a amiga Clarice havia feito em 1944.

O ato de Fernando entrega que o escritor pretendia que o leitor primeiro tivesse contato com a dedicatória de Clarice, para, somente depois, adentrar no universo das cartas trocadas entre eles, de modo que ao fim da leitura, o leitor fosse levado a pensar o ato de reunir as cartas com a amiga como um ato de amor e de homenagem que ultrapassa a concepção da carta enquanto documento inatacável e comprobatório de algo.

Amigos, como bem podem perceber a carta ficou extensa,

Isso é sinal de despedida,

Até a próxima,

---

<sup>147</sup> DERRIDA *apud* NASCIMENTO. O estrangeiro, a literatura – a soberania, p. 36.

*Francine parla de Góllis Junha Rojas*

1ª continuação da carta II - Ao sol carta é farol: o documento, o monumento e o literário<sup>148</sup>

Campo Grande – MS, 04 de agosto de 2015

A separação operada pela crítica textual entre autor e obra, biografia e literatura, história e escrita considerava como critério valorativo a autonomia do texto frente ao contexto de sua produção, excluindo-se aí os documentos pessoais do escritor, como a troca de correspondência mantida com os seus pares [...].

SOUZA. *Janelas Indiscretas*, p. 161.

A leitura das cartas escritas aos companheiros de letras e familiares [...] tem pelo menos dois objetivos no campo duma nova teoria literária. Visa enriquecer, pelo estabelecimento de jogos intertextuais a compreensão da obra artística [...].

SANTIAGO. *Ora (Direis) puxar conversa!*, p. 62 – 63.

Queridos amigos,

No momento estou em casa, sentada e diante de minha escrivadinha, tentando escrever para vocês. Na nossa conversa anterior percebi várias coisas, uma, dentre elas, é que deixei uma lacuna que agora pretendo sanar e que diz respeito a forma sob a qual muitos percebem a carta.

A concepção da carta como documento é herança de anos cuja aquisição é iniciada ainda na escola a partir de disciplinas como história. Provém dessa matéria a aliança entre o texto carta, fatos históricos, muitas vezes retratos nas correspondências, e os meios de comunicação disponíveis em cada época, não ignoremos também o papel desempenhado pela literatura, disciplina escolar, e o

---

<sup>148</sup> Esta continuação de carta é fruto de um texto anterior apresentado no evento “II COLÓQUIO NECC – CULTURA CONTEMPORÂNEA: LINGUAGENS, IMAGENS E PAISAGENS.”, sob o título “A carta e o espaço biográfico em *Cartas perto do coração*”. Desde então, amadureci a reflexão de modo que pudesse apresentá-la aqui.

hábito desenvolvido que visa se utilizar do “documento” carta como objeto que visa comprovar algo. A citada perspectiva pouco considera a participação do leitor no processo, para repensar tais considerações é que evoco as falas de Eneida Maria de Souza e Silviano Santiago.

Tal como expõe os críticos nas respectivas epígrafes que abrem esta carta, o estudo das cartas trocadas, sobretudo por escritores, tem sua importância dentro da crítica literária brasileira, visto que por muito tempo sua inserção dentro da pesquisa acadêmica e crítica, bem como de outros documentos e textos considerados “menores”, na acepção categorizadora do termo, foi protelado em detrimento do texto literário, sendo este alçado ao ‘olimpico dos objetos de pesquisa’ da área. Tal situação deriva da proposição em individualizar e separar o conhecimento, isto é, dividi-lo em áreas, e determinar aquilo que é da ordem dos estudos literários.

Essa reticência da crítica em considerar, nesse sentido, as cartas como objeto de pesquisa advém do fato de que: “De todos os gêneros em prosa, a carta é o mais difícil de ser enquadrado, pois sua feição verbal é múltipla e participa da natureza de outros gêneros periféricos como o diário, a autobiografia e o memorialismo”<sup>149</sup>. Mas é justamente o fato de que a carta não se ‘enquadra’ perfeitamente em um único gênero, dos que nos são conhecidos, que permite ao crítico tecer seu discurso de forma ampla, e de maneira não menos rigorosa e comprometida criticamente do que a opção de estudo cujo foco repousa em um único gênero.

Não é por acaso que Matilde Demetrio dos Santos inicia seu livro *Ao sol carta é farol* (1992) com a discussão em torno da amplitude da carta e com um trecho da carta de Mário de Andrade para Fernando Sabino, cujo assunto são os gêneros e o diálogo que existe entre eles. Para Andrade: “Todos os gêneros sempre e fatalmente

---

<sup>149</sup> SANTOS. *Ao sol carta é farol*, p. 15.

se entrosaram, não há limites entre eles. O que vale é a validade do assunto na sua forma própria<sup>150</sup>, assim como o escritor Mário de Andrade, Clarice também se preocupou, ou melhor, não se preocupou, em se delimitar na escolha de gêneros específicos, o que a escritora externaliza em seu livro *Água viva* (1973):

Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais.<sup>151</sup>

A dificuldade em ‘enquadrar’ as cartas fez com que, então, a crítica voltasse sua atenção para outras possibilidades, somente se detendo no assunto quando o texto epistolar se enquadrava na ‘categoria’ dos romances epistolares, como é o caso, para citar apenas um, de *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774) de Johan Wolfgang Von Goethe, isto é, as cartas passam a serem estudadas a partir do momento em que estão inseridas no texto literário, assinalando, novamente, a ‘supremacia’ do texto literário à frente de quaisquer outros.

Mas, foi a partir do desenvolvimento e do posicionamento da crítica biográfica que a situação mudou e as cartas e outros documentos excluídos descentralizaram o foco do texto literário, possibilitando, por conseguinte, um novo eixo de estudo crítico, ou seja, uma possibilidade outra de pesquisa.

A descentralização do objeto de pesquisa ‘texto literário’ somente foi possível quando a rubrica ‘literário’ foi questionada, e as cartas, que aqui assumem papel ímpar, passam a ser lidas, não de acordo com a pretensão de determinar fronteiras, mas como aquilo que são: cartas, de modo que aquilo que as especifica não é deixado de lado.

---

<sup>150</sup> ANDRADE *apud* SANTOS. *Ao sol carta é farol*, p. 15.

<sup>151</sup> LISPECTOR. *Água viva*, p.17.

Diante disso, quero aqui me deter, mesmo que rapidamente, na relevância das cartas e de seus estudos para a história cultural brasileira, assim como também para a história crítica em geral. Início citando a famosa carta de Pero Vaz de Caminha acerca do que se convencionou chamar de ‘descobrimento’ do Brasil.

Em relação à carta de Vaz de caminha, os críticos tradicionais e historiadores poderiam enquadrar, somente, como ‘documento histórico’ relevante para a historiografia do país. Tal medida não se sustenta, visto que fortifica minha colocação o fato de que a mencionada carta é estudada por diversas áreas do conhecimento, inclusive Literatura Brasileira.

E o que falar então de outras famosas cartas como o são as cartas da portuguesa *Sóror Mariana Alcoforado?*, cuja ampla fama se deve, embora não somente, ao romance proibido entre a citada freira e o oficial militar francês Conde de Chamilly. Relevante é também mencionar que tais cartas ultrapassaram a rubrica “documento”, entendida aqui enquanto construção ideal, e são tidas hoje em dia como romance epistolar, até mesmo são lidas como um folhetim popular<sup>152</sup>. Independente da rubrica que as acompanhe, as cartas atribuídas a Mariana Alcoforado: “[...] tem hoje um lugar consagrado na história da literatura em nossa língua. Sua interpretação varia muito e vai desde a visão de um drama clássico em cinco atos [...] até a leitura moderna e folhetinesca [...]”<sup>153</sup>.

É o caso também de outras cartas trocadas na esfera da literatura e cultura, como as cartas de Franz Kafka em *Carta ao pai* (1997), o *Cartas perto do coração* (2011), *Cartas a um jovem poeta* (2006) de Rainer Maria Rilke e Franz Kappus, *Cartas*

---

<sup>152</sup> A afirmação de que as cartas de *Sóror Mariana Alcoforado* são uma espécie de folhetim popular é de Marilene Felinto, tradutora das cartas da freira, visto que sua proposta de leitura das cartas parte desse pressuposto. De acordo com Felinto: “[...] mas é o valor histórico, de folhetim popular, que se sobrepõe, talvez ao valor literário das cartas”. FELINTO. Apresentação de *Cartas de amor*, p.13.

<sup>153</sup> FELINTO. Orelha do livro *Cartas de amor*, sp.

a *um jovem escritor e suas respostas* (2003) de Mario de Andrade e Fernando Sabino que, por assim dizer, levam o leitor a deslocar o estatuto de “documento histórico” atribuído às correspondências para outros campos, como o texto ficcional, ou antes, desloca as cartas para o lócus em que não é possível para o crítico instituir um lugar padrão, final.

Sobre a indecisão em considerar a produção epistolar de um escritor como parte que compõe sua obra, como um todo, retomo o exemplo de *Carta ao pai*, em cujo posfácio o tradutor Modesto Carone ressalta a reticência com que tal obra foi inserida pelo biógrafo de Franz Kafka, Max Brod, no conjunto da obra do escritor dado que a carta continha dados pessoais sobre a família do autor. Carone explicita que: “É um fato curioso a indecisão de Brod quanto ao lugar onde deveria situá-la no conjunto da obra. Finalmente, decidiu incorporá-la à *obra literária* de Kafka, embora sempre tenha insistido no seu caráter de *carta particular*”<sup>154</sup>.

A reticência do biógrafo de Kafka se refletiu na fortuna crítica acerca de *Carta ao pai*, os estudos a ela dedicados vão desde um estudo como ensaio biográfico, uma perspectiva psicanalítica até a visada sócio-histórica. Acerca da descentralização do objeto de estudo, presentificado pelo texto literário, Matildes Demetrio dos Santos, em *Ao sol carta é farol* (1998), explana que:

Deslocar o objeto da crítica da obra artística propriamente dita para documentos menos favorecidos por ela, como a correspondência, é uma forma de dar estatuto histórico e literário a um texto que, até pouco tempo, era considerado perecível e relativo, permanecendo arqueologicamente sepultado como relíquia testamentária.<sup>155</sup>

Nesse sentido, as cartas de Fernando Sabino e Clarice Lispector, em *Cartas perto do coração*, o qual contempla o total de 50 cartas que os escritores trocaram ao longo da convivência a distância, são corroboradas tanto pela afirmação de Silviano

---

<sup>154</sup> CARONE. Posfácio de *Carta ao pai*, p. 82.

<sup>155</sup> SANTOS. *Ao sol carta é farol*, p. 15.

Santiago quanto a de Matildes Demétrio dos Santos, visto que o estudo das cartas de Fernando e Clarice proporcionou um diálogo *a partir dos* escritores sob uma nova perspectiva, a do sujeito crítico, cuja responsabilidade reside, primeiro, em ler e após a leitura, a refletir e desenvolver alguma espécie de contribuição crítica, para que aconteça a revitalização, e a contribuição bem pode ser a construção de um novo Fernando e Clarice que somente aquele(a) crítico(a) poderia fazer.

Se antes a Crítica tradicional privilegiara a produção ficcional de cada um, o pesquisador passa a conhecer, por meio das cartas, uma nova faceta, ou antes uma faceta ainda não explorada que expõe não somente o processo de criação particularizado de cada um. Da parte de Sabino admitindo que os escritos da amiga o ajudavam a escrever, como ocorre na carta de 10 de junho de 1946: “Tenho sentido muita falta de seu livro que deixei no Brasil, para plagiar uns pedaços quando vou escrever o meu”<sup>156</sup>, e da parte de Clarice: “De repente me pareceu que eu devo continuar a trabalhar, que tudo está ruim, mas que é assim mesmo, que as coisas são desconhecidas até que rebentam numa conhecida, a pessoa está só no mundo [...]”<sup>157</sup>.

Além de contribuir no entendimento do processo de criação artístico-literária de cada um, são as cartas que possibilitam um meio concreto para que a amizade seja mantida e aprofundada, haja vista que dentro do período que trocaram correspondências, tanto Fernando quanto Clarice viajaram para o exterior, Estados Unidos, Europa, voltando ocasionalmente para o Brasil, ou seja, havia uma distância geográfica considerável que impossibilitava o contato direto. E esta mudança suscitava em Clarice sentimento de desconforto, pois a escritora entendia que por

---

<sup>156</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 18.

<sup>157</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 48.

estar sempre saindo e voltando para o Brasil obrigava os amigos a criarem um movimento em torno de si. De acordo com Lispector:

Depois, também, eu me encabulo de estar sempre chegando e indo embora, o que obriga os amigos a um movimento em torno de mim, um movimento que às vezes nem cabe direito na vida deles. Então, procuro dispensar a gentileza dos amigos, e facilitar a vida diária de cada um que já é bastante cheia e complicada sem uma ida ao aeroporto.<sup>158</sup>

Sobre essa distância, o escritor mineiro vai comentar em *Cartas perto do coração* (2011) que após a amiga ter deixado o Brasil, acompanhando o marido em missão diplomática, a amizade foi intensamente vivida por meio das cartas e assim que, após o divórcio, Clarice regressou ao Brasil eles passaram a ter um convívio diário, o qual muitas vezes ocorria numa confeitaria da cidade ou no próprio apartamento de Fernando no Rio de Janeiro.

No livro *Da amizade* (1996), Anne Vincent-Buffault também explana sobre a questão da distância, ao mesmo tempo em que propõe um avanço, expondo que: “A prática epistolar é sentida como um sinal de amizade, como um simples prolongamento da convivência amistosa e da conversa que ela pretende imitar, dando a ilusão da oralidade, mas também como um testemunho que deixa vestígio”<sup>159</sup>.

Apesar da carta suprir até certo ponto a necessidade de contato, não substitui integralmente o convívio direto entre amigos, apesar de, e aqui novamente menciono, ser a forma disponível de contato por meio do qual Sabino e Lispector preferiram se comunicar e o meio que mais oferecia suportes para que tivessem as notícias tão aguardadas de um e de outro, como vejo em carta de 03 de agosto de 1946, de Sabino para Clarice:

Volte a me escrever, Clarice, quero ver você muito feliz e isso me faz bem. Suas cartas e minhas respostas me fazem bem, e ainda agora relendo esta percebi que te dei sem o notar o sentido ainda que bem vago e inseguro, mas um sentido dos movimentos simulados.<sup>160</sup>

<sup>158</sup>LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 11 – 112.

<sup>159</sup>VINCENT-BUFFAULT. *Da amizade*, p. 21.

<sup>160</sup>SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 45.

Mas, apesar de já explicitado o ganho teórico que o estudo sobre as correspondências traria, o que me leva a expor as cartas, de escritores, que nasceram da intimidade de uma amizade, como é o caso de Fernando Sabino e Clarice Lispector? A resposta é tão somente esta: o sujeito crítico é seduzido e incitado, por si mesmo, a descobrir o segredo do outro e ao descobrir, advém a consequência natural de expô-lo. Corroborar minha fala as considerações de Lyslei de Souza Nascimento em “Vínculos e gavinhas”, presente no livro Mário de *Andrade* (1997):

Permitiram-me ler carta alheia. Não sou sua destinatária primeira. Carta-livro é assim, faz-se sujeita a olhos e olhares diversos, instaura leituras coletivas que desdobram o movimento binário da troca de correspondência numa produção infinita de co-destinatários.<sup>161</sup>

Dessa forma, o que antes era concebido como pertencente à esfera do privado (no caso, as cartas íntimas dos amigos), agora é de domínio público e, portanto, é de posse de todos ao mesmo tempo em que não é, especificamente, de ninguém. A abertura da noção de posse possibilita uma alternância autoral que inclui, além de Fernando e Clarice, os remetentes e destinatários conhecidos do livro, a minha participação como leitora crítica, a qual, como membro participativo também se coloca no lugar de remetente e destinatária, originando um triplo diálogo. A participação efetiva do pesquisador é atestada por Eneida Maria de Souza:

A sedução pelos manuscritos, cadernos de notas, papéis esparsos, correspondência, diários de viagem e fotos tem como contrapartida a participação efetiva do pesquisador para a construção de ensaios de teor biográfico. A tarefa, a princípio simples, reveste-se de complexidade, por se tratar de uma prática narrativa que une objetividade com estilo pessoal, concisão com clareza expositiva.<sup>162</sup>

A prática proporcionada pela crítica, ressaltada pela fala de Eneida Maria de Souza, visa dissipar a separação entre o que é da ordem da teoria e o que concerne à prática junto a qual tal teoria deveria ser articulada. Nesse sentido é que me faço valer do embasamento teórico proporcionado pela crítica biográfica pós-ocidental, por

---

<sup>161</sup> NASCIMENTO. Vínculos e gavinhas, p. 115.

<sup>162</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 09.

entender que a perspectiva crítica preocupa-se, assim como a fala de Souza, em diluir as fronteiras entre a prática e a teoria através da relação entre a objetividade com o estilo pessoal. Preocupação igualmente assinalada por Walter Mignolo em “Postoccidentalismo: el argumento desde America Latina”: “A rearticulação das relações entre práticas sociais e práticas teóricas é um aspecto fundamental do pós-occidentalismo como condição histórica e horizonte intelectual”<sup>163</sup>.

A forma pela qual ocorre esse apagar de fronteira passa pela relação de sedução que o crítico distende aos manuscritos e “documentos” de intelectuais, para que possa construir seu objeto de estudo, claro que perpassado pelas suas vivências. Essa sedução engendrada *pelo crítico para* o crítico que faz com que este se insira igualmente como destinatário e remetente das suas cartas, Fernando e Clarice.

Vale lembrar que a curiosidade pelo que é tido como particular é devido em grande parte por causa de nossa época (século XX e XXI, na qual a vida do outro é transformada em mercadoria a ser vorazmente consumida), uma vez que com as entrevistas, os *reality-shows*, *talk-shows*, diários íntimos e os paparazzi etc, o sujeito é levado a questionar o público e o privado, de modo que uma determinação precisa dos mesmos se tornou uma difícil tarefa a ser empreendida.

Contudo, ainda que já mencionado o motivo pelo qual se rompe o lacre que resguarda a correspondência, por extensão do ato transgressor, são expostas as questões particulares dos escritores. Necessita-se saber quem é o sujeito, que em um gesto transgressor, o rompimento do lacre, tornou-se o responsável por infringir a intimidade epistolar.

---

<sup>163</sup> “La rearticulación de las relaciones entre prácticas sociales y prácticas teóricas es un aspecto fundamental del postoccidentalismo como condición histórica y horizonte intelectual”. (MIGNOLO, 1998, sp, tradução nossa).

A resposta para esse questionamento é que a ação surrupiadora é de minha responsabilidade, pois na procura por desvendar e articular segredos e fatos íntimos com a vida e a ficção dos escritores, valho-me do direito do usucapião, no sentido que Silviano Santiago atribui ao termo em *Ora(Direis) puxar conversa!* (2006), isto é, do crítico que se apropria de determinados textos que o atraem, no meu caso, as cartas de Fernando e Clarice.

Santiago no artigo “Suas cartas, Nossas cartas”, presente no citado livro, faz um estudo crítico sobre as correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Em dado momento, Santiago descreve o processo, por meio de uma linguagem metafórica, pelo qual o leitor passa para poder ter acesso às cartas. Tal processo é, em parte, válido para as correspondências de Sabino e Lispector.

Digo *em parte*, pois no mesmo artigo Santiago situa o leitor no lugar do *voyeur*. Ora, a palavra *voyeur* designa todo aquele cujo gosto incide na observação, em ocupar o lugar de espectador, de modo que o voyeurismo é incompatível com a transferência exercida pelo sujeito crítico, por sua vez, este exerce papel ativo dentro do diálogo:

Passaremos por experiência única: a de penetrar na intimidade [...]. Para o acesso à letra de cada carta deles, temos de *simular* um ritual estorvado e vergonhoso. Interceptemos o carteiro na sua caminhada matinal. Furtivamente, retiremos da sua bolsa uma carta, que não nos é endereçada [...]. Violemos o lacre feito de goma arábica e [...], entremos na intimidade dos dois correspondentes e amigos.<sup>164</sup>

É interessante ver que no caso de Mário de Andrade, em outro livro seu de correspondências, *A lição do guru* (1989), havia um certo desejo de guardar a intimidade epistolar, de acordo com um pequeno poema feito pelo autor paulistano: “Guardar as cartas consigo/ Nunca mostrar a ninguém/ Não as publicar também/ De indiferente ou de amigo/ Guardar ou rasgar. Ao sol carta é farol”<sup>165</sup>.

<sup>164</sup> SANTIAGO. *Ora (Direis) puxar conversa!*, p. 61.

<sup>165</sup> ANDRADE. *A lição do guru*, p. 163.

O desejo de resguardar a intimidade epistolar é manifestado por vários intelectuais brasileiros, como Mário de Andrade e Graciliano Ramos, para citar apenas dois. Mas tal desejo não se aplica quando penso o caso de vocês, Fernando e Clarice, uma vez que foi o escritor mineiro quem reuniu as cartas que trocou com Clarice alguns anos depois da morte dela. Se da parte de Fernando há claros indícios que não desejava preservar privacidade nenhuma, o mesmo não posso afirmar de Clarice, dado que não encontrei registros de que a escritora aprovasse ou vetasse a publicação de suas cartas.

O que permitiu a Sabino publicar não somente as suas cartas, mas as de Lispector foi justamente a amizade que os escritores fomentaram ao longo dos anos. Todavia esta tal amizade não era aquela que geralmente rege as trocas de cartas na literatura, em outras palavras, as correspondências na literatura frequentemente designam um escritor 'maduro' e outro recém iniciado na carreira, ambos incluídos em uma relação de mestre e discípulo, tal como atesta Santiago: "No universo da Literatura a carta existe para que o discípulo se dirija ao mestre. O discípulo precisa ser reconhecido enquanto tal"<sup>166</sup>.

A despeito das suas amizades, Fernando e Clarice, não serem aquelas que caracterizam a relação do mestre com o seu discípulo, existe da sua parte, Fernando, a constatação de uma maturidade adquirida por Clarice e o reconhecimento de que a mesma se encontra à frente de seu tempo quando o assunto era o que se entendia como literatura, como vejo na carta de 30 de março de 1955: "Você, de certo modo, me dispensa de escrever. Resta o consolo de pensar que se eu fosse capaz, como você, de dizer o indizível, eu teria a dizer certas coisas que você ainda vai dizer. E me limito a ficar esperando"<sup>167</sup>. Em outra carta, de 17 de setembro de 1946, também

---

<sup>166</sup> SANTIAGO. *Ora (direis) puxar conversa!*, p. 65.

<sup>167</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p 118.

explicita a sua admiração, Fernando, pela escrita de Clarice: “Como eu já disse, gostei muito do seu conto: admiravelmente bem-escrito, não falta nem sobra nada [...] É em verdade um conto tão bonito [...] que só se escreveria na Europa, na Suíça”.<sup>168</sup>

A amizade dos dois escritores, além de estar aberta aos comentários e críticas em relação às respectivas produções de natureza ficcional ou não, também estava aberta a cobranças, mas, desta vez, no tocante a um outro quesito, a regularidade de escrita das cartas. O pacto epistolar está subentendido no “contrato” da amizade, Fernando e Clarice, tal como o fato de que um dos amigos verá o outro morrer, conforme explanei anteriormente, e ele rege a periodicidade, a franqueza, a não artificialidade na escrita, assim como a extensão.

Certo também é que em uma hora ou em outra, o pacto epistolar foi violado, dado que houve lacunas periódicas consideráveis entre uma carta e outra, atestando ora o ócio, o esquecimento e ao que acreditavam ser uma inaptidão em escrever cartas. Em carta do dia 19 de outubro de 1954, quando Fernando estava no Rio de Janeiro, faz uma confissão em relação a sua aparente inércia em escrever missivas: “Respondo agora me forçando um pouco (são 2 horas da manhã, me prometi não passar de hoje) pois quero ver se venço essa minha inércia mental com relação a cartas”<sup>169</sup>. Em outro momento, a carta tem o seu estatuto, digamos documental, “reduzido” a bilhete dada a urgência da escrita, como ocorre na carta de 07 de fevereiro de 1959, quando Clarice confessa que:

Fernando, este é um bilhete apenas, sem outra intenção senão a de dizer alô! Porque passou-se muito tempo desde o dia em que recebi seu livro, e é quase tarde para dizer obrigada! Não houve nenhum motivo para não lhe escrever então – apenas o de muita confusão de vida. Mas a amizade é a mesma, talvez mesmo maior. De modo que me faça um favor: escreva-me um bilhete, menor ainda que este, também só para dizer alô. Dou até a fórmula para você copiar para não ter o menor trabalho. Escreve assim: “Alô, Clarice! Fernando”<sup>170</sup>

<sup>168</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 57.

<sup>169</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 113.

<sup>170</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 186.

Ao que Fernando responde em carta da cidade do Rio de Janeiro, do dia 16 de fevereiro de 1959 na tentativa de se redimir pela falta de frequência das cartas, justificada pelo fato de que não se trata somente de escrever uma simples carta a Clarice, mas, antes, trata-se de escrever uma carta tal como o escritor mineiro gostaria e a amiga merecia, ao mesmo tempo em que assegura à amiga sua amizade:

Clarice, acabo de receber seu grito de amizade e respondo logo: alô Clarice, aqui estou também, seu melhor amigo, sempre me lembrando de você com saudade. Acontece comigo uma incapacidade fundamental de escrever cartas e ainda mais as cartas que eu gostaria de escrever, ou a que devia te escrever agora.<sup>171</sup>

A falta de frequência das cartas entre Fernando e Clarice gera como consequência, além da cobrança para que o outro escreva o mais rapidamente possível, a carência de notícias que visam, pelo menos momentaneamente, sanar a saudade e a falta que a presença do outro faz como aquele de quem se gosta.

Nesse sentido, a carta atua com a finalidade de tornar possível que um amigo vá de encontro ao outro, tal como uma passagem que permite embarcar na viagem que levará Fernando ao encontro de Clarice e vice-versa. Na sua carta, Fernando, para a amiga em 10 de junho de 1946, explicita para Clarice que para você a carta, tanto no que diz respeito a escrita dela como a leitura, simboliza o encontro entre os amigos:

Aqui na minha frente, na minha mesa do Escritório, tem uma pilha de 1834 fichas me esperando para ser conferidas. São tão simpáticas as fichinhas. Me esperam e sorriem burocraticamente: conhecem o meu triste fim. Sorrio também para elas, digo que esperem: agora estou indo para Seminarstrasse.<sup>172</sup>

Muito embora seu efeito não seja completamente eficaz, na medida em que não presentifica fielmente o amigo, somente é capaz de fornecer o vislumbre do outro. A carta possibilita, por extensão, que Fernando e Clarice conversem entre si e

---

<sup>171</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 187.

<sup>172</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 19.

satisfaçam, temporariamente, a saudade do amigo, mesmo porque a relação epistolar se alimenta do jogo criado entre o embate da presença e da ausência, ainda que esta seja vista como negativa, ao passo em que tal relação é: “[...] trabalhada pela ausência e pela espera de rever ou de receber resposta, explorando os vínculos para reavivá-los. Ela é maneira de dar lugar ao outro expondo-se a si mesmo”<sup>173</sup>. Portanto, para melhor correlacionar presença e ausência que o pacto epistolar é instituído entre Fernando e Clarice. Entretanto, quando o pacto era rompido, e devo acrescentar que o fato ocorria várias vezes, ambos os escritores reagiam de forma bastante similar.

A cobrança, resultado natural do rompimento para com a regularidade das cartas, suscitava cobranças insistentes entre os amigos, o que evidencia a consciência do ato ‘transgressor’. Mas a consciência do fato e da ação cometida não acarreta, necessariamente, que Fernando ou Clarice se sentissem envergonhados em cobrar do outro mais cartas e respostas, quando eles mesmos não atendiam ao que cobravam, embora, devo mencionar, procurassem justificar a ausência de cartas, como demonstra Clarice em 27 de julho de 1946, quando comenta com o amigo que:

Deixei de responder logo à sua carta porque exatamente estava em período agudo de precisar receber e não de escrever. Ainda estou assim, mas hoje é domingo de manhã, está chovendo e tudo está escuro; e como não vejo mesmo jeito de receber, então saio do meu egoísmo e lhe escrevo com prazer[...] Você diz que não pode dar nenhuma palavra animadora, e no entanto vieram muitas.<sup>174</sup>

Já você, Fernando, procurava externalizar a culpa que sentia quando passava considerável tempo sem escrever a amiga. Convenhamos, aquela carta, sabe a qual me refiro, escrita após a ausência de um mês e dezessete dias sem destinar sequer um único bilhete para Clarice, e na qual tanto procura se redimir não cumpre eficazmente seu papel. Afinal, ao tentar se desculpar com as seguintes palavras: “Clarice, estou muito triste por ter passado muito tempo sem te escrever e não ter

---

<sup>173</sup> VINCENT-BUFFAULT. *Da amizade*, p. 18.

<sup>174</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 34.

ainda respondido sua carta. Não me esqueci”<sup>175</sup>, ressalta a lacuna temporal proveniente da ausência de cartas.

O medo de ser esquecido e de esquecer é o que faz com que os amigos retomem o pacto epistolar e escrevam para o outro. As cartas viajam para que o amigo(a) tenham a certeza, contudo temporária, de que não foi esquecido(a), isto é, as missivas chegam aos seus destinos para que os dois permaneçam na memória do amigo e sobrevivam *na* distância.

Além da carta ser como o eco da presença do amigo, ela também desempenhava uma segunda, mas não menos importante função, a de suscitar no amigo o ânimo abatido pelo estado de espírito desanimador. Neste caso, penso as reações de Clarice quando esta recebia cartas dos amigos e parentes.

Em outro livro de cartas seu, Clarice, o *Minhas queridas* (2007), a questão acerca do quão agradável era receber cartas é assinalada de forma enfática. Para a escritora as missivas de pessoas que estimava tinham os mesmos efeitos da janela aberta de um ambiente que por muito tempo ficou fechada, ou seja, receber cartas era como ter uma grande agonia atenuada, utilizo-me deste raciocínio para pensar a relação de vocês dois, Fernando e Clarice: “Receber carta sua às vezes tem o sentido que teria abrir as janelas de um quarto onde eu estivesse fechada há semanas. Foi assim que numa manhã o correio tocou para me dar uma carta registrada [...]”<sup>176</sup>.

Para a autora proporcionava alívio e alegria receber notícias, instituindo, por tempo indeterminado, um momento de descanso antes que a ânsia por notícias se fizesse novamente presente, a tal ponto que era uma constante, para ser justa com ambas as partes, a cobrança por uma maior regularidade no envio de cartas e no tamanho das mesmas.

---

<sup>175</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 66.

<sup>176</sup> LISPECTOR. *Minhas queridas*, p. 164.

Cobrança considerada a tal ponto necessária que mesmo após o falecimento de Clarice em 09 de dezembro de 1977, Fernando incumbiu a si mesmo de continuar a conversa com a amiga por meio do ato de homenagem, como já dito, personificado na publicação do livro. Apesar de Clarice já ter morrido quando do momento da publicação das cartas, seu espectro cobra, através da sua memória, Fernando, que este comprove mais uma vez que não a esqueceu. Vale dizer que tal compromisso foi assumido pelo escritor, pois se sentiu impelido a fornecer a amiga sobrevida da amizade.

Portanto, Sabino, como amigo interessado em reafirmar seu lugar na relação de amizade, afinal Clarice continua presente na memória do amigo, acaba por sofrer as consequências de sua posição como herdeiro e arconte da amiga, no caso, herdeiro, principalmente, mas não unicamente, do texto epistolar, condição que fornece os subsídios para lidar com a memória outra que não a sua. Digo que Fernando sofre as consequências de ser o herdeiro e arconte da amiga, pois tenho em mente algo com que trabalharei mais adiante, no segundo conjunto de cartas, mas que aqui já aparece, o verbo “sofrer” possui a acepção que assegura a manifestação, na arconte, do *Mal de arquivo* (Derrida, 2001).

A sobrevivência de uma tal herança leva Fernando e Clarice, ainda em vida, à consciência de que de nada adiantaria reafirmá-la sem questioná-la, tal atitude em nada contribuiria para que a obra do amigo sobrevivesse, faz-se necessário, por conseguinte, atacá-la, no bom sentido do termo, questioná-la, em suma, contribuir para que a herança do amigo sobreviva para além das condições perenes impostas pelo corpo físico.

Queridos,

Estou cansada de escrever e preciso postar logo a carta,

Por isso despeço-me

*Francini parla de Gollis sunha roças*

## CARTA III – Amigos herdeiros, fidelidade na infidelidade: herança e desobediência na amizade

Campo Grande – MS, 25 de outubro de 2015

Nunca falo do que não admiro.

DERRIDA. *De que amanhã*, p. 14.

Fernando, seu livro me espantou. Comecei lendo suas frases cortantes, que você por assim dizer não comenta e que parece ter a intenção de não dizer nada mais do que dizem, comecei sem saber aonde elas iriam dar. Perguntei-me de início aonde você pretendia levar o leitor e se levar. O que me espantou é que – não sei em que momento nem como – me vi inesperadamente dentro do livro, entendendo o que você queria, experimentando tudo, embora não soubesse ainda até onde você iria e vivendo com a velocidade de *staccato* com que o livro é escrito, esse modo de quem fala com a garganta seca.

LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 176.

Estimados amigos,

Como de costume, pelo menos em uma prática instituída ao longo dos quase seis anos de amizade, estou sentada diante da escrivaninha, cercada pelos meus livros e tentando escrever. Intercalo ora ou outra o manuseio de *Cartas perto do coração* e um outro livro, de filosofia, que se chama *De que amanhã...diálogo*, já aviso que pelo título posso antever a relação com as nossas cartas.

O título do livro provém de um dos poemas de Victor Hugo, em que questiona “De que amanhã se trata?”. A pergunta carrega uma bagagem relevante, visto que nos induz a considerar a herança da qual somos herdeiros, como leitores e amigos. Ao considerarmos nossa heranças devemos nos questionar “do que se tratará o amanhã?”, “De qual amanhã tratarei?”, isto se quisermos proporcionar a sobrevivência daquilo com o que sentimos afinidade e admiração.

A admiração entre pessoas constitui, na relação de amizade, papel preponderante, visto que a partir dela os amigos reconhecem entre si determinado traço de similaridade que ambos possuem ou que gostariam de possuir, em uma

busca incessante pelo encontro de si mesmo, conforme já explanei no subtítulo em que falo da alteridade. Este representa apenas um primeiro momento, posteriormente as diferenças emergem e a escolha de continuar a manter tal admiração pelo outro, renová-la, ou desconsiderá-la, deverá ser feita.

Retomo, no último momento do primeiro conjunto de cartas o termo afetar, mencionado na primeira carta “Fernando Sabino e Clarice Lispector: uma amizade para além do princípio da fraternidade”, atrelado a questão da herança. Ao argumentar que o que está por trás de minhas escolhas, intelectuais e afetivas, e das escolhas das suas escolhas, Fernando e Clarice, são o que nos afeta, o que nos agrada e nos desagrada, o que nos desperta algum tipo de paixão e, posteriormente, ocasiona o mal de arquivo, a incompletude, visto evidenciar o relevante papel da afinidade, da escolha que é movida pelo afeto.

A partir da ideia de que *as razões do coração e razões de princípio*<sup>177</sup> são o que sustentam essas escolhas, sendo que nenhuma das duas razões se excluem, muito pelo contrário, se relacionam de modo que um determina o outro, quero aqui pensar que a herança que elegi como a minha e a que os escritores elegeram para si são atravessadas por tais razões.

A eleição da herança é calcada no fato de que requer que o herdeiro necessariamente seja afetado pela sua escolha, pois caso se tratasse do contrário, não haveria diálogo entre o herdeiro e a sua herança, de modo que estabeleça uma relação de amor de transferência ao ponto que o amigo herdeiro afirme, como que tomado de êxtase, que: “Somos o que herdamos, razão ou loucura, diria Nietzsche, e é a esse respeito que estamos sempre testemunhando [...]”<sup>178</sup>.

---

<sup>177</sup> Por razões de princípio entendo que são, na esteira de Edgar Cézard Nolasco em Políticas da Crítica Biográfica: “[...] a literatura, o ensaio, a crítica, o valor, a lei, o direito, o documento, a obra, o arquivo, a biografia etc [...]”. NOLASCO. Políticas da Crítica Biográfica, p. 36.

<sup>178</sup> NASCIMENTO. Heranças de Derrida, p. 22.

O apontamento feito por Evando Nascimento no artigo “Heranças de Derrida: desconstrução, tradução e messianicidade”, do livro *Jacques Derrida: atos de leitura, literatura e democracia* (2009), esclarece que não há separação, no sentido atribuído pela lógica ocidental entre teoria e sujeito, por isso reafirmar o *ser herdeiro*, enquanto matéria íntima daquilo que constitui alguém, do(a) crítico(a) herdeiro, em vez do *ter* (possuir, deter direito sobre) a herança.

O primeiro sentido ressalta a transferência e a experiência em vivenciar aquilo que integra parte do *bios*, e ao fazer parte o sujeito traz para mais perto de si a herança. O segundo termo prefere situar o herdeiro como aquele que detém a posse, pressupondo que possuir delega a ele o direito em manter “fechada” a sua herança, por isso, o invés de *ter a herança*, o *ser herdeiro* (NASCIMENTO, 2009) aponta para os atos *desconstrutores*, e não *destruidores*.

Nascimento ainda recorda, em sua argumentação, à luz de Derrida, que: “Daí que o próprio Derrida falará cada vez mais em *desconstruções*, enfatizando que não se trata de uma *propriedade* sua característica identificadora, nem território de posse”<sup>179</sup>. No prefácio da biografia de Derrida, de Benoît Peeters (2013), Evando Nascimento retoma novamente a questão ao frisar que o: “[...] excesso de fidelidade pode indicar justamente o contrário, resultando em uma reflexão paralisante, incapaz de dar o salto interpretativo, sem o qual a atividade desconstrutora se reduz a algo previsível”<sup>180</sup>.

O termo *desconstruções* são as ações empreendidas pela infidelidade fiel em relação aquilo que é herdado. Desconstruir as heranças dos amigos envolve em repensar a ordem genealógica desenvolvida quando da eleição da herança. A ordem mostra que um amigo, aquele com que tenho alguma afinidade, exerce o papel que

---

<sup>179</sup> NASCIMENTO. Heranças de Derrida, p. 22.

<sup>180</sup> NASCIMENTO. Prefácio *Derrida*, p. 18.

se chama “mestre”, sendo o outro o “discípulo”, mas não se trata de repensar a genealogia com o objetivo de superação, e sim de reinvenção, como esclarece

Nascimento:

Em suma, só há verdadeira herança com a interrupção da genealogia, sem todavia querer, também hegelianamente, “superar” o mestre, mas sim tão somente deslocar e reinventar suas palavras, seus escritos. De forma que chegue até mesmo a dizer o que ele jamais diria, paradoxalmente como suprema traição na máxima felicidade.<sup>181</sup>

Acrescento a esta discussão na qual venho me detendo, na esteira de Evando Nascimento, determinada fala de Edgar C. Nolasco, a qual trata, justamente, da natureza das relações que regem a crítica, de acordo com Nolasco: “[...] as relações humanas afetivas (e crítica) são determinadas por uma transferência entre os sujeitos imbrincados nessa relação”<sup>182</sup>.

Vivenciar, por meio da relação transferencial do sujeito herdeiro e o que constitui a sua herança, é experienciá-la percorrendo o caminho entre razão e a loucura que o amor profundo acarreta naquele que é ao tempo similar, amigo e inimigo, *inimigoamigo*, (o herdeiro fiel em sua infidelidade).

Tenho, portanto, assim como Fernando e Clarice, que lidar com outras vidas que não a minha: Fernando lida com sua vida e com a vida de Clarice, e vice-e-versa, assim como tenho que lidar com meu *bios* e o *bios* dos escritores, dado que ao vivenciar e experienciar, pela transferência, a herança, considero ser mortal para ela o seu foco em uma única experiência, a dizer, a experiência daqueles de quem me considero herdeira, bem como dos textos ficcionais dos escritores, de suas respectivas cartas e dos textos críticos dos quais me valho ao longo desta dissertação.

Fato é que tanto Fernando Sabino quanto Clarice Lispector eram leitores das obras do amigo e submetiam um ao outro seus respectivos escritos (contos, crônicas,

---

<sup>181</sup>NASCIMENTO. Prefácio *Derrida*, p. 18

<sup>182</sup> NOLASCO. Políticas da Crítica Biográfica, p. 43.

romances). Desta forma, ambos conceberam uma relação em que, como explanei na carta anterior, realçada pela morte de Clarice a sua ausência bio-lógica, tornou Fernando o herdeiro de sua amiga.

Mas sua condição de herdeiro não se deu somente pela afinidade intelectual, mas foi realçada pelo fato de que Fernando continuou na condição de leitor de toda a obra clariciana e realizou o gesto de homenagem para com Clarice, posto que o escritor mineiro reuniu e publicou as cartas trocadas durante anos com Lispector.

Tal ação de sua parte, bem como a minha como crítica, requer considerar o que Jacques Derrida em *Mal de arquivo* (2001) vai nomear como um ato de amor. De acordo com o filósofo: “Encadernar, ligar as folhas novamente é um ato de amor”<sup>183</sup>, mas é também, pelo menos é no que acredito, um ato de dor, posto que reivindicou de Fernando que este, durante o processo de reunir as cartas, se deparasse com um passado que o lembrava que outrora Clarice e amigos outros viviam.

Ao mesmo tempo em que esse princípio de reunião, consignação da parte de Fernando e minha: “[...] implica em reunir, em buscar para juntar, a juntar para devolver”<sup>184</sup>, acarreta igualmente em uma devolutiva ocorrida em dois momentos, sendo um o que concerne à publicação das cartas, em 2001, e o outro o momento de escrita destas cartas em que devolvo para Sabino e Lispector este algo que é o conjunto de correspondências.

A admiração exercida como consequência da leitura da obra do amigo demanda que Fernando, na condição de amigo-leitor, e Clarice como amiga-leitora assumam os papéis de herdeiros um do outro. Ressalto que tal condição acompanhou Fernando por mais tempo, como explanei acima, e se me detenho em tal questão é por entender que, enquanto herdeiros, os amigos não realizavam passivamente a

---

<sup>183</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 34.

<sup>184</sup> DERRIDA. *O cartão-postal*, p. 344.

leitura da obra de forma que pensar a herança dos amigos implica em considerar que a relação herdeiro-herança é: “[...] atravessada por uma fidelidade à herança, visando sua reinterpretação e reafirmação, as quais não se dão sem uma infidelidade”<sup>185</sup> e o que relaciona a fidelidade a infidelidade, e vice-e-versa: “[...] é o *re-* do retorno, a volta a mais da repetição e do re-aparecimento. Ele insiste no fato de que a maior quantidade de prazer se deve à segunda fase, ao *re-*torno que orienta tudo, e sem o qual nada viria<sup>186</sup>.

O prefixo *re-*, como bem assinalou Derrida em *O cartão postal: de Sócrates a Freud e além* (2007), é um pequeno termo cuja função responsável, contrastivamente ao tamanho, é a de ligar o(a) herdeiro(a) a herança, Trata-se da volta, da parte do herdeiro, não nas mesmas condições do primeiro contato, não o leitor-primeiro, mas o leitor que retorna para revitalizar. Assim, o retorno proporciona que esta, a herança, por meio dos comentários, conselhos de mudança e releituras, seja constantemente reafirmada e rearticulada. Derrida aqui se faz necessário, quando se detém sobre a relevância de revisitar a herança:

Isso especula o retorno, isso se completa retornando: o maior prazer [...] embora assistamos menos diretamente ao espetáculo, é o [...] retorno. E contudo, o que retorna assim retornando, deve ser, para que a brincadeira seja completa, afastado de novo, incansavelmente. Isso especula a partir do retorno, na partida do que tem que retornar. Do que retorna de partir ou acaba de repartir.<sup>187</sup>

Nessa esteira é que trago como epígrafe da carta a fala de Jacques Derrida em *De que amanhã* (2004), e o comentário de Clarice sobre o livro *O encontro marcado* (1956), dado que ao pensar Fernando e Clarice como herdeiros, e, no segundo momento, minha condição enquanto herdeira dos dois escritores, se tornou inevitável

---

<sup>185</sup> NOLASCO. Políticas da Crítica Biográfica, p. 37.

<sup>186</sup> DERRIDA. *O cartão-postal*, p. 352.

<sup>187</sup> DERRIDA. *O Cartão-postal*, p. 349.

não me recordar da explanação do filósofo e construir a relação entre a admiração e a herança dos amigos.

Contudo, ler o amigo, a obra dele, demanda a distância da qual uma “boa” amizade se faz valer, em seu sentido físico (distância geográfica) e abstrato (o embate, a discordância). Como demonstra a carta de 08 de janeiro de 1957 sobre o livro de Sabino, *O encontro marcado* (1956):

Seu livro, tão duro, é muito bonito. O modo como às vezes um personagem sai de cena, com uma mudez, uma determinação. O ritmo do livro é muito bonito. E a história é “subjativa sem a pieguice do “subjetivo”. O livro todo parece filmado em luz de rua, sem maquillage.<sup>188</sup>

A ponderação em torno da herança, dos herdeiros, da fidelidade, da infidelidade e da desobediência, como assinalado no título, considera que em um primeiro momento emergem as palavras-chave que constituem o âmbito do debate, como: leitura, amizade, distância, admiração, encontro, por extensão, penso no encontro reivindicado pela herança e pela amizade, encontro este que não necessariamente ocorre mediante a concordância de ideias. Na verdade, a questão pulsante é a discordância e a não aderência plena, ainda que o reconhecimento seja essencial para o início. A relação herdeiro – herança é fomentada pela diferença, pois é neste instante que a amizade herdada ou a herança amiga se desvincula do modelo familiar.

Jacques Derrida em entrevista com Elisabeth Roudinesco, no livro já referido, em capítulo nomeado “A escolha da herança”, retoma, sua trajetória intelectual, e por conseguinte, a sua herança para pensar toda uma problemática sobre a fidelidade e infidelidade em relação a sua formação intelectual e crítica. Dentro de tal discussão é abordada uma questão fundamental que trago aqui para pensar de que modo os amigos herdeiros, e compreendo que está sob essa condição Fernando, Clarice e eu, podem reler a obra do amigo sem incorrer na reafirmação.

---

<sup>188</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 177 – 178.

A saída é indicada por Derrida quando este explica que é necessário que o herdeiro(a) seja infiel no intento de ser fiel, aparentemente contraditória é a mencionada ação. Pois ora, como posso, na esteira de Roudinesco inicialmente questionando Derrida, me proclamar fiel se sou infiel? Mas antes, o que é a infidelidade?.

A infidelidade trata do questionamento do que é herdado, é surpreender a herança no momento em que esta é dogmática (Derrida). De acordo com esta ideia o amigo é, isto posto, aquele que por excelência sabe reafirmar sua herança. Reafirmar, trata-se do que? Na esteira de Derrida é: “Não apenas aceitar a herança, mas (re)lançá-la de outra maneira e mantê-la viva”<sup>189</sup>, tanto Fernando, quanto Clarice e eu temos a opção de mantê-la pulsante, de relançá-la, revisitá-la, questionar.

Para que ocorra, preciso que a fidelidade, não aquela que se pretende eternizada, a demande, isso se o que pretendemos diz respeito à sobrevivência da herança, questionar para atualizar. Não falo em “tributo”, pois entendo que não há, ou não deveria ocorrer, o “endeusamento”. Endeusar, ou antes, santificar a herança pressupõe que sua legítima consequência é a morte, e a morte da herança é seu esquecimento, o que não ocorreu quando Fernando publicou *Cartas perto do coração* e muito menos quando movida pela pelo desejo da busca escrevo e teço as ligações entre as esferas das múltiplas vidas envolvidas *a partir da amizade dos escritores*. Retomar a herança, sobretudo, significa: “Não deixar a salvo: salvar, talvez, ainda, por algum tempo, mas sem ilusão quanto a uma salvação final”<sup>190</sup>.

Lembro ao leitor que articulo a questão da herança em dois sentidos. Em um primeiro momento, proponho pensar o amigo como herdeiro do outro, isto é, Fernando como herdeiro de Clarice e, por sua vez, Clarice herdeira de Fernando. Nesse sentido,

---

<sup>189</sup> DERRIDA; ROUDINESCO. *De que amanhã*, p. 12.

<sup>190</sup> DERRIDA; ROUDINESCO. *De que amanhã*, p. 13.

o amigo que herda é aquele que continuamente lê a obra do outro e admira-as ao mesmo tempo em que desconfia delas. Retomo o comentário que Fernando faz do livro *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969) quando disse que estava encantado com a leitura do livro e que não mais merecia ser o leitor da amiga, por entender que Clarice havia alcançado a maturidade que o escritor não reconhecia em si mesmo.

Posteriormente, considero minha participação como amiga-herdeira-arconte, de uma herança que abrange as reflexões já feitas a respeito da amizade e do aparato crítico do qual me utilizo para pensar *a partir da amizade* dos escritores, assim como também herdeira de Fernando e Clarice. Mas, para empreender a fidelidade-infiel, é necessário que leve em consideração que erijo minha reflexão *a partir de* um lócus específico, Mato Grosso do Sul, o que contribui no sentido de oferecer uma perspectiva outra que engloba a amizade da diferença.

Além de assinalar minha condição de herdeira sendo “infiel”, na melhor acepção da palavra, as minhas leituras, questionando-as como ressalta Elisabeth Roudinesco em *De que amanhã* quando explana que: “Daí a ideia de que a melhor maneira de ser fiel a uma herança é ser-lhe infiel, isto é, não recebê-la à letra, como uma totalidade, mas antes surpreender suas falhas, captar seu ‘momento dogmático’”<sup>191</sup>, isto posto, o momento disciplinar.

A herança recebida por mim, tanto quanto aquela delegada aos amigos, Fernando e Clarice, acarreta a filiação que, por sua vez, se desvincula de uma mera procura pelas influências. Não por coincidência, Evando Nascimento no sintomático artigo, “Heranças de Derrida: desconstrução, destruição e mecianissidade”, menciona sobre uma das obras de Derrida, *A farmácia de Platão* (2005) que “[...] já pode ser

---

<sup>191</sup> DERRIDA; ROUDINESCO. *De que amanhã*, p. 11.

visto como um grande ensaio genealógico, em que a paternidade, a filiação e consequentemente a herança são fios condutores da reflexão”<sup>192</sup>. As palavras de Nascimento corroboram a fala de Hugo Achugar quando em *Planetas sem boca* (2006), o crítico uruguaio explana que:

Narração do passado, memória, tradição, herança, testamento funcionam, em certo nível, como sinônimos. A filiação – como o testamento – estabelece uma tradição, uma memória, uma herança. Costuma acontecer, no entanto, que há heranças que são rejeitadas, há legados que despojam, há tradições que são mudadas e que, em lugar de memórias, há esquecimento.<sup>193</sup>

A herança permite ao amigo a criação de um círculo constituído pelos amigos outros, entende-se: autores, leituras, percussores, reunidos pelas afinidades eletivas e pelas diferenças apresentadas. Até este momento, como aqueles que futuramente lerão o texto podem perceber, tenho me detido de forma bastante considerável na suposta contradição em que se encontra aquele herdeiro que deseja proporcionar a sobrevivência para a sua herança, fidelidade infiel, sobrevivência esta consequência das estratégias de apropriação do(a) herdeiro(a).

A desobediência, entendida como infidelidade, implica considerar e incorrer na *desobediência epistêmica* de que fala Walter Mignolo, novamente o teórico assinala sua relevância para o debate que desenvolvo. No artigo “Desobediência epistêmica”, o crítico explana sobre como devemos nos desvincular da adesão total aos saberes concebidos pelo imaginário do sistema mundial colonial/moderno. Mignolo aponta que diferentemente da *política da identidade*, devemos pensar em *identidade em política*, posto que esse pressuposto, aliado à *desobediência epistêmica*, convergem na *opção descolonial* como opção que se desprende do imaginário ocidental colonial/moderno.

Desobedecer sua herança, questioná-la, é, antes de tudo, empreender uma reflexão que se proponha a *aprender a (des)aprender* (MIGNOLO, 2008), a amizade,

---

<sup>192</sup> NASCIMENTO. Heranças de Derrida, p. 22.

<sup>193</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 33.

a herança e seus modelos de congelamento epistemológico, e para o crítico, lição similar se faz necessária, desconstruindo e descolonizando sua herança.

Nesse sentido é coerente considerar que o conceito de desobediência, atrelado a amizade de Fernando e Clarice se dá quando ambos questionam um e outro, discordam entre si, assim como também o é coerente pensar no sujeito crítico e no grande projeto que este tem a frente, pelo menos quando penso na herança que herdo, e que estará aberta a mudanças, ou seja: “Precisamos desatar o nó, aprender a desaprender, e aprender a reaprender a cada passo”<sup>194</sup>, e também: “[...] aprender a desaprender, a fim de voltar a aprender. Re-aprender o quê?”<sup>195</sup>.

Em uma prática instituída pela amizade dos dois escritores o desaprender de que fala Mignolo está presente em todas as cartas, principalmente quando o assunto discutido é a literatura. (Des)aprender requer o exercício de olhar para si através do outro, dessa forma, ambos os escritores pediam para que um e outro comentasse suas respectivas produções, para que assim pudessem pensar a prática literária. Um dos momentos mais representativos, sob a ótica do conselho, é quando Fernando envia para a amiga os comentários feitos sobre o livro *A maçã no escuro*, em um dos apontamentos realizados o escritor escreve que:

Págs. 1 a 3 (pág. 13, linha 1) – Achei, em duas leituras, dispensável todo o “prefácio”. Meio precioso também. Repte coisas que o próprio livro já diz, as que não diz poderiam ser aproveitadas no texto. Para mim, o livro começa realmente em: “Começa (esta história) com uma noite...”<sup>196</sup>

A resposta ao questionamento de Walter Mignolo aponta para o gesto crítico de (des)aprender a herança, a amizade, o pensar, compreendo, por extensão, que o gesto de desobedecer sua herança é acima de tudo um gesto de desobediência crítica por parte dos amigos. Me incluo neste grupo, o dos amigos que dialogam com os

<sup>194</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

<sup>195</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.

<sup>196</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 142 – 143.

outros, pois como arconte e crítica biográfica pós-ocidental, sou amiga daqueles dos quais me considero herdeira, de modo que esta tal condição proporcionada pela transferência e pelo encantamento pela vida dos outros me leva a:

[...] revelar a forma como essa vida alheia funciona como um jogo, um desejo do outro (e agora do sujeito crítico envolvido na relação), enfim a vida como procura de algo jamais encontrado e que, ao mesmo tempo, satisfaz o sujeito crítico nessa busca sem o objeto definido.<sup>197</sup>

O desejo do outro, referido na citação acima, bem como a procura por algo que jamais será encontrado, em sua totalidade, consignam o princípio arcôntico que me rege na qualidade de pesquisadora e aos amigos como respectivos herdeiros. Ao afirmar que a vida de Fernando e Clarice me encantam, está por trás de tal assertiva a minha vivência como pesquisadora, e ao tentar, como Nolasco recorda, procurar algo que sei que jamais encontrarei, pois o mesmo sempre me escapará, procuro, na verdade, fortalecer ainda mais a relação transferencial para com os escritores e amigos, sendo que através desta profícua relação terei acesso aos arquivos da amizade de vocês, Fernando e Clarice. Mas, por ora, ressalto que tal assunto concernente ao arquivo será abordado no segundo conjunto de cartas que logo se iniciará e cujo título já é, por si só, bastante representativo.

Sem mais delongas,

Me despeço,

Até a próxima vista,



---

<sup>197</sup> NOLASCO. Políticas da Crítica Biográfica, p. 40.

tu do jornal seria seu, se você es-  
 tivesses aqui. Falei ao Distrito,  
 este falou ao Conselho, tudo  
 -ando já estava certo que o re-  
 plano seria seu, há quem  
 achasse que não é que o está  
 fazendo, como aliás o meu  
 do Quer Quer - e perpetua em  
 tu dia. Tudo se resolve este mesmo  
 aqui. Lembro que o Clóvis Ra-  
 lphete de Lemos não deves-  
 já muito tempo, pois está  
 fazendo um trabalho muito  
 tu. Vou voltar para lá, daí  
 o emprego, muito bem,  
 -ate a minha casa, que  
 na sala nova, até che- a  
 de originais e venda. Vou  
 que o reuhenos em os  
 obras ausentes de Spencer Tracy.  
 Você me faz mais falta do  
 que a chave de meu aparta-  
 mento. Você é uma jovem,  
 um sonho, uma vitórias.  
 Uma esperança para meu pe-  
 que coração. Tanto hei chorado  
 aqui, chorado em vão! Quando  
 você vier, te abraço, te abraço,  
 Ontem quem me abraça, te abraço

II CONJUNTO DE CARTAS<sup>198</sup> -

MARÇO A OUTUBRO DE 2015:

(DES)ARQUIVANDO CARTAS PERTO DO CORAÇÃO

É dolorido, é penoso, é fatigante, é sobretudo inquieto,  
 inquietante e insatisfatório. Mas é gostoso também, é másculo,  
 é, sobretudo, de uma grande dignidade.

SANTIAGO. Mário de Andrade, p. 142.

<sup>198</sup> Leitor(a), olhe os anexos de número 5, 6, 7, 8, 9 e 10 pois são algumas das notas de leituras feitas para escrever o segundo conjunto de cartas. Dando continuidade aos anexos referentes ao primeiro conjunto de cartas, a presença das notas de leitura dão uma noção do trabalho empenhado para (re)escrever a presente parte.

Campo Grande – MS, 25 de março de 2015

É a morte que me permite hoje declarar esta amizade intelectual [...] Graças sejam dadas à morte. É *graças* à morte que a amizade se pode declarar.

DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 304.

Fernando e Clarice,

Considerando as circunstâncias em que esta carta está sendo escrita, isto é, logo após aquelas que escrevi, respectivamente, no dia 01 de fevereiro de 2015, “Fernando Sabino e Clarice Lispector: amizade para além do princípio da fraternidade” e 05 de março do mesmo ano, “O(s) eu(s) e o(s) outro(s): a experiência da alteridade”, em que trato da relação construída entre morte e amizade, ressalto os laços metafóricos que nos aproximam.

Se me perguntassem, queridos amigos, neste exato momento, quais outras características, vivências e fatos nos aproximam, rapidamente apontaria para aquele que talvez seja o fator mais aparente: nós três somos sujeitos deslocados, o que varia são as circunstâncias que propiciaram o deslocamento. Da minha parte a história é longa, começo, portanto, a contá-la agora.

Não provenho do centro-oeste, cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, mas penso *a partir* dela. Nasci em São Gabriel da Cachoeira (Amazonas), cidade cuja condição fronteiriça (Colômbia e Venezuela) é similar à de Campo Grande (Paraguai e Bolívia). Como filha de militar peregrinei por boa parte do Brasil, de Norte a Sul. Passei por lugares como: São Gabriel da Cachoeira (AM), Santiago (RS), Resende (RJ), Belém (PA) e por fim, Campo Grande (MS).

Todavia, viajar de um lado para o outro teve um custo relevante, tal fato tanto tirou como somou algo, posto que me foi negado, por tempo considerável, manter, de forma permanente, os vínculos e raízes criados nos lugares em que residi. Desse modo, coleciono lembranças e amigos que, mesmo após minhas constantes partidas,

reafirmam suas presenças nas ausências, através de seus espectros que me seguem. Chega a tal grau a relação, de vindas e partidas, muito similar às suas, Clarice e Fernando, com os amigos, que minha afinidade intelectual recai sobre o assunto amizade.

Essa coleção de recordações e pessoas, adquiridas ao longo de minha trajetória como andarilha, muitas vezes me levou a considerar, tal como Clarice quando saiu do Brasil e viajou para Berna deixando para trás seus amigos: “Não quero pensar em saudades, não quero pensar em gritos [...]”<sup>199</sup>. Como você, Clarice, preferi, muitas vezes, não pensar nas saudades, tamanho era o mal-estar despertado pela contínua locomoção geográfica.

A sua assertiva, Clarice, aqui reconsiderada como minha, assinala a importância que os amigos tiveram na sua vida, e na minha, ao ponto de não querer incidir no sofrimento acarretado pela saudade daqueles cuja presença já não podem mais ser presentificada como outrora.

O preço cobrado pelos meus deslocamentos como viajante reside no fato de me obrigar a manter as amizades constituídas ao longo do tempo considerando a variável da distância geográfica. Embora essa situação, em um primeiro momento, tenha sido custosa, se provou plenamente contornável, ainda que muitas vezes acompanhada de saudade, pois nessa época, não tão longínqua, os meios de comunicação, dos quais lancei mão para manter contato com os amigos, foram, principalmente, dois: as cartas e os e-mails.

Se evoco essas memórias que compõe minha vida não o faço com a certeza de se tratar de uma ação voluntária de minha consciência. Sobretudo, trata-se de um fato avivado pela sua amizade, Fernando e Clarice, que em sua grande parte se

---

<sup>199</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 13.

desenvolveu a longas distâncias geográficas, assim como as minhas, e através das cartas trocadas ao longo de mais de 23 anos de amizade à distância.

Tempo que é o mesmo de minha idade quando do momento em que escrevo estas linhas. Acredito ser a coincidência cronológica um dos fatores que me ligam a Fernando e Clarice. Essa mesma coincidência temporal, minha idade e o tempo que durou a troca de cartas entre os amigos escritores, não emerge para deixar explícito a datação histórica, mas antes reforça a relação transferencial que ocorre por meio de elementos que me ligam aos escritores.

Um outro fator, como já explicitado, é que Fernando, Clarice e eu somos viajantes. A escritora, que já nasceu em trânsito, alude a essa parte de sua biografia na crônica “Viagem de trem”, quando remonta a sua história e se refere ao deslocamento de sua família fugindo da perseguição aos judeus, expõe Clarice: “Devo ter viajado de trem da Ucrânia para a Romênia e desta para Hamburgo. Nada sei, recém-nascida que eu era”<sup>200</sup>.

Uma terceira relação diz respeito a morte e aqui a epígrafe de Jacques Derrida em *Políticas da amizade* (2003) mostra sua relevância quando entende a morte como matéria da vida, como o que possibilita a declaração da amizade entre pessoas que não chegaram a se conhecer pessoalmente, mas que, por um lado, a do sujeito crítico, se conheceram por meio da leitura, concebendo a chamada amizade metafórica.

Após viajar bastante, minha família se estabeleceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e ao dar prosseguimento aos meus estudos a condição de andarilha foi amenizada pelos laços e vínculos que criei aqui. Entrei na faculdade e por opção, que se baseou na minha paixão pela leitura, escolhi cursar Letras, com habilitação em Língua Espanhola.

---

<sup>200</sup> LISPECTOR. *Crônicas para jovens*, p. 49.

Logo após iniciar os estudos na graduação me envolvi com a pesquisa e com as atividades de extensão, e em 2011 nos conhecemos pela primeira vez, Fernando e Clarice, através do *Cartas perto do coração* (2011) e desde então temo-nos feito companhia, já se passando, desde a data supracitada, quatro anos. O nosso tempo de convivência fez com que torna-se uma escolha natural, e por trás dessa naturalidade está o afeto, continuar com o nosso diálogo no segmento posterior a graduação, ou seja, o mestrado.

O objetivo principal, deste segundo conjunto epistolar e da discussão que engendro, é discorrer acerca do arquivo atrelado a amizade entre os escritores e a pesquisadora. Para tanto, o arquivo a ser (des)arquivado, inicialmente, é o referente as cartas que vocês, Fernando e Clarice, escreveram entre 21 de abril de 1946 até 29 de janeiro de 1969. A reflexão em torno do arquivo dos amigos ocorre baseada principalmente nas considerações de Jacques Derrida em seu *Mal de arquivo: uma impressão Freudiana* (2001). Para o filósofo o:

*Mal de arquivo* evoca sem dúvida um sintoma, um sofrimento, uma paixão: o arquivo do mal, mas também aquilo que arruína, desvia ou destrói o próprio princípio do arquivo, a saber, o mal radical. Levanta-se então infinita, fora de proporção, sempre em curso, “em mal de arquivo”, a espera sem horizonte acessível, a impaciência absoluta de um desejo de memória.<sup>201</sup>

O *Mal de arquivo* e seus múltiplos evocamentos: sofrimento, paixão, construção, (des)arquivamento, são os componentes do texto (tecido, tessitura) crítico e que hora fazem as mãos da tecelã, a crítica, sangrarem, ora trabalharem com alegre presteza, entrelaçando os fios da sua vida com as diversas outras vidas, como forma de tentar resolver a ânsia, de que falou Derrida, da memória como forma de permanência.

---

<sup>201</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 09.

O desejo pela memória é transpassado, por todos os lados, pelo desejo impaciente pela vida do outro, no caso, pelas vidas dos outros, Sabino e Lispector, de tal forma que me leva a procura, na esteira do que propôs Nolasco (2010), no artigo já mencionado, “Políticas da Crítica Biográfica”, de evidenciar como a vida do outro, aquela que não é propriamente a minha, se assemelha a um jogo, algo que é o desejo pelo outro e que faz parte da relação transferencial.

A ânsia pela vida destes outros, com os quais construí uma relação de transferência, me levam a acessar as cartas dos escritores, por meio de determinado gesto vergonhoso, sorrateiro e também simulado, enganador e sequestrador, para fazer alusão a um livro de Fernando (*O grande mentecapto*) e ao livro *Ora (dizeis) puxar conversa!*: ensaios literários, de Silviano Santiago.

O gesto primário demanda que eu arrombe a sua escrivaninha, Fernando, especificamente o lugar em que guarda as cartas para a amiga e me aposso delas, para, em seguida, iniciar o segundo movimento simulado que diz respeito a ir de encontro ao escritório, inicialmente em Berna, de Clarice e arrebentar a fechadura da gaveta da mesa que contém as correspondências para o amigo. O gesto surrupador e empreendido por mim nos acompanhará, Fernando, Clarice, pelas diferentes localidades pelas quais passamos ao longo de nossa trajetória viajante.

Munida dos dois fardos rompo o selo que simboliza a barreira entre o que é da ordem do particular, dos segredos, das confidências pessoais, do interdito e o que é da ordem do público, do conhecido, do explicitamente dito. Dessa forma, tomo conhecimento das conversas dos dois escritores, sobre o que falavam, o que os angustiava, os conselhos trocados, os comentários acerca de leituras efetuadas, e as críticas aos respectivos trabalhos demonstrando, muitas vezes, o doce sabor amargo da amizade.

Tal ato meu não implica em *voyeurismo*, como poderiam pensar, leitores, posto que o *voyeur* é aquele que se restringe ao ato de observar, sem, contudo, participar da ação em si. A amizade que construo *a partir da* relação de Fernando e Clarice é aquela na qual o eu da crítica participa de forma efetiva, mesmo que metafórica, da amizade. Portanto, o que antes se dava entre dois agora ocorre em uma curiosa tríade: Fernando, Clarice e Francine.

Em sentido contrário ao que aponta o *voyeurismo*, a crítica biográfica pós-ocidental auxilia-me no sentido de construir a nossa tríplice amizade, tendo em vista que a sua forma de pensar por meio de metáforas permite que encontros que nunca ocorreram aconteçam. Eneida Maria de Souza endossa minha fala ao comentar que: “A comparação conta, portanto, com a ajuda de critérios biográficos ao promover encontros entre escritores e incentivar a criação de diálogos muitas vezes inesperados”<sup>202</sup>, e que diálogo mais curioso e rentável poderia acontecer do que aquele que resulta do encontro que coloca frente-a-frente, a pesquisadora e aqueles que são o “objeto de desejo”?

A partir do gesto usurpador, as cartas que antes eram pertencentes a Fernando e Clarice passam a serem minhas também, para que assim possa (des)arquivar e escrever o que é tida como um conjunto de extensas cartas aos amigos. Sou a remetente e vocês, meus amigos, são os destinatários, é esta a essência da minha escrita, escrever para o(s) outro(s). Delas, as cartas escritas *perto do coração*, retiro, a princípio, algumas questões que chamam a atenção e que serão discutidas ao longo do segundo conjunto de cartas, justificando, dessa forma, o título “(Des)arquivando *Cartas perto do coração*”.

---

<sup>202</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 20.

A escolha do que trato no segundo conjunto visa, principalmente, dar continuidade ao que venho articulando desde as primeiras cartas, as quais são uma espécie de prefácio que introduz a questão do (des)arquivar. Nelas, me atentei para questões como amizade, alteridade e morte dos amigos, a fim de poder falar da tríplice amizade, além de me deter nas cartas e na herança, pois entendo que a discussão faz parte do arquivo de Fernando e Clarice.

O primeiro item que retiro das escrivatinhas dos amigos diz respeito a já mencionada tríplice amizade, na qual me insiro como amiga dos dois escritores. Ressalto que trato de uma amizade que sabe respeitar a boa-distância e que, por isso mesmo, se dá por meio dela, aqui, a distância assume o sentido de além vida e morte, visto que os outros dois amigos estão mortos, Clarice em 1977 e Fernando falecido em 2004. Elenco este item posto que:

É preciso aprender a cultivar uma “boa distância” nas relações afetivas, um excesso de proximidade e intimidade leva à confusão, e somente a distância permite respeitar o outro e promover a sensibilidade e a delicadeza necessárias para perceber sua alteridade e singularidade.<sup>203</sup>

Remexo ainda mais nas escrivatinhas de Clarice e Fernando, e delas retiro um segundo item, a dizer, as conversas que tiveram e que somente foram possíveis por meios das cartas que ajudam a minimizar o efeito da distância na amizade. Quando emprego o termo “conversa” é tanto no sentido que Walter Mignolo atribuí a elas, ou seja, a concepção de conversa como método de produção de conhecimento desvinculado de possíveis documentações que denotam um estado congelado do saber o que por si só aponta para a segurança acerca de conceitos (DERRIDA, 2001).

Nas mãos, ou melhor, nas cartas escritas por vocês, Fernando e Clarice, o termo “conversa” foi utilizado no sentido de que conversavam e trocavam comentários

---

<sup>203</sup> ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 82.

acerca de suas produções literárias, dentre outras situações como notícias pessoais, de outras pessoas e do Brasil.

O terceiro item retirado trata da entrevista que Clarice fez com Fernando para a série “Diálogos possíveis Com Clarice Lispector”, para a revista Manchete que vem na esteira da ideia de conversa, apesar do teórico argentino explicar que conceitua a conversa não relacionada a qualquer forma de documentação, defendendo que ao entrevistar o amigo, você, Clarice, se valeu da intimidade criada ao longo dos anos com o amigo, diluindo a barreira edificada pela concepção de que a entrevista é algo formal.

O quarto, e último item que retiro da escrivadinha, é o único registro fotográfico de que tenho conhecimento dos amigos. A foto é tão singular, de múltiplas formas, mas principalmente por mostrar não apenas aspectos visíveis, mas por me mostrar o que está no interdito, isto é, a evocação da lembrança de que o que está retratado é um construto que já ocorreu e que, portanto, não posso acessar, me impelindo, a *partir* da foto, construir minha própria narrativa da imagem.

Ao assinalar anteriormente a minha condição de viajante que marcou boa parte da minha vida estabeleci um vínculo com Fernando e Clarice, à dizer, um dos laços que nos une é o fato de que somos igualmente atravessados pela imposição da locomoção, por esse motivo é que, tal como assinala, Fernando, em carta de 08 de agosto de 1953, digo que: “Viajar, é decidido, faz parte dos meus planos, ou melhor: de minhas perspectivas [...]”<sup>204</sup>.

Nesse sentido, trata-se de algo intrínseco que acompanha as mudanças do *bios*, meu e de vocês, amigos queridos, e, por conseguinte, traveste-se de matéria para a produção intelectual dos escritores, que eficazmente transportam a experiência

---

<sup>204</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 95.

que angariaram em suas viagens para a literatura. Claro que o fato ocorreu de forma diferente, Clarice retratando, de uma forma ou de outra, sua vivência nos contos, crônicas, romances que escreveu e Fernando com seus livros como *A companheira de viagem* (1965) e *O encontro das águas* (1977).

Quando chamo atenção para o fato de que tanto Fernando, quanto Clarice e eu apresentamos algo em comum é porque tenho em mente a fala de Walter Dignolo quando o teórico argentino ressalta a importância da inscrição do crítico no seu discurso: “Tocamos aqui numa questão crucial para a formação da razão subalterna e da teorização pós-ocidental/ colonial: a inscrição da experiência colonial/ subalterna do crítico em suas práticas teóricas [...]”<sup>205</sup>. A fala de Dignolo evidencia a necessidade de inscrição do *bios* da crítica em seu discurso para falar de sua experiência colonial.

Se pelo meu lado tal necessidade de locomoção adveio da profissão paterna, militar, do seu lado, Fernando, nasce primeiramente da imposição profissional e depois por adentrar em um outro ramo, o cinema, por consequência, teve que viajar para lugares como Nova York, Old Greenwich (Connecticut) até voltar a residir permanentemente no Rio de Janeiro.

Pelo lado de Clarice, a necessidade de constantemente viajar provém da profissão do marido, posto que Maury Gurgel Valente era diplomata e precisava cumprir missões diplomáticas pelo mais diversos países ao redor do mundo, como: Suíça (Berna), Estados Unidos (Washington), Itália.

A construção desse laço em comum é possibilitada pelo embasamento proporcionado pela relação da vida com a obra de Fernando e Clarice quanto a vida e a obra do meu *bios*. Essa inserção do *bios* tanto daqueles que estão no lugar de

---

<sup>205</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p. 156.

“objetos de estudo” quanto daquela que escreve, junto com o lócus enunciativo, são o que diferencia a crítica biográfica pós-ocidental.

Assim como também diferencia considerar a sedução que outros documentos, até então relegados a um obscuro lugar crítico, exercem no imaginário e na construção da *persona* escritor. Penso nas cartas de Fernando e Clarice, pouco estudadas enquanto cartas e tão instigantes a medida em que são estudadas e “deslocadas” do lugar a margem que a crítica tradicional as relegou e adentram o universo da pesquisa como aquilo que são: cartas escritas *por* e *para* amigos-escritores, as quais não tencionam competir e anular o texto literário, mas que afirmam, cada vez mais, a necessidade de atenção para um arquivo que compõe o *bios* dos escritores. Sobre o assunto Eneida Maria de Souza, em *Crítica cult* (2002), expõe:

A crítica Biográfica, ao escolher tanto a produção ficcional quanto a documental do autor – correspondência, depoimentos, ensaios, crítica – desloca o lugar exclusivo da literatura como corpus de análise e expande o feixe de relações culturais. Os limites provocados pela leitura de natureza textual, cujo foco se reduz a matéria literária e à sua especificidade, são equacionadas em favor do exercício de ficcionalização da crítica no qual o próprio sujeito teórico se inscreve como ator no discurso e personagem de uma narrativa em construção.<sup>206</sup>

Inscrevo minhas experiências pessoais em minhas considerações feitas ao longo das cartas aqui reunidas, de forma a construir, aos poucos, a minha amizade com os escritores. Não trato daquela amizade que Sabino e Lispector viveram em tempos idos, por isso não falo em reconstrução, posto que parto do pressuposto apresentado por Mignolo, no artigo “Desobediência epistêmica”, quando o crítico discute acerca da construção de caminhos que não estão fundamentados nos destroços de caminhos anteriores:

Opções descoloniais estão mostrando que o caminho para o futuro não pode ser construído das ruínas e memórias da civilização ocidental e de seus aliados internos. Uma civilização que comemora e preza a vida ao invés de

---

<sup>206</sup> SOUZA. *Crítica Cult*, p. 105.

tornar certas vidas dispensáveis para acumular riqueza e acumular morte, dificilmente pode ser construída a partir das ruínas da civilização ocidental.<sup>207</sup>

Na esteira da fala de Mignolo é que penso em uma amizade *outra* dentro da qual me insiro como amiga. A noção pós-ocidental de razão subalterna é esclarecedora nesse sentido, haja vista que, nas palavras de Walter Mignolo em *Histórias locais / projetos globais* (2003):

A razão subalterna é aquilo que surge como resposta a necessidade de repensar e reconceitualizar as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos e desenvolvidos e subdesenvolvidos [...].<sup>208</sup>

A explanação de Mignolo fala em repensar os raciocínios dualistas, mas apesar de não elencar explicitamente a amizade como uma dessas ditas categorias, incluo-a, posto que é no momento em que repenso a concepção de amizade que posso (des)arquivar a amizade de Fernando e Clarice e me inserir como amiga.

Mas esse processo de inserção e (re)consideração da concepção de amizade não acontece de uma forma tranquila e passiva, muito pelo contrário, o contínuo processo de escrita, pensamento e leitura que convergem para o (des)arquivar a amizade de Fernando e Clarice demanda que me sinta incomodada e instigada a procurar sempre por algo a mais.

Tal procura, nunca saciada e finalizada, provoca como consequência o mal de arquivo. A fim de falar mais detidamente nesse mal, visando, por meio dele, exteriorizar o incômodo sentido, evoco o espectro de Jacques Derrida em *Mal de arquivo* (2001):

A perturbação do arquivo deriva do mal de arquivo. Estamos com mal de arquivo [...] escutando o idioma francês e nele, o atributo “*en mal de*”, estar *com mal de arquivo*, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome “mal” poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde.<sup>209</sup>

<sup>207</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.

<sup>208</sup> MIGNOLO. *Histórias locais / projetos globais*, p. 143.

<sup>209</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 118.

O não sossego, de outra forma, o desassossego que surge como efeito desse mal de arquivo de que fala Derrida, emerge como o resultado de diferentes causas, dentre elas do processo furtivo e vergonhoso que tenho que empreender para poder abrir o arquivo dos amigos, processo este já descrito, igualmente provém do fardo que carrego concretizado pela herança.

A palavra fardo já designa em si mesma toda uma conotação pesada. O sinônimo para esse termo é constatação da responsabilidade em tecer uma prática teórica própria em torno de Fernando e Clarice, uma prática que não cessa e que foi instituída no pacto da amizade.

Assim, remeto a um dos seus mais famosos livros, Fernando: (des)arquivar é um (des)encontro que nunca encontra um fim, que se dá na procura, uma ânsia, nunca saciado para mim, um querer que nasce da consciência da morte como se o desejo pelo *outro* imortalizasse a arconte, de tal forma que enceno, na acepção já tratada no primeiro capítulo, o trecho mais arcôntico de *O encontro marcado* (1956):

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando. A certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.<sup>210</sup>

Aludo a um dos mais famosos livros de Fernando Sabino, cuja história gira em torno de um encontro, como assinalado no título, mas que, em uma aparente contradição, posto que se entende que todo o encontro terá um fim, percebe-se que o encontro é o próprio processo de busca.

Penso a arconte como a personagem do trecho do livro do escritor mineiro, em uma procura que assume os contornos do trabalho de Sísifo, deparo-me com o fato de que *sempre começo* pois, como (des)arquivar exige que a arconte atribua um novo

---

<sup>210</sup> SABINO. *O encontro marcado*, p. 177.

sentido a sua herança da amizade, me impele a que regularmente revise aquilo que herdei e continue a busca no rastro do arquivo.

Vale ressaltar que se trata de uma busca que nunca terá um fim. Se faço tal reminiscência e mergulho no fundo da minha memória para trazer à tona leituras realizadas anteriormente é na intenção de fazer um empréstimo, dito de outra forma, contraio uma dívida com Fernando ao tomar emprestada a sua ideia do (des)encontro.

Realizo tal ato na intenção de atrelar a ideia gerada por Sabino ao pensamento de Derrida em torno do mal de arquivo. Afinal (des)arquivar é um (des)encontro, que se desenvolve na procura, uma “sede” nunca satisfeita e que acarreta a consciência de ter que desempenhar, na qualidade de arconte, tarefas contraditórias, como (des)arquivar. Derrida já se atentava para o fato quando em *Paixões* (1995) frisava que:

Em um determinado lugar no sistema, um dos elementos do sistema (um “eu”, anda que nem sempre, e “eu” “sem –cerimônia”), não sabe mais o que deve fazer. Mais precisamente sabe que deve fazer coisas contraditórias [...] Contradizendo-se ou contrariando-se a si própria, esta dupla obrigação corre o risco, conseqüentemente, de paralisar, de desviar ou de colocar em perigo a realização bem sucedida da cerimônia.<sup>211</sup>

A fala de Derrida evidencia a via de mão dupla, para se valer de um termo popular, que é o trabalho arcôntico, afinal, como pesquisadora interessada na amizade de Fernando e Clarice, cabe a mim desarquivar. Mas ao mesmo tempo em que desarquivo, arquivo à medida em que escrevo várias cartas onde estão contidas minhas impressões, leituras e comentários.

O gesto de (des)arquivar é um fato muito presente na história de *Cartas perto do coração* antes mesmo de minha intervivência<sup>212</sup>. Recordo que Fernando também, ao desarquivar a amizade com a amiga, arquivou quando organizou em forma de livro

---

<sup>211</sup> DERRIDA. *Paixões*, p. 12.

<sup>212</sup> O termo “intervivência” é o resultado da junção das palavras “interferência” e “vivência”. O termo assinala a presença do *bios* nas cartas aqui escritas para os amigos.

as cartas trocadas com Clarice, sob a rubrica de *Cartas perto do coração*. Acerca da intrínseca relação do intitlamento, com o arquivo, os apontamentos de Derrida são esclarecedores:

Observemos ao menos a título de arquivo: só para marcar que não haveria arquivamento sem título (e portanto sem nome e sem princípio arcôntico de legitimação, sem lei, sem critério de classificação e de hierarquização, sem ordem e sem ordem, no duplo sentido desta palavra).<sup>213</sup>

Se de acordo com Jacques Derrida, somente há arquivamento a partir do momento em que atribuo título a um tal arquivo, então é coerente pensar que o (des)arquivamento de *Cartas perto do coração* ocorreu em dois momentos. O primeiro (des)arquivamento foi quando Fernando reuniu e publicou as cartas e o segundo ocorre, como já dito, no momento em que escrevo sobre o assunto.

Ainda acerca do título, chamo a atenção, com a finalidade de tecer algumas considerações sobre o nome atribuído ao livro de cartas, tal nome foi escolhido por Fernando. *Cartas perto do coração* é uma explícita menção e homenagem ao livro de estreia da amiga Clarice Lispector<sup>214</sup>. Através desse gesto Fernando torna-se um arquivista, um arconte.

Ao pensar Sabino como um arquivista e posteriormente ao me considerar arquivista entendo que o arquivo sobre o qual trato jamais se fecha, pois sempre está sendo revisitado, isto é, de acordo com Jacques Derrida: “O arquivista produz arquivo, e é por isso que o arquivo não se fecha jamais. Abre-se a partir do futuro”<sup>215</sup>.

Um comentário de Sabino em uma carta para Clarice, datada de 03 de março de 1946, reporta ao que explanei anteriormente a respeito do arquivo e de sua eterna abertura:

---

<sup>213</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 56.

<sup>214</sup> Caso o(a) leitor(a) necessite de maior esclarecimento em torno do título do livro de cartas, sugiro a leitura da carta, do primeiro conjunto epistolar, “Ao sol carta é farol: o documento, o monumento, o literário”.

<sup>215</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 88.

Nosso livro é nosso testemunho, Clarice, é a única coisa que nós temos. Nele é que aprendemos a viver nascendo, nele é que vivemos, viajamos, amamos, temos filhos, amigos – é nossa realidade, nosso testemunho. Às vezes contra nós mesmos. Ele é que vai viver sozinho, vai agir pró ou contra, vai ter uma individualidade da qual não participamos, de filho pródigo que não retorna. Nós não, nós perdemos. Nós perdemos sempre Clarice.<sup>216</sup>

Apesar da fala de Sabino não se referir precisamente ao livro *Cartas perto do coração* e sim a produção individual de cada um, proponho pensar que o uso da designação “nosso livro”, devido ao contexto em que ocorre, ou seja, dentro de um livro que reúne missivas de escritores, pode sim ser pensado como uma referência ao próprio livro de cartas. Entretanto, tal inferência, destaque, é de minha parte e a partir de uma particular leitura efetuada.

Justifico a relação feita, a do comentário de Fernando com a questão do arquivo aberto, visto que a fala do escritor mineiro, principalmente quando diz que o livro deles é que vai viver sozinho, agindo pró ou contra eles, possuindo uma individualidade de filho pródigo que não retorna, abre a possibilidade de interpretação que incorre em um arquivo cuja sobrevivência sobrepõe a vida orgânica dos escritores.

Assinalo ainda que “Perto do coração” também designa a relação de amizade entre os dois, primeiramente, entre os três (Fernando, Clarice, Francine) e entre quantos outros amigos forem necessários, quando considerada a relação triádica, sobre a qual se constrói uma amizade díspar e conflituosa, uma “boa amizade” como menciona Nolasco:

A “boa amizade” proposta por Derrida demanda uma política da amizade da “boa distância”. Na verdade, é essa política da “boa distância” que vai permitir a crítica biográfica estabelecer relações de fundo metafóricas entre autores e obras, por exemplo.<sup>217</sup>

Quando falo que “Perto do coração” indica o modo como a amizade entre os dois escritores ocorreu, é no sentido de que, não sendo possível o convívio pessoal direto, as cartas trocadas é que percorreram as distâncias geográficas que separavam

<sup>216</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 43- 44.

<sup>217</sup> NOLASCO. *Políticas da Crítica Biográfica*, p. 45.

os amigos, trazendo cada um para perto do “coração do outro”. Acerca do assunto, Sabino me esclarece, ao levar em conta a distância geográfica que os separava, que:

[...] só não digo “inseparáveis”, porque outras viagens nos separaram, cada um pro seu lado. Mas a amizade continuou, através das cartas “perto do coração”, de 1946 a 1969, com uma frequência só interrompida quando nos encontrávamos no Rio.<sup>218</sup>

Mas, essa amizade continuada dentro do período mencionado por Fernando, e que foi possível por meio das cartas, não é uma amizade feita de complacências e constância de opiniões. Por isso falo de uma amizade que se constitui e que sabe respeitar a distância (tanto a geográfica quanto a distância que permite discordar do amigo).

Mas não é somente entre Fernando e Clarice, que a distância, da qual falo, se faz presente. Minha relação de amizade com vocês dois, intermediada pelo processo transferencial entre pesquisadora e objeto de estudo, é igualmente composta de divergências e embates assim como também é a relação dos leitores(as) quando (des)arquivam os três conjuntos de cartas.

Digo isso apenas para expressar o incômodo suscitado por você, Fernando, quando fala para Clarice em 03 de agosto de 1946 sobre a solidão que nos cerca e o egoísmo do que chamou de “movimentos simulados”, termo cunhado e que para mim amalgama os gestos humanos que, ao se valerem de máscaras, escondem por de trás delas uma armadilha que revela o que supõe ser a real intenção. Para você pelo que percebi:

A coisa é mais séria e afinal, tudo redundando em puro egoísmo: a gente procura ajudar-se a si mesmo apenas, e usa todos os caminhos, inclusive os indiretos, de cinco ou seis destinos que a gente pode tocar com as mãos. Ninguém ajuda ninguém, e a verdade é que estamos sozinhos, cada um consigo mesmo. Não ajuda porque todo gesto, toda palavra, todo movimento desinteressado visando uma realidade fora da nossa é mais egoísta que o mais sórdido interesse. Porque nasce do orgulho e pressupõe um julgamento. Não nos entregamos a ninguém: absorvemos. Todo gesto de ajuda é o extremo oposto da caridade: é um movimento simulado. Pressupõe um

---

<sup>218</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 08.

juízo, e quem julga é Deus. Somos feitos à imagem e semelhança Dele.<sup>219</sup>

Fernando, acredito que as coisas que compõem a nossa vida não se resumem tão somente ao puro egoísmo, muito embora concorde quando fala, pensando ainda nos movimentos simulados, que “Às vezes querer ser humilde é a forma mais odiosa de orgulho”<sup>220</sup>. Vejo, que pela sua fala, sofria de um pessimismo, quero crer que temporário ante a situação cotidiana, seja do Brasil ou de algum outro lugar que estivesse.

O nosso fundamento, ou o que outros podem denominar de essência (seja espiritual ou a pura carne de que somos feitos), que existe para além de qualquer egoísmo, parte de algo íntimo que é peculiar, nesse sentido, somente a nós é conhecida. Este é o início do encontro, mas não todo o caminho, pois a trajetória que passa pelos “movimento simulados” é ímpar em nos oferecer experiências.

Se como quer você, ninguém ajuda ninguém, lhe pergunto: Porque então sermos amigos? Qual a razão, portanto, de sua amizade com Clarice? Afinal, se tudo se resume ao egoísmo e a solidão que nos restringe a companhia de nós mesmos, não haveria fundamento sobre o qual a amizade se basearia. Quero deixar claro que não é minha pretensão encontrar sentido em tudo o que nos cerca, por mais que o empreendimento seja bastante tentador para mim até mesmo porque, como fala Clarice, procurar sentido em tudo e querer “Entender é a prova do erro”<sup>221</sup>.

Mas não concordo contigo, a amizade, por si só, me aponta uma direção diferente: somos amigos, e os procuramos para que possamos avançar para além de nós mesmos, do *ego*, isto é, a nossa ânsia de nos vencer leva-nos a procura pelo outro que nos complementa com a sua diferença. Portanto é de se esperar que o

---

<sup>219</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 42.

<sup>220</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 179.

<sup>221</sup> LISPECTOR. *A legião estrangeira*, p. 50.

outro, enquanto matéria da diferença daquilo que não somos, também deseje encontrar em nós o complemento de si mesmo e nessa procura do outro pelo outro existe um mistério cuja solução ignoramos, e somente descobrimos quando já somos experientes. O mistério é que o outro é um construto que concebemos e com o qual nos deparamos pouco a pouco na travessia.

Além do mais, me soa um tanto dispar você, Fernando, afirmar que somos feitos a imagem e semelhança de Deus. Sei que o terreno da religião é nebuloso, pois você é um católico praticante e eu e Clarice temos uma espécie de religiosidade diferente, algo interno que nos impulsiona e que não me sinto a vontade em denominar de catolicismo ou seja lá a rubrica que o valha.

Se digo que me soa dispar é por entender que se somos feitos, digamos assim, “do mesmo molde” que Deus, então como é possível que sejamos tão diferentes de um “algo superior” que prega toda espécie de ação fundamentada em conceitos morais baseados na benevolência? Peço desculpa a você, mas não pelas palavras, e sim pelo tom que alguém pode interpretar como rude, não é essa minha intenção, mas a escrita dirigida a você e a Clarice é também para mim uma forma de tentar exorcizar, atento para o trocadilho, os meus “demônios” internos que me perseguem desde antes de conhecer a ambos.

Mas, ao mesmo tempo penso que ao tentar superar esses mesmos demônios estou intensificando a experiência ao invés de resolvê-la, ou seja, a minha experiência da escrita é dotada de risco e o risco é me deparar ante aquilo que me perturba, tanto no que se refere a religião quanto ao que se refere a amizade. Atesta minha proposição a fala de Maria Cristina do Franco Ferraz, no prefácio para a edição brasileira de *Rua Ordener, rua labat* (2000), da filósofa francesa Sarah Kofman:

Em geral, pensamos, a partir de certas interpretações provenientes da psicanálise, que o ato de contar se apresenta como uma via possível em direção à superação de uma experiência traumática. Ao que tudo indica,

entretanto, tal não foi o caso: ao contrário, relatar essa história parece ter intensificado a experiência [...] Entre sufocar as palavras e narrar o que está sufocado, creio que de fato dificilmente se dimensiona, de modo antecipado e seguro, a ambígua e arriscada aventura da escrita.<sup>222</sup>

Vale a pena me deter, no assunto tratado pela citação, e desenvolver algumas considerações e apontamentos gerados, principalmente pela amizade de vocês dois, e das minhas leituras de suas cartas, bem como as leituras realizadas no campo teórico-crítico que abrangem diversas áreas.

Ao falar sobre a amizade o que primeiramente vinha a minha mente é algo sobre qual já discorri na primeira carta, a que escolhi denominar como “Fernando Sabino e Clarice Lispector: amizade para além do princípio da fraternidade”, onde, de forma mais detalhada, trato de uma acepção da amizade, retomo rapidamente: o amigo é aquele que participa de um jogo complacente de concordância, cujo objetivo é a procura, no amigo (outro), de traços semelhantes aos meus, opiniões, gostos, características, o que felizmente, não é o nosso caso.

Ora, é imperativo salientar que tal consideração é fruto do que Walter Mignolo denomina de retórica da modernidade, dito de outra forma, tal modelo de amizade é aquele que nasce das considerações de um determinado segmento da filosofia ocidental grego-latina. No já citado artigo “Desobediência epistêmica”, o crítico argentino explana que sua visão do que se entende por modernidade difere de como é então conceituada por outros críticos:

Percebam que a minha visão de modernidade não é definida como um período histórico do qual não podemos escapar, mas sim como uma narrativa (por exemplo, a cosmologia) de um período histórico escrito por aqueles que perceberam que eles eram os reais protagonistas. “Modernidade” era o termo no qual eles espalhavam a visão heróica e triunfante da história que eles estavam ajudando a construir.<sup>223</sup>

---

<sup>222</sup> FERRAZ. Prefácio de *Rua Ordener, rua labat*, p. 17 – 18.

<sup>223</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 316.

Muito embora a amizade não desponte como um dos tópicos discutidos pelo crítico, valho-me das considerações de Mignolo para sinalizar que o modelo de amizade da filosofia ocidental corrobora a retórica da modernidade no que é sua proposta basilar, a universalização de identidades, isto é, a procura por agrupar as semelhanças e excluir as diferenças. O que quero aqui explicar é que o motivo pelo qual não me valho do modelo de amizade fraternal é por entender que não considera a participação transferencial da crítica.

Como arconte que (des)arquiva o arquivo da amizade erijo uma concepção de amizade que se constitui na diferença, no embate, na divergência. Para tanto, parto da amizade de vocês, Fernando e Clarice, ao me valer de fatos que ocorreram em sua relação de amizade e que foram mencionadas nas cartas que trocaram. Um deles, e escolhido devido a leitura já realizada, diz respeito ao livro *O encontro marcado* (1956).

Logo após o lançamento, você, Clarice, comenta com Sabino a impressão que teve da leitura, que embora positiva foi ao mesmo tempo conflitante por acreditar que Fernando teve que passar por todo um processo de sofrimento para escrever, de tal forma que falou para Sabino que preferiria que o escritor não tivesse sido a pessoa que teve que passar por esse processo e escrever o livro, confesso que também tive essa mesma impressão que você, mas, ao que tudo indica amiga Clarice, devemos ter em mente que, sobretudo sofrer como a consequência natural de algumas de nossas ações, é necessário sofrer bem, como Fernando te disse certa vez em uma carta, fazemos da dor matéria de “salvação temporária”. Contrafeito pelo seu comentário, Fernando envia uma carta questionando-a:

Porque você disse que preferia não ter sido eu a pessoa capaz de escrevê-lo? Você pode calcular o que representa para mim, como purgação – motivo evidentemente de ordem extraliterária, mas necessário para que eu me sinta daqui por diante capaz de escrever sobre o que quiser. Lembra-se de que eu lhe dizia estar escrevendo uns contos cujos temas não podia dizer, que os

fazia evidência de muito cinismo ou muita dignidade de minha parte. A dúvida persiste com o livro. Creio que saí melhor do que eu era antes de escrevê-lo – portanto, agi certo. Mas você preferir que não fosse eu o autor me deixa de novo em dúvida. Às vezes querer ser humilde demais é a forma mais odiosa de orgulho.<sup>224</sup>

Ao que você, Clarice, responde em carta do dia 24 de janeiro de 1957 da cidade de Washington (EUA), tratando de desfazer a impressão equivocada que seu comentário sobre o livro *O Encontro Marcado* causou no amigo:

Fernando, eu devo ter me exprimido mal quando disse que preferia não ter sido você a pessoa capaz de escrever esse livro. Ou talvez, também é possível, eu tenha me exprimido mais ou menos bem dentro do contexto do que eu estava dizendo, mas você separou a frase do contexto, não sei.<sup>225</sup>

Em vários outros momentos, além do elencado acima, emergem as diferenças entre Fernando e Clarice, como no já citado caso do livro *A maçã no escuro* (1961), antes denominado *A veia no pulso*, em que a escritora mandou, de Washington (EUA), para o amigo o datiloscrito para que este opinasse, o escritor faz isso e manda suas observações. Mas, Sabino constata que você adotou praticamente todos os seus apontamentos sem um aparente questionamento gerando um embate do qual procuro participar.

É a partir de tais fatos e acontecimentos, já explicitados no primeiro e neste segundo conjunto de epistolas, da amizade de vocês, que articulo uma proposição da amizade nascida da ideia de *semelhança-nas-diferenças* (MIGNOLO, 2003), ou seja, a “boa” amizade incita a pensar e articular duas figuras aparentemente díspares, o amigo e o inimigo. Mas diante de uma herança que não concebe, conjuntamente, essas duas figuras, como posso aproximá-las?.

Aproximo-as na medida em que concebo ver no amigo o inimigo, não aquele que incita ao ódio ou a aversão, mas aquele que constantemente me desafia, aquilo que se apresenta como o diferente de nós mesmos. Tal ação configura em

---

<sup>224</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 179.

<sup>225</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 182.

*(des)aprender*, aqui valho-me novamente de uma ideia de Mignolo. *Aprender a (des)aprender*, me auxilia no momento em que ao aprender o modelo ocidental da amizade necessito *(des)aprende-lo*, *(des)articula-lo* para pensar de uma forma *outra*. Evoco Jacques Derrida em *Mal de arquivo*, quando este explana que ao dispormos de conceitos, temos pretensa segurança sobre ele e, portanto, trata-se de uma forma de manter fechada a herança, garantindo a “posse” sobre a mesma.

A segurança acerca de conceitos de que fala Derrida aqui se dá de uma dupla forma, a primeira é a segurança fruto da concepção ocidental acerca do que se entende por amizade e a outra, a segurança em torno de uma epistemologia que elege o texto literário como objeto central de estudo, excluindo, a partir dessa centralização, as anotações do escritor, seus “diários íntimos” e suas cartas.

Ao eleger a amizade de vocês dois, cujo recorte reside na amizade em *Cartas perto do coração*, contraponho-me a essa corrente crítica, para tanto pauto-me na articulação desenvolvida por Ana Claudia Viegas no artigo “Com a palavra, o autor – exercícios da crítica biográfica na contemporaneidade” quando esta discute sobre uma nova possibilidade de estudo adquirida a partir da inclusão dos documentos dos escritores outrora relegados a margem:

A leitura crítica de correspondências entre escritores, entrevistas, manuscritos, anotações pessoais, alargando-se o conceito de “obra”, se liga intrinsecamente à “guinada subjetiva” no campo dos estudos literários. A consideração desses textos como objeto de estudo desconstrói princípios valorizados por algumas correntes da teoria da literatura do século XX, pautados na “morte do autor” e na análise imanente da obra.<sup>226</sup>

Mas, ao mesmo tempo em que escolhi (e fui escolhida pela) a amizade de vocês dois, como o ponto de partida da minha articulação, necessito considerar que o momento histórico em que vocês escreveram cartas é diferente do momento histórico em que me situo, menciono tal fato, posto que me situo no presente, penso, escrevo

---

<sup>226</sup> VIEGAS. Com a palavra, o autor – exercícios da crítica biográfica na contemporaneidade, p. 11.

e articulo no ano de 2015, século XXI, a era do *e-mail*, das mensagens rápidas, páginas sociais, *whatsApp*.

Vivo em um momento em que: “Ultimamente tem se passados muitos anos”<sup>227</sup>, para fazer uma referência a frase escolhida por Fernando como epígrafe de *Cartas perto do coração* (2011). Mas, ao viver em um momento cujo tempo passa de forma tão veloz ao ponto de considerar que tem se passado mais anos hoje em dia, do que em qualquer outra época, e pesquisar cartas posso “aparentemente” apontar uma contradição<sup>228</sup>, visto que, ao que tudo indica, é cada vez mais difícil encontrar pessoas que escrevam cartas e não mandem e-mails. Portanto emerge a pergunta: porque estudar cartas hoje em dia, sendo que o século XXI proporciona espaço midiático cujo tom veloz é díspar ao da carta? Sobre o assunto Viegas pontua que:

Surgem hoje, no horizonte midiático da cultura contemporânea, expressões concorrentes dos gêneros biográficos consagrados. Para além de biografias, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências, temos entrevistas, perfis, retratos, testemunhos, histórias de vida, relatos de auto-ajuda, *talk-shows*, *blogs* – fazendo do relato de experiências pessoais e da exposição pública de intimidade, um fenômeno característico de nosso tempo.<sup>229</sup>

Contudo, é nessa “aparente” contradição que nossas cartas mais ganham no sentido crítico e respondendo ao questionamento elaborado *por mim e para mim*, digo que o principal, mas não único, motivo pelo qual estudo cartas é devido a sedução engendradora que esses manuscritos e documentos exercem e que foram pontuados por Souza em *Crítica cult* (2002). A relevância da correspondência é também assinalada por Jacques Derrida em *Mal de arquivo* (2001), quando o filósofo argelino discorre sobre as cartas na história do arquivo da psicanálise:

Isto significa que no *passado* a psicanálise (não mais do que tantas outras coisas) não teria sido possível se o *E-mail*, por exemplo tivesse existido. E no *futuro* não será mais o que Freud e tantos psicanalistas anteciparam, desde

<sup>227</sup> BRAGA *apud* SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 05.

<sup>228</sup> Digo aparentemente, pois quem há de negar que as cartas não acarretam uma ideia de lentidão e demora se pensarmos, como contrapartida, a rapidez com que circulam os e-mails e outras formas de comunicação atuais?.

<sup>229</sup> VIEGAS. Com a palavra, o autor – exercícios da crítica biográfica na contemporaneidade, p. 10.

que o E-mail, por exemplo se tornou possível. Poderíamos pegar muitos índices além do *E-mail*. Técnica do correio, este exemplo, merece sem dúvida algum privilégio. Primeiramente, devido ao importante e excepcional papel (excepcional na história dos projetos científicos) que a correspondência manuscrita desempenhou no centro do arquivo psicanalítico.<sup>230</sup>

Para mim, as cartas também exercem esse encanto de descobrir os segredos e fatos pessoais dos escritores, não como forma de atestar mera curiosidade, mas no intuito de revelar outras facetas de Fernando e Clarice que não, unicamente, a de escritores de ficção.

Em se tratando de vocês, Fernando e Clarice, as cartas significavam tomar conhecimento de notícias do amigo querido. Fernando, na carta de 6 de julho de 1946 que recebe em New York da amiga comenta que: “Sua carta chegou como uma ventania [...] Olhei o remetente: Seminarstrasse! [...] Confesso que nunca acreditei que minha carta chegasse às suas mãos [...]. Mas essas coisas costumam acontecer. São vidas, como diz o Moacir Werneck [...]”<sup>231</sup>. Já para Clarice as cartas do amigo Fernando significavam um sopro animador de vida diante de sua tristeza, como chega a falar na carta de 27 de julho de 1946:

Fernando, você perdoe essa carta que eu desejaria que fosse mais alegre e animadora, como é animadora uma carta sua. Sobretudo para justificar minha insegurança que faz você ficar surpreendido...Mas você deu minha resposta única: “só você sabe à custa de que sacrifícios, no íntimo sou frágil, incerta, descontrolada”. Você se espantaria se eu lhe dissesse exatamente isso: você é que tem uma segurança que admiro, embora saiba a custa de que ela é feita.<sup>232</sup>

Assim como as cartas que vocês enviavam um para o outro significava, em primeiro plano, a alegria em receber notícias do amigo, de forma similar, receber e ler, muitas vezes, as suas cartas, Fernando e Clarice, significa a renovação de uma amizade despertada quando da primeira vez que me deparei com as primeiras páginas de *Cartas perto do coração*.

<sup>230</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 29.

<sup>231</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 24.

<sup>232</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 37 – 38.

Chegado a minha vez nesse triplo diálogo constituído pela transferência, gostaria de dizer para Fernando e Clarice: “O que eu espero é que através desta carta tão tola vocês saibam ver amizade e saudade”<sup>233</sup>. Fortes laços de amizade e saudade que surgem da leitura e dos momentos bem empregados usados para escrever e pensar a amizade, de tal forma que todo o empenho (pois que escrita não é empenho e investimento?) depreendido sempre venha antes do fato de não os conhecer pessoalmente. Por tal motivo é que na próxima carta falo de uma tríplice amizade me valendo do ato de: “[...] contar a história de um desencontro. Talvez este desencontro sirva para se alcançar um melhor entendimento [...]”<sup>234</sup>.

Meus amigos,

Que nos (des)encontremos por muito tempo,

Por enquanto, digo apenas “até mais”,

*Francine parla de Borges semha roças*

---

<sup>233</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 13.

<sup>234</sup>CANTO. *Borges à contraluz*, p. 16.

## CARTA IV – Entre *bios* e espectros: incontáveis amizades

Campo Grande – MS, 31 de maio de 2015

Tudo parece então concorrer, nesta possibilidade do discurso *post mortem*, que é também uma força, para esta *virtude* do elogio fúnebre: epitáfio ou oração, citação do morto, renome do nome depois da morte do que ele nomeia. Antecipadamente uma memória se compromete, a partir daquilo a que ainda se chama a vida, com esta estranha temporalidade aberta pela citação antecipada de alguma oração fúnebre.

DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 19.

Meus amigos,

Me empenho em escrever esta carta as vésperas de um longo dia na Universidade. Como posso prever o fato? Ora, meus queridos, simplesmente por se tratar de um dia cheio de compromissos, como as aulas em que devo comparecer, trabalhos que tenho que entregar e o auxílio aos estudantes de graduação.

Todo esse conjunto de atividades já me exauriu antes mesmo de vivenciá-los, mas o que tem me ajudado muito em vésperas de dias cansativos e em meio dos mesmo é escrever para vocês. O bálsamo que representa escrever para os outros é equiparável ao descanso após longo exercício ou a paz após atravessar o conflito.

Não que exima da escrita o desafio ou o estremecimento interno a que se submete toda aquela que se propõe a atravessar esse “deserto”, esse labirinto, bem ao gosto de Borges, em que nos digladiamos. Acredito por bem que devo reformular minha última colocação do parágrafo anterior.

Quando disse que sentia paz ao escrever não quis propriamente me remeter ao seu sentido mais corriqueiro, o de estagnação, mas quis expressar que escrever endereçando essas cartas para os amigos é, antes de tudo, a possibilidade, o *porvir*, da amizade e da relação com o outro, ou seja, do desafio de si. Desafio que se desenvolve mediante a busca pela aproximação, mas respeitando a boa-distância, pelas semelhanças e diferenças.

Ao utilizar uma fala de Jacques Derrida em seu *Políticas da amizade* (2003) valho-me de um símbolo significativo, a morte, pois este é o elemento em comum que me une, ao mesmo tempo em que é a qualidades que nos afasta, no momento presente em que falo, a vocês, Fernando e Clarice, afinal a qualidade que partilhamos é justamente nossa mortalidade, o fim de uma vida (bio)lógica, embora isto não signifique, de forma alguma, o encerramento de nossa conversação.

Penso a morte não a partir de sua simbologia interpretativa ocidental, o cessar de qualquer manifestação de vida biológica, mas, antes de tudo, utilizo-a como parte essencial na construção do meu diálogo para com os escritores. Represento a vida pulsante e Fernando e Clarice são os espectros, cuja forma de manifestação reside na interação construída pela amizade, nesse sentido é que falo no termo bios-lógica, construção conceitual que se vale de dois fatores: a diversidade de vidas com a qual lido, a minha, a dos escritores, embasada por uma discussão do campo teórico-crítico.

A partir do momento em que utilizo o símbolo da morte, isto é, todo o conjunto de significados que a acompanha, situo-os, Fernando e Clarice, em um entre-lugar ou antes, em um não lugar, tendo em vista que ao falar dos dois escritores proporciono que ambos erijam seu lugar de existência no que entendo como entre-vida, lugar que instituo e onde não pulsa literalmente a vida, pelos menos não em um sentido restrito, e nem a morte, sendo que ambas as manifestações entrelaçam-se ao mesmo tempo em que compõem minha teorização.

Por entender que vida e morte participam conjuntamente do *bios* é que retomo a questão abordada na 2ª continuação da primeira carta “Perto do coração jaz uma amizade: a retórica do epitáfio dos amigos-espectros”, do primeiro conjunto de cartas, onde me detenho em discutir a questão da morte na amizade e da emergência dos espectros no diálogo que componho.

Tal questão aqui aparece novamente com uma diferença, penso-a a partir de minha condição arcôntica diante dos espectros dos amigos escritores. Para tanto, aproximo a atividade crítico biográfico pós-ocidental ao exercício que a figura do historiador abordada por Roland Barthes, no já citado *Michelet* (1954), necessita empreender para lidar com elementos anteriores a ele: “O historiador é, portanto, aquele que inverteu o tempo, que volta atrás, ao lugar dos mortos, e recomeça sua vida num sentido claro e útil [...]”<sup>235</sup>.

Tomo de empréstimo a fala de Barthes para pensar alguns importantes elementos elencados nela, como o fato de que, tal como a figura do historiador, o arconte inverte o tempo, na acepção de se valer de elementos anteriores a ele e sem ignorar o tempo em que vive, para pensar sua vida e a dos outros amigos.

Em um primeiro momento quando descrevi o processo empreendido para (des)arquivar as suas cartas, Fernando e Clarice, retirei da escrivinha itens como a amizade, a fotografia, as entrevistas, e faço um acréscimo neste momento, retiro ainda a morte entendendo-a como que atrelada a amizade, afinal (des)arquivar é uma ação que gera surpresa, pois em tal processo elementos não planejados emergem. Tal consideração é fruto do *working in progress*, deste modo os amigos: “Assim, movidos pelo desejo de executar ‘[in]conscientemente atos adequados às necessidades de sobrevivência própria”<sup>236</sup> continuamente instituem a sobrevivência, mesmo que, e principalmente, através da memória e do *bios* do outro, como condição presente nas entrelinhas da amizade.

A relação dos escritores com a questão da morte é matéria inscrita em algumas das cartas que trocaram ao longo da vida. Como vejo em carta de 29 de janeiro de 1969 quando Sabino desabafa com a amiga: “A deficiência é minha: reconheço hoje

---

<sup>235</sup> BARTHES. *Michelet*, p. 75.

<sup>236</sup> NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 28.

que não passo do macaco que existe em nós, e minha condição de homem só vou atingir com minha morte”<sup>237</sup>, interessante colocação que contrasta com o epitáfio escolhido, aliás por Sabino, aqui jaz Fernando Sabino. Nasceu homem, morreu menino.

Percebo, Fernando, pela sua primeira citação, que você concebe a morte como o processo de maturação responsável, junto com a vida, em transformar o menino em homem. Contudo, depois, inverte sua própria assertiva ao afirmar que morreu menino, afinal, de homem-menino a menino-homem, o que ficou foi sua trajetória, seu rastro, aquilo (a que se denomina, também, literatura) que aconteceu entre o “ser menino” e o “ser homem”, ou se for de sua preferência, o “ser homem” e o “ser menino”.

Uma outra questão que agrega a discussão desenvolvida, o vínculo entre amizade e morte, diz respeito ao fato de que Fernando compareceu ao enterro de Clarice em 1977, no Cemitério Comunal Israelita, no Rio de Janeiro. Estabelecendo um fio condutor da amizade que iniciara em 1944, transpassara os anos 40, 50 e 60, e prosseguia na morte e continua a prosseguir quando escrevo.

Isto posto, o valor da morte é constituído e revalidado quando considero outra vertente, a questão da distância e da ausência, posto que o diálogo edificado se dá para *com* e *a partir* dos mortos, por extensão a ausência presentificada a cada instante, ao contrário do que ocidentalmente se supõe, reforça a presença dos amigos. Por conseguinte, evoco a fala de Nolasco, no artigo “Nunca falo do que não admiro – Eneida Maria de Souza”, por entender que minha amizade para com Fernando e Clarice demanda uma aproximação que se dá na distância vida e morte:

[...] um amigo presente na ausência, para, por meio da discussão de sua discussão filosófico e psicanalítica, afastar-me propositalmente daquela de quem admiro para, assim, reconhecer ao final que sempre estive ao seu lado. Afinal, sem uma “boa-distância” não há amizade que *sobreviva*.<sup>238</sup>

---

<sup>237</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 192.

<sup>238</sup> NOLASCO. Nunca falo do que não admiro – Eneida Maria de Souza, p. 10.

Mas, concomitantemente ao constructo presença-(e/na)-ausência, que tem por consequência a sobrevivência da amizade, considero que: “[...] se, por um lado, faziam com que o corpo sobrevivesse à própria morte, por outro, encarregavam-se de lembrar que há histórias que podem ser exumadas no presente”<sup>239</sup>, acrescento a essas tais histórias exumadas no presente, a história concebida pela via do *bios* crítico, a qual não pertence unicamente a esfera do passado, muito embora flerte com o já acontecido, mas incorre também no futuro, ao passo que desarquivar também implica em arquivar, pois no processo imprimo minhas impressões que no futuro se constituirão em arquivos.

A esta distância propícia à conversa entre os amigos que se dá na aparente contradição presença na ausência é que relaciono ao próprio arquivo *sobre* o qual e *a partir do* qual me debruço. Desta forma, tal arquivo não deixa de ser também um espectro, o arquivo espectral, posto que ao possuir estrutura espectral, como discorre Derrida, não se fecha para as possibilidades futuras de diálogo, em outras palavras, Fernando e Clarice não são os únicos espectros que integram meu círculo de amigos. Nesse mesmo sentido, o círculo de amigos é constituído por itens como: o arquivo, as cartas, a amizade, a morte, a vida. Sobre a espectralidade do arquivo Jacques Derrida explana que:

[...] porque a estrutura do arquivo é *espectral*. Ela é *a priori*: nem presente nem ausente “em carne e osso”, nem visível nem invisível, traço remetendo sempre a um outro cujo não saberia ser cruzado, não menos que, graças à possibilidade de uma viseira [...] Pois o motivo espectral põe bem em cena esta fissão disseminante que afeta desde o princípio, o princípio arcôntico, o conceito de arquivo e o conceito em geral.<sup>240</sup>

Desta forma, a transitividade do arquivo, o *entre* visibilidade e invisibilidade, presente e ausente, é realçada pelo estado bio-lógico em que se encontra dois dos sujeitos componentes do arquivo, afinal, se o arquivo é espectral é razoável presumir

<sup>239</sup> NOLASCO. Memórias subalterna latinas, p. 55.

<sup>240</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 110 – 111.

que um, ou alguns dos amigos, são espectros. Portanto, posso dizer que o primeiro arconte que teve que lidar com a espectralidade do arquivo foi Fernando Sabino, visto que, de acordo com Derrida, ao empreender um ato embasado no amor e na amizade, Sabino reuniu as cartas, as folhas soltas e as publicou em formato de livro.

Se, como quer o filósofo argelino, a palavra arquivo designa: “[...] inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço [...]”<sup>241</sup>, por conseguinte, relembro que foi você, Fernando, o primeiro arconte desse arquivo, em 2001, e, em 2015, situo-me como a arconte responsável na medida em que desenvolvo uma teorização sobre a amizade dos escritores. Esta amizade, que em algum momento desse (des)encontro, não sei precisar exatamente qual, acabou sendo atravessado pelo meu olhar e, por extensão, os amigos Fernando e Clarice são também meus amigos.

Retomo aqui um termo mencionado anteriormente e relevante a partir do momento em que lido com vidas outras que não as minhas, bios-lógica. O termo indica a variedade de vidas, vidas-plurais, não basta pluralizar o vocábulo vidas, tenho que somar a este a pluralização da própria palavra. Minha vida, a vida de Fernando e sua morte, a vida de Clarice e sua morte, e porque também não falar em minha morte? Posto que por um acaso, estou viva quando não falo de vocês meus amigos?.

Minha morte não tem a sua acepção literal, tal como a de Sabino e Lispector, ela é um *fimmomento*, as palavras escritas em conjunto adquirem o sabor da transferência e aqui estão presentes no intuito de me lembrar que essa morte não durará, apesar de retornar em momentos esparçados, o *bios*, enquanto vidas e multiplicidade igualmente voltam. Os espectros retornam a cada momento em que penso neles, escrevo sobre eles, falo com eles. Vivo na medida em que converso com

---

<sup>241</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 12.

vocês, ao mesmo tempo em que minha fala: “[...] adquire o caráter mais personalizado do luto e da dor pela perda do amigo [...]”<sup>242</sup>.

A morte, conforme minha fala em momento anterior, não é a barreira que impede, mas o incentivo que me instiga, seria o caso de pensar em *bios post-mortem*, uma vida para além do monumento oficial da morte, o túmulo? Sim, visto que proporciono aos amigos um diferente tipo de vida, uma vida outra, suas memórias, por assim dizer, ecoam nas minhas. Rogo, não façam do esquecimento um medo derivado da condição da morte.

Recordo que o designo da morte já os rondava, Fernando e Clarice. A você amigo-escritor o fim bio-lógico o espreitava e essa vigília não parecia perturbá-lo de forma angustiante, pois você o vê como possibilidade de descanso e como forma de alcançar sua condição de homem. Por sua vez, o imaginário que Clarice mesma fornece sobre seu nome, através da etimologia da palavra, remete-nos para a imagem do morto, pois: “A etimologia que Clarice fornece aí sobre seu sobrenome é a de que lis é lírio e pector é peito, isto é, lírio sobre o peito. A imagem que ela mesma cria e fornece sobre o seu nome remete-nos para a do morto, sustentando flores no peito”<sup>243</sup>. Não sei precisar qual é o maior mistério, Clarice: se o fim da vida bio-lógica ou suas *personae*.

A sobrevivência de Fernando, “O sabino”<sup>244</sup> e Clarice, “a que traz lírios sobre o peito”, não é o que poderia se entender como “fiel”, já que tal como existiram não é passível de repetição. O que me proponho a fazer é construir, não reconstruir, uma amizade que passa a existir no momento em que falo de vocês e a partir de uma concepção de amizade metafórica que me permite dizer a vocês: meus amigos,

---

<sup>242</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 12.

<sup>243</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p. 20.

<sup>244</sup> A designação “O Sabino” foi dada por Clarice para Fernando, claramente a escritora se inspirou no sobrenome do amigo. De forma que o sobrenome designasse sabedoria / saber.

ouçam-me de suas sepulturas, como diria Clarice para o amigo em carta de 02 de fevereiro de 1953: “A saudade é grande e o tempo é curto”<sup>245</sup>. O tempo que falo, através de Clarice, é o tempo quantidade, o tempo *cronos* que possui efeito corrosivo sobre os corpos, mas que não é tão eficazmente mortal contra a amizade, dado que falo por meio de vocês e vocês através de mim.

*Por meio de, através de e a partir de* vocês constituo uma amizade *outra*, na esteira do que propõe Walter Mignolo quando o teórico discute acerca da emergência (atento-me para o duplo sentido da palavra, tanto no que se refere a necessidade premente quanto no que diz respeito ao surgimento e ao des-pontar) dos sabres locais em detrimentos dos saberes e da lógica global do projeto moderno. Nesse sentido, como propõe Mignolo, trato da construção de algo(amizade), não a partir das ruínas do que veio antes, mas, sim, a partir da participação do sujeito. A construção da amizade, na esteira do paradigma outro, denota um sentido que é basilar para que se constitua o nosso círculo de amigos.

Ao pluralizar o uso da primeira pessoa e transferi-lo para a primeira pessoa do plural (eu – nós) não tenciono, como poderia denotar minha ação, esmaecer minha participação nessa amizade, mas, sobretudo, realçar um traço relevante do meu fazer crítico: minha fala não se constitui isoladamente, não se trata da escolha de um ou outro sujeito.

No momento em que assinalo na carta em que tratarei da tríplice amizade, necessito abranger Fernando, Clarice e o *eu*, e é para alçar tal objetivo que lanço mão da primeira pessoa do singular e primeira do plural, estas possibilidade me permitem falar por meio de vocês e vocês por mim, isto é, me permite falar em um *nós*, mas “[...]”

---

<sup>245</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 87.

quem é ‘nós’, quem somos nós, ao certo”?”<sup>246</sup>. A quem me dirijo? Com quantos falo? De quantos falo?.

Me parece certo considerar que, a princípio e visualizando o esboço de uma possível resposta, que o pronome *nós* convoca os espectros: as Clarices e os Fernandos. Vocês, amigos, em si, resguardam a multiplicidade e complexidade do ser no mundo. Sobre o uso da primeira pessoa, faço minha as palavras de Clarice para o Fernando, quando o escritor mineiro falou de suas impressões acerca do livro *A maçã no escuro* (1961):

Por mais paradoxal que seja, o meio que achei de me por fora foi colocar-me dentro, claramente. Como indivíduo à parte, foi “separar-me” com “eu” dos “outros”. (Está confuso?) Hesitei muito em usar a primeira pessoa (apesar desse tipo de isenção me atrair), mas de repente me deu rebeldia e uma espécie de atitude de “todo mundo sabe que o rei está mudo, por que não dizer?” – que, na situação particular, se traduziu como: “Todo mundo sabe que ‘alguém está escrevendo o livro, por que então não admiti-lo?’”<sup>247</sup>

Nessa esteira, a abertura oferecida pelo uso da terceira pessoa do plural se justifica ao reafirmar a nossa relação, a minha com os dois escritores, para que assim possa revisita-la, *nós* é a matéria do *bios* que nos exprime. Em *Escritas de si, escritas do outro* (2012), a autora Diane Klinger explicita que “A construção da figura do ‘outro’ vinculada à presença marcante da primeira pessoa desconfia da transparência e da neutralidade, e assim questiona a ideia de *representação*.”<sup>248</sup>

Na esteira de Klinger, não representarei e não representaremos, posto que não é minha intenção elaborar uma imagem única de vocês, Fernando e Clarice, pois acabaria por conceber que a identidade é algo imóvel (SOUZA, 2007). O meu papel é o de construir e conceber relações metafóricas que, se não foram possíveis na ordem do que se chama pretensamente realidade, são perfeitamente possíveis, como de fato

<sup>246</sup> DERRIDA. *Paixões*, p. 10.

<sup>247</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 131.

<sup>248</sup> KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 12.

acontecem, na esfera da concepção dos (des)encontros, esta última opção é a que mais me oferece liberdade crítica.

Ao afirmar anteriormente que dentre meus amigos, dois desempenham o papel de arconte (Fernando e eu) já deixo em evidência, de antemão, um, dentre os possíveis e múltiplos sentidos e origens da palavra amigo. Originário do latim, amigo provém de *amicus*, sendo que este termo se originou da junção de *animi* (alma) e *custas* (custódia), ou seja, o amigo é aquele que guarda a alma do outro, e aqui tal acepção assume seu sentido figurado, posto que, por um acaso, Fernando não guardou a alma de Clarice ao lançar *Cartas perto do coração*? E, em um segundo momento, não guardo a alma de vocês, Fernando e Clarice, quando escrevo e penso em vocês e em nós?.

Desta forma, o círculo constituído de múltiplos amigos-arcontes traz em suas entrelinhas a sobrevida que os amigos proporcionam, assim, vocês, Fernando e Clarice, *sobre-vivem*. Ao me atentar para a origem da palavra amigo, não somente evidencio que Fernando “guardou a alma” da amiga, mas explico que, como arconte, exerço e enceno o papel de guardar as almas de Sabino e Lispector, sou ao mesmo tempo amiga e arconte, encenando para poder construir e (des)arquivar os arquivos dos dois escritores, constituindo, desta forma, uma experiência da nossa amizade.

Experiência de amizade espectral que, como bem lembra Derrida, é: “A experiência através da qual encontramos os fantasmas ou os deixamos vir a nosso encontro é indestrutível e inegável”<sup>249</sup>. Essa experiência da qual me fala Jacques Derrida é movida também, como aponta Francisco Ortega, pela: “[...] saudade e a dor

---

<sup>249</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 115.

pela perda do amigo”<sup>250</sup> que “[...] se traduzem na tarefa introspectiva da auto-reflexão e auto-deciframento [...]”<sup>251</sup>.

A indução ao auto diálogo de que fala Francisco Ortega em seus *Genealogias da amizade* (2002) é aquele ocasionado justamente pela amizade desenvolvida com Fernando e Clarice, pois ao falar *de* e *a partir de* outros falo de mim mesma ao mesmo tempo em que mantenho o que Ortega chama de boa-distância, ou seja, a presentificação e a aproximação que validam sua existência na ausência.

A este tal jogo de presença-(na)-ausência atribuo o nome de leitura, afinal foi a partir do momento em que li as cartas escritas por vocês que constitui essa amizade, inicialmente tríplice, posto que composta por três membros, mas que é continuamente modificada e aumentada. Logo mais invocarei um amigo outro, pertencente a esfera de minha vida, ainda que para vocês ele seja desconhecido, mas que neste momento é imprescindível para a nossa conversa, tal amigo, assim como vocês, também sobre - vive na minha fala.

Em um conto escrito pelo amigo-outro, denominado “A vida é bella”, a personagem comenta consigo, em um auto-diálogo cujo assunto principal é a amizade: “Porque só eu senti a periculosidade iminente de viver e ser guardiã de outra vida”<sup>252</sup>, aqui retomo o que em outro momento mencionei antes sobre a origem da palavra amigo, aquele que guarda a alma do outro.

Como guardiã da alma do outro, isto é, arconte de um arquivo, lido com o fardo, entendido como a consequência derivada da escolha intelectual e afetiva, de manter a memória dos amigos, ao mesmo tempo em que igualmente lido com o seu intrínseco reverso, o esquecimento, posto que na esteira de Derrida: “Não haveria certamente

---

<sup>250</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 97.

<sup>251</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 97.

<sup>252</sup> CARDOSO. *A vida é bella*, sp.

desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de um esquecimento que não se limita ao recalçamento”<sup>253</sup>.

O arquivo existe, justamente, para suprir, em parte, o esquecimento, mas digo em parte, pois ele não chega a erradicar totalmente o esquecimento, dada a sua natureza “incompleta”. Provém dessa incompletude do arquivo o seu poder, visto que, de acordo com Elisabeth Roudinesco em *A análise e o arquivo* (2006): “[...] o poder do arquivo é tanto mais forte quanto mais ausente for o arquivo”<sup>254</sup>. A ausência, cria o espaço para que o arconte transite com considerável liberdade, através do rastro, pelo arquivo, e valho-me da ideia do rastro para esboçar uma imagem de vocês, meus amigos, dentre as *outras* já esboçadas pelos seus leitores.

Ao esquecimento, em certa medida, respondo com o ato de leitura das suas cartas, Fernando e Clarice, em um primeiro momento concebidas no que se convencionou, pelo ocidente, chamar de privacidade (intimidade) nas cartas, por extensão, penso no curioso termo “carta íntima”, e, em como a rubrica é passível de discussão, pois como contraponto, penso na chamada “carta aberta”, cuja principal função reside na manifestação pública de alguma opinião em torno de dado acontecimento de grande repercussão.

Transpomos essa barreira representada pelo esquecimento quando, primeiramente, vocês escreverem um para o outro e cobram entre si a fidelidade exigida e que vem como consequência do pacto epistolar. Em um segundo momento, impulsionada pela necessidade de escrita, não que veja na representação gráfica o único meio de mantermos nossa amizade, dirijo-me suplicante a vocês e, se fosse possível a vocês responderem de forma literal certamente replicariam o que antes fora dito por você, Fernando, somente para a Clarice: “Por ora preciso que você me

---

<sup>253</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 32.

<sup>254</sup> ROUDINESCO. *A análise e o arquivo*, p. 07.

escreva [...] Para que saiba afinal se você continua vivendo, se continuamos vivendo [...]”<sup>255</sup>.

A escrita de *um* para *outro*, como comprovação do prosseguimento da vida, força de união, é o gesto que acaba por marcar um lugar específico na memória desse *outro* (o amigo, a amiga), a fim de que o outro se recorde do amigo, ao mesmo tempo em que evoque a lembrança da distância que separa. Não é à revelia que no próprio envelope que contem a carta existe o espaço específico preenchido pelo remetente, o qual simboliza o início da viagem epistolar, e o outro espaço em branco, do lado contrário ao do remetente, a ser preenchido com o destino final da escrita, denominado destinatário.

Suas cartas, Fernando e Clarice, quando do momento em que escreveram, possuíam destinatário específicos, seja Fernando como destinatário quando Clarice escrevia, seja a Clarice como destinatária quando quem escrevia era Fernando. Mas a situação que se refere aos destinatários restritos se transforma a partir do momento em que leio as suas cartas, sou também o destino delas, a co-destinatária.

O roubo amistoso, pois não deixa de sê-lo a medida em que é efetuado por uma amiga e na “melhor das intenções”, surge como consequência da leitura das cartas e justificado a partir da premissa que necessito construir a nossa amizade mediante a escolha de trechos dos textos epistolares de *Cartas perto do coração*, bem como de outros textos de suas autorias. Contudo, o ato da escolha somente é possível através da leitura, compreendida como o exercício contínuo empreendido por mim, a arconte. Assim como Fernando falou para você, Clarice, em carta de 08 de agosto de 1953, “Eu sou uma verdadeira vaca”<sup>256</sup>, da mesma forma digo que sou, também, “uma verdadeira vaca”, mas aqui emprego essa palavra não em seu sentido ofensivo, como

---

<sup>255</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 84 – 85.

<sup>256</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 95.

alguns poderiam supor, e sim no intuito de atrelar o processo biológico realizado com as constantes leituras que efetuo das cartas de ambos, em outras palavras, refiro-me a ruminação das leituras.

Por um acaso, não é necessário que eu, a amiga-leitora-arconte, constantemente revise meus amigos e as cartas escritas ao longo dessa amizade? Tal ação precisa ser empreendida para que assim possa, juntamente com vocês, meus amigos, escrever as minhas cartas, entendidas como este trabalho, a partir de nossos punhos para conceber, e manter, o nosso diálogo.

O nosso diálogo que narrou, narra e narrará, a conjugação no pretérito, presente e futuro denotam a longevidade da amizade, assim como implica na minha vida, a vida de Fernando e a de Clarice. Faço minha as suas palavras, Fernando, quando você fala a Clarice que “[...] já ando meio cansado de ver minha vida. Quero ver a dos outros também”<sup>257</sup>, apenas efetuo a ressalva de que não canso de fazer do meu *bios* a matéria basilar da discussão. Nessa esteira, entendo que visitar meu *bios* provem da fala do outro, de sua escrita e do seu olhar, isto é, os outros que são vocês, Fernando e Clarice.

Em parte, o bovarismo, conceito proposto pela crítica Eneida Maria de Souza em *Crítica cult* (2007), explica a ação da arconte, que *ao falar do outro acaba por falar de si mesma, se fazendo valer do outro* (SOUZA, 2007), enquanto portador e vivenciador de experiências ocorridas no âmbito da leitura, visto que: “No mesmo diapasão da literatura se encontra o crítico que, ao pensar estar interpretando a palavra do outro através de suas leituras, está igualmente se inserindo como leitor de sua própria vida”<sup>258</sup>.

---

<sup>257</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 90.

<sup>258</sup> SOUZA. *Crítica Cult*, p. 116.

Claramente, Souza remete ao livro de Gustave Flaubert, *Madame Bovary* (1857), no qual a personagem principal, tomada de tal forma pelas leituras romanescas, vivencia essas experiências em sua vida, dissolvendo as esferas que separam, se é que um dia elas foram claras, e devo mencionar minha descrença nessa hipótese, a ficção da vida.

Se, como explicita Souza (2002): “Bovary vivencia as paixões de forma livresca, o crítico vive suas leituras como experiência pessoal”<sup>259</sup>. Viver a leitura das suas cartas, Fernando e Clarice, significa entender a amizade como o diálogo *com e a partir* das diferenças, mas tal amizade não se “limita” ao âmbito da leitura, o que por si só já demandaria considerável trabalho, sobretudo, ultrapassa o alcance do bovarismo e incide no campo do biovarismo, conceito concebido por Edgar Cézar Nolasco, e que dialoga com o bovarismo de Souza.

O prefixo *bio*, do biovarismo, já implica a minha relação para com o encanto exercido pelas suas vidas e pelas suas experiências, vidas (*bios*) que não as que compõem, unicamente, o ambiente literário. Biovarismo adentra o discurso crítico para avançar o ato da leitura, encampado pelo bovarismo que retém sua discussão ao campo da letra, dado o exemplo literário do qual ele bebe. Ressalto que ao falar do bovarismo não estou elevando a experiência da leitura, mas antes, constato que a leitura foi o princípio, por assim dizer, o ponto de partida e não todo o caminho que percorri e continuo a percorrer.

Por conseguinte, acredito que o texto epistolar por vocês produzidos em *Cartas perto do coração* e os meus escritos, os quais são longas cartas a vocês endereçadas, são o suporte, muito embora não o único, posto que me valho de outros, que me

---

<sup>259</sup> SOUZA. *Crítica Cult*, p. 122.

possibilita interpretar, inserir e narrar, por intermédio de vocês, o meu *bios*, ou dito de outra forma, falar de mim através de amigos *outros*.

Se narrar através da vida do outro já era um exercício enveredado por vocês, amigos, sei que você, Fernando, muitos anos após a morte de Clarice, ao escrever o livro *Zélia, uma paixão* (1991) proclamou, movido pelo processo de transferência, sob a égide de um outro exemplo explicitado, Gustave Flaubert: “Flaubert que me desculpe, mas fica estabelecido, para todos os efeitos deste livro, que Zélia Maria Cardoso de Mello sou eu”<sup>260</sup>.

A relação com o outro tão presente nas leituras, como vimos pela declaração de Fernando, também atravessou a amizade dos escritores de forma, embora não literal ao ponto de afirmar que um é o outro, demonstrasse a admiração mútua entre amigos que se desenvolveu nas trocas epistolares, o que igualmente serviu para firmar a figura do outro como o destino.

As considerações de Diane Klinger, por conseguinte, são relevantes para minha discussão, à medida em que dialoga com o que explana Souza no ensaio e corrobora minha explanação, de acordo com a teórica:

Quanto à correspondência, embora seja um texto por definição destinado a outro, também permite o exercício pessoal. A carta que é enviada para ajudar ou aconselhar seu correspondente constitui para aquele que a escreve uma espécie de treino, desempenha o papel de um princípio de reativação: conselhos dado aos outros são uma forma de preparar a si próprio para uma eventualidade semelhante. Mas a carta é alguma coisa a mais que um adestramento de si mesmo pela escrita: ela torna o escritor “presente” para aquele que envia. Escrever é “se mostrar”, se expor. De maneira que a carta, que trabalha para a subjetivação do discurso, constitui ao mesmo tempo uma objetivação da alma. Ela é uma maneira de se oferecer ao olhar do outro: ao mesmo tempo opera uma introspecção e uma abertura ao outro sobre si mesmo.<sup>261</sup>

O que permanece para mim das explanações elaboradas por Klinger e Souza é que não mais é possível operar uma separação entre o que é da ordem sua,

<sup>260</sup> SABINO *apud* BLOCH. *Fernando Sabino*, p. 32.

<sup>261</sup> KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 28.

Fernando e Clarice e de seus respectivos *bios* e o que é da ordem do meu *bios*, com isso não digo que se trata da mesma coisa e que participamos de uma relação simétrica, mas que são fatores que se complementam, pela boa-distância, quando pensados como compostos que em suas diferenças conversam entre si.

Para tanto, e até mesmo para refletir acerca da boa-distância, reflito sobre meu lugar crítico e entendo que o mesmo: “É um lugar que fica depois de minha morte”<sup>262</sup>. A palavra dita pelo personagem clariciano de *A maçã no escuro* (1961) me induz a considerar que a escolha do trecho deste livro em específico repousa no fato de que sob meu olhar, a frase assume uma acepção especial, visto que não seria este tal lugar a residência em que coabito com os espectros? E mais além, quais seriam essas personas? Pergunta retórica que encontra sua perturbação na constatação de que as figuras, os atores, os personagens, ou antes, os sujeitos que compõem esse círculo de amigos são espectros, assinaturas (Fernando e Clarice) que sobrevivem *na, pela e a partir* da minha memória.

Muitos poderiam pensar a morte, de acordo com a fala de Clarice, tanto como o composto do qual é feito o meu *bios* e o de vocês, e neste caso faz muito sentido em pensá-lo assim, como também a metáfora que simboliza o fim de uma leitura. Posso, por assim dizer, fechar o livro em um ato simbólico e significativo que demarca o fim do processo de leitura de *Cartas perto do coração*, mas tal ato não significa que “saio” do livro, muito menos que o livro “sai” de mim.

A primeira leitura e as outras que, por conseguinte, se fazem necessárias tem como objetivo a “encenação” da experiência adquirida, como disse: posso sair do livro, mas o livro não sai de mim. Nesse sentido, ressalto que a proposta aqui apresentada é auxiliada pelas preposições de Walter Mignolo quando o crítico argentino explicita

---

<sup>262</sup> LISPECTOR. *A maçã no escuro*, p. 124.

que encena seu lócus geoistórico-cultural (Argentina) em seu local de trabalho (Universidade de Duke nos Estados Unidos), de forma similar, enceno, ou melhor, vivencio o que leio, tanto no que diz respeito a leituras críticas quanto a leitura de *Cartas perto do coração*, para mencionar apenas um exemplo, trago à tona o fato de que não mais consigo pensar a figura do amigo separada da do inimigo, conforme meu pensamento, convergem em um mesmo sujeito essas duas figuras a princípio irreconciliáveis.

Os fatos supracitados são os que derivam do que denomino de leitura contínua e entendo por este termo uma ação por mim apreendida, perenemente, com outros olhos, e que trata da leitura de suas cartas, amigos, tal como propõe a sabedoria popular quando explicita que “O bom filho a casa torna”.

Quando digo “com outros olhos” é por ter a consciência de que não somente sou atravessada por outras leituras feitas em intermédio das suas cartas, mas também por dialogar e, porque não admitir, que bebo da fonte de outros amigos que não vocês. Aqui retomo rapidamente o amigo outrora mencionado e mais detidamente um outro<sup>263</sup>, novamente não outorgarei nomes, a designação masculina já fornece a primeira pista. Tal amigo, assim como vocês fizeram um com o outro ao longo do período em que trocaram cartas, me influenciou a tal ponto que periodicamente colho ideias por ele mencionadas.

Caros amigos, dirijo-me a vocês, Fernando e Clarice e ao outro, as despedidas aqui não são necessárias, não vejo a necessidade de cumprir à risca o protocolo imposto pelo costume Ocidental da despedida que se pretende para sempre. Se há alguma coisa que o Fernando aprendeu com você, Clarice, e eu com você e o escritor,

---

<sup>263</sup> Os amigos a quem me refiro são Eduavison Pacheco Cardoso, mestrando pelo PPGMEL (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens) da UFMS e o Me. Willião Rolão Borges da Silva, cuja formação acadêmica se deu instituição supracitada.

é que: “A gente sofre  *muito*: o que é preciso é sofrer  *bem*, com discernimento, com classe, com serenidade de quem já é iniciado no sofrimento. Não para tirar dele uma compensação, mas um reflexo”<sup>264</sup>.

A despedida suscita sofrimento nas não somente por se tratar da distância em seu sentido literal, mas, além disso, por trazer a tona a solidão com a qual os amigos se deparam logo após ler e escrever cartas. Escrever é, portanto, exercício de contato com o outro.

Aproveito a oportunidade que finda, para dar espaço ao próximo subtítulo, a fim de lembrá-los, amigos, que, apesar dos sofrimentos inerente a algumas experiências da vida e surgidos diante do afastamento das pessoas com as quais nutrimos relações de afeto, as conversas com os amigos, vocês e os outros que mencionei, das quais tanto gostamos e que assumem diferentes formas, as suas cartas e as minhas, são os meios que encontramos para melhor lidar com as adversidades. Afinal, conversar, versamos juntos sobre algum assunto e – ou expor algo que nos perturbe, e dialogar com o outro, ainda mais quando esse outro é o amigo, é expor algo de si e do amigo, tal ação é uma prática comum da nossa amizade-desafio.

Encerro por aqui,

Como de costume, a carta extensa clama por termino e impõe a despedida,

Até,



---

<sup>264</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 57.

## CARTA V - Conversas puxam conversas!: conversações entre os amigos

Campo Grande – MS, 29 de junho de 2015

É tudo isso que incita a dar continuidade a esse diálogo interminável com o outro que são as suas conversas que se prolongam de todas as maneiras possíveis de ser elaboradas pela nossa imaginação, sendo que a conversa na rua com um passante desconhecido, a carta a amigos e escritores ou a entrevista jornalística são apenas três dentre as possíveis formas de diálogo.

SANTIAGO. *Ora(direis) puxar conversa!*, p. 104.

Como vai indo o seu livro? O que é que você faz as três horas da tarde? Quero saber tudo, tudo. Você tem recebido notícias do Brasil? Alguém mais escreveu sobre o seu livro. É verdade que a Suíça é muito branca? Você mora numa casa de dois andares ou de um só? Tem cortina na janela? Ou ainda está num hotel? Oh, meu Deus, Seminarstrasse será simplesmente um hotel? Qual é o cigarro que você está fumando agora? Pipocas, Fernando!

SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 19.

Fernando e Clarice, meus queridos amigos,

Escrevo essa carta de noite e ainda sob forte influência de uma conversa que tive agora pouco, à tarde. Conversava com um amigo, vocês o desconhecem, sobre possíveis ideias para desenvolver os trabalhos que escrevemos. Ambos estávamos desanimados, pois nada parecia surtir efeito e nenhuma ideia vingava, a impressão era a de que estávamos estagnados.

Foi o momento em que emergiu uma espécie de resposta que comecei a considerar, e se voltasse minha atenção para a conversa? Em outras palavras, posto que em muitas ocasiões utilizei esse recurso como estofa para a escrita, por qual motivo não considerar a conversa como forma de pensamento que produz conhecimento? Já que a conversa é uma forma, aliás da qual se vale os amigos, de se abrir para o outro nada mais coerente do que pensá-la como ferramenta que auxilia a tessitura textual.

É de acordo com essa perspectiva que gostaria de desenvolver a presente carta e também como a continuação de minha explanação anterior na qual me detive

acerca do que chamo de tríplice amizade, entre vocês, Fernando e Clarice, e eu. Entendo que tal amizade é o espaço no qual é fundamentada e fomentada a perspectiva da conversa. A conversa entre amigos trata do ato de se voltar para o outro (amigo) e convocá-lo, a fim de que exponha algo que queira externalizar e comentar, aquilo que os torna únicos e diferentes.

Faço uma ressalva antes de adentrar no assunto propriamente dito. Inicialmente contava tão somente em realizar um tríplice diálogo, contudo, como deve ter sido notado, ao longo das minhas considerações, tal diálogo foi sofrendo modificações e acréscimos, de modo que a amizade, inicialmente tripla, foi ampliada. Uma vez que para conversar com vocês necessitava chamar, a fim de compor o círculo de amigos, outros amigos não conhecidos por vocês, Fernando e Clarice.

Ao iniciar essa carta com duas epígrafes, a primeira tomada de empréstimo de Silviano Santiago do seu artigo “Ora (Direis) puxar conversa!”, homônimo do livro, e a segunda provém da carta que Fernando mandou para você, Clarice, em 10 de junho de 1946 da cidade de Nova York, externalizo antecipadamente a relação intrínseca existente entre a amizade e a conversa.

Proponho com isso pensar que o que permite o desenvolvimento desse diálogo desenvolvido por nós é a amizade que, em um primeiro momento, vocês tiveram e, posteriormente, a nossa amizade criada e concebida no seio da pesquisa abalizada pela paixão e transferência.

O interesse em articular e pensar em torno da conversa enquanto mote de pesquisa e atrelada à amizade deriva da leitura de dois textos teóricos ricos em suas singularidades argumentativas, o referido artigo de Santiago e o prefácio do livro *Histórias locais/ projetos globais* de Walter Mignolo. Os dois, apesar de tratarem do mesmo assunto, abordam sob perspectivas diferentes, mas que, ao mesmo tempo,

me auxiliam apensar e articular teoricamente a amizade como o espaço no qual os amigos se defrontam.

O ensaio de Santiago trata da conversa e da amizade entre os amigos Carlos Drummond de Andrade e Mario de Andrade e como se valiam das conversas, tornadas possíveis pelas cartas trocadas ao longo da vida, para pensarem suas respectivas produções literárias, a questão da literatura é gritante, mesmo que não seja o único assunto discutido.

Para Mignolo as conversas assumem uma acepção diferente, posto que o crítico argentino se valeu de um fato tido como trivial, as conversas, como método de pesquisa científica. Tal visada de Walter Mignolo me possibilita pensar o diálogo que desenvolvo com vocês, assim como as conversas que tenho com colegas e estudiosos de diversos campos do conhecimento como um construto preponderante para o avanço de minha pesquisa.

O teórico ressalta, ainda, que o que entende por conversa transita nas mais diferentes esferas, formais e informais, e faz parte da rotina de diversas pessoas. No “Prefácios e Agradecimentos” de seu *Histórias locais/projetos globais*, Mignolo informa que a principal fonte para o livro foram as conversas que teve com vários tipos de pessoas, desde as que transitavam na academia quanto a que a ela são estranhas.

De acordo com o teórico:

A principal fonte para este livro foram as conversas – conversas de vários tipos, com estudantes dentro e fora da sala de aula [...] e com todo o tipo de pessoas estranhas à academia, desde motoristas de táxi até médicos, de empregadas domésticas na Bolívia até executivos de pequenas indústrias [...] <sup>265</sup>.

Na esteira do que expõe Santiago, quando este se detém nas conversas entre os dois Andrades, puxar conversa com o amigo: “[...] é o modo de se aproximar

---

<sup>265</sup> MIGNOLO. *Histórias locais / projetos globais*, p. 11 – 12.

agressiva e despudoradamente [...] do outro, para que o outro, ao passar de objeto a sujeito, transforme o sujeito que puxa conversa em objeto”<sup>266</sup>, como quer Santiago, a conversa nos aproxima, Fernando e Clarice, se não despudoradamente, conforme assinala o crítico, acredito que pelo menos agressivamente, na medida em que concordamos em alguns assuntos mas discordamos em outros.

A esta discordância na nossa amizade, a qual quebra com uma concepção pré-definida da amizade, evoco as palavras de Francisco Ortega explicitadas em *Amizade e estética da existência em Foucault* (1999), quando na esteira do filósofo francês Michel Foucault explana que:

[...] as reflexões de Foucault sobre a amizade localizam nela um elemento transgressivo, como será mostrado. Ele não se interessa tanto pela função compensatória da amizade, quanto pela alternativa que ela representa a formas de relacionamento prescritas e institucionalizadas. Aliás, ela não é vista como uma forma de relação e de comunicação além das relações de poder; representa antes de tudo um jogo agonístico e estratégico, que consiste em agir com a mínima quantidade de domínio. Falar de amizade é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização.<sup>267</sup>

Ao discordar, Fernando, de Clarice e vice-versa, assim como quando discordo de vocês, se cria a abertura para que os espaços anteriormente instituídos como algo fora do alcance da amizade fraternal emerja e adentre o campo mencionado por Ortega, na esteira de Michel Foucault, da desterritorialização, multiplicidade e experimentação. Concomitantemente, as nossas discordâncias são derivadas também da boa-distância de uma amizade que respeita e recebe as diferenças, sob esse ângulo o termo *phármakon* nos fornece uma interessante leitura do papel da conversa na nossa amizade.

A *grosso modo* a palavra de origem grega *phármakon* aglutina dois princípios que, em um primeiro momento, são sentidos antagônicos, são eles, remédio e veneno. Evando Nascimento em *Derrida* (2004), recorda que em geral as traduções não se

<sup>266</sup> SANTIAGO. *Ora(direis) puxar conversa!*, p. 102.

<sup>267</sup> ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 157.

atentam para o sentido de *phármakon* - veneno: “De um modo geral, mesmo as mais cuidadosas traduções não prestam a atenção a essa oscilação de valor, traduzindo então sistematicamente *phármakon* como ‘remédio’”<sup>268</sup>. Interessa-me o termo mencionado por Jacques Derrida em *A farmácia de Platão* (2005) visto que a nossa amizade, Fernando e Clarice, abarca a dupla conjuntura do termo grego.

Quero dizer com isso, basicamente, duas coisas: a primeira, que o *phármakon*-remédio, trata da “boa” amizade, aquela nas quais as divergências nascem das conversas, e que é um *pensamento outro* além da amizade familiar-compassiva. Já a segunda acepção, o *phármakon* - veneno, trata da aproximação demasiada, e por isso mesmo impeditiva do desenvolvimento dos embates nas conversas entre os amigos.

De acordo com essa segunda acepção, o “veneno”, suscita a ausência da boa-distância, e a sua ausência tem como consequência não mais a amizade como o desafio e a experimentação que motivam o debate e a interlocução entre os “bons” amigos, mas a amizade fraternal que anula as diferenças e aproxima, por meio das semelhanças reafirmando o projeto universal de unificação de identidades. Devido a demasiada aproximação exercida, a amizade fraternal é o *phármakon*, enquanto sentido de veneno, pois é de conhecimento que a dose exagerada de algo, isto é a aproximação exacerbada, reverte seu sentido primário de benefício e converter-se em dano.

Nascimento no livro *Derrida e a literatura* (2001) se detêm na origem do termo grego. A cena de nascimento do *phármakon* é a cena do surgimento da escrita e, originalmente, aparece no diálogo filosófico *Fedro*, no qual Sócrates narra para Fedro o episódio da apresentação da escrita feita pelo deus egípcio Thot para o rei Tamuz

---

<sup>268</sup> NASCIMENTO. *Derrida*, p. 19.

que por sua vez rejeita o presente argumentando que a escrita agiria contra a memória e, por extensão, contra o conhecimento. Nascimento esclarece que tal rejeição teve por base o argumento, da parte do rei, de que

[...] a escrita é boa não para a memória (*mnéme*) mas para a simples recordação (*hypómnesis*). Tamuz reverte o sentido e o valor da oferenda atribuídos por seu criador transformando o “remédio” em “veneno” para a memória efetiva. Segundo Derrida toda a interpretação de *Fedro* passa necessariamente pela reversibilidade da avaliação da escrita-*phármakon*, e a tradução do termo grego não deve negligenciar essa ambivalência.<sup>269</sup>

Ao me valer, por meio do empréstimo, da ideia de Jacques Derrida, explicitada por Evando Nascimento, faço uma tradução que não é aquela realizada no âmbito da linguística, mas que se relaciona com a proposta basilar do termo em seu duplo sentido, remédio e veneno, e com o fato de que, pelo menos a princípio, *phármakon* não fora pensada no âmbito da amizade. Com isto quero melhor me deter em uma ideia outrora mencionada, a dizer, a designação *phármakon*-veneno como a manifestação da amizade familiar – fraternal.

Para tanto, em um primeiro momento, trato de suas conversas desenvolvidas no âmbito da amizade, e, em um segundo momento, me detenho propriamente no nosso diálogo, triplo, o qual é efetuado através deste texto e que tanto nutre como é nutrida pelo *phármakon*-remédio.

Como leitora das cartas de vocês dois percebi que, apesar de não ser o único assunto discutido, a literatura assume um papel deveras relevante. Além dela, vocês abordavam os mais variados assuntos, dentre eles política e “trivialidades”. Portanto era até esperado que em algum momento discordassem um do outro, posto que ambos apesar de compartilharem a condição de escritor não possuíam, *ipsis litteris*, ou partilhavam do mesmo projeto intelectual.

---

<sup>269</sup> NASCIMENTO. *Derrida e a literatura*, p. 107.

Vejo isso principalmente quando você, Clarice, após a leitura de *O encontro marcado* (1956), fala para Fernando que preferiria que ele não tivesse sido a pessoa capaz de ter escrito o livro, pois você viu que, pela escrita do amigo, teve que passar por um processo no qual a angústia foi companhia constante.

Tal afirmação de sua parte gerou certo mal-estar entre vocês, fato que ficou perceptível nas entrelinhas das cartas e que eu, como amiga-leitora-arconte, soube ler. Este embate que emerge como resultado do que expõe sua carta é de certa forma atenuado pela resposta que você elabora para o Fernando na carta de 24 de janeiro de 1957:

O que eu queria dizer é que o livro é doloroso, o livro dói, e eu queria que você não tivesse sido a pessoa que sentiu o que sentiu, eu queria que você tivesse sido mais poupado, que não fosse a pessoa que atravessou a rua perigosa – mesmo que tenha chegado a salvo do outro lado.<sup>270</sup>

Noto também que em outros momentos vocês discordam e entram até mesmo em um embate de natureza essencialmente ideológica, como no caso de *A maçã no escuro* (1961) e quando Sabino mandou para você, Clarice, o conto “O espelho do general” e você interpretou o texto de uma forma que não era a mesma concebida por Sabino.

A estas discordâncias e embates, não concebidos na esfera da amizade entendida como extensão da instituição familiar, que designo como *phármakon*-remédio, a primeira significação de seu duplo sentido (remédio) aponta para a necessidade que a amizade tem de abranger as diferenças, visto que estas não corroboram um projeto universal de identidade.

No nosso triplo diálogo o termo, *pharmákon*, abordado por Jacques Derrida e Evando Nascimento, mas em sua dupla acepção, se configura como aquilo que é o resultado de nossa conversação, possuindo um significado especial para a arconte.

---

<sup>270</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 182.

Menciono isto no intuito de ressaltar que os caminhos que percorri e percorro na nossa amizade, isto é, o (des)arquivar é impensável sem o mal de arquivo, o mal (*phármakon-veneno*), que se origina ante a incompletude do arquivo.

Remeto ao que Derrida explicita em sua obra quando propõe que o arconte sofre da consciência da incapacidade de abranger e explicar a totalidade do seu arquivo e que por ter ciência desse fato arde de paixão, e porque não dizer, sofre de angústia. Como tentativa de resolver sua ânsia, sua vontade, em contemplar a totalidade do arquivo, acabamos por lidar, portanto, com o que Elisabeth Roudinesco vai chamar de o espectro do arquivo absoluto, o espectro que deixa para a arconte o rastro de sua passagem. O espectro do arquivo absoluto é uma ideia que propõe o desafio do impossível, palavra que convoca efetivamente o sujeito ao desafio. Para Roudinesco:

Existe em todo historiador, em toda pessoa apaixonada pelo arquivo uma espécie de culto narcísico do arquivo, uma captação especular da narração histórica pelo arquivo, e é preciso se violentar para não ceder a ele. Se tudo está arquivado, se tudo é vigiado, anotado, julgado, a história como criação não é mais possível: é então substituída pelo arquivo transformado em saber absoluto, espelho de si. Mas se nada está arquivado, se tudo está apagado ou destruído, a história tende para a fantasia ou o delírio, para a soberania delirante do eu, ou seja, para um arquivo reinventado que funciona como dogma.<sup>271</sup>

Para evitar os dois extremos, tanto o arquivo absoluto da amizade quanto o arquivo apagado dela, é que a questão do rastro se torna relevante. O rastro, como vestígio, algo que não sendo completo, pista daquilo que não está ao alcance da arconte: “[...] são todas as *apropriações* anteriormente operadas”<sup>272</sup>. Apesar da presente definição de Evando Nascimento se referir especificamente ao termo “*rastro mnésico*”, valho-me do pensamento para pensar o rastro como a estratégia de apropriação utilizada por mim para (des)arquivar e perseguir o arquivo.

<sup>271</sup> ROUDINESCO. *A análise e o arquivo*, p. 09

<sup>272</sup> NASCIMENTO. *Derrida e a literatura*, p. 171.

Assim como me é designado não ter o sossego que uma busca completa poderia proporcionar, nesta esteira é que argumento, a exemplo de Clarice, que em momentos que quando este mal de arquivo se manifestou de forma mais explícita pensava comigo mesma: “Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tomar, não sei de nada. Digo a mim mesma: não adiante desesperar, desesperar é mais fácil ainda que trabalhar”<sup>273</sup>, percebo que a ideia de arquivo absoluto é um construto ideal que nenhuma grafia de qualquer língua existente, tinta de caneta, ou lápis, conseguirá abranger e explicar.

Dessa forma, a arconte que era inicialmente, quando das nossas primeiras conversas, transforma-se e passa a dialogar, em um mesmo espaço, a concepção que propõe pensar a amizade e a inimizade como o reverso uma da outra. A perspectiva funda, por conseguinte, uma amizade que a partir do ponto de vista fraternal é impossível, mas que é a que melhor encampa as nossas diferenças Fernando e Clarice, e é nesta “impossibilidade” de coexistência que as verdadeiras possibilidades emergem.

Entendo, por extensão, que o mal de arquivo manifestado é resultado, em última instância, da consciência e do medo de não alcançar o nosso arquivo onde se esconde, confesso que a este receio credito-o, de forma justa, a vocês, amigos e escritores que me despertaram inquietude de falar e pensar *a partir da* amizade, fonte para mim, ao mesmo tempo, de alegrias e angustias, risos e lágrimas, pois, de acordo com Nascimento: “Nada de vida sem princípio de morte, nada de experiência de um prazer pleno sem um desprazer que lhe seja congenial, e na extremidade dos dois, a morte, isto é, essa outra máscara da vida”<sup>274</sup>.

---

<sup>273</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 23.

<sup>274</sup> NASCIMENTO. *Derrida e a literatura*, p. 172.

Aos termos a princípio tidos como opostos, alegria, angústia, amizade, inimizade, vida, morte, remédio e veneno entendo-os como os componentes que não se excluem mutuamente, na medida em que assinalam sua existência tanto no nosso diálogo quanto do momento em que vocês trocaram cartas. Afinal, nas palavras de Denilson Lopes no texto “Do sublime a leveza” (2007):

A felicidade fácil nada prova a não ser a generosidade da vida para quem a recebe. Ser feliz em meio a tormentas é o desafio e o aprendizado. Quando nada ou pouco satisfaz, retirar a força da dor. Sorrir diante da luz cega. Cantar quando o tapa humilha. Caminhar delicadamente diante das vaias. Diante do abismo resistir ao mergulho na loucura, no suicídio, no útero da morte. Caminhar diante do peso das coisas, com a leveza na alma.<sup>275</sup>

As palavras finais de Denilson Lopes (2007), as quais remetem ao livro *A insustentável leveza do ser* (1983) do escritor tcheco Milan Kundera, assumem uma acepção particular quando levado em consideração o exercício arcôntico, justifico tal colocação com o argumento de o conjunto leveza e peso são características intrínsecas a lida com o arquivo, visto que o mesmo abrange os dois componentes.

A esta leveza conclamada por Lopes, na esteira de Kundera, diz respeito tanto ao arquivo, o nosso, quanto a leveza que elejo para que possa manejar tal arquivo, ou seja, a leveza do arquivo é a paixão do mesmo, mas é, igualmente, uma paixão, que faz jus a seu significado etimológico (do grego *pathos*) de doença e perturbação.

Mas, ao pensar o arquivo aliado à ideia de leveza não excluo do diálogo o mal, este mal de arquivo de que fala Derrida, representado pela ideia de peso, o queimar de paixão e a consciência de não contemplar, em sua totalidade, o objeto, o reconhecimento de não alcançar o arquivo em seu lugar de refúgio. Ao mal de arquivo, situação deveras angustiante, mas imprescindível, respondo com as palavras de Clarice em carta de 11 de dezembro de 1956 da cidade de Washington: “Como tudo vale a pena! A menor tentativa vale a pena”<sup>276</sup>.

<sup>275</sup> LOPES. Do sublime à leveza, p. 96.

<sup>276</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 169.

Paralelamente, é tanto leve o arquivo quanto o é, ao tempo singular, pesado, contudo me questiono: “[...] será atroz o peso e bela a leveza?”<sup>277</sup>. Para tanto, uma das melhores formas de pensar a questão do *Mal de arquivo*, que de forma semelhante ao termo *phármakon*, possui duplo entendimento, leveza e peso, me é fornecida por você, Fernando, quando propõe a Clarice que:

Tem de ser equilibrista até o final. E suando muito, apertando o cabo da sombrinha aberta, com medo de cair, olhando a distância do arame ainda a percorrer – e sempre exibindo para o público um falso sorriso de serenidade. Tem de fazer isso todos os dias, para os outros como se na vida você não tivesse feito outra coisa, para você como se fosse a primeira vez, e a mais perigosa. Do contrário seu número será um fracasso.<sup>278</sup>

A opção pelo equilíbrio não é fácil e muito menos permanente. Equilibrar envolve uma prática que vem com o tempo e com o (des)arquivar, embora não tenha fórmula alguma para sua obtenção uma opção que se apresenta para atingí-la diz respeito a aceitação de que as vezes caímos, como bem falou Fernando na carta, mas que retomar é necessário para o fortalecimento crítico.

Contribui também para a prática do equilíbrio o exercício crítico de se aprofundar no próprio arquivo e, para tanto, remexo o meu arquivo, dado que ao lidar com o arquivo de vocês acabo por remexer no meu, e é nele estão aglomeradas objetos e fatos de cunho pessoal, e, igualmente apaixonantes.

O meu arquivo consigna os mais variados “itens”, dentre passagens, comprovantes de eventos, e objetos pessoais, que perpassam toda minha trajetória e que por tal motivo se fazem relevantes para que possa pensar os seus arquivos, Fernando e Clarice, haja visto que não concebo discutir acerca dos seus arquivos e ignorar o meu, torna-se mais significativo falar em *nosso* arquivo.

---

<sup>277</sup> KUNDERA. *A insustentável leveza do ser*, p. 11.

<sup>278</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 27 – 28.

Como consequência da conversação entre *bios* e arquivos, as fronteiras se diluem e abrem espaço para que emerja o arquivo de posse múltipla. Quero aqui ressaltar novamente que a amizade exerce papel relevante nesse construto, posto que permite aos amigos que somos práticas como: conversar, dialogar, discordar, discutir. Uma tal amizade que é, antes de tudo, nas palavras de Derrida em *O animal que logo sou* (2002), uma:

[...] amizade assombrada, sombra de rostos, das silhuetas furtivas, de certas presenças, os movimentos, os passos, as músicas, as palavras que se animam na minha memória, sobre os terraços ao nosso redor, entre as árvores, à beira da água e em todo os cômodos desta grande casa, a começar por este aqui. Sinto cada vez mais o sabor dessa memória ao mesmo tempo enternecida, alegre e melancólica, uma grande memória que gosta de se deixar assim invadir pelo retorno dos que retornam [...].<sup>279</sup>

O retorno destes que retornam, os espectros, nas palavras de Jacques Derrida, são os amigos que integram o nosso círculo, são eles os espectros e os amigos que em sentido literal estão vivos, mas que assumem uma espectralidade na medida em que alguns não conheço pessoalmente, muito embora tenha lido a obra, para citar um exemplo, Derrida é um deles. Me posicionar como amiga, no mencionado círculo, implica em, pelo menos em um primeiro momento, assumir um gesto de identificação ante vocês, amigos.

Nesse sentido, remeto a frase que consta no entorno do livro *Cartas perto do coração*, dois jovens escritores unidos pelo mistério da criação. A esse ciclo que abrange vocês dois, insiro-me e compartilho o encantamento e assombro ante o mistério da criação que envolve a participação múltipla dos *bios* além do meu, até porque, como Fernando fala, da mesma forma que o mistério: “A verdadeira criação é um ato de orgia”<sup>280</sup>, e como tal, faz necessário que todos os que integram o ciclo da amizade, espectros, seres viventes, conhecidos entre si, desconhecidos, se unam.

<sup>279</sup> DERRIDA. *O animal que logo sou*, p. 47 – 48.

<sup>280</sup> SABINO *apud* BLOCH. *Fernando Sabino*, p. 73.

Criar, o termo que indica ação, e criação, o objeto se concretizando e se presentificando, aponta para o círculo de amigos que necessitei elencar a fim de que pudesse lidar com ambos os arquivos, o meu, e o de vocês, isto é, necessito dos outros para poder lidar com o nós, estas pessoas que são eu e vocês, Fernando e Clarice, e os amigos outros.

Juntos, conversamos sobre as várias esferas que compõem cada uma de nossas vidas e que, longe de serem desvendadas, mantêm em sua volta o mistério da criação, posto que não se trata de fórmula. Auxilia nossa conversa a já conhecida origem do vocábulo “texto”: tessitura, tecido, tecer, construção, ação de envolvimento, em suma, tecido de vidas que exige se voltar para o outro, etimologicamente, por meio do con-versar.

Fernando e Clarice, bem sei que tentaram muito esclarecer o mistério da criação entre vocês e uma das formas que encontraram para sanar a inquietação foi a conversa, ou melhor, as conversas que tiveram ao longo da amizade. Uma delas, é objeto de minha atenção para a próxima carta, a entrevista, ato do qual não participei a não ser como leitora, foge ao distanciamento que existe, de forma geral, entre aquele que assume a “responsabilidade” em fazer as perguntas e o que responde. A aproximação entre entrevistador e entrevistado, como aconteceu com vocês, creditado à rubrica da série de entrevistas realizadas com diversos intelectuais, são os “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”.

Até a próxima carta e da sempre sua amiga,

*Francine parla de Gollis Junha Rojas*

## CARTA VI - “Diálogos possíveis” de Fernando e Clarice

Campo Grande – MS, 28 de agosto de 2015

[...] falar sobre a vida é sempre *abrir um assunto de discussão*, não é nunca uma simples enumeração de acontecimentos, e nesse sentido a conversa cotidiana, que aporta seu tom à entrevista, é exemplar: o relato de alguém não só habilita, mas *espera* a ativa participação do interlocutor, seu comentário, consolo, sugestão ou admoestação.

ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 185.

A ARTE brasileira da conversa não é de fácil aprendizado. Como toda arte, exige antes de mais nada uma verdadeira vocação. E essa vocação se aprimora ao longo do caminho que vai da inocência à experiência. Como em toda arte. Para princípio de conversa, distinga-se: quando falo em conversa, não estou me referindo à lábia, à astúcia, à solércia do brasileiro no passar a bicaria e vender o seu peixe. Falo precisamente no bate-papo, erigido numa das mais requintadas instituições nacionais.

SABINO. *Deixa o Alfredo falar*, p. 28.

Amigos queridos,

Sei que você, Clarice, que após se divorciar do seu marido, Maury Gurgel Valente, passou por dificuldades financeiras de tal forma que foi levada a complementar sua renda escrevendo colunas femininas<sup>281</sup>, à exemplo do que me mostrou no livro *Correio feminino* (2006), organizado por Aparecida Maria Nunes, que reúne as colunas escritas para os periódicos “O Comício” e “Correio do amanhã”, sob o pseudônimo de Tereza Quadros e como *ghost-writer* de Ilka Soares, e o livro *Só para mulheres* (2008), também organizado por Nunes e que é um complemento do *Correio feminino*.

Uma outra faceta sua, Clarice, além da de escritora de colunas femininas, é a de entrevistadora, embora, algumas vezes tenha assumido a faceta de entrevistada à

---

<sup>281</sup> Caso o(a) leitor(a) sinta curiosidade em se aprofundar mais sobre as colunas femininas de Clarice sugiro a leitura da dissertação do Me. Willian Rolão Borges da Silva, membro do NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados), denominada: “Entre *bios* e espectros: (des)arquivando as colunas femininas de Clarice Lispector”, defendida em 14 de agosto de 2015 pelo PPGMEL (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens), UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

exemplo de sua última entrevista<sup>282</sup> concedida no mesmo ano de sua morte, 1977. Das várias entrevistas que você fez, destaco as que compõem a série “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”, seção da revista “Manchete”, as quais foram desenvolvidas entre os anos de 1968 e 1969 e expunham as suas conversas com várias figuras relevantes na vida cultural do país. Faz parte desse abrangente grupo vários amigos, dentre eles, Fernando.

A conversa-entrevista entre você e Sabino, reproduzida na íntegra, ao final de *Cartas perto do coração*, não possui um foco, o que não prejudica o leitor que folheie as páginas, mas passeia por diversas esferas. Certo é que as perguntas partem da literatura e de pouco a pouco vão ampliando a conversa para outros campos, como crenças pessoais, viagens, leituras, situação política, e a Editora Sabiá criada por você, Fernando, em parceria com o Rubem Braga, na qual publicou vários de seus livros e que tinha o objetivo de publicar os livros dos escritores e de seus respectivos amigos, como Fernando deixa claro quando, você, Clarice, pergunta:

- Conte-me um pouco sobre a Editora Sabiá.  
 - A editora Sabiá tem grandes planos para esse ano[...] Além disso, Rubem Braga e eu não podemos e eu não perderemos de vista o objetivo pessoal que nos levou a fundar a Editora Sabiá: o de publicar nossos próprios livros em melhores condições e, por extensão, os dos nossos amigos. Como os seus.<sup>283</sup>

A abrangência dos assuntos discutidos na conversa faz jus ao nome da série de entrevistas “Diálogos possíveis”. Com a rubrica, Clarice, garante a liberdade de perguntar e de dialogar a sua maneira, e a liberdade do outro em responder a pergunta em nada impede que a entrevista desencadeie outros assuntos que não necessariamente relacionados à pergunta de origem.

---

<sup>282</sup> Refiro-me a entrevista à TV Cultura em fevereiro de 1977, quando a posição de entrevistador coube ao jornalista Júlio Lerner.

<sup>283</sup> LISPECTOR; SABINO. Diálogos possíveis com Clarice Lispector, p. 199.

Como resultado dos diálogos possíveis, Sabino e você se expõem um perante o outro e diante dos leitores curiosos sobre a vida dos escritores e do universo de criação literária de cada um, a exemplo do que Fernando explicou ao ser questionado a respeito de como se inicia o ato criador:

- *Como é que começa em você a criação: por uma palavra, uma ideia? É sempre deliberado o seu ato criador? Ou você de repente se vê escrevendo? Comigo é uma mistura. É claro que tenho o ato deliberador, mas precedido por uma coisa qualquer que não é de modo algum deliberada.*

- A criação nunca começava por uma palavra ou por uma ideia. Era uma espécie de sentimento em mim que partia em busca dessa palavra ou dessa ideia. Qualquer palavra, qualquer ideia. Hoje o sentimento ainda existe, mas tem-se dispensado de se exprimir através de palavras ou ideias – de certa maneira me contento com o próprio sentimento, que procura fora de mim alguma forma de expressão já existente com que se identificar. A música de jazz, por exemplo – como atualmente a do pianista Thelonious Monk.<sup>284</sup>

Nos dias atuais a entrevista é de natureza essencialmente midiática<sup>285</sup>, televisiva, expositiva, visual, pois que torna pública a vida do sujeito entrevistado, a fim de atribuir maior visibilidade. Para tanto se vale de meios de comunicação como televisão, as entrevistas ao vivo, rádio e programas via internet.

Ressalto que os meios mencionados, ainda mais a exposição proporcionada pela internet, lida diretamente com a imagem visual das pessoas, o que não é, literalmente, o caso da entrevista de vocês dois. Não digo que não ocorre a exposição, mas que acontece de forma mais velada, para que assim os seus leitores não recebam uma imagem já montada de vocês e, sim, que a partir daquilo que é fornecido na entrevista cada um crie a imagem do seu Fernando e de sua Clarice.

No sentido em que explanei sobre a natureza expositiva da mídia, no artigo “Perfis biográficos jornalísticos”, presente no livro *Figurações do Íntimo: ensaios* (2013), a autora Dylia Lysardo-Dias apresenta uma interessante concepção dos perfis

<sup>284</sup> LISPECTOR; SABINO. Diálogos possíveis com Clarice Lispector, p. 197 – 198.

<sup>285</sup> Chamo de midiático o espaço, não muito bem definido, que dialoga com o público e com o privado, em que o escritor cria sua *persona* como forma de se valer do sistema mercadológico para revertê-lo em seu benefício.

biográficos, cuja definição se estende para a forma como proponho pensar a conversa-entrevista dos amigos:

[...] registro documental de uma existência, que é publicizada pela mídia, mídia que, no seu papel de atribuir sentidos à realidade social, apresenta-se como espaço da memória no qual o participar é projetado para o espaço público.<sup>286</sup>

A natureza da discussão de Lysardo-Dias é centrada nos perfis biográficos publicados pelo jornal Folha de São Paulo e, de forma similar a entrevista, se constituem como registro documental da existência de personalidades. A natureza midiática da entrevista, que não deixa de ser uma forma de fornecer um perfil de escritores, propícia que o escritor se valha dessa mídia a fim de externalizar ideias políticas, projetos literários e outros pensamentos, mas tal exposição exige que o escritor crie para si uma máscara, uma *persona* midiática que circula nessa forma biográfica não canônica.

O escritor não é “apenas” o autor da obra, mas também *persona*, personagem, que se move entre as formas biográficas para se relacionar com o outro, posto que, como elucida Leonor Arfuch no artigo “Antibiografias? Novas experiências nos limites”, presente no livro *O futuro do presente* (2012): “[...] cria-se um personagem até mesmo na confissão mais sincera ou no testemunho da verdade mais apegada aos fatos. É que não há como se apresentar diante do outro, a não ser dotado de uma máscara”<sup>287</sup>.

Por mais que o outro seja um amigo, no caso, Clarice, o fato de que vocês estão em uma determinada situação, a entrevista, que requer o narrar de si, já implica que o que foi exposto e narrado na entrevista passa pelo campo da criação (origem da palavra ficção) e, portanto, acaba por desencarrilhar a noção de que o exposto pelo entrevistado é a “verdade-absoluta”, contribui para a reafirmação dessa noção o fato

---

<sup>286</sup>LYSARDO-DIAS. Perfis biográficos jornalísticos, p. 69.

<sup>287</sup> ARFUCH. Antibiografias? Novas experiências nos limites, p. 19.

de que o entrevistado, como fonte daquilo que está sendo dito, é tido como extremamente confiável.

Em entrevista com Silvano Santiago para a *Revista Estudos Históricos*, no ano de 2002, Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira questionam o crítico acerca de sua afirmação, feita em entrevista para Santuza Naves, de que a entrevista é gênero literário, ao que Santiago responde: “A entrevista, para mim, tem importância, porque você pode tornar explícito o que está implícito na sua realização artística”<sup>288</sup>.

O implícito de que fala Santiago é aquilo que circunda a criação e o que a possibilita é igualmente o algo que o escritor não fala em seus escritos. A luz do que fala Santiago, Rachel Esteves Lima reitera a relevância da entrevista como espaço de criação do escritor no qual amplia a voz de suas ideias e concepções, a crítica explica que a entrevista é o lugar:

[...] onde se cria sua assinatura, sua imagem, onde se amplifica sua fala, se propaga suas ideias e se assumem posições na arena conflitiva da política e do mercado de bens simbólicos. Lugar que será percebido como essencial para o intelectual que compreende o caráter anfíbio da produção artística [...].<sup>289</sup>

O espaço de que fala Esteves Lima em que a assinatura e as múltiplas imagens são criadas é o espaço expositivo, que assim é concebido por Walter Mignolo, no texto “Estéticas decoloniales”: “Os espaços de exposição são compreendidos como lugares de convergência para uma conversação aberta sobre uma pluralidade de práticas artísticas [...]”.<sup>290</sup>

O foco da fala de Mignolo reside na discussão em torno de práticas artísticas que partem da ideia da *aesthesis*, do sentir, e quando menciona os espaços

<sup>288</sup> SANTIAGO. Entrevista com Silvano Santiago, p. 169.

<sup>289</sup> LIMA. A entrevista como gesto (auto)biográfico, p. 37.

<sup>290</sup> “Los espacios expositivos se entienden como lugar de convergência para uma conversación aberta acerca de uma pluralidade de práticas artísticas alrededor de la pregunta sobre la opción decolonial em general y sobre La decolonialidad estética em particular” (MIGNOLO; GÓMEZ, 2012, p. 17, tradução nossa).

expositivos refere-se, principalmente, aos espaços em que várias produções artísticas são expostas, os museus. Mas, penso que de forma similar aos museus e outros locais de exposições artísticas, a entrevista é também um espaço em que vocês, Fernando e Clarice são expostos e o fato de Clarice ocupar o lugar de entrevistadora não garante em nada que esteja salvaguardada, durante o diálogo com o amigo, em expor algo de si, mesmo que um pouco e sua amostra de si começa nas perguntas feitas ao amigo, as quais algumas, como pude demonstrar, são dúvidas relacionadas a sua prática

A possibilidade de expressar aquilo que até então está implícito vai depender da sagacidade do entrevistador, e daí a saída ao se valer dos laços afetivos, como a amizade, e do que o entrevistado está disposto a tornar público. A amizade, na entrevista, possibilita que se crie uma atmosfera de intimidade-pública<sup>291</sup> em que não é tão explicitamente marcado os papéis a serem desempenhados, afinal, conversar com o amigo é mais agradável e consideravelmente menos formal do que conversar com o outro enquanto este desempenha o papel de entrevistador.

A posição cria a ideia de distância e com o amigo essa distância é diluída, embora não crie aproximação demasiada, respeita a boa-distância, a qual fomenta a exposição mútua dos participantes. Se por um lado, o seu, Clarice, coube desempenhar o papel de entrevistadora, no que diz respeito a Fernando, assumir a posição de entrevistado configurava em incômodo, pois de acordo com Arnaldo Bloch na biografia do escritor mineiro:

Verdade que a posição de entrevistado sempre o incomodou: argumentava que, se fosse fundo na alma, estaria desperdiçando sua matéria-prima literária em benefício, de uma versão empobrecida, declaratória, anterior à descoberta da verdade<sup>292</sup>.

---

<sup>291</sup> O termo pode aparentar contradição, mas entendo por intimidade-pública a exposição de fatos pessoais que compõem o *bios*.

<sup>292</sup> BLOCH. *Fernando Sabino*, p. 21.

Apesar da posição suscitar incômodo para Fernando menciono mais uma vez que o fato da amiga entrevistá-lo colaborou, em muito, para amenizar a formalidade que a ocasião impunha. O que quero dizer não é que o fato de entrevistar o amigo leva o outro a “desnudar sua alma”, mas que ao transpor a barreira, pela amizade, entre entrevistador e entrevistado, ambos acabam por desenvolver uma conversa mais íntima e menos pautada na relação formal que tal atividade jornalística designa para os que participam dela.

É a amizade que permite a Clarice fazer um total de vinte perguntas para você, Fernando, sendo que uma delas já abordei na carta “Perto do coração jaz uma amizade: a retórica do epitáfio dos amigos-espectros”, aquela que diz respeito a perspectiva com que você, Fernando, encara a problemática da morte. A primeira pergunta que Lispector faz é a que cria a abertura para que nasça a atmosfera de intimidade com você, deixando claro que a conversa não é, propriamente, entre a entrevistadora e o entrevistado, mas entre amiga e amigo:

- *Fernando, por que é que você escreve? Eu não sei por que eu escrevo, de modo que o que você disser talvez sirva para mim.*

- Há muito que não escrevo. A última vez foi ali por volta de 1956, 1957. Escrevia por necessidade de me exprimir. Desde então tenho me utilizado da palavra escrita como atividade profissional, por necessidade de ganhar a vida. Mas não chamo a isso de escrever, como ato de criação artística.<sup>293</sup>

Clarice procura, por meio do amigo, a resposta para um questionamento interno que está intrinsecamente relacionado à literatura, resposta esta que não necessariamente a satisfaz, até mesmo porque a escritora fala que *talvez* a resposta seja aquilo que responderia a si mesma. O que responde para Clarice, Fernando, me perturba porque revela a distinção que faz entre escrever de forma profissional e como escolha pessoal que não se relaciona a obrigação. Pessoalmente outrora não distinguia entre escrever como profissão e como livre escolha cuja única obrigação é

---

<sup>293</sup> LISPECTOR; SABINO. Diálogos possíveis com Clarice Lispector, p. 197.

consigo mesmo, nesse ponto vocês se assemelham, visto que Clarice também admite que:

Eu não sou uma profissional, eu só escrevo quando quero, eu sou uma amadora e faço questão de continuar a ser amadora, profissional é aquele que tem obrigação consigo mesmo de escrever ou então com o outro, em relação ao outro. Agora, eu faço questão de não ser uma profissional, pra manter minha liberdade.<sup>294</sup>

A impressão que tenho como leitora é que, pelo fato de lutar contra a rubrica profissional, no âmbito da escrita, você obteve maior liberdade que acabou sendo transferida para a entrevista, apesar de ser uma tarefa desempenhada devido a necessidades financeiras, conseguiu unir o útil (trabalho) ao agradável (a conversa com o amigo).

Você, Clarice, é uma entrevistadora sagaz, por motivos vários, mas dentre tais motivos me interessa um, porque fala diretamente ao que me impulsiona a abertura para o outro. Diz respeito a utilização da amizade como estofa para a sua escrita, para você, o amigo entrevistado não assume o papel de “objeto”, manipulável, mas a pessoa com a qual se sente à vontade para conversas sem prescindir da serena autoridade de divergir de opinião (LISPECTOR, 2006).

Divergir de opinião, como aponta Clarice, possibilita que a diferença de opiniões se convertam em “fonte” para o campo da criação literária. A luz da relação entre amizade e literatura, Marcos Antônio Bessa-Oliveira em *Clarice Lispector pintora* (2013) vai se deter na relação de amizade entre Clarice, e o pintor Carlos Scliar. No cerne da discussão do crítico reside a constatação de que: “O objeto amigo [...] era antes compreendido, forçosamente, como quem poderia lhe render material para sua escritura, além de um “retrato” visualmente captador da alma em vida da escritora”<sup>295</sup>. Acredito que você, além de se valer do Fernando, na melhor acepção do termo, se

---

<sup>294</sup> LISPECTOR. “Panorama com Clarice Lispector”. [1 de fevereiro de 1977]. Rio de Janeiro: TV Cultura. Entrevista concedida a Júlio Lerner.

<sup>295</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Clarice Lispector pintora*, p. 184.

aproveitou do fato de que entrevistou o amigo para absorver a matéria da discussão entrevista e transpô-la para a sua literatura.

Sobre divergir de opinião, noto que na entrevista vocês dois diferem quanto o assunto que vem à tona é o gênero crônica. A liberdade dos dois de discordarem, e a crônica é apenas um exemplo disso, permite a expressão das opiniões e sentimentos de ambos, munida desse fato a entrevista: “[...] cada vez menos se pretende alcançar um efeito de neutralidade”<sup>296</sup>, se é que algum dia pretendeu. Para você, Clarice, a crônica escrita para jornal não é percebida como “arte literária”, por sua vez a resposta de Fernando, quando questionado sobre o assunto, não deixa claro a posição dele.

*- Há quanto tempo você escreve crônica? Falta-lhe assunto às vezes? A mim, no Jornal do Brasil, por enquanto ainda não. Sei também que que crônica para jornal não é arte literária.*

*- Pode ser e pode não ser, depende. Escrevo crônica desde 1947. Sempre falta assunto – é penoso ter de inventar. Procuro suprir o jornal ou a revista que me paga com a matéria escrita*

No momento da entrevista Fernando não deixa evidentemente expresso se acredita, ao contrário de você, que a crônica de jornal, somente por ser veiculada no espaço proporcionado pelo jornal não é literatura. A sua resposta, Fernando, fica mais visível anos depois da morte de Clarice, quando em entrevista ao programa “Roda viva”, no dia 25 de dezembro de 1989, Caio Fernando Abreu pergunta: “Você acha a crônica menor em relação a ficção?”<sup>297</sup>, ao que você, Fernando, responde:

[...] O que é crônica afinal de contas é uma coisa muito indefinida [...] Eu acho que a crônica não é um gênero menor não, haja vista, Rubem Braga que é essencialmente cronista, fez um outro poema eventual, mas fez poemas de prosa maravilhosos a que ele chama de crônica, fez contos maravilhosos que ele também chama de crônica. De modo que eu acho que é um gênero realmente [...]<sup>298</sup>.

<sup>296</sup>ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 184.

<sup>297</sup> SABINO. “Fernando Sabino – Roda viva”. [25 de dezembro de 1989]. Rio de Janeiro: TV Cultura. Entrevista concedida a Caio Fernando Abreu, Cláudia Boyago, Jorge Escosteguy, Marcos Faerman, Mário Viana, Osmar Freitas, Ricardo Soares, Ruy Castro e Sérgio Pinto de Almeida.

<sup>298</sup> SABINO. “Fernando Sabino – Roda viva”. [25 de dezembro de 1989]. Rio de Janeiro: TV Cultura. Entrevista concedida a Caio Fernando Abreu, Cláudia Boyago, Jorge Escosteguy, Marcos Faerman, Mário Viana, Osmar Freitas, Ricardo Soares, Ruy Castro e Sérgio Pinto de Almeida.

É caminho natural da entrevista, ainda mais quando a mesma acontece entre amigos, que, à exemplo do que explana Arfuch sobre a neutralidade, a conversa convoque para diálogo pontos de vistas diferentes e que, por conseguinte, são conflitantes. Por isso, chamo a atenção para a constituição do termo “entrevista”.

A origem da rubrica, inter(entre) – vista (ver), já me induz a considerar que entre vocês dois, ainda mais com vivencias tão distintas, se desenvolve um caminho contrário a neutralidade da chamada “compreensão”. Entre(-vista) requer pensar na diferença do outro (o amigo), isto é ver o outro (vista), e a partícula *entre*, de *entrevista*, já traz implícita em sua construção a participação daquele que difere do amigo.

O *entre* ainda assume um segundo sentido, a dizer, a minha participação (a arconte) na amizade. O percurso traçado da amizade de vocês, Fernando e Clarice, nesta carta, que se iniciou a partir da *entrevista* dos “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”, culmina no que chamo de *entrevidas*, o ciclo de amigos que a princípio é construído entre três pessoas.

O “Entrevi(s/d/t)a(s)” (entrevista/entrevidas), construto que aglomera os dois vocábulos, entrevista e entrevida, compõem parte do arquivo da amizade e possui natureza similar ao assunto de minha próxima carta, a fotografia. Ambos, entrevista e fotografia são os rastros que utilizo para construir o arquivo da amizade de Fernando, Clarice e o meu. Entender esses dois registros como rastro é considerar que, a exemplo do que expõe Arfuch, os dois podem “[...] até mesmo ser o que *resta*, o que fica do tempo da vida, o que permanece, como vibração, como energia, quando se abandona para sempre um lugar”<sup>299</sup>.

Queridos amigos,

A urgência da postagem faz com que termine logo essa carta,

---

<sup>299</sup> ARFUCH. Antibiógrafias? Novas experiências nos limites, p. 23.

Até a próxima,

*Francine parla de Golles junho 2008*

CARTA VII - No rastro do silêncio, a fotografia sob o meu olhar<sup>300</sup>

Campo Grande – MS, 31 de outubro de 2015

Meus queridos,

A foto reproduzida abaixo a partir do artigo intitulado “A política em Clarice Lispector” de Silviano Santiago para o site da editora Rocco, é a única em que vocês dois estão juntos, pelo menos de que tenho notícia até o momento. Chamou minha atenção, além de seu caráter singular, uma característica que emerge deste documento, isto é, trata-se de uma das poucas foto sem que você, Clarice, está sorrindo, o que, por sua vez, me permite considerar que a presença de um amigo querido e de longa data como Fernando, foi capaz de ajudar a proporcionar a mudança da Clarice séria, misteriosa e, como outros diriam, hermética, para a Clarice misteriosa, mas que igualmente desfrutava do prazer e da alegria da presença de alguém querido, demonstrando que a escritora trazia os amigos, para fazer referência tanto ao seu primeiro livro quanto ao livro de cartas, para “perto de seu coração”.

---

<sup>300</sup> De antemão já esclareço que a intenção por trás da reprodução da foto do meu olho, que consta como a imagem de fundo desta carta, se justifica a medida em que gostaria que o (a) leitor(a) pensasse em um constante exercício de observação da fotografia, o continuo contato entre imagem e pessoa, por assim dizer, os espectros que se olham.



FIGURA 3 – Clarice Lispector e Fernando Sabino  
Fonte: SANTIAGO, 2014, sp.

A genealogia de um tal registro visual remonta ao período em que Clarice voltou para o Brasil logo após se divorciar do diplomata Maury Gurgel Valente, em junho de 1959, mesmo período em que a revista “Senhor” publicou seus contos: “A menor mulher do mundo”, “O crime do professor de matemática”, “Feliz aniversário”, “Uma galinha”, e inicia, sob o pseudônimo de Helen Palmer, a escrever a coluna “Correio feminino – Feira de utilidades” para o jornal “Correio da manhã”.

Por outro lado, Fernando, nesse período, comparece ao lançamento de seu livro *O Encontro marcado* em Lisboa (Portugal), colabora com o “Jornal do Brasil”, com a revista “Manchete” e com a revista “Senhor”, escrevendo crônicas a partir de suas experiências adquiridas em viagens ao exterior.

Além das cartas de *Cartas perto do coração* a fotografia é um registro outro que compõem o arquivo da amizade de Fernando e Clarice no qual remexo. Vale mencionar que a fortuna crítica a respeito da fotografia de escritores, sob uma perspectiva que não aborde a foto como o suporte que exerce o papel de ofertar respaldo para o texto literário, é escassa.

A fortuna crítica disponível que se detém na foto dos escritores se resume a *Clarice - fotobiografia* (2008), da autora Nádya Battella Gotlib. O livro contempla a foto, no conjunto de registros fotográficos que contam a vida da escritora desde o seu nascimento até morte, todavia, não me fornece detalhes mais precisos sobre o contexto em que foi tirada, como: quem é o(a) fotógrafo(a), em que lugar exato foi tirada, quais as circunstâncias que levaram os amigos a registrar visualmente o momento.

O livro de Nadia B. Gotlib apenas expõe o que já é de meu conhecimento. Em contrapartida, a única biografia de Fernando, *Fernando Sabino: reencontro* (2005), não chega nem a citar tal documento, a despeito de mencionar, em suas páginas finais, a relação de amizade dos escritores.

Por sua vez, a oitava edição de *Cartas perto do coração* de fato traz registros fotográficos dos escritores, mas afastados, de forma que a leitura das fotos efetuada pelo sujeito traga, implicitamente, a percepção da distância (geográfica) que os separava durante o período da escrita

A primeira edição do livro não traz fotos suas, Clarice e Fernando, nem mesmo separados, contudo retoma o desenho dos escritores feito por Alfredo Cheschiatti, além de trazer reproduções de trechos das cartas, os mesmos trechos da oitava edição, separados por uma linha pontilhada vermelha e que reforçam, especificamente no trecho da carta de Fernando, a consciência da separação física e o consolo em saber que mesmo a distância não apaga a presença do amigo.

A leitura efetuada em relação às duas contracapas das edições, figura 4 e figura 5, apresentadas abaixo, aponta para, no caso da oitava edição (2011), ressaltar a distância que separa os amigos e no caso da primeira edição, embora também escolha evidenciar a distância, noto um desejo em aliar os dois elementos: separação

geográfica e presença metafórica, simbolizado pela reprodução do desenho de Ceschiatti.

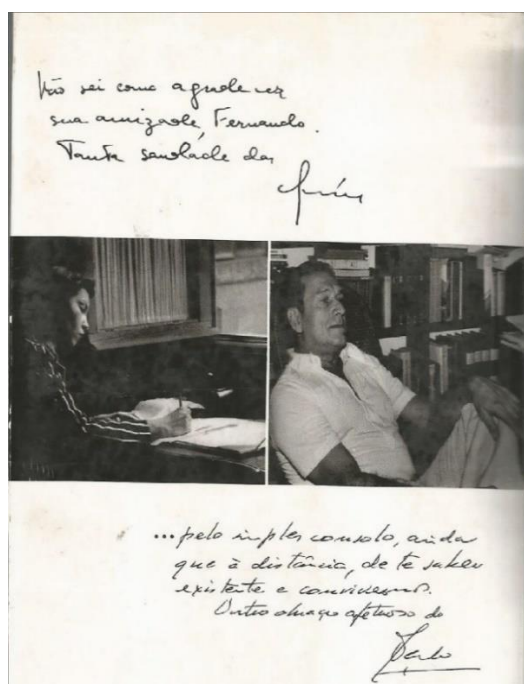


FIGURA 4 – Contracapa da 8ª Edição  
Fonte: Biblioteca pessoal

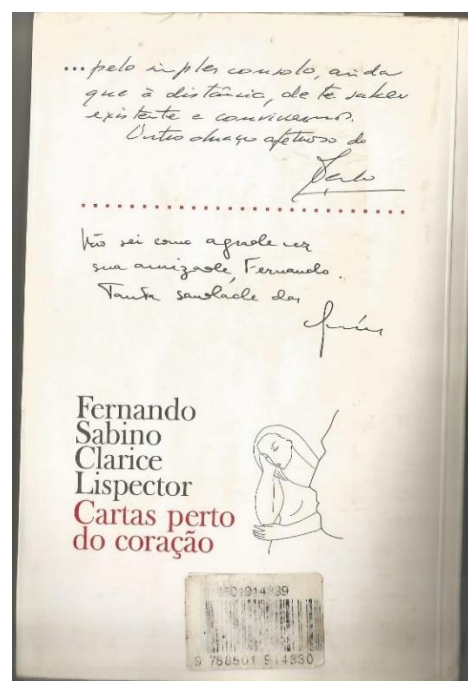


FIGURA 5 – Contracapa da 1ª edição  
Fonte: Biblioteca pessoal

Os detalhes exteriores ao momento do registro me ajudam a melhor tecer relações entre a foto e a amizade de vocês dois, e a nossa, uma vez que me fornecem maior embasamento para o tratamento alegórico guiado pela relação entre nossas vidas. A falta de algumas dessas informações implica em frustração, visto que a fotografia:

[...] provoca, quase sempre, o desejo de mais informação. Queremos saber sobre antes e depois, perguntamos sobre as pessoas, o lugar, o evento, a época. Buscamos a historinha que a imagem insinua e oculta, o texto que falta, falado ou escrito.<sup>301</sup>

A minha escolha pessoal em discorrer a partir do documento singular, mesmo que seja uma escolha que em muitos momentos pode ser frustrante devido à escassez

<sup>301</sup> KUBRUSLY. *O que é a fotografia*, p. 25.

de informações, se assemelha ao ato de fotografar, pois ambas se baseiam no desejo de distinguir algo dentro do universo do *bios*.

Remeto as palavras de Susan Sontag, no livro *Sobre a fotografia* (2004), que reúne seis ensaios da autora em torno do assunto, quando esta esclarece que: “Fotografar é atribuir importância”<sup>302</sup>, pois reside em uma escolha pessoal movida pelo despertar de uma sensação, denominada afeto, quando o sujeito se depara com uma imagem ou um momento em que se deseja captar algo, “eternizar”, estatificar, congelar no tempo.

Nesse entender, as fotografias oferecem tal perspectiva: “[...] porque são uma nítida fatia do tempo, e não um fluxo”<sup>303</sup>, pedaço de um momento outrora vivido e do qual se tem a esperança de reviver por meio da foto. O desejo de se prolongar indefinidamente a lembrança registrada parte do medo de se esquecer o momento e a sensação experimentada, como se fosse possível revive-las tais quais ocorreram na ocasião.

Em sentido contrário, lido com a foto de vocês, amigos, como uma forma de construção, como parte do arquivo e que é atravessado pela experiência sensorial da *aesthesis*, porque não há condições físicas, tecnológicas ou coisa que o valha que possibilite voltar ao tempo e ao momento em que vocês tiraram a foto. A construção é pensada sob a perspectiva do meu olhar e, como já dito, não visa remontar ao momento único vivenciado por vocês.

A impossibilidade de viver novamente aquilo que já pertence ao passado é lembrado por Roland Barthes, quando em seu livro *A câmara clara* (2012) recorda que: “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete

---

<sup>302</sup> SONTAG. *Sobre a fotografia*, p. 41.

<sup>303</sup> SONTAG. *Sobre a fotografia*, p. 28.

mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”<sup>304</sup>, de acordo com a fala de Barthes, o que está em jogo quando o assunto tratado é a fotografia, é a relação entre a reprodução mecânica de um documento, que se presentifica no registro, e o momento existencial, ou seja, o contexto das circunstâncias que propiciaram a foto. O lugar situado entre existência e reprodução do registro é o lugar de inscrição do rastro que não é de total pertencimento a nenhuma das duas esferas, existência e reprodução.

O que me proponho a fazer é pensar a fotografia de vocês, Fernando e Clarice, não com a intenção de reviver, porque se trata de algo impossível dada a minha ausência física no momento em que tiraram a fotografia, mas como um rastro do arquivo que proporciona a sobrevida para a amizade e para os espectros. Dada a sua natureza múltipla, é difícil, e também não é do meu interesse, erigir uma única definição para ela. Mesmo assim seu caráter de multiplicidade, e o mal de arquivo, me levam ao dado questionamento:

Afinal, o que é a fotografia? A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagens de tudo que nos cerca? Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer? Ou a possibilidade mágica de preservar a fisionomia, o jeito e até mesmo um pouquinho da alma de alguém que gostamos? Ou apenas uma ilusão?<sup>305</sup>

A fotografia é um pouco de tudo isso elencado por Cláudio Kubrusly (1986), é a possibilidade de parar no tempo, pois é a escolha de registrar um recorte do momento específico para a posteridade, é assim, um processo químico inventado pelo ser humano que fornece condições de (re)tratar as imagens que nos cercam e as quais desejamos relembrar, bem como assume a forma de documento, mas não de acordo com a noção de congelamento, e com isto quero garantir a minha liberdade criativa.

---

<sup>304</sup> BARTHES. *A câmara clara*, p. 14.

<sup>305</sup> KUBRUSLY. *O que é fotografia*, p. 08.

Faço uma ressalva, discordo do vínculo criado e fomentado entre documento, foto e irrefutável, pois entendo que a natureza do último vocábulo assinala sua presença no sentido de reafirmar a pretensa natureza homogênea, ignorando que existem outros fatores que também influenciam o arquivo.

Contrário ao que poderia supor a palavra irrefutável, isto é, que a foto é feita somente de momentos vivenciados por aqueles que são os “objetos” retratados, argumento que a foto não é feita somente dos momentos que vocês, Fernando e Clarice desejaram eternizar, mas é também constituída de componentes químicos, para os que são adeptos de linguagem mais “palpável”, de desejos, que são os seus, meus amigos, e os meus, de memórias, dos que ali estão retratados e das minhas, “Pois a fotografia é o advento de mim mesmo como outro”<sup>306</sup>.

A fala de Roland Barthes leva a considerar que a concepção comum da foto, vista como experiência isolada, desconsidera a participação da arconte, que pouco ou nada significa para a concepção estética. Em contraposição a essa concepção comum, Evando Nascimento lembra que:

A força que em si não é nada, passa a existir apenas na interação com outras para a formação do sentido, o qual por sua vez nada mais é do que um *rastros mnésico*, como resultado de todas as *apropriações* anteriormente operadas.<sup>307</sup>

A crítica tradicional, a mesma que exclui a experiência particular do sujeito crítico, poderia elencar a seguinte objeção: Como dizer que a foto dos escritores é feita também de memórias de pessoas que nem mesmo estiveram presentes na ocasião? Isto não seria a ilusão, a criação de um falso momento, de uma falsa experiência? Ora, caso algum leitor se sinta inclinado a assim pensar nestes termos, respondo que se trata, então, de ilusão bastante convincente, pois ao experienciá-la

---

<sup>306</sup> BARTHES. *Câmara clara*, p. 20.

<sup>307</sup> NASCIMENTO. *Derrida e a literatura*, p. 171.

removo de seu lócus e realoco-a na esfera da vivência, da experiência, da sensação que me desperta o olhar atribuído a foto. A “ilusão” existe a partir do momento em que me atinge, em que afeta, não possuindo ligação inquebrantável com o dito contexto de produção “palpável”.

A escolha que parte da esfera das razões do coração revelam uma outra faceta minha, como mencionei em momento anterior deste capítulo, como arconte, movida pela paixão de colecionadora, parafraseio Susan Sontag (2004), vejo na foto de vocês, Fernando e Clarice, a possibilidade de reter a parte de um todo na memória, como se me dedicasse a montar a uma antologia de imagens, citações, lembranças, vidas.

O fato de se tratar de um registro fotográfico único da amizade me leva a adotar uma perspectiva também única, ou no mínimo, diferente. Assim, esclareço que a escolha singular da foto de Fernando e Clarice como o tema central dessa carta sem o “suporte” de legendas ou epígrafes, reside no desejo particular de desvincular a necessidade que o leitor possa ter de uma legenda, um texto gráfico, que “explique” tal foto, e as aspas aqui aparecem a fim de ironizar a necessidade analítica de tudo explicar.

Afinal, a imagem possui significado que nasce de seu silêncio intrínseco e requer que o outro desloque-a de seu lugar instituído pelo imaginário ocidental. Uma saída está em ver a relação fotografia e o silêncio como: “Movimento, mas também relação incerta entre mudança e permanência [...]”<sup>308</sup>, entre o ser o não ser, vida e morte, rastro e completude.

A foto dos escritores significa por si só, por isso não necessita de legenda, além do que, significa, posto que: “Aí se situa o trabalho do silêncio”<sup>309</sup>. A presença da legenda acarretaria prejuízo para a experiência do silêncio, sendo que esta

---

<sup>308</sup> ORLANDI. *As formas do silêncio*, p. 13.

<sup>309</sup> ORLANDI. *As formas do silêncio*, p. 22

representa, para Eni Puccinelli Orlandi em *As formas do silêncio* (2002): “[...] a ‘respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”<sup>310</sup>.

O silêncio, dentro da *doxa* embasada pela retórica do imaginário ocidental, é definido enquanto ausência de conteúdo, de comunicação, de ruídos e barulhos em geral, uma forma de calar em que o diálogo e a conversa não se desenvolvem. A dada concepção se origina da relação que os sujeitos mantêm com o outro, não constituindo, como uma outra forma de se comunicar, o diálogo para consigo mesmo.

A presença do silêncio é, portanto, o desafio as rígidas formas de se relacionar, de se comunicar, haja vista que me coloca em contato com o mais íntimo de mim mesma, onde não há meios de escapar, e com o íntimo de vocês, Fernando e Clarice. Desta forma, penso o silêncio como a pausa necessária do momento de observação, experiência da qual a amizade não abre mão.

De acordo com a definição do senso comum o silêncio é correlato ao sossego, a paz, mas aqui ele assume a posição contrária, a de perturbar, a de desassossegar o ser humano lá onde procura a paz. Irônico, não acham, Fernando e Clarice? As pessoas se incomodam com o barulho, mas quando existe a possibilidade de silêncio, de “ausência” de ruídos, o sujeito se aterroriza de tal forma que procura preencher cada espaço de seu tempo com o barulho, a fim de não ser induzido a se defrontar consigo, será a conversa consigo a mais difícil forma de diálogo que o ser humano pode enveredar?.

Amigos, confesso, sou uma dessas em que o silêncio faz nascer o medo. Não tem como não me lembrar de meu próprio procedimento em vários momentos, em

---

<sup>310</sup> ORLANDI. *As formas do silêncio*, p. 13.

especial quando escrevo, faço de tudo para não ficar sozinha com vocês, pois é amigos, a possibilidade de ficar sozinha envolta de silêncio me espanta.

Me dá medo o nosso confronto, pois com ele vem uma outra parte de mim sobre a qual não tenho domínio (haverá alguma parte de que tenho?), é necessário um esforço pessoal muito grande deixar que o silêncio venha até mim. Ortega me fornece a saída para o meu mal-estar, quando expõe que:

Contrário ao que possa aparecer à primeira vista, o silêncio também faz parte de uma nova ética da amizade, silêncio do *talvez* de uma amizade que não precisa dizer nada, pois às vezes a palavra corrompe a amizade, e o silêncio preserva.<sup>311</sup>

A fala de Francisco Ortega, muito longe de destituir a fala ao sujeito, situa a amizade inserida no campo do silêncio. Nossa amizade, amigos, está intimamente interligada com ele, este algoz dos que o temem, sua presença (pois ele não é essencialmente ausência) nos transporta para as possibilidades que entram em choque com o terreno da fraternidade, esta obriga os amigos a fala contínua, compulsória, não necessariamente com a finalidade de comunicar. A fraternidade não concebe que a amizade também seja composta de silêncio, pois como disse anteriormente, o silêncio desafia, é sinal de discordância, de pensamento, confabulação, diálogo interno.

Desta forma, não sendo necessárias palavras escritas ou faladas, quando do primeiro momento da experiência de observação, dá-se lugar a narração do olho, ator fundamental para o desenvolvimento desta carta, que aqui se faz presente não no intento de ser o único narrador, mas dialogando com outro sentido.

De fato, o que proponho de antemão pode soar estranho, na medida em que se questiona: De que forma o meu olho narra? Como é possível que o olho, fale? Qual é o seu papel na experiência fotográfica? É para discorrer acerca dos

---

<sup>311</sup> ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 112.

questionamentos levantados que desenvolvo o que aqui chamo de a narrativa do olho. Para tanto, valho-me de minha própria experiência arcôntica de colecionadora evidenciando: “[...] a paixão que une aqueles que se empenham em assumir não apenas o papel de herdeiros de um determinado legado cultural, mas também a função de artífice da memória, aqui considerada como um infinito *work in progress*”<sup>312</sup>.

Paixão esta que se estende para a fotografia, cuja busca apaixonada ora desperta amor ora o mal, é, ao mesmo tempo, o sofrimento, conforme indica a etimologia da palavra paixão, o mal de arquivo (DERRIDA, 2001). Nessa perspectiva, então, o que age contra mim, mas também é o amor, o afeto, o que toca (Lispector)<sup>313</sup>, o que impulsiona, isto é, aquilo que age a meu favor.

Ao reproduzir, na primeira página da carta, a fotografia de meu próprio olho começo a responder a primeira pergunta feita, de que forma o olho narra. O olho passa pela experiência, vivencia-a, mas não está sozinho. Junto ao olho está o outro sentido que me permite pensar e escrever, de forma que o discurso do olho perpassa a experiência do tato, são narrativas diferentes, do ponto de vista das circunstâncias em que ocorrem.

*Grosso modo*, quero dizer que o olho vê, enxerga e o tato proporciona o contato com a matéria física daquilo que almejo, a foto. Um não se sobrepõe ao outro, de modo que se relacionam, se complementam, tal como expõe Walter Mignolo quando comenta sobre a exposição do artista indígena colombiano Benjamín Jacanamijoy,

---

<sup>312</sup> LIMA. A entrevista como gesto (auto)biográfico, p. 32.

<sup>313</sup> Remeto a uma famosa fala de Clarice Lispector quando entrevistada por Júlio Lerner: “[...] ou toca ou não toca [...] Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato [...]”. LISPECTOR. “Panorama com Clarice Lispector”. [1 de fevereiro de 1977]. Rio de Janeiro: TV Cultura. Entrevista concedida a Júlio Lerner.

denominada, “Tierra y Agua”: “[...] o pensar, o sentir e o ver são artistas de um mesmo processo”<sup>314</sup>.

Meu olho enxerga e vivencia enquanto minhas mãos se ocupam em tecer este texto, em manusear os livros dos quais me valho para embasar minha reflexão teoricamente, e em escrever. Falo, neste momento, por meio da escrita, primeiro observo e sinto, por fim (in)escrevo<sup>315</sup>.

Empreendo o exercício de observação, mas quero ir além do momento, desejo ardorosamente, através da foto do meu olho, que o leitor tenha a consciência que o ato de observar a foto de vocês dois, Fernando e Clarice, é uma ação contínua, *ad infinitum*, mesmo que metafórica, e que demanda entender o fato de que os olhos por trás da minha foto estão condenados a sucumbir perante a ação do tempo.

Embora estes tenham um prazo de ação quantificado, ressalto que a representação fotográfica deles proporciona a sobrevida, assunto do qual já tratei no primeiro conjunto de cartas, mas que aqui volta evidenciando sua natureza espectral. A sobrevida do olho assegura, de fato, a ação sucessiva do olhar e do refletir.

A narrativa *da* e *sobre* a fotografia é iniciada pela sensação que a foto de vocês, Fernando e Clarice, desperta em mim, pois parto do princípio que ao escolher refletir a partir dela é porque me desperta algum tipo de emoção ou perturbação. Falo, portanto, *a partir da* noção de *aesthesis*, concepção sob a qual se constrói a noção de estética, que, por sua vez, é responsável pelo raciocínio binarista do belo, e de seu contraponto, o feio e se constrói de forma que seja tida como referência se alguma arte quiser ser “validada”, levada a sério e receber a rubrica almejada de “arte de verdade”.

---

<sup>314</sup> “[...] el pensar, el sentir y el ver son artistas de un mismo proceso” (GÓMEZ; MIGNOLO, 2012, p. 20, tradução nossa).

<sup>315</sup> A ideia é dizer que a foto se inscreve em mim, pois compõe o arquivo da amizade de Fernando e Clarice.

Walter Mignolo, em ambos os artigos: “Estéticas decoloniales” e “Aisthesis Descolonial” se detém na noção ao descolonizar a estética colonial através da descolonização do conhecer, do sentir, do pensar e do ser<sup>316</sup>. De acordo com o teórico argentino:

A palavra *aesthesis*, que se origina do grego antigo, é aceita sem modificações nas línguas modernas europeias. Os significados da palavra giram em torno de vocábulos como “sensação”, “processo de percepção”, “sensação visual”, “sensação gustativa” ou “sensação auditiva”.<sup>317</sup>

Em “Aisthesis Descolonial”, Mignolo lembra que a concepção de *aesthesis* se modificou quando, a partir do século XVII, passa a significar a sensação daquilo que é tido como belo, agradável, proporcional, de acordo com o padrão instituído. Nasce, por conseguinte, o que hoje conhecemos por estética, que nada mais é do que o efeito da onda de poder do imaginário ocidental colonial / moderno sobre a *aesthesis* em seu estágio pré-poder colonizador, em suma, para o crítico foi a concepção de estética que colonizou a *aesthesis* e a questão atual com a qual lida envolve: “[...] descolonizar a estética para liberar a *aesthesis*”<sup>318</sup>.

Antes, a *aesthesis* abarcava todos os sujeitos, sem qualquer espécie de separação por meio de categorias, após sua reconceitualização e nova roupagem, a estética passa a individualizar, categorizar e direcionar a experiência da sensação em

---

<sup>316</sup> Caso o leitor se interesse pela questão, sugiro a leitura de outros livros e artigos de Walter Mignolo. Sobre a descolonização do conhecer e do pensar a leitura de *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (2003) é indicada, caso o interesse resida na descolonização do ser o artigo “Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política” é basilar, e para saber mais em torno da descolonização do sentir, indico a leitura dos artigos, já citados, “Estéticas decoloniales” e “Aisthesis decolonial”.

<sup>317</sup> “La palabra *aesthesis*, que se origina em El griego antiguo, es aceptada sin modificaciones em las lenguas modernas europeas. Los significados de la palabra giran em torno a vocablos como ‘sensación’, ‘proceso de percepción’, ‘sensación visual’, ‘sensación gustativa’ o ‘sensación auditiva’” (MIGNOLO, 2010, p. 13, tradução nossa).

<sup>318</sup> “[...] descolonizar la estética para liberar La *aesthesis*” (GÓMEZ; MIGNOLO, 2012, p. 14, tradução nossa).

direção a noção daquilo que é belo, porém, Mignolo recorda que: “Isto é, não há nenhuma lei universal que faz necessária a relação entre *aesthesis* e beleza”<sup>319</sup>.

Quando Mignolo desvincula a *aesthesis* do ideal estético daquilo que é belo o crítico promove a experiência do sujeito que fora posta de lado pelos projetos globais, possibilitando que o sujeito se anteponha ao projeto universalizante da estética, cuja fonte de origem remonta as histórias e projetos nascidos em território norte americano e europeu.

Suas imagens inertes, meus caros amigos, me obrigam a deparar e lidar com dois fatos, o primeiro é que vocês já morreram, portanto tenho que lidar com as suas mortes, e o outro é que, embora não tenha sido retratada na foto, o fato também me diz respeito, a medida em que compartilhamos a condição de nossa mortalidade e que, por extensão, a morte do outro, a de vocês, me alcançará, cumprindo, dessa forma, com o *script* que rege a vida de qualquer ser vivo.

Acredito que é por evocar tais fatos que Susan Sontag, no já citado livro *Sobre a fotografia*, vai falar que todas as fotos são *memento mori*, isto é, recordações da inevitabilidade da morte e lembranças de que a cada passo que nós damos é com a finalidade maior de nos deparar com o nosso fim bio-lógico. Para Sontag:

Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congela-lo, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo.<sup>320</sup>

O que a crítica norte-americana propõe é válido tanto para aquele que tira a foto, como explanou na citação, quanto para aquela que observa. Minha participação pode não ocorrer de forma tão direta como é o do sujeito que tira a foto (função cuja

---

<sup>319</sup> “Es decir, que no hay ninguna ley universal que haga necesaria la relación entre *aesthesis* y *belleza*” (GÓMEZ; MIGNOLO, 2012, p. 14, tradução nossa).

<sup>320</sup> SONTAG. *Sobre a fotografia*, p. 26.

língua atribui o nome de fotógrafo), mas se inscreve nas entrelinhas do olhar e passeia entre a leveza e o peso do arquivo.

No sentido dessa discussão a fotografia é portadora dos signos da vida e da morte e dos espectros dos amigos que já se foram. Desempenha a função de recordar a presença através da ausência dos corpos, atribuindo para aquela que fica, a arconte a consciência de que: “Esses vestígios espectrais, as fotos, equivalem à presença simbólica [...]”<sup>321</sup>, símbolo encarregado pelo peso do pacto da amizade de proporcionar a sobrevivência ao arquivo de Fernando e Clarice.

Tomei os vestígios espectrais da foto de Fernando e Clarice, denominados de rastro, assim como a entrevista que compõem o arquivo da amizade, como matéria para minha teorização. Ronda tal interlúdio engendrado a questão que se refere a saudade, visto que se trata do reforço da transferência de Fernando, Clarice e a crítica. Fio que perpassa as cartas e que culmina no próximo, e último, conjunto, propriamente denominado “**A ÚLTIMA DESPEDIDA?**: gestos (in) finitos”.

Amigos queridos,

Por hora despeço-me,

Da sempre amiga,



---

<sup>321</sup> SONTAG. *Sobre a fotografia*, p. 19.

pa e luterano, a final e acabaram  
 não perdendo. Mas que coisa.  
 Uma que nem mais, - eu Deus.  
 Que coisa, há Paulo? Belo  
 Horizonte, hein? Pa-pulca, hein?  
 Ora, eis sentas quando o pente  
 me faz uma molecagem; e não  
 me arrapado aqui, e vou não  
 aparece. A final, um homem  
 de espírito! Sou mais velho do  
 que você! Pode ser inteligente, mas  
 não é preciso - e sair com essas  
 molecagens.

**III CONJUNTO DE CARTAS<sup>322</sup> -**

**JANEIRO A JULHO DE 2016 -**

**A ÚLTIMA DESPEDIDA?:**

gestos (in) finitos

Pois com a gente com fome,  
 preciso comer, preciso beber, e  
 trazer um bife, dou-lhe o presen-  
 te! Que trazer um bife, dizem  
 que é preciso o Stein-Altman porque  
 outros perguntou por você, se intere-  
 sou pela sua vida, certo - se  
 que lhe arranjaria um bife, tem  
 bife com vontade de você.

A saudade direciona [...] ao encontro do futuro, mas a flecha do desejo, esquadrinha um outro cenário e um outro tempo passado.

LAGES, João Guimaraes Rosa e a saudade, p. 57.

<sup>322</sup> Caso o(a) leitor(a) se interesse por parte da minha recém-iniciada trajetória intelectual sugiro ver os anexo 08, 09, 10, 11 e 12 ao fim do conjunto de cartas. Os referentes anexos abrangem desde comprovante de participação no evento "XV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana de Estudantes" (JALLA-E), ocorrido na cidade de Santiago (Chile), em 2014, a mensagem de despedida direcionada ao orientador, bem como uma carta, também direcionada ao orientador, em que procurei realizar um exercício de reflexão sobre a relação orientador-orientanda desenvolvida ao longo de seis anos (2010 - 2016).

Campo Grande – MS, 01 janeiro 2016

É preciso que saiba que as suas cartas me dão sempre prazer. Peço-lhe apenas tolerância para as respostas. Estas deixar-lhe-ão muitas vezes as mãos vazias, porque, em última análise, sobretudo para o essencial, estamos indizivelmente sós. Para que duas criaturas possam aconselhar-se e ajudar-se, são necessários muitos encontros e muitas realizações.

RILKE. *Cartas a um jovem poeta*, p. 83.

Meus amigos,

Eis que o tempo se finda tornando necessário a adoção de certa prática social empregada quando em momentos de afastamento. A escolha do título do terceiro conjunto de nossas cartas procurou, dessa forma, considerar o ritual de despedida ocorrido nas relações de amizade/escrita. Sendo por si só uma prática da despedida, visto se tratar das últimas cartas a serem escritas nas circunstâncias acadêmicas nas quais me encontro, determinados gestos são necessários e requerem uma reflexão mais aprofundada.

A começar pelo título, “**A ÚLTIMA DESPEDIDA?**: gestos infinitos”. Sua força significativa, e com isso quero dizer “seu impacto, sua perturbação”, consiste em dois componentes, a dizer, a interrogação ao final da primeira parte do título sugerindo não tratar-se da última despedida, como inicialmente podemos supor, e o último componente, “gestos infinitos”, está intrinsecamente relacionado ao primeiro de forma que constatemos, no mínimo, que a interrogação que ronda a primeira parte é derivada do fato de que as despedidas são como os “movimentos simulados” de que fala Fernando, algo como um falso mover-se em meio ao *bios*.

Complementando o sentido criado pelo título temos a epígrafe que inaugura o presente conjunto de cartas. A fala de Suzana Kampff Lages acaba por realçar a infinitude do gesto de despedida, no sentido de que a ação obtém o reverso do efeito

pretendido, isto porque traz à tona uma questão que nasce no campo do “adeus”, refiro-me a saudade.

Ao compreender em sua abrangência tanto o passado como o “encontro do futuro” a saudade já implica na infinitude do gesto de despedida, pois se uma de “suas pernas” está fincada em momentos já transcorridos e a outra “perna” está cravada no futuro, então, podemos entender que seu dupla localização (passado/futuro) permite não encerrar o processo de escrita.

O não fechamento do diálogo atesta o *working in progress* da nossa amizade. Sob essa perspectiva é basilar entender a dupla natureza da relação tal como aponta Eneida Maria de Souza no prefácio “A dona ausente” presente no livro *Correspondências* (2010) dos escritores Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa:

A amizade literária pode ser entendida em sua dupla feição, ora ligada ao relacionamento afetivo entre escritores, ora imaginada por autores que buscam afinidades entre sua produção literária e a de seus contemporâneos, mesmo que não tenham trocado experiências. A mediação responsável aproximação intelectual é a vivência literária, aliada à necessidade de se cumprirem os rituais exigidos para a legitimação deste ou daquele escritor.<sup>323</sup>

A ambivalência da amizade é fomentada, como aponta Souza, tanto pelo pressuposto afetivo, afinal a amizade é uma forma de afeto, e por ser um modo de relação amplamente utilizada por escritores em proveito de seu fazer literário, daí provém a especificidade do nome “amizade literária”.

Sua particularidade está em se desenvolver no campo da literatura aproximando aqueles que possuem afinidades intelectuais semelhantes. Todas as cartas aqui reunidas, bem como os anexos, as referências, enfim, os componentes que constituem o conjunto epistolar, são transpassadas pela amizade e, por extensão, pelas afinidades. A amizade literária é o indicio de uma paixão, a literatura, que nos

---

<sup>323</sup> SOUZA. “A dona ausente”, p. 21.

liga uns aos outros e me leva ao exercício de reflexão sobre sua trajetória a partir de *Cartas perto do coração*.

Este terceiro conjunto de cartas encerra as missivas trocadas e que atravessam o longo período de 21 de Abril de 1946 até Agosto de 2016. Foi uma longa caminhada, afinal, que distância singramos, seja temporais ou pessoais, quantos encontros foram necessários para que pudéssemos chegar a algum resultado, se é que chegamos a algo definitivo ou será que a nossa procura, o nosso encontro (marcado?) foi, justamente, a travessia?.

O gesto que deu início a essa série de encontros foi o ato apropriatório, mas não totalmente expropriatório, de leitura de textos endereçados a outros, mas que em suas dobras possibilitou a abertura para a inclusão de outros destinatários. Movida pela amizade, conceito aqui entendido na esteira de Jacques Derrida e de Francisco Ortega, como o leitor percebeu pelo primeiro conjunto de cartas, “teci” as cartas sob a égide das já mencionadas razões de princípio e de coração, sendo ambas resultado do ato (afetivo) da escolha do tema (amizade).

A partir dessa perspectiva de dupla natureza, o interesse teórico-crítico e o afeto, retomo mais uma vez a emblemática frase de Jacques Derrida, *Nunca falo do que não admiro* (DERRIDA, 2004). Duas outras formas de dizê-la poderia ser “Nunca falo daquilo que não me afeta”, ou então, “Nunca falo sobre aquilo que não amo”. Utilizar-se da natureza afetiva da relação entre pesquisadora e “objeto” é entender, e sobretudo reconhecer que:

Nada impede que o amor pela literatura e sua atração atávica sirvam de tema para grandes ou menores romances, ou que os acidentes comuns do cotidiano se metaforizem em cenas da mais fina literatura. Ou o que se questiona, nas obras representativas dessa herança negativa, é a prisão a formulas estéticas e a consequente exaustão dos procedimentos.<sup>324</sup>

---

<sup>324</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 99.

A consideração de Eneida Maria de Souza inaugura uma nova possibilidade de perspectiva crítica. O viés crítico-afetivo da assertiva assume sentido especial sob o olhar da amizade por engendrar um ato amoroso que move tanto a pesquisa quanto a literatura. Como mote principal, embora não único, das cartas, a literatura acaba por fornecer a sobrevida para a amizade, situação corroborada pelas missivas aqui reunidas, como bem recorda Souza no artigo “Autoficção e sobrevivência”: “[...] a literatura e sua prática funcionariam como sobrevida de uma relação afetiva que se recupera pela escrita”<sup>325</sup>.

Nas cartas de Fernando e Clarice torna-se claro que a primeira declaração de Souza é tomada em seu sentido literal, isto porque a literatura, seus “mistérios”, bem como sua aura amorosa são uma constante nas epístolas. Vários foram os temas explícitos de cada carta escrita por Fernando e Clarice, mas em sua dobras, suas lacunas, nas entrelinhas, a temática da amizade, atravessada pelas questões de interesses literários, é aquela cuja presença é mais contínua.

Diante das considerações elencadas pelo trecho da carta do poeta tcheco Rainer Maria Rilke para o jovem Franz Kappus, em *Cartas a um jovem poeta* (2013), entendo que a relação epistolar entre vocês, Fernando e Clarice, possui especial significação. As cartas dos escritores detêm relevância ímpar, pois na esteira do que escreve Rilke, foram precisos vários (des)encontros e cartas para que estes escritos fossem vislumbrados em um horizonte que exige larga visão.

Mas ao passo em que escrever todas essas cartas nos tomou algo, e aqui penso no tempo e no poder de inscrição nos nossos pensamentos, também nos atribui algo. Esse algo sobre o qual tomamos consciência quando consideramos a trajetória como um todo.

---

<sup>325</sup> SOUZA. “Autoficção e sobrevivência”, p. 21.

Será esse algo um encontro? Um objeto concreto? Posso (consigo/desejo) nominá-lo? Ou seria melhor pensar tal como você, Fernando, ao escrever para Clarice, que o melhor é não dizer, isto é, nominar, a saída está em deixar que o não-dizer fique encarregado do implícito. Às vezes a ausência de uma coisa, ou de alguém, diz muito mais do que a sua presença literal.

O silêncio, sob esse prisma da discussão, é bastante revelador, pois ao se colocar ao lado do não dito (verbalmente) ainda assim acarreta a ideia de encontro, e não, como poderia supor, de solidão literal. Deixar-se entender pelo silêncio é ainda assim convocar e dialogar com os espectros e com as várias vozes do texto, posto que: “Vozes dissonantes são colocadas em cena, por meio do diálogo que aponta não só a troca de experiências [...], mas o silêncio e o não dito como sinais invisíveis de uma complexa relação de amizade”<sup>326</sup>.

Foi sob essa relação entre presença e ausência e através da crítica biográfica pós-ocidental que se construiu nossa amizade. Em alguns momentos me dirigia somente ao Fernando, já em outras cartas dialogava *apenas* com Clarice, ou com os dois ao mesmo tempo, e foram entre cartas, papéis, canetas, presenças e ausências que conversamos sobre diversos assuntos, mas todos ligados pelo fio condutor da nossa amizade.

Componente imprescindível para a escrita por proporcionar a quebra para com o afastamento da prática e da teoria. Dessa forma, a amizade é o elemento diferencial nessa operação que visa aproximar teoria e prática, entendo pela palavra “diferencial”, o sentido atribuído por Walter Mignolo que a define da seguinte forma: “Diferencial significa aqui um deslocamento do conceito e da prática das noções de conhecimento, ciências, teoria e compreensão articuladas no decorrer do período moderno”<sup>327</sup>

---

<sup>326</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 163.

<sup>327</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 167.

A amizade, como a concebo, acaba por implicar em muito mais do que uma conversa entre três amigos. O círculo ampliou de forma que foram convocados, à medida que foram necessário, outros espectros. Dessa forma procurei elaborar um modo de leitura e escrita, ao mesmo tempo, intertextual, pois tal proposição "[...] se apropria do texto de outro, retira-o de seu contexto original e reinsere-o num novo discurso"<sup>328</sup>.

Me apropriei de suas cartas através de duas formas, tornei-as minhas, visto que quando publicadas as cartas deixam de ser endereçadas tão somente àqueles que escreveram e passam a ser de todos e de ninguém. Uma outra fala de Rilke, endereça ao mesmo destinatário, assume especial sentido, visto que: "É preciso – e é nisto que consiste a nossa evolução - que jamais encontraremos nada que não nos pertença há já muito tempo"<sup>329</sup>. A segunda forma de apropriar-se se deu quando, após cada leitura das cartas, imprimi na escrita minha interpretação que diz respeito àquilo que mais me afetou.

Dessa forma, operei um processo de desvirtuamento de apropriação original do texto epistolar, visto que "O processo de apropriação do texto alheio corre sempre o risco de estar participando de uma festa que excede nos empréstimos e se liberta do enredo inicialmente previsto [...]"<sup>330</sup>. O descaminho da carta que chega a outros destinos que não os originalmente previstos rompe com o caminho já pré-estabelecido de sua trajetória. Tomada como metáfora, a carta que vaga forja a abertura para que outros, os leitores e pesquisadora curiosos, participem do ritual epistolar.

O resultado desse modo de escrita e leitura intertextual foi a ideia de escrever a dissertação em forma de cartas; afinal, entendo que é coerente que ao se tratar de

---

<sup>328</sup> LAGES. *João Guimarães Rosa e a saudade*, p. 26.

<sup>329</sup> RILKE. *Cartas a um jovem poeta*, p. 106.

<sup>330</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 150.

cartas já trocadas e, inclusive, publicadas, escreva, sob uma perspectiva mais ampla, cartas endereçadas não somente a vocês, mas a futuros leitores, de acordo com esse raciocínio, portanto, o endereçamento, parte relevante para as normas dos correios, é aberto e múltiplo.

De acordo com tal concepção, trilho um caminho semelhante, mas não o mesmo, das cartas que vocês trocaram em *Cartas perto do coração*. Nas suas cartas, os mais variados assuntos emergem e ocupam o espaço de linhas e mais linhas, mas é inevitável mencionar que o assunto principal é a literatura, seja aquela concebida por vocês, ou a desenvolvida por amigos e outros escritores lidos por ambos.

Ao trazer dentro das cartas, de modo alusivo, vários outros textos, criaram uma relação intertextual que me possibilitou realçar a riqueza de diálogos contidos nas missivas. Me vali, conforme necessitava a demanda, dos mais variados textos, mas tal abertura obedeceu a um padrão de coerência que visa a enriquecer os sentidos críticos que nascem do texto claro que pautados pela segurança do sentido e da necessidade.

A atitude apaixonada de inserção nos textos epistolares é fomentada pelo desejo de também ser uma remetente e destinatária. Tal desejo de aproximação, para com vocês, de minha parte necessita se valer da boa distância a fim de não incorrer em uma aproximação permissiva e, portanto, perniciosa. Uma das saídas encontradas aponta para a metáfora do viajante, sobre a qual já me detive em uma outra carta do segundo conjunto.

O viajante, além de ser uma condição de semelhança que temos em comum uns com os outros, é aquele que está sempre em constante movimento de idas e voltas. Pensemos, por um momento, o movimento de ida como o diálogo que efetuamos com outros textos, e o movimento de volta é constituído a partir do exercício

ruminante das leituras que faço das cartas. A metáfora do viajante opera, meus amigos, por meio do trabalho da saudade, a qual visa a relação suscitada entre distâncias e a solidão, por isso é tão necessário que dediquemos uma carta somente a essa reflexão.

O trabalho da saudade ainda visa lidar com um outro ponto importante, sobre o qual também nos determos, posto que nas *Cartas perto do coração* emerge ora de forma explícita, ora implícita. Tal ponto diz respeito a que a saudade implica no medo de ser esquecido(a) e no desejo de ser lembrado. Nos deparamos, nesse momento, com o “clássico embate”: lembrar e esquecer, a utilização das aspas que abrigam a expressão clássico embate aparecem para desmentir as palavras e demonstrar que lembrança e esquecimento se completam a partir de suas diferenças.

Não é à revelia que em praticamente todas as cartas existe essa cobrança em relação a que o amigo(a) escreva. Escrever é a prova dada pelo(a) amigo(a) para que se comprove a “sobrevivência” do outro e, por conseguinte, sua permanência dentro da vida daqueles que compõem seu rol de relações. Ainda que o esquecimento implique, em um primeiro momento, na “ausência” do(a) amigo(a) na memória do outro a saudade nasce como a resposta que visa reverter os efeitos do esquecer ao mesmo tempo em que dele se utiliza como uma espécie de lembrete para que o outro se atente e não faça do esquecimento prática com efeito perpétuo.

Esse conjunto dual e, concomitantemente, complementar, lembrança e esquecimento, encontra na prática da despedida, do “adeus”, o respaldo necessário para que não incorra no extremo da ausência, isto é, uma ausência quase total. A separação a que foram submetidos os escritores, devido à natureza de toda a viagem de larga escala, inicia com o gesto de despedida (concretização da consciência da separação) e ganha reforço, aos poucos, ao final de cada carta.

O movimento de ida e volta que permeou a relação de amizade a distância encontra na saudade, consequência da despedida, sua base. Sob o prisma da aproximação entre as palavras “saudade” e “saudar”, palavra entendida como a que melhor abarca a dupla conjuntura, afastamento e aproximação, percebo que a despedida, o “adeus”, é uma estratégia de duplo efeito na amizade por visar tanto a separação dos amigos, consequência da distância geográfica, quanto a volta, a aproximação, o movimento de retorno.

Meus amigos,

Despeço-me para que o último ciclo se inicie,

Até mais,

Da amiga,

*Francine Carla de Góes Cunha Rojas*

Carta VIII – Através da carta, a saudade

Campo Grande – MS, 30 janeiro 2016<sup>331</sup>

Por muito tempo achei que a ausência é falta./ E lastimava, ignorante, a falta./ Hoje não a lastimo./ Não há falta na ausência./ A ausência é um estar em mim./ E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,/ que rio e danço e invento exclamações alegres,/ porque a ausência, essa ausência assimilada,/ ninguém a rouba mais de mim.

ANDRADE. *Nova reunião*, p. 863.

Meus queridos amigos,

Espero que esta carta os encontre bem. Quanto a mim estou em casa relendo prazerosamente dois livros que muito admiro. No momento estou lendo o *Cem anos de solidão* (2014) do Gabriel Garcia Márquez e folheando, como que casualmente, o *Labirintos da solidão* (1976) do Octavio Paz, o que tem desencadeado uma saudade violenta que me leva a escrever a vocês.

Aliás que significado interessante tem essa palavra “saudade” e o seu sentido é ainda mais realçado pela sua existência única na língua Portuguesa, embora de difícil definição podemos começar a pensar que a saudade designa “[...] mais que a expressão do excesso de amor em relação a tudo o que merece ser amado: o amigo ausente, a amada distante, a natureza imemorial e íntima, escrínio de todos os amores, flor de verde pinho, ondas do mar”<sup>332</sup>.

O interesse particular na saudade se dá pela relação entre os elementos presença e ausência, sua concepção corriqueira aponta para a supremacia da ausência em detrimento da presença, predominância devida, acredito, a etimologia da palavra saudade ser solidão. A fim de repensar os dois elementos trago como epígrafe o poema devidamente intitulado “Ausência”, presente no livro *Corpo* (1984) de Carlos

---

<sup>331</sup> Chamo atenção para a especial coincidência relacionada a data em que comecei a escrever a oitava carta. No dia 30 de janeiro é comemorado o dia da saudade.

<sup>332</sup> LOURENÇO. *Mitologia da saudade*, p. 13.

Drummond de Andrade, amigo e leitor assíduo de Clarice, o fato de que o poema tenha sido lançado sete anos após a morte da escritora realça o sentido vinculado pelo texto poético, ou seja, a “morte” do(a) amigo(a) acaba por reverter a ausência que a ocorrência implicaria e transforma-se em presença instituída pela “marca”, o rastro que o outro deixa pelo caminho.

O poema de Drummond bem como o título de livro em que tal texto aparece me permite desenvolver e aprofundar a leitura a que me proponho realizar e que diz respeito a pensar, auxiliada também pela etimologia da saudade, na presença-na-ausência. No poema, Drummond rompe com a *doxa* do conceito de ausência, criado sob o princípio da falta, ao entender a ausência não como falta, mas como presença, isto é, a ausência é a presença da pessoa que partiu, isso quando o foco da saudade repousa em um sujeito e não em determinado objeto.

Interessei-me pelos dois livros, *Cem anos de solidão* e *O labirinto da solidão*, visto que enxergo em ambos a utilização de uma metáfora para falar sobre a saudade, a do labirinto. Se no livro de Paz a metáfora do labirinto aparece de forma mais explícita, vide título, no livro de Márquez ela está entranhada em seu enredo, afinal, o leitor se sente perdido em meio a intensa trajetória da família Buendia na fictícia Macondo.

A saudade (etimologicamente solidão), muito além de se valer da metáfora do labirinto, representando simbolicamente a prisão e aquilo que separa, como o fazem Márquez e Paz, é a ligação que une pessoa a pessoa, pessoa ao objeto, pessoa ao lugar e pessoa a algum momento do passado, ou melhor seria dizer que a saudade é o anzol que une?, como pontuou Clarice em carta para suas irmãs, reunidas no livro *Minhas queridas* (2007). Sobre o labirinto Octavio Paz considera que:

Várias noções afim contribuíram para fazer do Labirinto um dos símbolos míticos mais fecundos e significativos: a existência, no centro, do recinto sagrado, de um talismã ou de um objeto qualquer, capaz de devolver saúde

e liberdade ao povo; a presença de um herói ou de um santo que, depois da penitência e dos ritos de expiação, que quase sempre trazem consigo um período de isolamento, penetra no, labirinto ou no palácio encantado; a volta, para fundar a cidade, ou para salva-la ou redimi-la.<sup>333</sup>

Tomemos de empréstimo o labirinto metafórico para pensa-lo a partir da relação de amizade dos escritores. No centro desse labirinto habita a esfera do conhecido representada por dois personagens, um é uma pessoa e o outro trata de um lugar: o(a) amigo e a casa (Brasil). No entorno, como que para tornar o sujeito consciente de sua solidão, estão as “paredes” do labirinto firmadas no terreno do subjetivo.

A questão reside, e trata-se de um desafio no mínimo estimulante, em percorrer tais caminhos para chegar ao centro a fim de obter a diminuição da condição. A situação torna-se ainda mais complexa quando consideramos que tais paredes, erigidas em terreno movediço, mudam de localização de tempos em tempos, o que provoca o prolongamento da solidão e do exílio, as paredes que mudam suas localizações, na verdade, são a metáfora do tempo em que os escritores viajaram para o exterior. Para atenuar tal situação é que Fernando e Clarice escrevem cartas, pois: “A carta, por exemplo, tem algo a ver com a solidão. Solidão é palavra de amor. Sua leitura também [...]. Solidão é meio de conhecimento [...]”<sup>334</sup>.

A partilha da solidão, através do texto epistolar, entrega que, assim como afirma Silviano Santiago, “[...] a carta tem algo a ver com a solidão no exílio”<sup>335</sup>. Dividir com o outro a experiência da solidão por meio da carta é compartilhar o destino em comum entre os amigos e que encontra no dividir uma possibilidade de amenizar a condição de exílio ao passo que também é o elo que une, o predicado de reconhecimento de um para com o outro, sob o viés da amizade, como no livro de Márquez em que as

<sup>333</sup> PAZ. *O labirinto da solidão*, p. 188.

<sup>334</sup> SANTIAGO. *(Ora) Direis puxar conversa!*, p. 77.

<sup>335</sup> SANTIAGO. *(Ora) Direis puxar conversa!*, p. 78.

crianças da família Buendía se reconhecem mediante o ar de solidão que carregam: “Trouxeram crianças de todas as idades, de todas as cores, mas todos varões, e todos com um ar de solidão que não permitia pôr em dúvida o parentesco. Apenas dois se distinguiram do resto”<sup>336</sup>.

Fernando e Clarice podem não estar condenados a cem anos de solidão como acontece com os Buendía no romance de Márquez, mas certamente sofreram com os constantes deslocamentos de tal forma que elaboraram a situação vivenciada escrevendo cartas. Nesse sentido, a exemplo da consideração de Gabriel Garcia Márquez de que todo grande escritor está constantemente escrevendo o mesmo livro e de que o dele seria o “livro da solidão”, pensemos o *Cartas perto do coração* como o livro da solidão escrito por Fernando e Clarice.

Assim como ambos tiveram a amizade de um e de outro durante o período em que viajaram para fora do país, também estou acompanhada, embora minha situação se difira dos escritores, e devo aqui prestar meus agradecimentos, ainda que a gratidão seja uma paixão ingrata. Agradeço pelo auxílio prestado até este momento na minha caminhada intelectual, afinal, foram vocês os primeiros que, de certa forma, prontamente atenderam ao meu “[...] grito de café para me animar”<sup>337</sup>, mas também devo considerar que tal resposta é mais do que apropriada e justa visto que foram os escritores os causadores de algumas das minhas angústias particulares derivadas da leitura das cartas.

---

<sup>336</sup> MÁRQUEZ. *Cem anos de solidão*, sp.

<sup>337</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 14. A expressão é dita por Clarice na primeira carta de *Cartas perto do coração*, e por mim utilizada em sentido semelhante ao empregado originalmente. Em um primeiro momento a escritora escreve para o amigo “E nem um grito de café para me animar” demonstrando seu desânimo ante a separação necessária, a qual implica em distanciar-se de sua casa no Brasil e dos amigos e familiares, quando de sua viagem para Berna (Suíça). Pessoalmente interpreto a fala de Clarice como o desejo por um socorro que não veio.

Após quase seis anos de convívio, iniciado em 2011, é chegado o momento propício em que manifesto a consciência do fim, até porque esta já estava implicada desde o princípio. Posso até dizer que junto ao começo da pesquisa nasceu, concomitantemente, como algo menos desejado, a necessidade de conclusão.

Lembro a vocês, amigos, que me acompanharam ao longo da redação desse trabalho, que é necessário seguir determinada regra acadêmica estipulada para projetos empreendidos a um maior ou menor prazo, o meu, no caso, é de dois anos, que, por sua vez, requer que qualquer texto escrito tenha começo e fim. Ocorre que apenas pareceu mais coerente, tendo em vista que trata-se de nosso último conjunto de cartas, iniciar de forma literal o gesto de despedida.

Foi pensando em tal necessidade, e no fato de que em nossas cartas são abordados vários assuntos como amor, amizade, ausência, solidão e saudade, que transcrevo logo adiante a letra da música “Saudade”, do diplomata Mário Palmério<sup>338</sup>. Aliás, Clarice, você o conhece? Quem sabe pelo fato de ambos pertencerem a esse meio diplomático não tenha ocorrido algum encontro entre vocês, mas isso é assunto para um outro momento. Enfim, tomei conhecimento da música por indicação de amigos e, prontamente, me chamou a atenção dois fatores sobre os quais vou me deter de forma mais aprofundada nesta carta:

Se queres compreender o que é saudade /Terás que antes de tudo conhecer,  
/Sentir o que é querer, o que é ternura, /E ter por bem um grande amor viver!  
/ Depois compreenderás o que é saudade, /Depois de ter perdido um grande  
amor. /Saudade é solidão, melancolia, /É nostalgia, é recordar, viver,  
sofrer!<sup>339</sup>.

---

<sup>338</sup> A música “Saudade” foi escrita originalmente em língua espanhola quando Palmério assumiu a embaixada no Brasil no Paraguai. De acordo com o diplomata a letra se originou a partir de uma pergunta feita sobre o que era saudade.

<sup>339</sup>“Si insistes en saber lo que es saudade, / Tendrás que antes de todo conocer,/ Sentir lo que es querer, lo que es ternura, / Tener por bien un puro amor, vivir! /Después comprenderás lo que es saudade / Después que hayas perdido aquel amor / Saudade es soledad, melancolia, / Es lejanía, es recordar, sufrir!”. (PALMÉRIO, 1963, sp, tradução nossa).

O primeiro fator é o que a princípio denomino como “a intensidade da saudade”, fruto, acredito, da distância e da separação a que Palmério se viu obrigado dado a exigência profissional, e que, por sua vez, permite estabelecer uma relação afetiva nutrida pelo sujeito (Palmério) em relação ao espaço (geográfico e imaginário), tido como, casa permeado por desejos como a demanda por presença.

O elo que vejo entre a letra da música de Palmério e as cartas que vocês, Fernando e Clarice, trocaram, é que a saudade, em ambas as produções, evidencia tanto a consequência do afastamento (saudade) quanto ressalta o vínculo com o lugar (Brasil). Ainda que consequência desagradável da distância, a separação da terra querida é a combinação entre a necessidade prática que atende requisitos exteriores, como no caso de Clarice ao acompanhar o marido em missões diplomáticas, e a uma prática a que está sujeita toda vida. Dessa forma a consideração de Octavio Paz assume ar profético, posto que: “Viver é nos separarmos do que fomos para nos adentrarmos no que vamos ser, futuro sempre estranho. A solidão é a profundidade última da condição humana”<sup>340</sup>.

O deslocar-se de um ambiente conhecido para um desconhecido remete ao ato de desterritorializar ao mesmo tempo em que lança o sujeito a terras desconhecidas, em outras palavras, desterritorializa para novamente territorializar. Mas o ato em si de “*estar em*” não implica, pelo menos para aquele que “sofre” o deslocamento, em conforto, antes realça a sensação de estranheza afinal: “Desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização”<sup>341</sup>.

O estranhamento derivado da situação em que os amigos se encontram advém da relação construída entre pessoa e lugar atestando que “Os lugares [...] podem ser

---

<sup>340</sup> PAZ. *O labirinto da solidão*, p. 175.

<sup>341</sup> SANTOS. *O lugar e o cotidiano*, p. 597

vistos como um intermédio entre o Mundo e o Indivíduo”<sup>342</sup>. A noção pós-ocidental de sensibilidades já mencionada por Walter Mignolo e presente no segundo conjunto de cartas, realça sua relevância mais uma vez ao esclarecer o vínculo criado com o lugar.

É tal noção que nos ajuda a pensar o conflito criado entre o conceito de lugar como o espaço de união e como agente da separação, pois se no Brasil a concepção de lugar era construído sob o signo da união (reunião dos amigos), então, ao viajarem, Fernando e Clarice, para fora do país a proposição é revertida para a noção de lugar como agente da separação.

A cidade, o país, em suma, o lugar que oferece o reverso do encontro, o (des)encontro reformula a proposição de que: “Em condições semelhantes, as grandes cidades são muito mais buliçosas que as médias e pequenas. A cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros”<sup>343</sup>. O ganho de sua reformulação repousa em entender que do desencontro nasce o encontro como a constante busca por gostos, vivências, lugares e pessoas que recordem a terra da qual os escritores partiram.

Já, por sua vez, o outro elo entre a música do diplomata brasileiro e as cartas é a presença da palavra “saudade”. Vale recordar que a música originalmente fora escrita em espanhol; informação que a princípio pode gerar estranheza pois a palavra “saudade” somente existe na Língua Portuguesa.

O fato de a palavra existir somente em língua portuguesa não impede de perceber que as proporções, isto é, os sentimentos despertados pela saudade são experimentados de forma ampla. Isto porque a saudade fundamenta-se na presença e na ausência. Lembremo-nos também da *presença-na-ausência*, como atesta o poema de Drummond, no elo de um com o outro, bem como na nossa relação com o

---

<sup>342</sup> SANTOS. O lugar e o cotidiano, p. 585.

<sup>343</sup> SANTOS. O lugar e o cotidiano, p. 589.

espaço, com a solidão, com o silêncio e com o tempo. Na verdade, o tempo da saudade é o espaço de uma folha em branco a ser preenchida pelos amigos, à medida em que escrevemos e imprimimos alguma data, emblema do correr do tempo.

A curiosa relação que nós três temos com a saudade decorre que a raiz de sua origem está na relação do sujeito com o tempo. Para tanto, recordo uma das cartas que Clarice escreveu, a de 12 de julho de 1956, na qual ressalta que conforme o tempo passou, desde sua partida do Brasil, se sente deslocada em todos os outros lugares em que residiu durante certo tempo: “Fernando, me escreva, está bem? Está me acontecendo uma coisa tão esquisita: com o tempo passando, me parece que não moro em nenhum lugar, e que nenhum lugar me quer”<sup>344</sup>; assim como no convívio com as distâncias e com as outras pessoas que permeiam o universo do nosso *bios*.

A principal questão a ser tratada, embora não única, é o enfoque da tríade amigo-saudade-tempo, sua relevância reside não necessariamente em sua aparição explícita nas cartas, e, sim, em como se faz presente ora de forma sutil, ora de forma visível, subentende-se linguisticamente (a presença da palavra saudade), o que por si só já permitiria ocupar algumas páginas sobre o assunto.

Mas a ausência da palavra já me permite considerá-la, posto que significa por si mesma e ainda mais quando se ausenta das cartas, quando o caso ocorre é realçado ainda mais o caráter de solidão, posto que a saudade torna-se implícita. Assumindo qualquer forma, presença ou ausência, mais correto é falar em presença-na-ausência, a saudade faz parte do grupo de vocábulos que são: “Palavras que não dizem nada e dizem tudo”<sup>345</sup>.

Sobre a ausência da palavra chamo a atenção para indícios que auxiliam a reflexão como as datas presentes em cada uma das cartas e que muito bem

---

<sup>344</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 126.

<sup>345</sup> PAZ. *O labirinto da solidão*, p. 70.

demarcam os períodos em que foram escritas, curtos, quando a saudade é mais premente, e longos, quando a saudade não é fome urgente. Sobretudo a ausência linguística da saudade significa quando consideramos que se trata de algo impossível de se satisfazer, questão sobre a qual Clarice e Fernando já se atentaram. Na carta de 26 de setembro de 1956, Fernando explica que: “O importante não é dizer, é saber. Certas coisas não se dizem, porque dizendo, deixam de ser ditas pelo não dizer, que diz muito mais”<sup>346</sup>.

A saudade-tempo pode, em um primeiro momento, parecer de certa redundância, mas logo é provado o contrário, quando levo em consideração uma fala tua, Clarice, que está presente na carta de 02 de fevereiro de 1953:

Estou com saudade de vocês todos. Como vai a família Mendes Campos, Lara Rezende, e Rubem? Como estão vocês e as crianças? Seria tão bom receber uma carta. Mas sei bem – a distância é grande, o tempo é curto. Rubem está escrevendo para algum jornal, além do Correio da Manhã? E você? E Paulo e Oto? Como vai Tati? João e Miriam têm uma nova menina, chamada Silvia, nascida em dezembro. Sarinha e Lauro Escorel partem em março para o Rio. Conheci na casa deles Dr. Alceu e D. Maria Tereza, duas das pessoas mais simpáticas e límpidas do mundo. – Acho que não tenho mais nada a contar, é uma pena. Se vocês tiverem tempo, escrevam-me ao menos um bilhete. Tenho a impressão de que saí do Rio há vinte anos. Escrevam-me, deem notícias. E um abraço grande da amiga, Clarice.<sup>347</sup>

Sua existência, refiro-me a *presença-na-ausência*, encontra respaldo quando considerado que dentro da relação epistolar, em que existe uma imposição de distâncias físicas, a ausência, reforçada pela ideia de distância, age de forma contrária ao esperado, isto é, ao invés de aos poucos apagar a imagem do outro, ela, aliada às cartas, reforça uma certa presença do amigo, a qual, embora não sendo total, assume dada vitalidade devido ao rastro das cartas que se constroem pela presença e ausência.

---

<sup>346</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 134 – 135.

<sup>347</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 87.

A concepção de que a ausência se constrói a partir da falta é fruto do imaginário ocidental que se vale da articulação para tornar invisível outras formas de pensamento. Por sua vez a discussão engendrada pela crítica biográfica pós-ocidental difere do pensamento hegemônico pois: “[...] promove a transformação de ausências em presenças frente ao imaginário eurocêntrico que construiu a invisibilidade e a consequente exclusão dos muitos mundos de vida dos povos colonizados”<sup>348</sup>.

Justamente por não poder oferecer a reconstrução *ipsis litteris* da presença do outro, apenas um vislumbre, é que o conceito de rastro acaba por nos fornecer a *presença-na-ausência*. Sobre a noção do conceito aliada a essa questão, Jeanne Marie Gagnebin, no livro *Lembrar, escrever, esquecer* (2009), explica que a ideia de rastro: “[...] foi sempre uma dessas noções preciosas e complexas [...] que procuram manter juntas a presença do ausente e a ausência da presença”<sup>349</sup>.

Estar *presente-na-ausência* é essencialmente estar afastado, ou seja, fora do alcance, mas ao mesmo tempo presente, pois é na falta que o rastro se manifesta (re)assinalando a presença da existência do amigo. Como acontece em 16 de fevereiro de 1959, quando Fernando escreve: “Depois te escrevo mais, uma carta realmente, contando coisas, ou não dizendo nada, pelo simples consolo, ainda que a distância, de te saber existente e convivermos”<sup>350</sup>

Em certa medida, é um raciocínio coerente dado que cada sujeito nutre uma relação diferente com a saudade, pois: “[...] o fato é que, para além do vocábulo, a saudade é [...] própria do ser humano. Revela-se como emoção por meio de diferentes narrativas, palavras e expressões presentes nas distintas culturas”<sup>351</sup>. Trata-se, conforme afirmei, amigos, de uma forma de relação experimentada de maneira mais

---

<sup>348</sup> GERMANO; LIMA. A pedagogia pós-colonialista de Paulo Freire, p. 99.

<sup>349</sup> GAGNEBIN. *Lembrar, escrever, esquecer*, p. 44.

<sup>350</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 188.

<sup>351</sup> GEBARA. *O que é a saudade*, p.22.

ampla, mais vivenciada pelas pessoas do que propriamente passível de definição, acredito que é por esse motivo que é mais fácil “sofrer” a saudade do que defini-la.

Muitas das tentativas para conceituar a saudade giram em torno de criações analógicas e comparativas do tipo: “Saudade é como [...]”. O espaço de criação possibilitado pela comparação é a representação de um campo imagético muito amplo e profundo que fomentou e fomenta criações em diversos campos, para mencionar apenas um, a literatura dentre eles, e de forma mais precisa, menciono as várias canções que beberam de uma mesma referência, o poema “A canção do exílio”, de Gonçalves Dias.

A letra de Mário Palmério me auxiliou a entender a relevância da saudade na amizade, bem como na forma como é abordada nas cartas. O primeiro trecho já me deleita, pois, se inicialmente, oferece, ou seria melhor dizer finge oferecer, uma definição de saudade, de forma sagaz inverte a proposta e bifurca o que poderia ser a resposta.

A dificuldade em oferecer uma definição advém da própria natureza do termo saudade, que “[...] resistiu a ser reduzida a uma ideia, a um conceito ou a um objeto sobre o qual nos debruçamos para conhecê-lo melhor”<sup>352</sup>. Para tanto, visando expressar o sentimento, o diplomata elenca determinados requisitos imprescindíveis à tarefa, vejamos: *conhecer, sentir o que é querer e ternura, e viver um grande amor.*

Vejo que na música, Palmério escolheu se deter em uma espécie de saudade cujo objeto diz respeito a um lugar, no caso o Brasil. Não obstante o uso da letra para introduzir a reflexão que se originou ao ler suas cartas, procuro não me restringir à saudade-lugar, por assim dizer, e a forma que encontrei para tanto foi pensar a palavra em seu plural.

---

<sup>352</sup> GEBARA. *O que é saudade*, p.10.

Falo em saudades, pois me parece que pensar dentro da própria pluralização permite abarcar as várias *saudades*, de pessoas, de lugares, de recordações, de momentos outrora vividos, que bem assinalam presença nas *Cartas perto do coração*. Do contrário, caso escolhesse privilegiar uma manifestação de saudade em detrimento de outra, estaria, por extensão, excluindo grande parte do fundamento sob o qual as nossas cartas são pensadas e escritas.

Ora, meus amigos, sabemos, dado que vivenciamos o sentimento, que a reflexão sobre a saudade parte da ideia do conhecimento, visto que sentimos saudades de algo, de alguém ou de algum lugar que conhecemos e/ou que em algum momento de nossas vidas mantivemos contato. Dessa forma, *conhecer* é sofrer da ânsia pela presença, *querer* a volta e a presença seja de um amigo ou alimentar o desejo do regresso à casa.

Portanto *conhecer* e *querer*, não obstante o uso empregado por Palmério, ou seja, a saudade de um lugar, compõem o construto da relação de amizade e convoca a etimologia da palavra saudade que não à revelia se origina do termo solidão. Fato curioso, e me valho dessa palavra pois o trecho de uma das cartas que vou transcrever me chamou atenção, é que a visão que cada um de vocês tem sobre a solidão, além de ser particular, também é corajosa, afinal para Clarice admitir, em 27 de julho de 1946, que: “A solidão de que sempre precisei é ao mesmo tempo inteiramente insuportável”<sup>353</sup>, é necessário certa maturidade a fim de saber transitar entre a consciência da necessidade de algo e a consciência de que esse mesmo algo é um peso desagradável.

Já para Fernando, a solidão possui um segundo nome: vazio, sua forma de lidar com essa problemática envolve a escrita de cartas para a amiga, como bem

---

<sup>353</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 37.

admite em 03 de agosto de 1946: “Me sinto vazio, feito de vime: vazio, vazio. Vou escrever para Clarice aproveitando esse vazio”<sup>354</sup>. Dessa forma, percebo que você, Fernando, soube aproveitar esse vazio que sentia para reelaborá-lo e transformá-lo em matéria de criação.

A aproximação que faço entre a saudade-fome e saudade-vazio como matéria de criação, amigos, deriva da concepção de que “[...] a saudade, resíduo, resto de melancolia, produz a narração enquanto ação, vida”<sup>355</sup>. A narração criada a partir da saudade, a qual recebe o nome de carta, permite considerar que falo, portanto, de uma saudade política que emerge de tais cartas, como forma de se distinguir de uma concepção banal do termo.

A saudade política assume a configuração do desafio, de si e do outro, trato daquela saudade que visa se utilizar da solidão, raiz etimológica, como espaço de criação e de relação com o outro. A saudade, no espaço criado pelas cartas, é uma forma de ficcionalizar a vivência de outrora; com isso quero dizer que o já vivenciado passa por uma espécie de (re)criação a fim de que sirva como base para a experiência do futuro.

A palavra em si (saudade) já traz implicada em seu conteúdo semântico a relação ganho, perda, presença, ausência como complementos uns dos outros, assim como outras palavras que participam de tal âmbito. Vale a pena nos determos em algumas delas. Sentir saudade implica em estar na solidão; o termo em si não assume compromisso com o sentido literal, pois bem pode significar estar na companhia de um grupo ou de alguém e ainda assim se sentir só.

Essa ausência de presença, quando relacionada a uma pessoa, por exemplo, como nós, os amigos, é algo bastante específico, haja vista que é direcionado para

---

<sup>354</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 40 – 41.

<sup>355</sup> LAGES. *João Guimarães Rosa e a saudade*, p. 111.

uma pessoa, em particular, sobre a qual o amigo projeta a “cura” da saudade, em suma, tão somente aquele amigo e nenhum outro é que vai preencher o espaço da ausência.

Por esse motivo é que cabe considerar a expressão muito usual nos finais de suas cartas, Fernando e Clarice; a que diz “Estou com saudade”, a expressão tão amplamente usada para demonstrar afeto e afeição, possui uma segunda face, a dizer “Tenho solidão de”. O significado assumido é ainda mais explícito, ao invés de um tal sentido se travestir por outro uso de palavra (ter saudade para ter solidão). “Ter solidão” indica o estado em que o amigo se encontra.

Uma das lições delegadas, para nós, pela música de Mário Palmério é a de que a consciência da saudade é intimamente vinculada à perda e à ausência. Por isso afirma que “Depois compreenderás o que é saudade, /Depois de ter *perdido* um grande amor. /Saudade é *solidão*, melancolia, /É nostalgia, é *recordar*, viver, sofrer!”<sup>356</sup>.

A saudade, por remeter à perda, à solidão e ao sofrimento, é muitas vezes conflituosa, por convocar para diálogo à presença *do* e *pelo* outro-amigo. No sentido epistolar da saudade são assumidos contornos que endossam ainda mais a situação por adicionar a ausência, em seu sentido literal.

Quando Clarice, Fernando, é a primeira a viajar para fora do país a carta acabou sendo o único recurso para que mantivessem contato. O ritual da escrita, portanto, acaba por assumir a tarefa de levar a presença de si para o(a) amigo(a), visto que: “O corpo da letra realiza o desejo de aproximação com o outro por meio desse ritual literário, mediação capaz de substituir o encontro efetivo”<sup>357</sup>. Nesse

---

<sup>356</sup> PALMÉRIO. Saudade, sp.

<sup>357</sup> SOUZA. “A dona ausente”, p. 36.

sentido a carta é a grafia da saudade por excelência, por possuir elementos que transitam em torno de seu campo imagístico, como solidão, ausência e distância e por colocar “[...] em cena alguém que não está. Evidência material da distância e da separação, elas abrem o palco da linguagem”<sup>358</sup>.

A carta é um trunfo do qual vocês se valem. À semelhança de um jogo, os amigos se valem da carta tanto como uma espécie de “remédio”, o qual visa curar a “saudade”, um segundo uso diz respeito a utilização da carta como uma forma de reafirmação do amigo de modo que este seja lembrado.

O principal intuito da carta é, a princípio, o de transportar e reconstruir o corpo do amigo / da amiga pelas distâncias geográficas interpostas, surgindo, assim, como um meio que possibilita o encontro para aquele que sente saudade. Porém, a carta não alcança a contento seu objetivo central, visto que acaba por *apenas* transportar o espectro do amigo, isto é, oferece uma dada imagem inscrita numa folha de papel em algum momento já transcorrido. Nesse sentido a carta:

Torna-se um reservatório das reflexões sobre nós mesmos, sobre nossos conhecidos e sobre o mundo em que vivemos, permitindo o esboço de um “retrato” da nossa personalidade. Por isso, temos a impressão de que a carta carrega um pouco da nossa presença corpórea.<sup>359</sup>

A presença carregada pela carta é a reinvenção de si pela qual o(a) amigo(a) se redesenha para o outro. Se, por um lado, já não é possível, dada as circunstâncias, a presença física, por outro a escrita epistolar se converte em ganho ao oferecer para os missivistas, remetente e destinatário, uma forma de encontro com o outro. Sobre o assunto Eneida Maria de Souza, no já citado prefácio “A dona ausente”, retoma o papel da carta como o veículo que transporta os amigos para que se encontrem:

No lugar da presença material do parceiro, constrói-se a imagem do interlocutor nascido das palavras articuladas umas às outras, das relações

---

<sup>358</sup> NASCIMENTO. “Vínculos e gavinhas”, p. 115.

<sup>359</sup>MORAES. *Me escreva tão logo possa*, p. 15.

entre perguntas e respostas e do suprimento da falta pela alegria de receber o envelope endereçado pela mão de quem se admira e gosta.<sup>360</sup>

O espaço entre a intenção de transportar a presença do amigo para o lugar em que o outro está e o espectro, ou seja, o rastro do amigo é o espaço de emergência da recordação. A preocupação principal que ora atormenta vocês é tanto a presença da recordação quanto a ausência da mesma. Sei disso, Fernando e Clarice, pois outro dia quando lia uma das cartas que Fernando escreveu, me deparei com o seguinte trecho:

Por que estou me lembrando dessas coisas? Porque estou com saudade, saudade dos meus amigos entre os quais você naturalmente está incluída, saudade de uma rua e de um nome, de um jeito de olhar que eu já tive, da voz de minha mãe me chamando para o almoço.<sup>361</sup>

Fernando, por que você transita entre a lembrança do que deixou para trás quando viajou para os Estados Unidos?. Acredito que uma possível resposta para a questão começa a ser desenhada quando levamos em consideração que a distinção feita por você está embasada no conceito de perda e ganho, os quais são englobados pelo distanciamento, a saudade acaba por se instalar nesse espaço propiciado “[...] remetendo uma fala a outra, um episódio passado a situação presente [...]”<sup>362</sup>.

O jogo de ida e volta entre o passado e a situação presente em terra estrangeiras efetuado por Fernando indica uma atitude que prima em: “Voltar-se para o passado, lembrar-se, não é nunca um ato neutro, mas essa regressão constitutiva da memória pode ser vivida apenas como simples alusão, mero sinal endereçado aos acontecimentos ou aos sentimentos que salpicam [...]”<sup>363</sup>.

A perda se refere a um conjunto de vivências que pertencem ao passado, portanto, já idas, e o ganho aponta para uma vivência atual, sua aparição não possui

<sup>360</sup> SOUZA. “A dona ausente”, p. 27.

<sup>361</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 72.

<sup>362</sup> LAGES. *João Guimarães Rosa e a saudade*, p. 86.

<sup>363</sup> LOURENÇO. *Mitologia da saudade*, p. 13.

a acepção comum, a dizer, de benefício, mas quer se referir ao estado atual em que se encontra. Entre o que vivenciou quando ainda residia no Brasil e sua atual vida nos Estados Unidos considero que:

[...] a saudade opera passagens de um presente mau, marcado por um passado decaído, a um passado do passado, onde não tivesse havido separação ente querer e dever, onde a pulsão se derramasse sem limites, privada de qualquer determinação que pudesse transformá-la em desejo de algo, de um objeto nominável.<sup>364</sup>

Além de transitar entre as lembranças que o ligam a uma vivência acontecida quando ainda morava no Brasil, você também sofre de um certo desejo de comparação que acaba por aproximá-lo mais de Clarice, pois quando escreve em carta de 06 de maio de 1946 que

[...] Quisera trafegar em idênticas seminarstrasses, de largas perspectivas horizontais, deslizando em planos sucessivos de tristeza, saudade e calma. No entanto, me espera o Edifício Comercial de Nova York, numa gigantesca Quinta Avenida, desajeitada, ridícula e agressiva.<sup>365</sup>

A nossa natureza mútua de viajantes, sobre a qual já chamei atenção no nosso segundo conjunto de cartas, escritas no período de março a outubro de 2015, contribuiu e continua no sentido de que o deslocamento geográfico, muito bem exposto primeiramente em *Cartas perto do coração* e, depois, aqui, é uma das fontes que dão origem a saudade; falamos, portanto, de saudades cujos objetos são específicos, os lugares pelo quais passamos. A consciência de *habitar* no desconhecido, lugar do espelho em negativo, dito de outra forma, lugar que não projeta as características que o ambiente conhecido possuía, concebe a solidão e recordemos novamente que: “O sentimento de solidão, nostalgia de um corpo do qual fomos arrancados, é nostalgia de espaço”<sup>366</sup>.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo [...] mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através

<sup>364</sup> LAGES. *João Guimarães Rosa e a saudade*, p. 67.

<sup>365</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 14.

<sup>366</sup> PAZ. *O labirinto da solidão*, p. 187.

da ação comunicativa, pela mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.<sup>367</sup>

A ligação entre sujeito e lugar, Clarice-Brasil, Fernando-Brasil, fonte da qual bebe a saudade, é a prova de que: “É essa relação existencial e espacial que dá ao sujeito localista a certeza de um *pertencimento*”<sup>368</sup>. Relação existencial e espacial que as cartas atribuem tratamento diferenciado, pois se as mesmas tratam de vencer distâncias geográficas assim também ajudam os amigos a carregarem dentro de si o lugar, lembram-se de quando falamos, no segundo conjunto de cartas, sobre encenar os lugares? Pois então, estou remetendo a essa minha fala. Em *Mitologia da saudade* (1999), Eduardo Lourenço explana sobre essa relação construída entre sujeito-lugar, para o crítico português o construto fundamenta-se no espaço e no tempo:

Espaço e tempo são para nos realidades com um rosto, o rosto daquilo que amamos, lugar da única, precária felicidade. Se nos afastarmos desse lugar afetivo que nos pertence e a que pertencemos, sentimos então aquilo a que chamamos, em sentido próprio, nostalgia, o estar longe da nossa casa, do nosso lar, do lugar onde nascemos, na acepção própria e figurada.<sup>369</sup>

O encenar de lugares posto em prática quando nos distanciamos é que corrobora a relação existencial supracitada, e, por conseguinte, há uma transcendência do espacial para o existencial a partir do momento em que enceno o lugar, como mencionado, e vejo isso nas cartas escritas por vocês.

Seja em Belém, Berna, Nova York, percebo que existe um anzol que nos acompanha, para utilizar a metáfora fornecida por você, Clarice, e que nos liga ao lugar que consideramos como casa, lugar de conforto cujo espaço, físico e imaginário, é construído e voltado para o convívio, consigo mesmo e com o outro, na verdade o que proponho a pensar como “casa” é uma ideia mais abstrata e móvel, portanto transeunte, do que propriamente sólida.

---

<sup>367</sup> SANTOS. O lugar e o cotidiano, p. 592.

<sup>368</sup> NOLASCO. Luto e melancolia no canto da Seriema do cerrado: por uma identidade da crítica cultural local, p. 31.

<sup>369</sup> LOURENÇO. *Mitologia da saudade*, p. 33.

Somos móveis, nossas casas, pelo menos a ideia que temos dela, também o é, e isso faz com que o anzol lançado do lugar em que estivermos no momento crie vínculo entre a pessoa e o lugar, na verdade, o tal anzol bem pode se chamar saudade, não acham? A saudade faz com que vocês reinventem a amizade através das cartas e o anzol-saudade, portanto, reúne os amigos dentro de um plano de encontros não literalmente realizados.

Trago novamente a sua crônica, Clarice, aquela que denominou “Saudade”, pois nessa carta o texto assume outro significado que não estritamente a questão da alteridade aliada à amizade, embora também se relacione à saudade. Um outro motivo que justifica a repetição é a necessidade, de minha parte, de reler tal trecho, agora enfocando em outro aspecto. A releitura, no caso, deriva dos múltiplos sentidos que residem na crônica. Mas antes de ler novamente o texto, repito-o:

Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.<sup>370</sup>

A fome a que você Clarice remete na crônica é intrínseca à saudade, haja vista a relação criada, pois a saudade e a fome se constroem com base na premissa de que precisam se saciar através da presença do amigo. Interpretemos, por um momento, a saudade e a fome como um vazio; estamos falando, portanto, do vazio da saudade, um vazio direcionado e que somente um amigo, como Fernando, pode extinguir.

Se para você, Clarice, a saudade lembra a fome, para o Fernando o sentimento surgirá sob outra designação, a da lógica, conforme explica em 01 de setembro de 1953: “Mas há uma lógica diante da qual os números na prevalecem, e é essa lógica

---

<sup>370</sup> LISPECTOR. *Crônicas para jovens*, p. 141.

que me tem feito viver ultimamente. Em nome dela peço a você que me responda”<sup>371</sup>. Ambas as proposições, saudade-fome e saudade-lógica, apontam para um mesmo caminho, a ausência e a urgência em preenchê-la com o(a) amigo(a).

Clarice, na crônica você se utiliza de uma palavra que ressalta o caráter de urgência e ânsia do contexto. O vocábulo "comer", ao ser empregado, denota um sentido de solução em contraponto com a "doença", saudade-fome. Mas como você mesma escreve, a saudade é tão profunda ao ponto de que "comer" a presença do outro pode não ser medida suficiente para tanto, o que me leva a considerar que: "Há um sofrimento quase contínuo, porque o esperado não pode tornar-se presença real tal qual é esperado. Vive-se a ausência com sua força e arrebatadora consistência”<sup>372</sup>.

Na saudade, a ausência é entendida como perda, pelo menos temporária, do amigo. Fernando e Clarice, quando vocês escrevem, respectivamente, que “[...] como já disse, fiquei muito feliz. Receber cartas é muito bom, Clarice, me responda logo”<sup>373</sup>, e o outro trecho: “[...] Mas me diga, sobretudo o que você tem escrito, sim? Não demore a responder, um sentimento ruim é o da impaciência”<sup>374</sup>, noto que ambos procuram reverter essa perda mediante a recordação do(a) amigo(a); dessa forma a saudade nasce como um meio para que o sujeito se insurja contra o esquecimento.

Amigos, será que quando se valem de expressões como “me responda logo” e ressaltam o sentimento de impaciência suscitado pela espera em receber notícias do amigo, é com a finalidade de obterem logo uma nova carta e restabelecer o contato epistolar?.

Acredito que também seja por isso, isto é, trata-se apenas do início, pois se em um primeiro momento vocês ora repreendiam um ao outro devido a demora em

---

<sup>371</sup>SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 99.

<sup>372</sup>GEBARA. *O que é saudade*, p. 28.

<sup>373</sup>SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 59.

<sup>374</sup>LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 122.

escrever, ora se regozijavam com cada nova carta que chegava, em um segundo momento devemos olhar a situação sob uma outra perspectiva complementar à primeira, a de que a pressa é fruto de dois componentes, o receio de que o outro o esqueça, embora não completamente, e o anseio pela presença medida com a consciência da impossibilidade de reconstituição do corpo afetivo, consciência essa metaforizada pelo que Kafka, em carta a Hedwig W., denominou de relva a ser percorrida para alcançar a pessoa:

O que eu realmente quero é você e mesmo a sua carta é um papel de parede ornamental, branco e agradável, atrás do qual você está sentada na grama em alguma parte ou dando um passeio e a gente precisa correr sobre a relva para alcançar e segurar você.<sup>375</sup>

Nesse sentido, exerce papel preponderante na nossa relação de amizade, bem como epistolar, a recordação. Sua natureza etimológica, “trazer de novo ao coração”, evoca os espectros dos amigos, assim como o passado, e consegue, com certa eficácia, assegurar a sobrevivência do(a) outro(a) *na-pela* distância. A recordação em si constitui a “saudade de coração”, posto que:

A palavra ‘recordar’ contém ‘coração’ (*cordis*); recordar é muito diferente de lembrar. O que se recorda é do domínio dos afetos, é menos uma coisa, pessoa ou lugar, do que um tom, uma qualidade, um estado do ser. A lembrança pode ser nítida, a recordação será sempre fluída, imprecisa. Com as lembranças, sabemos lidar conscientemente; com as recordações, lidamos como pode o coração, e muitas vezes ele não pode.<sup>376</sup>

A recordação é espectral não somente por ser fluída e imprecisa, mas principalmente por *transportar* (portar para além de) os seus espectros, Clarice e Fernando. *Trans* implica, como mencionado, em portar para além de, mas em um movimento de volta (ao coração) em que os espectros não mais serão os mesmos, ou seja, a cada volta, serão únicos e diferentes, “Nesse sentido, recordar é produzir

<sup>375</sup> KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 14.

<sup>376</sup> PERRONE-MOISÉS. *Enhures 2*: “Lá, nas Campinas”, p. 180.

no presente da evocação um passado que já deixou de ser e que, por ser a evocação posterior, é produção de um futuro do passado no presente”<sup>377</sup>.

E tenho dito,

Meus amigos, tenho urgência de despedida, pois preciso enviar logo essa carta,

Abraços para os dois que fizeram de cada carta um 30 de janeiro;

Da amiga,

*Francine Carla de Góes Cunha Rojas*

---

<sup>377</sup> LAGES. *João Guimarães Rosa e a saudade*, p. 64.

## Carta IX - O esquecer e o lembrar nas cartas do coração

Campo Grande – MS, 20 de abril de 2016

[...] os homens não são animais tão específicos porque possuem uma memória: mas somente porque se esforçam em não esquecer.

GAGNEBIN. *Lembrar, escrever, esquecer*, p. 192.

Caros amigos,

De 2011, ano em que nos “encontramos”, guardo poucas recordações. Sobre a maioria delas posso apenas falar de modo mais abrangente isso porque em parte não me dei ao trabalho de reter na memória uma porção de coisas e em parte porque é um fato inevitável, não posso me lembrar de tudo o que já aconteceu e independente da vontade particular o esquecimento age a seu bel prazer.

No referido ano estava no terceiro período da graduação em Letras, fazendo iniciação científica, apresentando trabalhos, lendo, assistindo aulas, algumas das quais, como diria a popular expressão, somente de “corpo presente” e no âmbito familiar, o que posso dizer que vá constituir novidade para os amigos?, apenas calma. Como Clarice pontua na primeira carta de *Cartas perto do coração*, e sua fala foge do âmbito em que fora inicialmente empregada para assumir um sentido similar na minha vida, *falta demônio* na família (LISPECTOR, 2011).

Enfim, o motivo pelo qual início a carta evocando fatos já transcorridos é pelo desejo de continuar a conversa ocorrida em carta anterior. O campo da saudade desemboca em uma outra questão relevante, a dizer, o esquecimento. Tomemos consciência de que a raiz da saudade, a solidão, nutre uma relação de causa e consequência com o esquecer, isto porque, a princípio, escrevemos cartas “[...] ou para não estar só, ou para não deixar só”<sup>378</sup>. A partir do desejo de residir na memória

---

<sup>378</sup> ROCHA *apud* MORAES. *Me escreva tão logo possa*, p. 08.

do outro e do medo de que isso não venha a acontecer, cria-se o hábito de escrever como um exercício habitual pautado no princípio de que:

O corpo estabiliza lembranças por meio de habituação, e as fortalece pelo poder da afecção. A afecção como componente corporal das lembranças possui uma qualidade ambivalente: pode ser vista tanto como indicio de autenticidade quanto como motor da falsificação.<sup>379</sup>

Vale lembrar que a habituação de que fala Assmann possui vínculo com o conceito de repetição, no sentido de que se trata de uma ação ou de um ato desempenhado de modo contínuo, tal como escrever cartas para os amigos.

O corpo mencionado pela citação, transfigura-se pela relação epistolar, nos amigos que escrevem. Os amigos inscrevem lembranças a partir do momento em que retomam, de forma cotidiana, pequenos gestos, como: a posse de uma folha de papel em branco, a caneta que percorre esse espaço preenchendo aos poucos o vazio, o fechar do envelope, a presença do selo, o endereçamento para a pessoa e o depósito nos correios.

O hábito fomentado pela prática epistolar, quando fortalecida pela relação de afecção como a amizade, ressalta a consequência da expectativa pela resposta que pode encontrar ou não um fim momentâneo. Nesse sentido a carta, meus amigos, é prova de amizade, quando chega rapidamente, demonstrando que o amigo se atentou para o tempo, mas é também prova de “crime” quando o outro escreve após longo período temporal.

Quando o que escrevem, Fernando e Clarice, chega às mãos de um e de outro, de alguma forma reforça a presença dos dois, ainda que esteja ausente, o amigo sente-se lembrado, isto é, recordado. Sendo assim, a recordação age como uma forma de atenuar a condição de solidão experimentada pelo viajante.

---

<sup>379</sup> ASSMANN. *Espaços da recordação*, p. 25.

O “crime” reside em esquecer, ou seja, infligir a “morte”,<sup>380</sup> tomada em seu sentido metafórico, ao amigo. Sob tal ótica, o esquecer pode demonstrar o desinteresse em saber notícias do outro. A ausência de cartas também induz ao faltante a consciência de sua “falta” perante o amigo, o que leva a demonstrar em cartas posteriores a ciência de sua falha, como escreveu Fernando em 15 de dezembro de 1946: “Estou muito triste por te passado muito tempo sem te escrever e não ter ainda respondido à sua carta. Não me esqueci”<sup>381</sup>.

Como diria uma personagem da interessante minissérie da Tv Globo *Ligações perigosas*<sup>382</sup> (2016), adaptação do livro de Choderlos de Laclos, e que aqui cito por que me fez recordar da nossa relação de amizade *na / pela* distância: “O amor gosta de se satisfazer toda hora”<sup>383</sup>.

A frase proclamada por Patrícia Pillar quando interpretava a Marquesa D’Ávila de Alencar, me induziu a repensá-la para o campo da amizade. Com isso quero dizer que de forma similar à do amor, a saudade, aqui envolta pela amizade, possui, sim, uma necessidade de satisfação em relação a presença do outro, do amigo, visto que a saudade objetiva eliminar a ausência pela presença.

Quando digo que a carta é também prova do “crime”, tenho em mente que o que não está dentro dela, bem como a obediência a certa norma da conduta epistolar, também assume relevância dentro do contexto da relação carta-amizade *na* distância.

---

<sup>380</sup> A relação entre morte e crime dá-se a partir do momento em que entendo que a carta é um espaço da memória e de passagem. Quando o remetente demora em escrever para o amigo o “pacto epistolar” é quebrado, por conseguinte, a carta deixa de, momentaneamente, proporcionar a recordação de si para o outro (destinatário) e do outro para si. Tal falha, a de não reforçar a presença para o amigo vice-versa, é que constitui o crime e a morte, por sua vez, é o esmorecimento da presença do outro, pela memória epistolar.

<sup>381</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 66.

<sup>382</sup> A presença da relação com a minissérie justifica-se por dois princípios: tanto no livro quanto na minissérie, as cartas possuem forte presença e papel (literalmente), visto que os momentos principais da trama são desencadeados por elas. O segundo princípio aponta para, como escreverei em seguida, a lembrança suscitada pela determinada fala de uma personagem específica.

<sup>383</sup> *Ligações perigosas*. Rio de Janeiro: Globo, 6 de janeiro de 2016. Programa de TV.

Fernando e Clarice, nas suas cartas, ora um ora outro, não se encontra satisfeito com o(a) amigo(a), pois é comum que as cartas de ambos deixem lacunas temporais, as vezes até mais de um mês, como Fernando, que deixou de escrever por quase um ano, até que a próxima missiva fosse escrita.

Sobre a lacuna de tempo, Clarice demonstra, em 07 de maio de 1956, que a falha também a perturba, mas não o suficiente para inibir a solicitação para que o amigo escreva: “Há tanto tempo não nos comunicamos que tenho a impressão de estar fazendo uma viagem difícil até atingir você. O que não quer dizer que não penso em você, em escrever, e em pedir notícias suas e em dá-las?”<sup>384</sup>.

O que provoca certa chateação em ambos, acredito, é a consciência de que a mencionada lacuna temporal é prova do esquecimento, isto é, o “crime maior”, acima referido, que é o de não reforçar sua presença perante o outro e, por conseguinte, não reforçar a imagem do outro perante si. Curioso é o fato de que a escrita de cartas não é um pacto pela igualdade, dito de outra forma, quando vocês escreverem para um e outro desejam que o amigo lembre-se de si, mesmo que vocês mesmos, em uma falha da ação devolutiva, não escrevam para o amigo. A consciência da falha, nesse sentido, age mais como uma agente da memória e manifestá-la em carta posterior não exime o sujeito de sentir culpa, como Fernando escreve em 17 de setembro de 1946:

Clarice,  
Quase que meu silencio desta vez em relação a você vira de novo caso de consciência, como naquela ocasião em que saímos do Brasil. Graças a deus uma operação na garganta que me submeti há poucos dias (ainda estou de repouso em casa, saí do hospital anteontem) pode com pouquinho de boa vontade responsabilizar-se.<sup>385</sup>

Não que seja de todo o mal o tempo da ausência para a amizade, mas para que vejamos juntos de que forma pode ser revertido, basta que tomemos ciência de

---

<sup>384</sup> LISPETOR. *Cartas perto do coração*, p. 121.

<sup>385</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 54.

que o espaço temporal entre uma carta e outra funciona como um aviso que ao mesmo tempo lembra ao amigo: estou te esquecendo e estou te lembrando, quando chega a carta que dará um fim à lacuna da ausência.

O duplo efeito da ausência e do afastamento atesta sua natureza ambivalente, portanto, o esquecimento acaba assumindo dupla identidade, o reforço do afastamento, mas também, de forma indireta, convocando o(a) amigo(a) a se fazer presente. Sua ambígua identidade, aproximação e afastamento, encontra na dialética da memória sua origem, isto porque o esquecer e o lembrar participam do mesmo processo. Pensar dessa forma é escolher “[...] pensar a partir de conceitos dicotômicos ao invés de organizar o mundo em dicotomia”<sup>386</sup>, como bem pontua Walter Mignolo em *Histórias locais/projetos globais*.

O tempo vazio de escrita e de cartas de ambos, o período em que a ação do esquecimento é mais visível, é o momento em que o trabalho do silêncio, sobre o qual conversamos no segundo conjunto de cartas, age para que não somente tudo aquilo escrito anteriormente seja pensado por ambas as partes, mas igualmente para que o trabalho do esquecimento seja realçado.

O espaço de tempo entre uma carta e outra é o movimento do esquecer como ato implicado na amizade, sua presença denuncia a intimidade entre o que Clarice denominou de velhos honestos, isto é, a corruptela de amigos de longa data, pessoas que se conhecem a tempos, e que entendem que a convivência também é feita de silêncio. Mas, o fato de entender que o silêncio compõe a convivência entre amigos não necessariamente situa o amigo em algum lugar de conforto, antes situa o sujeito em um entre-lugar, o entre do dito e o não dito, o não dito e o desejo de falar, como Clarice bem expõe em 25 de outubro de 1954:

---

<sup>386</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 126.

[...] estou escrevendo par você mas também não tenho nada o que dizer. Acho que é assim que pouco a pouco os velhos honestos terminam por não dizer nada. Mas o engraçado é que não tendo absolutamente nada o que dizer, dá uma vontade enorme de dizer. O quê? Quando não tenho o que dizer, fico com vontade de “passar a limpo” tudo ou então de “apagar tudo” e recomeçar, recomeçar e não ter o que dizer.<sup>387</sup>

Através da escrita procuramos galgar a distância que se interpõe como obstáculo, mas a escrita epistolar é também movimento empreendido de luta contínua contra o “perigo do esquecimento”. Cabe, portanto, pensar que “[...] o exercício da escrita configura, a ameaça do esquecimento, do silêncio e da morte”<sup>388</sup>, e, além do mais, o desafio da escrita epistolar reside na escrita *contra* a morte, mas também junto a ela; nesse caso, escrever é se colocar em contato com a dupla morte para entender que “A escrita é a sobrevivência; a escrita é pós-vida”<sup>389</sup>, e complementando a ideia, a escrita é sobrevida ao proporcionar o além-vida.

Tal visão, o emprego da escrita como símbolo que possibilita a perpetuação, vai de encontro a concepção de que a especificidade dos homens não está propriamente no fato de possuírem memória, mas, sim, no esforço empregado para não esquecerem. A relevância dessa concepção justifica-se a partir do momento em que, juntos, pensemos o motivo pelo qual existe a relação entre o símbolo gráfico, a presença e o esquecimento, como ato visto sob a perspectiva da perda, ausência, da falha e, sobretudo, da “morte” (aqui, o esquecimento representaria uma pequena morte).

A partir de tal pensamento e considerando o encadeamento entre seus elementos é necessário rever a concepção que propõe pensar a escrita como o “remédio” que visa à cura do esquecimento o que, por extensão, induz ao pensamento de que o esquecer é um ato político, pleno de significados em sua ausência. A relação

---

<sup>387</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 115.

<sup>388</sup> GANEVIN. *Lembrar, escrever, esquecer*, p. 154.

<sup>389</sup>BRAGANÇA. *Escrever para a morte ou a sobrevivência da memória em Pedro Nava*, p. 140.

entre a escrita como “remédio” e o esquecimento como ato político é a da aproximação pela diferença.

Com isso quero dizer que quando penso a escrita como a solução para a problemática representada pelo esquecimento, por conseguinte, desconsidero seu papel desempenhado dentro da memória, da amizade e das cartas. Mas, pelo contrário, quando percebo a escrita como parte de um processo em que o esquecimento, longe de ser revestido como “o antagonista”, assinala sua importância, passo a reconhecer que ambos contribuem para a construção da memória, seja a escrita como resultado da relação entre sujeito e suas lembranças, seja o esquecimento como as lacunas necessárias nesse tecido memorial.

Cabe questionar o estatuto ocupado pela escrita, conforme já mencionado, e que diz respeito ao fato de que “[...] a escrita foi, durante muito tempo, considerada o rastro mais duradouro que um homem pode deixar, uma marca capaz de sobreviver à morte de seu autor e de transmitir sua mensagem”<sup>390</sup>. Repensar essa concepção requer deslocar o conceito de sobrevivência, em outras palavras, passar a considerá-la como um campo aberto constantemente reelaborado, dentro do qual o escrever assume compromisso não com a permanência e sim com a mudança.

A diferença está em pensar a sobrevivência proporcionada pela escrita como sobrevida; a partir dessa perspectiva entendo que sobreviver está mais para o campo das transformações do que para a concepção que propõe a escrita como forma de imortalidade, durabilidade da memória, e que, por extensão, não admite o esquecimento.

O “perigo do esquecimento”, denominação utilizada para ressaltar determinada característica que acompanha a escrita e que aqueles que escrevem cartas parecem

---

<sup>390</sup>GANEBIN. *Lembrar, escrever, esquecer*, p. 112.

entender como ameaça iminente que os vigia de forma constante, nasce do um medo particular nosso, amigos, e que nos exige o confronto com a morte, o tempo, as relações afetivas, dentre as quais a amizade está incluída, a permanência, a presença e a ausência, por isso a luta e o esforço para não esquecer. O “Perigo do esquecimento” constitui o alerta, mas levar às vias de fato é que constitui o crime em si e, para isso, Clarice alerta Fernando em 28 de julho de 1953:

Seria muito bom começar a carta dizendo: foi ótimo receber carta sua. Como não é o caso, começarei assim: não foi ótimo não receber carta sua. Mas não faz mal, o tempo não se conta em dias, conta-se em anos – e notícias podem chegar.<sup>391</sup>

O trecho da carta de Clarice aliada à fala inicial de Jeanne Marie Gagnebin em torno da especificidade do sujeito fomenta um debate, haja vista que retoma a tríade “esquecer – morte – memória”. A partir do trecho da carta de Clarice para Fernando observamos que a escritora reverte o incômodo nela suscitado pela ausência de cartas do amigo, o que torna-se visível na afirmação *não foi ótimo não receber cartas*, sua reversão consiste em se valer da negação como forma de alerta em comparação a afirmação representada pelo recebimento de cartas. O trecho da carta de Clarice é complementada pela proposição inicial de Gagnebin, pois mediante a repreensão amistosa da escritora, percebemos a singularidade do sujeito manifestada pelo receio do esquecimento.

O nosso desejo de permanência, em outras palavras, de sobrevivência, visa driblar o conflito com o tempo e a finitude. Reverter a proposição requer o exercício de, primeiro, refletir que a mesma está embasada no desejo de permanência após a finitude, e, segundo, de que a lembrança / recordação constitui traços da presença, portanto, da continuidade da existência.

---

<sup>391</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 93.

Ora, eis que a concepção de rastro reitera sua relevância novamente, pois o rastro, tal como já discutimos no segundo conjunto de cartas, é aquilo que está rasurado, que se abre de forma permanente a interpretações, incompleto, que auxilia, através da espectralidade, a sobrevivência do arquivo, em outras palavras: “[...] ele denuncia uma presença ausente – sem, no entanto, prejudicar sua legibilidade”<sup>392</sup>.

A escrita, na esteira do rastro, é ação incompleta que visa a permanência, rompendo, portanto, com o pacto que vinculava o escrever com a atemporalidade, trata-se de um “[...] gesto inacabado e inacabável, gesto insuficiente, nunca o bastante, nunca capaz de suprir a perda ou de representar o ausente, mas que, nem por isso, deve mergulhar no silêncio”<sup>393</sup>.

Há um acerta sobrevivência no esquecimento, na ausência e na lacuna do rastro. Uma sobrevivência política, mas o que é isso e o que significa em termos de amizade?. Sua concepção, tal como o rastro e o arquivo, nunca é completa; na verdade, sua incompletude é o que permite reverter a ideia de tempo e de presença. Assegurar que o amigo se lembre de si mesmo é assegurar sua própria sobrevivência afetiva, composta de resquícios do passado, da situação individual e de desejos futuros.

A carta do outro é o lembrete efetuado pela exterioridade, representada pelos amigos, de forma que obter de alguém, além de si, sua permanência é, sobretudo, um subterfugio das relações afetivas (amizade) para viver, metaforicamente, duas vezes. É para endossar tal relação de sobrevivência que se fala em pacto epistolar, o comprometimento de ambas as partes em escrever periodicamente, e quando um e outro, como vocês, Fernando e Clarice, rompem com esse acordo efetuado sem

---

<sup>392</sup>GAGNEBIN. *Lembrar, escrever, esquecer*, p. 113.

<sup>393</sup>BRAGANÇA. *Escrever para a morte ou a sobrevivência da memória em Pedro Nava*, p. 140.

palavras, isto é, de forma implícita é que a parte “lesada” cobra explicitamente um retorno.

Mas tal cobrança é mais uma forma de exteriorizar a necessidade por sua própria lembrança através do outro, do que qualquer outra coisa. Em carta de 22 de fevereiro de 1953, Clarice é enfática em pedir-ordenar que Fernando vença sua inércia em escrever cartas para a amiga:

Eu estava mesmo precisando receber uma carta sua Clarice. Me perdoe...Infelizmente a carta que eu queria escrever a você não posso escrever. Escrevi outras várias, guardei algumas naquela pasta de meu arquivo que tem escrito “Clarice Lispector – Ensaio”. Mentalmente lhe escrevo todos os dias.<sup>394</sup>

Os rastros deixados pelo *bios* fornecem, pouco a pouco, a continuidade que visa interligar vocês, amigos, uma vez que “De lampejo em lampejo, os afetos sobrevivem, numa relação tecida por desconexões que, todavia, fomentam a sintomática irrupção de temas e imagens do passado”<sup>395</sup>

Mas para tanto é necessário um exercício constante de escrita epistolar, como o efetuado por você, Fernando, ao assegurar que Clarice se lembrasse, assim como Clarice, ao endereçar cartas, reafirmou sua presença na distância. Dessa forma, a ausência do outro acaba por proporcionar espaço imaginário em que o amigo “recria” aquele que lhe faz falta, tendo-o como limite que o guiará e “Se o limite está no Outro, podemos, em sua falta (ausência), e fazendo uso de sua memória [...], inventar textualmente outra vida, visto que o passado nunca é tempo concluído nem definitivo”<sup>396</sup>.

A demora em escrever para o amigo equivaleria a esquecê-lo, portanto, a “matar”, em sentido figurado, a lembrança do outro, e, por conseguinte, o lapso

---

<sup>394</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 95.

<sup>395</sup>MORAES; HADDAD. *Desarticulados para memória e corpo*, p. 182.

<sup>396</sup>MORAES; HADDAD. *Desarticulados para memória e corpo*, p. 185.

temporal acaba por ameaçar a sobrevivência do espectro, como bem recordado por Clarice em 22 de fevereiro de 1956 em Washington:

O fato é que, sem ter escrito a vocês (menos um cartão para Helena e Oto, outro para Rubem, e uma carta para Helena e Fernando), acho que vocês poderiam ter mandado pelo menos um bilhete, desses formais mesmo, dos que se seguem a um “acho que devo escrever”. Eu mesma provo que a queixa é injustificada. Mas vocês bem podem que nem me incomodo mais de receber “carta obrigatória” de vocês.<sup>397</sup>

O uso das aspas na expressão mencionada emerge para lembrar que o esquecimento possui mais de uma vertente, isto é, mais de um sentido. O esquecimento pelo esquecimento, o primeiro sentido, está para a repetição, e não para a recordação, repetir é uma forma de inscrição em que o outro não leva em consideração a si próprio, ou seja, suas particularidades.

No sentido em que o penso, esquecer é uma operação efetuada pela saudade que visa convocar o outro a se reinserir no seu papel de amigo, por isso acredito que: “A saudade verdadeiramente eficaz efetua um *deslembrar*, um enterramento do passado em que todos os seus fantasmas são convocados”<sup>398</sup>.

O *deslembrar*, portanto, como mecanismo da saudade produtiva é a lacuna que habita o rastro, e que concomitantemente convoca os espectros distantes a fala. Dessa forma, cobrar, pedir ou ordenar que o outro escreva constitui os termos da sobrevivência na amizade. Esquecer um amigo, como você Clarice às vezes esquece Fernando e vice-versa é, antes de tudo, uma provocação, uma incitação para que o amigo se faça novamente presente.

Em carta de 12 de junho de 1953, Fernando escreve para Clarice, do Rio de Janeiro, efetuando a cobrança da escrita de cartas. Apesar de revestida de tal caráter, Fernando se utiliza de um subterfúgio em que reverte as posições e pede para que a amiga não leve em consideração que ele mesmo vem faltado aos seus deveres

<sup>397</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 88.

<sup>398</sup> LAGES. *João Guimarães Rosa e a saudade*, p. 133.

epistolares. Para tanto, Fernando não se nomina, o que transparece no trecho em que escreve “*não vá fazer como certas pessoas que recebem uma, duas cartas*”, atitude que, por sua vez, ressalta sua consciência de que não escreve com regularidade cartas para Clarice. Sua explicação para a situação em que se encontra é a de que:

Pois estou me sentindo muito não obstante é obvio hoje: sem jeito para começar ou acabar as coisas. Mas vale como princípio, está bem? Você agora me responda logo, não vá fazer como certas pessoas que recebem uma, duas cartas, mais do que isso, comunicação de nascimento e nem sequer se dignam de responder.<sup>399</sup>

Os espaços temporais, por vocês utilizados ao escreverem cartas, correspondem ao “deixar em suspenso” o amigo, isto é, não responder. O lapso cronológico encontra na carta de Franz Kafka para seu amigo e biógrafo Max Broad sua mais clara expressão. Na carta, Kafka escreve que: “Às vezes é um sinal de amizade não pensar nas declarações dos amigos. Mas nesse meio tempo o ouvinte pode ficar triste, cansado”<sup>400</sup>.

Portanto, de acordo com a fala de Kafka, não pensar, ou seja, esquecer as declarações do amigo por um momento, é mais um sinal que visa demonstrar discordância para com o amigo e, também, trata-se de uma outra forma de estabelecer a boa distância, tal como já vimos em cartas anteriores, principalmente, quando discutíamos sobre determinada concepção de amizade do porvir, do que propriamente constitui ofensa dirigida a alguém.

Em seu *Políticas da amizade*, Jacques Derrida, assim como Kafka, fala sobre a relevância do esquecimento para a amizade, de acordo com o filósofo: “Preciso é o esquecimento. Amizade sem memória mesmo, por fidelidade, por doçura e rigor da fidelidade, amizade sem laço, por amizade, por amizade do solitário pelo solitário”<sup>401</sup>. Praticar explicitamente a amizade sem memória requer dos participantes certa

<sup>399</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 92.

<sup>400</sup> KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 08.

<sup>401</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 298.

maturidade na ação o que se traduz, na prática, em entender que o esquecer é um componente vital na relação com o(a) outro(a) e que por tal motivo deve ser despido de sua conotação corriqueira.

O outro nome do esquecimento utilizado pelo autor tcheco, o não pensar, é uma política da amizade, em outras palavras, não pensar nas declarações feitas pelos amigos nas cartas indica a necessidade de esquecer (expulsar da memória, colocar para fora), para depois recordar, guardá-lo dentro de si e reconstruí-lo sob a sua ótica, visto que “Os acontecimentos recebem tratamento inventivo quando se submetem à rememoração, entendendo serem as lembranças relatos contados para si próprio”<sup>402</sup>.

Como pontua Eneida Maria de Souza, o sujeito vai narrar a lembrança a partir de sua ótica determinado acontecimento, tendo ocorrido consigo ou não, o que, por conseguinte, leva-nos a pensar o recordar como atividade de recorte, não a revelia a sonoridade de ambas as palavras são semelhantes, recordar – recortar, sendo que um se relaciona com o outro, e, para aglomerar os dois sentidos complementares basta que em um mesmo vocábulo juntemos as duas palavras: recor(d/t)ar, de forma que uma atividade requeira o exercício da outra e, portanto, um esteja implícito no outro.

O recorte das lembranças e recordações que constitui a memória reside em escolhas do *bios*, diante do fato fica subentendido que: “A memória sempre tem a ver com escolhas. Escolher é também uma outra palavra para esquecer. A maioria das coisas é esquecida. Lembrar em geral é exceção”<sup>403</sup>. O ato de escolher, como bem propõe Aleida Assmann em entrevista ao Jornal da UNICAMP, intitulada “Lembrar para não repetir”, torna-se sinônimo do esquecimento, pois visa, nas palavras de

---

<sup>402</sup> SOUZA. Autoficção e sobrevivência, p. 20.

<sup>403</sup> ASSMANN. Lembrar para não repetir, sp.

Lages: “[...] recobrir a distância a partir do gesto que define cortes, incisões, inscrições e com isso delimita algo no tempo e no espaço, na história”<sup>404</sup>.

A consideração causa estranheza, pois o que permeia o imaginário é que a lembrança, sob a perspectiva da totalidade, é a que recobre distâncias e não que as distâncias que separam Fernando e Clarice são, em parte, transpostas pelo recorte da memória. Recorte este que possibilita que as narrações de si para o amigo transporte o sujeito fragmentado, o que não seria possível através da ideia de narração “total” e memória “totalizadora”. O trabalho de recorte do esquecimento *na* memória também possibilita a presentificação do objeto carta, que ao conter a escrita dentro de si, é transpassada pelo esquecer.

Em *O Século de Borges* (2007), Eneida Maria de Souza considera que o objeto, pensado como sendo a inscrição e o livro que bem podemos entender como o livro de cartas dos escritores, é o resultado da interação entre a memória e o esquecimento, para a crítica:

O objeto – a inscrição, o livro – resulta da aproximação mediatizada entre a vida e a arte, a memória e o esquecimento. Inscribe-se o que de resquício ficou da memória do vivido, em que as palavras são consubstancializadas em coisas, símbolos e emblemas da realidade.<sup>405</sup>

Pensemos por mais alguns momentos a proposição de que o recorte do esquecimento encobre distâncias. Podemos, e é esta minha proposta, entender a distância como a geográfica e, aliais, é a que mais está presente nas cartas. Ao contrário do que se supõe, o esquecimento expulsa da memória as lembranças, não para distanciar-se perpetuamente, mas para criar o espaço da boa distância, campo propício para novas elaborações.

Fernando em carta de 10 de junho de 1946 elabora seu esquecimento mencionando a amiga às cartas iniciadas e não terminadas, em um total de três sendo

<sup>404</sup> LAGES. *João Guimarães Rosa e a saudade*, p. 168.

<sup>405</sup> SOUZA. *O século de Borges*, p. 46.

que uma o escritor rasgou, desde o momento em que se separaram no Brasil em 1946, e reconhecendo a demora em escrever (conforme a expressão que cita na carta: “Pode ter a certeza de que não te esquecemos”). Na carta que se segue Fernando procurou se alternar entre sua falha como missivista e sua necessidade de receber cartas da amiga; nesse sentido, o esquecer de Fernando atua como o liame entre ele e a amiga, entre Nova York (EUA), Berna (Suíça) e Brasil:

Esta é a quarta carta que inicio para responder a sua. A primeira eu deixei no Brasil, só trouxe a primeira página que vai junto. A segunda eu rasguei. A terceira eu não acabei, vai junto também. Hoje recebi uma carta de Paulo dizendo que não tinha mandado até agora a resposta dele. Positivamente somos uns cachorros irremediáveis. Você por favor não ligue para isso não. Pode ter certeza de que não te esquecemos. Ainda ontem me lembrei muito de você, porque um americano me perguntou se o meu relógio era suíço. A suíça existe mesmo? Serão daí mesmo os queijos suíços? Me escreva Clarice, me responda com a pontualidade e a presteza que não tenho contando tudo, suas aventuras e desventuras nessa poética Seminarstraasse. Do Brasil não posso te contar nada, senão o que o Paulo me contou hoje na carta dele [...].<sup>406</sup>

A escolha e o recorte deixam implícito ao sujeito que ao “colher” algo entre as lembranças do dia-a-dia, outro tanto não é retomado, pois não participa do corte efetuado pela “tesoura” da memória e, portanto, não participa do vislumbre que um amigo fornece ao outro.

O esquecimento é o resultado da operação efetuada pelo recorte da memória dos amigos, o que sobra, o resto (o rastro), é aquilo que vocês, Fernando e Clarice, “colam” nas folhas das cartas que escrevem, ante o jogo de recortar (recordar) e colar posto em prática pela troca epistolar. Depreendo que “Recorte e colagem são as experiências fundamentais com o papel [...]”<sup>407</sup> visto participarem da experiência construtiva da escrita.

Vemos no processo de recortar, recordar e “colar” nas folhas, o potencial narrativo e, por conseguinte, criativo do esquecimento. Digamos, apenas, que não

<sup>406</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 17.

<sup>407</sup> COMPAGNON. *O trabalho da citação*, p. 11.

sendo possível falar em totalidade da memória, e, por extensão, na narração completa de si nas cartas, é que podemos perceber as cartas como fragmentos do *bios* que comportam fragmentos do sujeito que as escrevem. Recortamos e esquecemos para não sermos como o personagem borgiano que dá título ao conto “Funes, o memorioso”, no livro *Ficções* (1986):

[...] não havia jamais duvidado, mas cada reconstrução havia requerido um dia inteiro. Disse-me: Mais lembranças tenho eu do que todos os homens tiveram desde que o mundo é mundo. E também: Meus sonhos são como a vossa vigília. E também, até a aurora, Minha memória, senhor, é como despejadoro de lixos.<sup>408</sup>

Interesso-me por duas expressões utilizadas por Borges no trecho mencionado: “não havia jamais duvidado” e “minha memória é como despejadoro de lixo”. Ambas as expressões oferecem uma perspectiva da memória como despejadoro de momentos vividos e, dessa forma, fornecem subsídios para a discussão em torno do lembrar e do esquecer nas nossas cartas. Funes, após o acidente que lhe forneceu memória prodigiosa, passa a concebê-la como despejadoro em que os acontecimentos cotidianos são “jogados”.

O que chamou a minha atenção quando da primeira leitura, e ainda retém, é a incapacidade de Funes de pensar e articular sua bagagem memorial, pois para efetuar tais atividades é necessário o esquecimento, ou seja, o recorte, o que para a personagem é impossível, tendo em vista que para ele somente havia espaço para o tudo, para a totalidade. Nesse sentido, a palavra “lixo” utilizado por Funes, quando em diálogo com o narrador do conto e seu amigo, assume especial acepção ao corroborar a ideia de aglomeração e acumulação.

O “lixo” como empregado por Ireneo Funes (O memorioso) é impensável sem a concepção de despejadoro (vide a fala da personagem “*Minha memória, senhor, é*

---

<sup>408</sup> BORGES. *Ficções*, p. 94.

como despejador de lixo”). Depositar, jogar, é somente da parte do investimento, da atribuição, do ato de guardar, quando, na verdade, a memória comporta duplo movimento, o investimento e a retirada; dito de outra forma, proponho entender o jogo da memória entre Fernando e Clarice a partir da metáfora da viagem.

Se, a princípio, a memória aglutina lembranças (o ato de depositar), em outras palavras, o depósito assume para si a ida da lembrança, movimento inicial da viagem, então, o movimento da volta é a recordação e o que a possibilita é o recorte do esquecimento. Em posição contrária a do personagem do escritor argentino, retomo mais uma vez o *Cem anos de solidão*, que apesar de se valer também da palavra “lixo”, apresenta sua diferença quando passa a considerar implicitamente o papel do esquecimento:

[...] porque sua solidão havia selecionado as lembranças e incinerado as entorpecente montanhas de lixo nostálgico que a vida acumulara no seu coração e havia purificado, magnificado e eternizado as outras, as mais amargas.<sup>409</sup>

A nova acepção de “lixo” é pautado pela noção de resto e de rastro, traços que auxiliam na construção da memória, posto que “O resto é o que resta, e com isso pode-se ter tanto o arquivo quanto o lixo. De qualquer forma, os resquícios não se deixam apagar. O lixo é estruturalmente tão importante para o arquivo quanto o esquecimento para a lembrança”<sup>410</sup>. A ideia de resto e de rastro rompe com a memória como concebida pela personagem borgiano, o depósito de lixo, aquilo que é tido como dispensável e ao mesmo tempo corrobora a ideia de acúmulo.

Na escrita epistolar entre amigos, Fernando e Clarice se valem de tais traços na escrita de si. Quando escrevem para o outro, os amigos não somente narram episódios ocorridos em um passado recente, mas também remetem a acontecimentos

<sup>409</sup> MÁRQUEZ. *Cem anos de solidão*, sp.

<sup>410</sup> ASSMANN. *Espaços da recordação*, p. 27.

ocorridos em momentos anteriores ao início da amizade entre ambos. A carta, nesse caso, é, portanto, o liame entre o momento de escrita, o que se deseja narrar, o que de fato é narrado, e aquilo que remonta a um passado distante. Aquilo que sobra (o rastro) das lembranças é o que se transforma na recordação e é o que os amigos escrevem nas cartas, como a que Fernando escreveu em 10 de junho de 1946, quando havia saído do Rio e ido para Nova York:

Quando eu era menino, chupei uma vez tanta manga verde que fiquei doente de cama por três dias, faltei ao grupo, só vendo. Eu tinha um coelhinho chamado Pastoff. Um dia meu pai pegou o coelho e deu para um amigo, fiquei triste mesmo, chorei muito, papai foi muito mau. A coisa que mais gostava era no tempo de frio sair fumacinha da minha boca. Pipocas, Fernando! Clarice Lispector é uma coisa riscadinha sozinha num canto, esperando, esperando. Clarice Lispector só toma café com leite. Clarice Lispector saiu correndo no vento na chuva, molhou o vestido, perdeu o chapéu. Clarice Lispector sabe rir e chorar ao mesmo tempo, vocês já viram? Clarice Lispector é engraçada! Ela parece uma árvore. Todas as vezes que ela atravessa a rua bate uma ventania, um automóvel vem, passa por cima dela, e ela morre. Me escreva uma carta de sete páginas, Clarice.<sup>411</sup>

Sabino, na terceira carta trocada com a amiga, narra para Clarice o que pode ser entendida como uma carta de desabafo. Seu conteúdo é composto de fatos como: a ausência da escrita epistolar para a amiga, as notícias sobre as quais tem conhecimento do Brasil, e que dizem respeito a amigos em comum e as notícias de cunho político, a saudade de objetos e pessoas que ficaram no Brasil, as gafes cometidas devido ao trânsito de idiomas (Português – Inglês), o medo de não voltar mais para casa, a vontade de não mais mandar a carta despertada pela consciência de que esta demorará alguns dias até chegar às mãos de Clarice e a frustração causada pela vã procura da carta que Mario de Andrade escreveu para Clarice sobre o livro *Perto do coração selvagem* e que enviou para o Hotel Central, em Belém do Pará, pois havia sido informado de que Clarice estaria no hotel juntamente com o marido enquanto este cumpria missão diplomática antes de ir para Nápoles.

---

<sup>411</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 20.

Por fim, a carta de Fernando termina de forma nostálgica e ao mesmo tempo enigmática. Nostálgica porque narra alguns fatos ocorridos e que dizem respeito a uma época já longínqua, a infância, e que volta, tal como o espectro, suscitando no escritor a saudade desses momentos vividos. Sua nostalgia é fruto da saudade que “[...] é memória, consciência da essencial temporalidade do ser que não tem nem pode ter sobre si mesmo mais alta contemplação que a de si como passado em transe do futuro”<sup>412</sup>.

De fato, o escritor apresenta a consciência da temporalidade que transpassa seu discurso, os fatos ocorridos ao longo de sua vida, até o momento de escrita, comprovam a conduta de Sabino que a partir de sua atitude (escrever carta), revitaliza o passado e retoma-o novamente para o momento presente, com o propósito de estabelecer uma conversa com a amiga em que torna-se claro o contraste entre vivências (Brasil – Estados Unidos).

Os sentimentos de nostalgia e de saudade são despertados pela distância que o separava de sua casa no Brasil e o fazem, na tentativa de elaborar tais sentimentos, narrar momentos específicos de sua infância, como que para demonstrar a relação entre memórias “ruins” e desagradáveis com a distância que o separava de seu país de origem.

O processo de escrita empreendido por Fernando nesta carta, chamando uma atenção especial para o seu final, permite realizar algumas observações concernentes à memória. A primeira delas aponta para o que venho discutindo até então, o vínculo entre lembrança, recordação, escrita, recorte e esquecimento. Se, de acordo com a ideia de memória do conto “Funes, o memorioso”, a concepção de totalidade permeasse a carta de Fernando para a amiga, a missiva assumiria para si grande

---

<sup>412</sup> LOURENÇO. *Mitologia da saudade*, p. 52.

extensão devido aos fatos nela contidos e mesmo com todo o esforço empreendido já seria por antecipação uma jornada destinada ao fracasso.

A segunda observação que faço, consequência da primeira, é a confirmação da relevância do esquecer, visto que foi somente através dele que Fernando escreveu a carta. Ressalto não ignorar que nesse caso o esquecimento é pautado também pelo princípio da economia epistolar, a fim de que a carta não seja muito longa. Dessa forma, diante das observações feitas, considero que o encadeamento gradativo da memória e da escrita das cartas difere-se da proposta de conceito da memória de Funes.

A memória, como Funes a concebe, em outras palavras, a memória-total, é incapaz de participar do processo de *Lembrar, escrever, esquecer* ou “*Recordar, repetir e elaborar*”<sup>413</sup>, visto que tais processos trazem à tona a ambígua relação entre memória, esquecimento e lembrança através do questionamento: escrevemos para lembrar, escrevemos para esquecer ou para que, de alguma forma, alcancemos os dois?.

As indagações suscitadas quando pensamos e escrevemos sobre a relação entre escrever, esquecer e cartas, nascem a partir do momento em que reparo que o seguimento “Lembrar, escrever, esquecer” denota certa lógica crescente, tal como um processo, em que partimos de um ponto inicial que origina todos os outros e que

---

<sup>413</sup> Ambas as sequências mencionadas lembrar escrever, esquecer e recordar, repetir e elaborar rementem, respectivamente, ao livro *Lembrar, escrever, esquecer* (2006) de Jeanne Marie Gagnebin e ao texto “Recordar, repetir e elaborar” (1914) de Sigmund Freud, presente no volume 12 de suas obras completas (*O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* 1911-1913). A proposta de reflexão em torno dos títulos visa, em um primeiro momento, se deter nas relações desencadeadas pela sequência de palavras, por exemplo: no livro de Gagnebin subentende-se que o sequenciamento leva em consideração que um termo desencadeia o outro (a lembrança é o estofo da escrita, esta que é exercida para que assim possamos esquecer) e no ensaio de Freud a sucessão de palavras, dentro do contexto de discussão psicanalítico, requer que o sujeito analisado recorde aquilo que reprime, por conseguinte, a repetição irrompe como a resistência a recordação, já a elaboração é a resposta a análise, em outras palavras, constitui-se como resposta a aquilo que reprime. Em um segundo momento apresentarei, embasada nos títulos citados, a minha própria sequência em torno da temática memória – esquecimento – lembrança – recordação.

fornece ao sujeito uma sequência lógica a ser considerada. Sendo assim, seguindo a segmentação fornecida, pois daqui a pouco trataremos de revertê-la em outras sequências, percebemos que a mesma implica na origem do ato da escrita construída sobre a égide dos três pilares referidos.

A tríade é uma constante nas cartas de Fernando e Clarice, mas não necessariamente na ordem proposta por Gagnebin ou por Freud. Uma vez que várias cartas são exemplos singulares de sequências, e uma única missiva comporta as diversas ordens possíveis, os componentes da tríade transitam entre sentidos, como percebo na carta de 11 de março de 1959, de Washington, quando Clarice escreve para o amigo, após receber uma carta de sua parte, que “[...] sua carta foi mais que bem vinda. Nem se preocupe por não me escrever, eu tenho total dificuldade de escrever cartas que seria a última a não compreender”<sup>414</sup>.

O trecho da carta da escritora constrói um jogo de alternâncias com o esquecimento, quando digo alternância é por entender que Clarice, tal como Sabino já havia demonstrado também, tem consciência de que ao criar lacunas de ausências quando não escreve para o amigo acaba por esquecê-lo durante certos períodos. Mas a escritora procura reverter a situação ao explicitar o reconhecimento de sua “falha” temporal através da escrita epistolar, dessa forma, as cartas falam da lembrança do esquecimento.

A lembrança, estágio inicial da escrita, é a fonte que fornece a matéria primária do texto epistolar; pensemos, *grosso modo*, a lembrança como a matéria própria da memória e que é atravessada pela subjetividade do sujeito. De forma geral o cômputo lembrar, escrever, esquecer denota o sentido atribuído a escrita como “exorcismo”, ou

---

<sup>414</sup> LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 189.

seja, escrevemos para nos livrar de algo, para que, por fim, possamos esquecer (no sentido de “expulsar para fora da memória”).

Apesar de revestida de certo sentido a consideração não deixa de excluir outras ordens igualmente possíveis, isto é, não posso dizer que o processo lembrar, escrever, esquecer funcione tal qual a ordem proposta, muito embora tenha sua relevância dentro do contexto de discussão. Uma outra sequência, desta vez a que mais se aproxima do que penso em propor, considera a participação mais efetiva do esquecimento dentro da tríade, altera a posição de dois componentes e fornece a seguinte ordem: lembrar, esquecer, escrever.

A simples mudança de posicionamento das palavras em contraposição à sequência originalmente fornecida, *Lembrar, escrever, esquecer* acarreta a mudança na percepção do ato do esquecimento como “expulsão das lembranças da memória”. No que implica a transmutação das palavras? Culmina no desvio de perspectiva que de esquecimento como “expulsão” passa a reivindicar um papel mais expressivo. Tal expressão reside na consideração do esquecimento como participe da memória e não como seu antagonista, quando lembramos, esquecemos e escrevemos, estamos desempenhando o ato da escrita.

Recordando que o esquecer nunca é total, isto dentro do que concerne e se propõe a pensar as nossas cartas, passamos a vê-lo como aquilo que fornece o rastro, matéria que constitui a escrita. Se, em um primeiro momento, temos a lembrança como traço primordial, o esquecimento urge como o movimento do sequestro que visa roubar partes das lembranças deixando para trás as lacunas a serem preenchidas constantemente pelo amigo.

O “sequestro”, que ora Fernando ora Clarice efetuam, e dos quais ambos são vítimas, acarreta uma série de consequências, que se iniciam com a admissão de

culpa por parte do(a) faltante, passa pela procura por uma explicação e pelo desejo de não sofrer a falta que cometeu. Em 12 de junho de 1953 Fernando, respondendo a uma carta de Clarice de 22 de fevereiro daquele mesmo ano, procura expressar o incomodo consigo mesmo por não ter escrito para a amiga durante quatro meses:

Não lhe escrevi até hoje por absoluta falta de caráter. Se intenção valesse você estaria recebendo uma carta minha por dia. Até aqui tenho vivido só de intenções, nem todas boas, e com elas é que eu fazia meu inferozinho particular. Mas descobri isso em tempo e resolvi começar. Começo por esta carta. Não que me seja difícil escrever para você, pelo contrário, teríamos muito o que conversar. Mas conversar – o difícil é escrever.<sup>415</sup>

A estratégia utilizada por Fernando para se desculpar reside não somente na admissão de sua culpa, mas também contempla outros subterfúgios que visam atenuar a falta, uma delas diz respeito a intenção de escrever para Clarice uma carta por dia, o que desde o princípio se comprovou como intenção fracassada. No trecho citado, além das questões referentes ao “sequestro” das cartas, fica explícito que nem mesmo a escrita consegue resolver a distância que os segregava; o fracasso parcial da escrita reside na separação efetuada por Fernando entre conversar com a amiga e escrever para ela.

A conversa é a ação que mais aproxima os amigos, mas quando tal conversa se dá através de cartas, o ritmo é quebrado, de forma que o tom e as amenidades típicas do diálogo entre amigos não seja traduzidas para a escrita de cartas. Muito se perde no caminho traçado entre a conversa presencial e a escrita de cartas; a perda não somente é causada pela diferença entre os meios, presença e ausência, proximidade e distância, mas realçada pelo muito que se perde das lembranças (memória).

Com o sequestro de traços das lembranças inicia-se a prerrogativa de que o espaço da ausência incita que as recordações assumam contínuos novos contornos,

---

<sup>415</sup> SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 90.

o que, por sua vez, incide em pensar a memória como o campo da transitividade e da invenção calcados na vivência dos amigos.

A outra sequência de três passos, “Recordar, repetir e elaborar”, por seu caráter psicanalítico e por se tratar de um texto de autoria famosa, evoca necessariamente o diálogo para com Freud. Qual a relação que desencadeia os componentes da proposição? Ora, antes de refletir sobre a pergunta, é preciso considerarmos que a tríade está envolta pela questão da repetição, espectro que permeia a análise; vamos, portanto, procurar entendê-la mesmo que brevemente.

No texto, “Recordar, repetir e elaborar” (1916), Freud inicialmente propõe novas recomendações para a psicanálise, tal como apresentado pelo subtítulo “Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise”. Apesar do texto de Freud se desenvolver envolto no contexto psicanalítico, o que poderia suscitar o questionamento da relação entre o texto e as cartas dos escritores. Vale a pena meditar brevemente no escrito em si para que assim possa realizar minha leitura e perceber como os diálogos entre “Recordar, repetir e elaborar”, o livro de Gagnebin e as cartas de Fernando e Clarice são construídos.

Freud inicia “Recordar, repetir e elaborar” narrando o processo de análise de um paciente chamado Josef Breuer. Em um dado momento do processo terapêutico, quando o recurso utilizado técnico utilizado era a hipnose, tornou-se necessário abandoná-la, dessa forma, o desafio do analista era auxiliar o paciente a descobrir o que deixava de recordar, o que recalrava e que constituía a fonte de sua problemática.

Durante todo o processo de análise, de acordo com Freud, o paciente apresentará resistência para recordar; tal resistência se desenvolve através da repetição, conceito que Freud explicita da seguinte forma: “O repetir, [...] segundo a técnica mais recente, implica, por outro lado, evocar um fragmento da vida real; e, por

essa razão, não pode ser sempre inócuo e irrepreensível”<sup>416</sup>. A repetição como resistência ao tratamento psicanalítico torna-se uma barreira para o processo de recordação e, por extensão, uma dificuldade para a cura do sujeito. A proposta elaborada por Freud em torno da problemática trata de dar ao paciente o tempo necessário para que este conheça melhor a resistência que apresenta para que, enfim, consiga elaborá-la.

Apesar do texto de Freud focar a análise do sujeito e seu trauma, bem como a elaboração mental a fim da superação do problema, percebo traços de similaridade com o processo da memória e da escrita, assim como a relação com o esquecimento. O título, por demais significativo, “Recordar, repetir e elaborar”, evoca o trabalho da memória e da escrita no contexto das cartas, dessa forma, o título originalmente concebido a partir de uma concepção clínica e objetivando fornecer novas técnicas para a psicanálise avança seu contexto de origem e migra para o nebuloso terreno da escrita epistolar.

Por assim dizer, com a mudança do terreno de origem, a leitura efetuada igualmente se transforma. Quando considero, a exemplo da leitura efetuada do título do livro de Gagnebin, que a escrita, envolta no contexto da amizade *a – na* distância, se constrói a partir de algo já existente, como a recordação, então é a partir da recordação que todas as outras etapas se desenvolvem.

O papel da repetição no processo é realizado quando, nas cartas de Fernando e Clarice, os amigos tornam constantes e insistentes os pedidos para que um escreva para o outro e, sobretudo, quando em cartas posteriores explicitam a consciência de que o(a) amigo(a) deixou de escrever por algum tempo, isto é, que esqueceu. Já a

---

<sup>416</sup> FREUD. Recordar, repetir e elaborar, sp.

parte final do processo, elaborar, emerge para pensar a forma pela qual o(a) amigo(a) guarda em si ausência do outro.

A ausência além de estar inscrita nas cartas é impressa em um terreno mais eficaz, ou seja, é assinalada em território muito mais simbólico, em toda a força do emprego do termo, do que a folha de papel, a memória do amigo missivista. O fato da ausência do outro habitar o amigo demanda pensar na forma como esse amigo lida com a ausência o que, aliás, é feito de forma simples. A maneira pela qual o amigo elabora a ausência do outro é a partir da cobrança que o mesmo efetua por escrito nas cartas e sobre as quais já me debrucei anteriormente.

As semelhanças entre o texto de Freud e o livro de Jeanne Marie Gagnebin residem em elencar um processo, composto de estágios graduais, curiosamente ambos os títulos são compostos de três partes (a tríade), em outras palavras, três etapas. Fujo um pouco da tríade dos dois autores a fim de elencar a minha tétrade, a escolha em incluir mais uma categoria no processo é justificada, pois entendo que é necessário considerar o papel da recordação dentro da memória e que somente foi contemplada no texto de Freud.

Menciono também que o livro de Gagnebin suscita certo incomodo, muito embora, menciono, traga explicitamente em seu título o esquecer (*Lembrar, escrever, esquecer*). O incomodo diz respeito, como já indiquei, a um processo em que a escrita é vista como uma forma de “exorcizar” as lembranças do sujeito. Já o texto de Freud se atenta para a questão da recordação, embora tenha sido escrito no contexto da terapia e do trauma psicanalítico. O incômodo suscitado pelas considerações de Gagnebin, em torno do título de seu livro, poderiam encontrar uma resposta no conceito de elaboração tendo em vista que o mesmo é complemento do esquecer.

Como prometido e partindo do diálogo entre os dois títulos, *Lembrar, escrever, esquecer* (2006) e “Recordar, repetir e elaborar” (1914), elaboro a minha própria sequência não somente a partir da leitura efetuada dos textos supracitados, mas também a partir das cartas de Fernando e Clarice. “Recordar, elaborar, escrever [...]” é um processo que não somente abarca algo já apresentado pelos títulos anteriores, como adiciona um outro elemento, a invenção. Detenho-me em cada um dos elementos a fim de que possa justificar a presença de cada um.

A presença da palavra recordar assinala sua relevância, pois dentro de si abarca o sentido de recortar e, por conseguinte, esquecer, mesmo que esta última não apareça explicitamente sua presença se dá de forma implícita. Transcrevo novamente a palavra: recor(d/t)ar. Seu duplo sentido se atenta para a relação entre o recordar e o esquecer, pois “O objeto da recordação está marcado pelo esquecimento, e o esquecimento torna-se um aspecto indelével do recordar; a recordação traz em si vestígios do esquecimento”<sup>417</sup>.

Poderia utilizar, ao invés de recordação, a palavra lembrança, mas com certo prejuízo de sentido. A preferência por me valer do vocábulo recordar encontra respaldo no fato de que as recordações “[...] detonam o conflito entre o poder da memória e o poder do tempo, entre a tradição e a transformação [...]”<sup>418</sup>; é esse esmaecimento da relação temporal que desperta meu interesse e em como tal apagar de fronteiras temporais age dentro da construção da memória.

É a partir desse embate entre memória e o tempo que nasce a narração da vivência experimentada, ainda que como bem aponta Assmann: “A Recordação não é mais que um resquício tênue da experiência originária para a qual não há mais

---

<sup>417</sup> ASSMANN. *Espaços da recordação*, p. 107.

<sup>418</sup> LAGES. *João Guimarães Rosa e a saudade*, p. 169.

caminho de volta”<sup>419</sup>; portanto, a questão narrativa na recordação é uma outra parte importante do processo, apesar de não ser capaz de narrar a experiência primeira, a recordação abre espaço para as múltiplas experiências.

Entender a recordação como narração é fundamental para entendê-la como não repetição, isto é, a recordação não pode ser repetida porque cada narração, cada recordação, produz uma outra narração. Nunca trataremos do mesmo fato narrado tal como acontecido no momento da vivência primeira, até porque a percepção referente àquele momento vivenciado é particular *daquela* ocasião, ou seja, “A recordação não é reflexo passivo de reconstituição, mas ato produtivo de uma nova percepção”<sup>420</sup>.

Assim como as percepções nascem a partir das recordações, estas são também produtoras de novas outras percepções, atestando um processo em que não é possível delimitar precisamente o início. Recordar, como ato narrativo, envolve, para remeter ao texto freudiano, elaborar acontecimentos já passados. Para tanto é inevitável o diálogo com os espectros que habitam o *bios*, como bem apontou Assmann: “Por trás de toda magia embelezadora e tranquilizadora de recordação, está em ação um poder inabitual [*unheimlich*], que pode saltar de repente como um predador em emboscada e liberar uma legião de fantasmas”<sup>421</sup>.

Elaborar a recordação e o encontro com os múltiplos espectros, denominados por Assmann como legião de fantasmas é se valer do tratamento inventivo empregado pela memória. Diferentemente do contexto freudiano em que a elaboração é vista como forma de superação do trauma, o emprego do elaborar, utilizado por mim, é impensável sem a questão da invenção, e ambos fazem parte da narração. Inventar é antes uma forma de descobrir, urdir, tramar, conceber (afinal a invenção, como

---

<sup>419</sup> ASSMANN. *Espaços da recordação*, p. 113.

<sup>420</sup> ASSMANN. *Espaços da recordação*, p. 117.

<sup>421</sup> ASSMANN. *Espaços da recordação*, p. 105.

narração, não deixa de ser uma forma de concepção) do que, como aponta um outro sentido da palavra atribuído pelo dicionário, contar fatos “falsos”.

O resultado da elaboração e invenção, palavra que apesar de não aparecer na tríade “Recordar, elaborar, escrever [...]” está oculta e ao lado da elaboração, é nada mais do que a escrita. Muitos poderiam pensar que assim o processo se findaria, mas foi pensando nessa possibilidade que acrescentei a sequência o símbolo “[...]” que, aparentemente simples, induz o leitor a pensar em um aspecto que desejo distinguir dentre os demais: a infinitude e o incessante trabalho de narração da memória.

A consideração até aqui feita em torno das recordações como narrações é complementada pelo trabalho de Derrida em torno da memória, aliás, o filósofo tece suas considerações a partir do que propõe Freud em um outro trabalho, chamado “Uma Nota sobre o bloco mágico”, texto que possui determinadas similaridades com o ensaio que mencionei “Recordar, repetir e elaborar”.

A semelhança entre os dois ensaios está em que, de uma forma ou de outra, ambos tratam da memória. Se, no primeiro, o leitor chega a tal conclusão através da fala de Freud, quando este explica que a estrutura da memória se assemelha ao do aparelho bloco mágico, no segundo texto é induzido ao estabelecimento da relação através da exposição do processo recordar, repetir e elaborar na análise. Grosso modo a metáfora do bloco mágico, de acordo com Freud, provém da necessidade de procura de garantias para o funcionamento da memória. Conforme assinala o psicanalista:

Quando não confio em minha memória [...] posso suplementar e garantir seu funcionamento tomando nota por escrito. Nesse caso, a superfície sobre a qual essa nota é preservada, a caderneta ou folha de papel, é como se fosse uma parte materializada do meu aparelho mnêmico que, sob outros aspectos, levo invisível dentro de mim.<sup>422</sup>

---

<sup>422</sup> FREUD. Uma nota sobre o bloco mágico, sp.

Nesse sentido, como explícita Freud no início de seu ensaio, a escrita funciona como a extensão do aparelho mnêmico que garantirá seu funcionamento. A segurança proporcionada pela escrita vai ao encontro de noções já trabalhadas em momentos anteriores (II conjunto de cartas e nas primeiras páginas dessa carta) e aqui retomadas a fim de que pensemos a forma pela qual se constrói a relação entre memória e escrita. Até o presente momento nos detemos no vínculo concebido entre escrita e tempo, ou seja, entre escrita e permanência. Nos delongamos também no processo, iniciado na memória, transpassando a lembrança, a recordação o esquecimento e que culmina na escrita.

Freud se vale da desconfiança em torno da confiabilidade da memória a fim de discernir sobre as superfícies que comportam as notas escritas, cujos suportes, por exemplo, são as folhas de papel (as cartas dentre elas) e cadernetas. O psicanalista ressalta que ao se utilizar de tais meios torna-se apenas necessário lembrar o lugar de depósito dessas mesmas notas:

Tenho apenas de guardar em mente local pode essa 'memória' foi depositada e então posso 'reproduzir' a qualquer hora que quiser, com a certeza de que terá permanecido inalterada e assim escapado às possíveis deformações a que poderia estar sujeita em minha memória<sup>423</sup>

A inalteração de que fala Freud refere-se ao desejo de atingir a totalidade, desejo fracassado, através de noções como fidelidade ao acontecimento que impele a escrita, parte do desejo de reviver, e a reprodução daquilo que foi escrito por meio da leitura. Em contraponto à inalteração temos o seu reverso, mencionado sob o nome “deformação”, a subtração da forma, o desvio que faz perder a forma “original” e que possui um outro nome, o esquecimento. Deformar, como implicado na citação, é uma possibilidade da memória que “ameaça” a pretensão de inalteração do escrito, esquecer é deformar (tirar a forma da) a memória.

---

<sup>423</sup> FREUD. Uma nota sobre o bloco mágico, sp.

De acordo com Freud, quando o sujeito escolhe se valer de suportes como a folha de papel e blocos de anotações a fim de criar uma extensão de sua memória, fornecendo para si o traço permanente pela escrita, acaba por se deparar com uma barreira, a dizer:

A desvantagem desse procedimento é que a capacidade receptiva da superfície de escrita logo se exaure. A folha se preenche com escrita, nela não há lugar para quaisquer outras notas e me vejo obrigado a pôr em uso outra folha na qual não se tenha escrito.<sup>424</sup>

A problemática levantada pela explicação de Freud em torno do uso necessário de outros suportes de memória (escrita) é análoga à questão memorial sendo esta vista como folha a ser preenchida. A desvantagem apresentada por esse tipo de suporte, a folha de papel, encontra-se no fato de que após certo tempo pode não mais constituir objeto de interesse, e, por conseguinte, não haver mais a necessidade de “reter na memória”, ainda assim, os traços registrados na folha ali repousariam. Desse modo, acabaria por incorrer na concepção de memória acumulatória (total).

Um outro fator diz respeito ao fato de que preenchida uma folha, e caso houvesse algo mais a ser escrito, torna-se preciso utilizar outra folha de papel. Em vista disso, a questão central é a procura por um suporte que, diferente da folha, não impusesse a procura por mais um outro de si, e sim que apresentasse a habilidade de “Reter permanecendo capaz de receber”<sup>425</sup>.

O bloco mágico, por sua vez, apresenta-se como suporte (metáfora) diferente da folha de papel e da caderneta. Sua peculiaridade reside em fornecer “[...] não apenas uma superfície receptiva, utilizável repetidas vezes como uma lousa, mas também traços permanentes do que foi escrito como um bloco comum de papel [...]”<sup>426</sup>. A diferença entre a folha e o bloco mágico reside, como bem recorda Freud

---

<sup>424</sup> FREUD. Uma nota sobre o bloco mágico, sp.

<sup>425</sup> FREUD *apud* DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 189.

<sup>426</sup> FREUD. Uma nota sobre o bloco mágico, sp.

no ensaio, em que a primeira fornece um espaço limitado e que quando preenchida gera a necessidade de se utilizar outra folha, já o bloco não somente comporta o traço permanente, ou melhor seria dizer os traços, mas também apresenta uma superfície utilizável várias vezes, em contraponto a utilização do suporte da folha / caderneta.

Assim, o fato de possuir superfície com essa característica leva a pensar o bloco mágico (por extensão, a memória) como um palimpsesto, em outras palavras, quando algo é escrito no bloco e logo depois apagado, ainda assim são conservados vestígios daquilo que “habitara” no aparelho. A esses vestígios ali residentes são adicionados outros vestígios que são inscritos formando o tecido da memória.

Na esteira de Freud, Derrida, em seu livro *A escritura e a diferença* (1971), no capítulo denominado “Freud e a cena da escritura”, se debruça em torno da metáfora do bloco mágico. Na época, um utensílio que constituía novidade sobre o qual Freud se deteve para criar a analogia do objeto com a nossa estrutura mental, a memória. Em constante diálogo com o psicanalista, Derrida acrescenta que o diferencial de sua proposição reside na percepção da memória aliada a repetição: “A novidade essencial da minha teoria é portanto a afirmação de que a memória não está presente uma única vez, mas se repete, que ela é consignada em diferentes espécies de signos [...]”<sup>427</sup>.

O princípio da repetição, que aqui se faz presente, possui a singularidade proporcionada pela pulsão de vida, ou seja, o preceito da repetição é o desejo da permanência, o apelo pela (da) sobrevivida, noção cara à amizade e à morte, visto que “É certo que a vida se protege pela repetição, o traço, a diferença”<sup>428</sup>. A repetição calcada no preceito da diferença é uma repetição complementar que a cada volta traz um novo acréscimo, uma nova *diferença* para remeter ao termo citado por Derrida.

---

<sup>427</sup> DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 192.

<sup>428</sup> DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 188.

Tal repetição elencada é, ressaltado, impensável sem a noção da diferença, entendida como o exercício da elaboração narrativa. Tanto é indispensável que em “Freud e a cena da escritura” Jacques Derrida traz o termo repetição aliado à diferença. A proteção ofertada pela tríade, repetição, traço e diferença dialoga entre si e visa, assim como o processo de “Recordar, elaborar, escrever [...]”, constituir o conjunto da memória e da escrita.

O que pensar de uma repetição que destoa daquilo que conhecemos como a volta de um acontecimento tal como ocorrido em sua primeira vez, justamente por contrapor a percepção ao se valer da diferença como revitalizador? De antemão, já considero que mesmo a noção comumente aceita do ato rui ante a impossibilidade do empreendimento. Sobre a consideração de Derrida acerca da repetição da memória, Adriana Corner Lopes do Amaral, no capítulo “Sobre a memória em Jacques Derrida”, presente no livro *Em torno de Jacques Derrida* (2000), comenta que:

Jacques Derrida formula que cada instante é único e jamais será resgatado em seu inteiro teor e no máximo o que se conseguirá é rememorá-lo, repeti-lo [...], exatamente graças à memória, mas sempre o que se terá será uma mera reprodução, cópia que nunca será perfeita, e já sempre diferente, em diferença (sempre ficção e não a cena em si).<sup>429</sup>

Por uma infinidade de fatores, sobre os quais não vale a pena se delongar, os instantes que formam a memória são únicos por tomarem uma determinada forma quando do momento de acontecimento, forma esta já mutável segundos após sua primeira aparição. Por isso diz-se que os objetos, subentende-se as cartas, “[...] são dotados de memória e de forte marca do passado”<sup>430</sup>, os objetos, esses espaços da memória, carregam em si o entrecruzamento do que se chama passado, o recorte e a elaboração da vivência. A mutabilidade que acabei de mencionar somente reforça o caráter único das lembranças e das cartas que os amigos escrevem, visto que narram

---

<sup>429</sup> AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 38.

<sup>430</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 43.

(escrevem) aquilo que viveram após o trabalho de recorte da memória, convertendo cada lembrança particular em uma outra lembrança.

O instante é único, pois sua fuga se dá em um encadeamento maior de acontecimentos, cuja ordem não é passível de ocorrer mais de uma vez e o que impossibilita a ocorrência do fato é o exercício do esquecimento. A partir de sua consideração não mais será ignorado que o produto gerado pelo pós-esquecimento é diverso daquele instante que outrora inspirara retorno. A volta do instante, breve suspiro do recorte memorialístico, implica na constatação do movimento de roubo sofrido pelo vivido, roubo que é auxiliado pela diferença e pela relação presença e ausência, visto que “A memória, a escrita e até a fala são feitas de ausências”<sup>431</sup>.

Para pensarmos mais acerca da afirmação, retomemos a já mencionada sentença freudiana “Reter permanecendo capaz de receber” e que é intrínseca ao trato de Derrida sobre a memória. Como quer a proposição memorial, o tom de sua sentença é o da recordação, dito de outra forma, a memória primeiro recebe o impulso (o primeiro momento do decurso narrativo, a lembrança), elabora-o por meio de processos já vistos (recorte – esquecimento), mas em meio a toda essa operação permanece capaz de receber outros estímulos que auxiliarão na elaboração narrativa. O caminho entre reter e receber (Freud e Derrida) é o caminho da perda e do ganho e do fantasmático jogo da presença e da ausência, posto que há algo que se perde entre o que se recebe e o que de fato é retido.

De volta à questão do instante e de sua repetição, sua singularidade é a repetição diferencial, opção que sofre de certa redundância, admito, mas que ainda assim é preferível à manutenção da ilusão de se conseguir repetir *ipsis litteris*. O

---

<sup>431</sup> AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 34.

caminho representado pela palavra evoca o confronto da continuação (a referida pulsão de vida) calcado na amalgamada relação do presente ausente.

Entender o instante do *bios* como traço é reconhecer que o recorte (esquecer) da memória é uma fonte de múltiplas narrações elaboradas pelo espaço da ausência. O traço, sobrevivente do esquecimento, “[...] não é uma exploração pura que sempre se poderia recuperar como presença simples, é a diferença indiscernível e invisível entre as explorações”<sup>432</sup>.

Para Derrida, os traços da memória não são as explorações, mas sim o resultado inseparável do embate entre as explorações e devido a sua natureza. Como aponta o filósofo, invisível, o traço acaba por criar o espaço de sua inscrição na sua ausência, em outras palavras, “Os traços não produzem portanto o espaço da sua inscrição senão dando-se o período da sua desapareição”<sup>433</sup>. Deste modo, estar presente na ausência é a característica fundamental do traço e também a sua possibilidade de existência. Sua existência singular é novamente reiterada e complementada mais adiante por Derrida ao comentar que:

O traço é a desapareição de si, da sua própria presença, é constituído pela ameaça ou a angustia da sua desapareição irremediável, da desapareição da sua desapareição. Um traço indestrutível não é um traço, é uma presença plena, uma substancia imóvel e incorruptível, um filho de Deus, um sinal de parousia e não uma semente, isto é, um germe mortal.<sup>434</sup>

Como quer Derrida, a presença do traço é justamente sua desapareição e o indicio de sua fantasmática presença-ausência diz respeito a sua não indestrutibilidade, em outras palavras, sua presença nunca é plena, e há algo de si que sempre escapa ao alcance da memória; reside em tal lacuna a questão arquivística que permeou (e ainda permeia) Fernando e a mim.

---

<sup>432</sup> DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 185.

<sup>433</sup> DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 221.

<sup>434</sup> DERRIDA. *A escritura e a diferença*, p. 226.

Discutir a questão do traço no âmbito das cartas e da amizade dos escritores envolve considerar a escrita epistolar (carta) como os traços que fazem parte do *bios* e do arquivo de Fernando e Clarice, sendo que mesmo as cartas não contemplam a totalidade de um único dia sobre o qual os amigos discorrem.

O conceito de esboço torna-se, portanto, a alternativa para pensarmos as cartas como constitutivas de traços, pois se considerarmos, tal como afirmei, que as cartas não contemplam a “totalidade” e, sobretudo, que os traços estão presentes mesmo que ausentes, os esboços são as proposições que mais se inclinam às considerações fantasmáticas do traço e de narrativas em construção. Reforça a proposição, a forma pela qual os traços sinalizam sua presença, visto que: “Traços marcam sua presença com uma ausência, a ausência do que já passou e com isso inauguram sempre, a toda hora, uma nova origem, em um presente que se renova a cada instante”<sup>435</sup>.

A consideração de Adriana Corner Lopes do Amaral, permeada pela fala de Jacques Derrida, leva-me a refletir a carta como um texto a ser pensado no formato da ausência, isto porque traz em si diversas formas de ausência, sendo a do amigo a primeira com a qual me deparo, uma outra possibilidade aponta para a ausência de si atravessada pela ação (falta) do outro, entendida como o movimento de retração da postagem epistolar acarretando em um período de ausência até a próxima carta ser escrita por um dos amigos.

Mas pensar a dupla ausência é de pouca valia, ainda que seja intrínseca ao relacionamento epistolar, sem considerar sua contrapartida, a dizer, sua presença. As missivas são também textos a serem pensados no formato da presença, à medida em que transportam o outro para perto do(a) amigo(a). A ambígua natureza das cartas de

---

<sup>435</sup> AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 31.

Fernando e Clarice atesta que o relacionamento fomentado entre os amigos ao longo dos anos em que trocaram cartas foi assombrado, na melhor acepção do termo, pelo espectro *presença-na-ausência* e em muitos momentos pela *ausência-na-presença* quando a carta não assumia o formato (o tom) que o(a) amigo(a) desejava imprimir ao texto.

De qualquer modo a ausência foi e ainda é elemento relevante dentro da amizade, seja pelo intrincado jogo desenvolvido entre 1946 até 1969 ou pelos contornos agora assumidos, ainda mais fantasmáticos do que antes. O que acaba tornando a despedida como ato sempre renovado pelo pacto da escrita epistolar, viabilizado pela amizade. A permanente abertura de certo ritual (despedida), quando a conduta corriqueira indica tratar de algo permanente, atribui aos que virão (leitores) a responsabilidade de renovar as cartas trocadas.

Amigos, encerro por hora,

Esperem carta minha pra daqui a pouco,

Até a próxima,

Da amiga que só faz pensar em vocês,

*Francine parla de Golles junho 1969*

Carta X<sup>436</sup> - A cerimônia do adeus

Campo Grande – MS, 11 julho de 2016

O que é, exatamente, uma cerimônia?

DERRIDA. *Paixões*, p. 09.

Os fantasmas, porque convocamos sempre os fantasmas quando escrevemos cartas?

DERRIDA. *Cartão-postal*, p. 43.

Fernando e Clarice, amigos queridos,

Escrever, como propõe Derrida em *O cartão-postal*, é uma bruxaria epistolar isto porque a escrever cartas pressupõe que o remetente sempre se dirija a um outro alguém, não se tornando essencial que o outro a receba, a exemplo da carta escrita por Franz Kafka para seu pai, Hermann Kafka, e nunca remetida para este, ao contrário do que impõem outras forma de escritas.

Nesse sentido a carta é uma forma de diálogo mais para consigo mesmo do que para o outro, é claro que as outras variações das cartas, como a “carta aberta”, carta comercial, “carta do leitor”, mostram uma outra via, mas como não retenho meu foco nelas não preciso arcar com a responsabilidade de destrinchá-las.

Replico o questionamento de Derrida com Derrida, sem, necessariamente, incorrer no *perigo* da resposta: “*Cerimônia* seria provavelmente a palavra mais certa e mais rica para reunir todas as características do evento”<sup>437</sup>. A utilização da palavra cerimônia, a fim de discorrer acerca da despedida e em todas as práticas

---

<sup>436</sup>Um dos dois anexos referente ao presente subtítulo é o de número 15, denominado “Carta ao orientador”. Escrevo tal carta, endereçada ao orientador Prof. Drº. Edgar César Nolasco, como um gesto de despedida, haja visto o encerramento de um ciclo cuja figura por ele representada (orientador) foi preponderante. O outro anexo é o de número 08, “Recado do orientador para aluna no fim de 2010, a qual reverte a mensagem para o remetente de origem”, e sua presença se justifica a medida em que a mensagem escrita em 2010 torna-se a minha despedida, nesse sentido, fazendo jus ao título do anexo, a mensagem é revertida.

<sup>437</sup> DERRIDA. *Paixões*, p. 09.

comportadas, faz referência explícita ao texto *Adeus a Emmanuel Lévinas* (1997), de Jacques Derrida.

Dessa vez, não somente a relação da amizade com a morte se faz presente, mote principal do texto do filósofo franco-argelino, mas também torna-se relevante refletir, em uma outra frente filosófica, a dos fragmentos do adeus inseridos em cada uma das cartas, que são complementados pelo adeus empreendido por Fernando quando da morte da amiga. Estamos falando, portanto, dos constantes *adeuses* encenados ao longo da relação de amizade.

Iniciemos a reflexão a partir da segunda afirmação de Derrida aqui transposta do seu livro *Paixões*. Por que a palavra cerimônia seria a designação mais adequada para pensarmos as cartas e as despedidas? Ela é a mais adequada? Seria “adequada” por que cada carta comporta o fragmento de uma despedida?

Pois bem, em relação aos dois primeiros questionamentos, consideremos que a palavra parece acarretar a sucessão de ações, de etapas a fim de que algo fosse completo, em outras palavras, a cerimônia traz implícita a ideia de gradação, nesse sentido, é a palavra que mais se aproxima da relação epistolar entre amigos. Já em relação à última questão, é exigido que consideremos a amizade construída através das cartas, amizade esta que é um constante construto e, por conseguinte, demanda, por parte dos amigos, a consciência da separação e as necessárias despedidas

Mas interessa-me, sobretudo, refletir sobre o que a língua portuguesa nos fala da despedida e em como compreende o adeus. A presença de um tal gesto é massiva em manifestações culturais das mais diversas, basta apenas que recordemo-nos de músicas (“Não aprendi dizer adeus” cantada por Roberto Carlos) e do campo das letras, e também filosófico, o exemplo mais próximo é o já mencionado *Adeus a Emmanuel Lévinas*, para que tenhamos noção de como o adeus permeia o *bios* e

atinge outras esferas além das já citadas. Ressalto que apesar da reflexão do adeus partir do texto de Derrida, é imprescindível mencionar que em língua francesa a palavra pode designar três sentidos:

[...] 1. A saudação ou a benção dada (antes de toda a linguagem constativa, “adeus” pode também significar “bom dia”, “vejo você”, “vejo que você está aí”, falo com você antes de dizer qualquer coisa – e em francês, ocorre que em alguns lugares, se diz *adeus* no momento de encontro e não no da separação). 2. A saudação ou a benção dada no momento de se separar, e de se deixar por vezes para sempre (e não se pode jamais excluir essa possibilidade): sem retorno aqui em baixo, no momento da morte. 3. O a-deus (*à-dieu*), o para Deus ou o diante de Deus antes de tudo e em toda relação com o outro, em qualquer outro adeus. Toda relação com o outro seria, antes e depois de tudo, um adeus.<sup>438</sup>

O interessante contraste fomentado pela diferença de acepções do termo em ambas as línguas, português e francês, possibilita perceber que o adeus da língua portuguesa difere-se do adeus francês ao excluir a possibilidade de significação como gesto realizado no momento de encontro e não por ocasião da despedida.

A diferenciação linguística requer considerar o imaginário de cada língua que cerca a palavra. Como nós, falantes do português, a recebemos e percebemos aliamos a palavra a despedida, ao momento de separação, ao contrário do francês que admite o exercício do vocábulo no momento de encontro entre as pessoas.

O contraste gerado pela diversidade de ideias, o encontro e a despedida (separação), transforma o adeus uma espécie de movimento simulado (na acepção do termo atribuída por Fernando Sabino), em outras palavras, um falso movimento, pois se o adeus visa a separação é porque, ao fim de sua desenvoltura, retoma o caminho do encontro. A definição proposta pelo dicionário aponta o adeus como palavra que designa despedida e que acarreta separação, podendo esta ser longa ou definitiva, além de expressar saudade de algo ou de alguém que foi “perdido” e que não mais retornará.

---

<sup>438</sup> DERRIDA. *Adeus a Emmanuel Lévinas*, p. 15.

O adeus é finitude, portanto o reconhecimento do fim da convivência, temporário ou não. O gesto é a admissão de uma exterioridade que abarca o outro (amigo), mas é igualmente a despedida de si. Curioso, não? Pois de forma geral a despedida é entendida como intrínseca à relação com o outro e não comigo quando na verdade o gesto é uma mescla de ambas, tanto está envolta na relação de separação com o outro, quanto envolve aquela parte de si que se identifica com o outro “objeto” da despedida.

Penso o sentido da palavra adeus de modo mais aproximado para com o campo da amizade e das cartas de forma que, para tanto, considero que o amigo que faz o gesto de despedida (adeus), o faz de acordo com determinadas intenções, como se afastar do outro a fim de poder lê-lo, percebê-lo melhor através da distância, ou seja, a consideração acerca do adeus acaba por se valer da boa-distância para forjar seu lócus de enunciação, pois o adeus quer se pronunciar no espaço da ausência criada pelo afastamento.

Cabe, no momento, adicionar mais um fato que torna a questão do “adeus” ainda mais intrincada, refiro-me a “despedida” empreendida por Fernando quando da morte da amiga. Proponho pensar que nem mesmo nesse momento devemos acolher o “adeus” (despedida [expulsão] a longo prazo ou eterna). Com certa desconfiança ponderemos que se a morte significa o fim bio-lógico, lembremos que a sobrevivência dos amigos convoca os espectros novamente a amizade. De acordo com o raciocínio apresentado é que falamos, na esteira de Derrida em *Cartão-postal*, na bruxaria epistolar.

A separação, implicada no gesto de adeus, ao se valer da boa distância, é o sintoma que se soma à despedida e que entrevê a falha deste último, posto que o adeus caminha entre o dizível e o indizível. A sua fala, através da concretização

verbal, acaba por suscitar o incômodo devido à estranheza de sua ambiguidade, como bem menciona Derrida: “[...] ‘adeus’ é uma palavra tão estranha para mim (não reconheço nela nenhuma língua, o tom me é insuportável, ele veste a sua insignificância absoluta com uma batina diante da qual eu faria sobretudo sinais de conjuração...)”<sup>439</sup>.

O seu estar em “entrecaminhos” fomenta o questionamento sobre se existirá uma despedida que seja completa. Podemos responder que não, não existirá, pois a “despedida completa” ignora a falha da linguagem que acaba por se reverter em um espaço de reflexão em que o que está em jogo é a percepção do papel de uma tal “falha” na amizade epistolar, posto que quando não mais conseguimos falar no momento de despedida, no momento em que nem mesmo a palavra adeus consegue ser a expressão do vivido, o silêncio movimenta-se em seu trabalho.

O silêncio ao qual me refiro é fruto de uma ferida criada pela “falha” de expressão da linguagem. A fissura criada pela lacuna é indicativa de uma relevante questão: a transferência, assunto sobre o qual me detive rapidamente no nosso primeiro conjunto de cartas.

Podemos, e de fato, devemos dizer que a ferida mencionada acima é a consequência do mal de arquivo, haja vista que o processo de (des)arquivar já implica por si só na ânsia da busca do sujeito em dobrar a incapacidade de alçar a totalidade. Mas trata-se também de uma ferida nascida do afeto, subentende-se do amor, que possui seus percalços mas que estes se convertem nas próprias ferramentas da busca, dessa forma penso que: “Assim é a ferida de amor: uma abertura que não chega nunca a se fechar, e de onde o sujeito escorre, constituindo-se nesse seu próprio desaguar”<sup>440</sup>.

---

<sup>439</sup> DERRIDA. *Cartão-postal*, p. 262.

<sup>440</sup> NASCIMENTO. *Vínculos e gavinhas*, p. 117.

Transferência é uma forma de atribuição, mas de quem para quem e do que?. O ato possui contornos de semelhança a conduta epistolar e com isso quero dizer que para que a transferência aconteça é necessário um “remetente” e um “destinatário”, mas nesse preciso ponto é que as dúvidas emergem, quem ocupa tais lugares?.

O questionamento me leva a considerar que a problemática em torno dos “lugares ocupados” deve já a princípio ser refutada, posto que pressupõe que os lugares são permanentes. Uma saída está em pensar na mobilidade e transformação como alternativas que atendem a perspectiva de mudança que a “transferência epistolar” requer.

Pensemos de modo não linear, isto é, vamos juntos, meu queridos amigos, inverter a ordem das coisas, ordem está estabelecida por uma forma de pensamento hegemônica e que necessita ser descolonizada. Pensar não linearmente, a moda de Borges em “Kafka e seus precursores”, é necessário se o que queremos é buscar os sentidos por trás da expressão “transferência epistolar”.

Nesse preciso momento, refiro-me as circunstâncias da escrita, sou aquela que ocupa o lugar de remetente, pois escrevo endereçando a carta para vocês, Fernando e Clarice que, por conseguinte, acabam ocupando o lugar de destinatários, ou se quiserem, o lugar de “objeto” na língua da transferência. Apesar de escrever endereçando o produto da escrita para pessoas em específico, outros igualmente ocupam a posição de destinatários, os futuros leitores.

Quando da época em que trocaram cartas, 1946 até 1969, os lugares ocupados eram mais rígidos, visto que a relação de amizade não era nutrida com a participação efetiva da pesquisadora. Portanto, as posições de remetente e destinatários eram ocupados e intercalados entre os escritores. Ora Clarice era a remetente e destinatária, ora era Fernando quem o era.

A mobilidade das fronteiras que demarcam os lugares é o que permite o olhar atemporal, ou seja, alinear. Não atribuir papel permanente (remetente / destinatário) para nenhum dos que participam da transferência epistolar é considerar que podemos ocupar as várias posições implicadas no processo interminável de escrita e por isso mesmo *transcendemos* a concepção de caminho único.

Diante da abertura oferecida pela despedida, espero e desejo que nos acompanhem mutuamente como tem acontecido ao longo de quase seis anos de convívio. No campo da amizade, terreno pedregoso em que fui (e sou) tanto remetente quanto destinatária, vivi a leitura das cartas como aquilo que está mais próximo, o que me cerca e ronda, em suma, os espectros que me perseguem. Deles não quero me livrar, muito menos me despedir de acordo com o sentido corriqueiro do termo...

Meus queridos,

Espero encontrá-los em algum outro momento da minha vida,

Da amiga que os ama e que provou esse amor 319 vezes,

*Francine parla de Golles sunha sejas*

P.S: Por favor, não se esqueçam de mim somente porque esta é a última carta



**EPÍLOGO<sup>441</sup>**

**“SEGURA A MINHA MÃO NA NOITE ESCURA DA MINHA VIDA”<sup>442</sup>**

Sufrimento não é caminho, sofrimento como caminho só se pode falar no passado, dizendo sofrimento foi caminho, só se torna “caminho” se levou a alguma coisa.

LISPECTOR. *Cartas perto do coração*, p. 182.

---

<sup>441</sup> A palavra epílogo aparece em sentido semelhante ao uso empregado pelo prólogo na introdução. Epílogo é um termo utilizado ao final das obras literárias geralmente para indicar o destino das personagens. No sentido que emprego não deixa de corresponder a acepção original, mas também considera o contexto de escrita (academia). Em outras palavras, o meu “**EPÍLOGO**” informará aos leitores o (des)caminhos das personagens que compõem essas páginas.

<sup>442</sup> Peço para que o leitor volte ao início da dissertação, mais precisamente na página em que consta o conto “Missivas que faltaram em *Cartas perto do coração*”. Perceberá que a última frase do primeiro trecho do texto aqui aparece novamente. Sua reaparição encontra significado, pois implica na prática empreendida para a escrita dessa dissertação, em outras palavras, quero dizer que o ato de escrita é acompanhado de muitos amigos-espectros.

Campo Grande – MS, 26 de junho de 2016

É enfim o momento de separação dos amigos, dos amigos que se tornaram amigos, e a conotação testamentária não está ausente.

DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 63.

Vou ao seu encontro, é tudo o que sei em mim, mas também que não encontrarei nunca, que nunca você chegará a mim: é isso, você percebe, que já me aconteceu e do que posso apenas me sufocar ao levar em conta. Você passou, você não é uma passante, mas o rastro [*la pasée*] que esperarei sempre.

DERRIDA. *O cartão-postal*, p. 273.

Amigos queridos,

Percorri um longo caminho, a moda do “Jardim dos caminhos que se bifurcam” outro excelente conto de Jorge Luis Borges, mas sempre acompanhada dos amigos cujas presenças não necessariamente eram literais, como vocês por exemplo. Escrever uma conclusão tal como um epílogo exige certa concepção romanesca e igual perspectiva literária da situação, não sei se as tenho como qualidades apuradas, acredito que, no máximo, começam a despontar o que não impede de um dia utilizá-las com certa maestria. Tais característica em nada me ajudariam caso excluísse do diálogo a intersubjetividade tão relevante para o processo de escrita como bem pontua Boaventura de Sousa Santos quando considera que: “Uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam”<sup>443</sup>.

Antes de apontar o destino das personagens desta narrativa, deste conjunto de cartas, preciso elencar quem são. Ora, me parece claro que um dos destinos me pertence, pois sou parte integrante do círculo de amigos, outras personagens de igual relevância são Fernando e Clarice, visto que motivaram todo o processo de escrita e também não posso esquecer dos outros amigos que prestaram precioso auxílio, os

---

<sup>443</sup> SANTOS. O lugar e o cotidiano, p. 586.

quais são em muitos para serem devidamente mencionados e agradecidos. Menciono, com especial carinho o amigo que dentre conselhos e palpites ajudou a fornecer o título da conclusão, por si só já bastante simbólico.

O título da conclusão “SEGURA A MINHA MÃO NA NOITE ESCURA DA MINHA VIDA” remete o leitor ao início deste conjunto de cartas, em que nas primeiras páginas consta o conto cujo final a citada frase aparece. Sua relevância está em, através da referência ao livro de Clarice, *A maçã no escuro* (1961), indicar a amizade como o pilar sob o qual a escrita emerge metaforizada pela expressão “Noite escura”. Assim, a amizade funciona como o farol na “noite escura da escr(v)it(d)a”, para remeter a expressão de Mário de Andrade quando escrevia a Guilherme Figueiredo, “Ao sol carta é farol”, isto é, a amizade, como aqui pensada, é um indicador de direção.

Esse foi o tom que procurei empregar ao longo das cartas, o de “*destinerrância*”, aliado a outras noções que guiaram a escrita, como a de (des)encontro, de Fernando Sabino. A *destinerrância*, termo concebido por Derrida, origina-se da problemática do destino (endereçamento), afinal, dadas as circunstâncias da escrita que envolvem a conversa com os espectros, indago: Para quem escrevo? Qual o destino?. Pelo menos sei que, independente de saber precisar literalmente para quem escrevo, as cartas: “[...] impõem a necessidade de se recompor diálogos mais completos para relatar, através da montagem da correspondência recíproca, ou de instâncias passivas, as múltiplas facetas da amizade”<sup>444</sup>.

A dúvida gerada pela indagação é realçada pela condição de viajante dos amigos – escritores. Condição esta experimentada que realça a natureza fragmentada das cartas. Este vagar a que as cartas submetem-se, tanto as escritas pelos escritores quanto as aqui reunidas, assumem para si o compromisso, a guisa da fala de Derrida

---

<sup>444</sup> SOUZA. A dona ausente, p. 16.

em *Políticas da amizade*, da eterna procura e da ida, movimento inicial de cada viagem.

Apesar de se tratar da parte final de um trabalho, como indica a nomenclatura “Conclusão=Epílogo”, é necessário lembrar ao leitor que se atente para a primeira epígrafe, cuja presença não é fruto do mero acaso. A epígrafe retirada do livro *Políticas da amizade* (2003) de Jacques Derrida, funciona como o lembrete de que a conversa aqui iniciada não está encerrada, apesar das aparências indicarem o contrário. Pois foi pretendendo desvincular a expressão “conclusão” do sentido de acabar, final, encerramento, que ao seu lado consta a palavra “epílogo”.

O leitor atento certamente já relacionou o jogo de sentido criado entre as duas palavras e o vínculo com a fala de Derrida e o título da conclusão. Mas, esclareço que por trás desta tessitura está a questão da destinação, assunto pertinente a esfera epistolar. A destinação vem a ser o encontro, entendido como o encerramento, o fim da viagem epistolar, o alcance do destino pretendido, por isso, nos atentemos mais precisamente ao termo, desti-nação (seria possível pensarmos algo do tipo: destino na ação? Pelo menos considero que a palavra nos permite esse tipo de “jogo”).

Apesar de entender que Fernando e Clarice, de uma forma literal, sempre voltavam ao Brasil, o que, aparentemente corrobora a noção de fim, defendo que, em um nível mais profundo, a viagem feita é aquela que conhece somente a ida e que atende pelo nome de amizade. Eis o verdadeiro (des)encontro, o terreno do aberto, da experimentação, como bem propõe o filósofo espanhol Francisco Ortega.

Nesse sentido, a segunda epígrafe, também tomada de empréstimo de Derrida, esclarece uma questão tão íntima e que encontra no *Mal de arquivo* (DERRIDA, 2001) a dualidade (arquivar – desarquivar) necessária que melhor encampa a destinerrância. Ao demonstrar a consciência de que o “(des)encontro” é uma prática

aberta a experimentação de si e do outro, entendemos melhor como a carta foi utilizada como o recurso que proporciona o encontro dos amigos visando a própria reelaboração, a fim de que voltassem a se encontrar, mas nunca repetindo a si mesmos.

A carta, meus amigos, foi, durante o processo de escrita, o vínculo que nos uniu, não por acaso foi que escrevi os capítulos em forma de missivas. No primeiro conjunto de cartas, escritas entre dezembro de 2014 a outubro de 2015, a carta foi o veículo de comunicação que nos possibilitou conversar sobre determinados assuntos que formaram o vínculo inicial e deram o “tom” da conversa.

Discutimos sobre amizade e suas concepções e chegamos conclusão de que o modelo fraternal não era o mais benéfico para se pensar as diferenças, justamente porque se pautava em uma espécie de alteridade que era mais a busca por si mesmo, excluindo qualquer forma de conversa com o outro enquanto representante da diferença. Se fossemos nos pautar pelo modelo fraternal (a fatriarquia) a nossa amizade seria impossível visto que dos três componentes dois estão mortos, falo, portanto de uma amizade para além do princípio literal de vida/morte

No segundo conjunto de cartas, escritas entre o período de março a outubro de 2015, procurei (des)arquivar o conjunto de cartas que compõem o *Cartas perto do coração* (2011), isto porque visava enriquecer as leituras possíveis de nossas cartas. Mas, ao passo em que (des)arquivava adquiri a consciência de que se tornava cada mais relevante nos termos no que escolhi chamar de tríplice amizade, o que, posteriormente, foi modificado para dar espaço aos amigos outros.

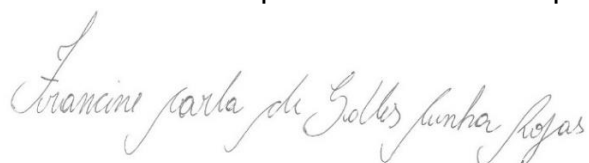
É a partir dessa amizade que me deparei com outro itens interessantes que vão desde a única fotografia que reúne vocês, Fernando e Clarice, e é claro não pude me frutar ao diálogo diante da especificidade do material, a partir do qual procurei

elaborar a consideração de que a imagem é também construída pela ótica do terceiro, aquele que olha.

Uma outra forma de constatar que a conversa entre amigos é profícua foi me deter na entrevista que Clarice fez com o amigo sob o simbólico título “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”. As várias conversas que tivemos durante esse conjunto de cartas nos serviu para perceber que a participação dos amigos é necessária se o que pretendermos foro revitalizar a nossa herança

Por fim, no último conjunto de cartas, as quais foram escritas entre janeiro a julho de 2016, e por se tratar das últimas cartas escritas, julguei necessário tratar de questões como saudade, lembrança e esquecimento e a despedida. Se a primeira funciona como o corpo que abriga as outras duas questões e também como a constatação da presença-na-ausência do amigos, a segunda é componente basilar visto que possibilita assegurar a lembrança de si para e no outro, por último, mas não menos importante, tratei da palavras adeus, como parte integrante da despedida, por entender que possui uma acepção diferente da qual comumente entendemos, isto é, entendo o adeus como gesto de aproximação e não como separação.

Aos amigos,  
Com a máxima expressão de carinho que a escrita me permite expressar,



FIM (?)<sup>445</sup>

---

<sup>445</sup> A última nota de rodapé é bem “travessa”, no sentido de que em si carrega uma ideia recém “plantada” e que desponta como a continuação (de certa forma podemos encarar assim) ao mesmo tempo como algo novo por si só. Sua “travessura” reside no fato de que de daqui a algum tempo, não sei bem precisar quanto, pretendo me deter, no próxima etapa (doutorado), nas cartas escritas por Fernando Sabino e que, pelo menos as publicadas, estão nos seguintes livros: *Cartas a um jovem escritor* (1981) e sua edição posterior *Cartas a um jovem escritor e suas respostas* (2003), livros que reúnem as cartas de Fernando e de Mário de Andrade, *Cartas perto do coração* (2011), esse já nos é um velho conhecido, e *Cartas na mesa* (2002), livro que reúne as cartas de Sabino com os amigos Otto



E como se confecciona uma bibliografia? Ela é o catálogo dos textos lidos pelo autor enquanto o projeto atual de escrita o conduz, logo, necessariamente limitada e incompleta. Até onde ir na revisão de suas leituras? Devesse acrescentar os jornais, os romances policiais? Como distinguir aquilo que foi útil, aquilo que surgiu ao acaso? E por que não os filmes? E as conversas? E as velhas leituras, as da infância, que me fazem ainda sonhar? Uma bibliografia verídica, sincera e exaustiva é tão impossível quanto uma confissão verdadeira. Há na bibliografia um problema patente que leva o autor a precauções quando a qualifica de "sumária: como se se desculpasse da falta de alguma coisa. Seria necessário interrompê-la, como à confissão de seus pecados, pela invocação de uma circunstância atenuante para o esquecimento, e esquece-se aquilo que se quer. É por isso que o mais simples, para resolver o problema, e oferecer, mesmo assim, um repertório ao leitor potencial, é seduzi-lo com uma "lista de obras citadas"; e é nisso que consiste, muitas vezes, a bibliografia, declarada ou não como tal. Então, tudo se torna simples: citações e bibliografia se remetem mutuamente: as primeiras atestam que a outra foi realmente percorrida; e a segunda mostra que, afinal, foi composta como um inventário da primeira.

COMPAGNON. *O trabalho da citação*, p. 113 – 114.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **Do corpus da pesquisa**

LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

### **Sobre o corpus da pesquisa**

DUTRAS, Cristina G. F. de S. *Vida e literatura nas cartas de Sabino, Mário e Clarice*. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FREITAS, Karine A. dos S. *CARTA, LIÇÃO E ENCENAÇÃO EM CLARICE LISPECTOR*. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Estudos de Literatura, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

ROJAS, Francine. C. S. C.; NOLASCO, Edgar C. . Entre Cartas - a amizade (literária) entre Fernando Sabino e Clarice Lispector. *Rascunhos Culturais*, v. 2, p. 213-224, 2011.

ROJAS, F. C. S. C. ; NOLASCO, Edgar C. Cartas de um amigo: a amizade entre Fernando Sabino e Clarice Lispector. In: Edgar César Nolasco. (Org.). *O objeto do*

*desejo em tempo de pesquisa: projetos críticos na pós-graduação III*. 3ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, v. 3, p. 53-60.

ROJAS, F. C. S. C. ; NOLASCO, Edgar C. . Cartas, um lugar de tríplice amizade. In: V Seminário Internacional América Platina: fronteiras de diversidade, resistência e rupturas, 2014, Dourados. V Seminário Internacional América Platina: fronteiras de diversidade, resistência e rupturas, 2014, p. 01 - 14.

ROJAS, F. C. S. C. ; NOLASCO, Edgar César . O EPITÁFIO SOBRE A AMIZADE. In: V Encontro de Estudos Literários da UEMS: Questões em torno do marginal: entre a tradição e a inovação, 2014, Campo Grande. ANAIS DO V EEL. Campo Grande: UEMS, 2014. v. 05. p. 83-88.

ROJAS, F. C. S. C. ; NOLASCO, Edgar César . Amizade e cartas perto do coração: as correspondências de Fernando Sabino e Clarice Lispector. In: III Colóquio do NECC: Entrelugares Pós-coloniais, 2014, campo grande. Anais: III Colóquio do NECC: Entrelugares pós-coloniais. Campo grande: UFMS, 2014. v. 1. p. 01-11.

ROJAS, F. C. S. C. ; NOLASCO, Edgar César . A CARTA E O ESPAÇO BIOGRÁFICO EM CARTAS PERTO DO CORAÇÃO. In: II Colóquio do NECC: Cultura contemporânea, linguagens e paisagens, 2012, Campo Grande. II Colóquio do NECC: Cultura contemporânea, linguagens, imagens e paisagens. Campo Grande: Editora UFMS, 2012. v. 1. p. 1-7.

ROJAS, F. C. S. C. ; NOLASCO, Edgar César . SABINO E LISPECTOR: MOVIMENTOS SIMULADOS. In: VI Congresso Nacional de Estudos Linguísticos e Literários de Mato Grosso do Sul - CNELLMS IV Encontro de Pesquisa na Pós-Graduação de Letras - EPPGL VII Encontro de Pesquisa na Graduação de Letras - EPGL, 2011, Dourados. VI Congresso Nacional de Estudos Linguísticos e Literários de Mato Grosso do Sul - CNELLMS IV Encontro de Pesquisa na Pós-Graduação de Letras - EPPGL VII Encontro de Pesquisa na Graduação de Letras - EPGL, 2011. v. 1. p. 01- 07.

### **Produção de Clarice Lispector**

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1977.

LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Organização Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LISPECTOR, Clarice. "Panorama com Clarice Lispector". [1 de fevereiro de 1977]. Rio de Janeiro: TV Cultura. Entrevista concedida a Júlio Lerner.

LISPECTOR, Clarice. *Crônicas para jovens: de amor e amizade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. Diálogos possíveis com Clarice Lispector. In: LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Círculo do livro, 1980.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

### **Produção de Fernando Sabino**

LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. Diálogos possíveis com Clarice Lispector. In: LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SABINO, Fernando. "Fernando Sabino – Roda viva". [25 de dezembro de 1989]. Rio de Janeiro: TV Cultura. Entrevista concedida a Caio Fernando Abreu, Cláudia Boyago, Jorge Escosteguy, Marcos Faerman, Mário Viana, Osmar Freitas, Ricardo Soares, Ruy Castro e Sérgio Pinto de Almeida.

SABINO. *O tabuleiro de damas*. Record: Rio de Janeiro, 1988.

SABINO, Fernando. *Deixa o Alfredo falar!*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 90ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

### **Gerais**

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALBORNOZ, Suzana. "Políticas da amizade de Jacques Derrida". In: ALBORNOZ, Suzana; GAI, Eunice P. (Org.). *Ó meus amigos, não há amigos!:* reflexões sobre a amizade. Porto Alegre: EUDINISC, 2010.

AMARAL, Adriana Corner Lopes do. Sobre a memória em Jacques Derrida. In: GLENADEL, Paula; NASCIMENTO, Evando (Orgs.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

ANDRADE, Mario de. *A lição do guru: cartas a Guilherme Figueiredo 1937 – 1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ARFUCH, Leonor. *Antibiografias?: novas experiências nos limites*. In: MARTINS, Anderson B.; SOUZA, Eneida M. de.; TOLENTINO, Eliana da C. (Orgs.). *O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso*. Belo horizonte: editora UFMG, 2012.

ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe (Coord). Campinas: Unicamp, 2011.

ASSMANN, Aleida. Lembrar para não repetir: depoimento. [09 de junho, 2013]. Campinas: Jornal da UNICAMP. Entrevista concedida a Alessandro Silva.

ÁVILA, Myriam C. de A. AMIZADE: o vale quanto pesa da literatura. In: Cadernos de estudos culturais: Silvano Santiago - uma homenagem. V. 06, n. 11. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014, p. 69 – 76.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARTHES, Roland. *Michelet*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, 2003.

BARTHES, Roland. *A Câmara clara: notas sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Clarice Lispector Pintora: uma biopictografia*. São Paulo: Intermeios. 2013. 314 p.

BEZERRA, Elvia. Correio IMS. Disponível em: <<http://www.correioims.com.br/sobre/>>. Acesso em 23 de setembro de 2015.

BLOCH, Arnaldo. *Fernando Sabino: reencontro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1981.

BORGES, Jorge L. *Os conjurados*. Trad. Pepe Escobar. São Paulo: Editora Três, 1985.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1989.

BRAGANÇA, Gustavo Moura. Escrever para a morte ou a sobrevivência da memória em Pedro Nava. In: LYSARDO-DIAS, Dylia; BRAGANÇA, Gustavo Moura; SOUZA, Eneida Maria de. *Sobrevivência e devir da leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CANTO, Estela. *Borges a contraluz*. Trad. Vera Mascarenhas de Campos. São Paulo: Iluminuras, 1991.

CARDOSO, Eduavison P. “A vida é bella”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=874456449304034&set=a.874456875970658.1073741827.100002190603709&type=1&theater>>. Acesso em 04 de julho de 2015.

CARONE, Modesto. Pós-fácio: uma carta notável. In. *Carta ao pai*. KAFKA, Franz. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

CÍCERO, Marcos T. *Da amizade*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COIMBRA, Vinícius; SARACENI, Denise. Ligações perigosas. [Minisérie]. São Paulo, produção de Vinícius Coimbra, direção de Vinícius Coimbra e Denise Saraceni. Rede Globo, 2016. Minisérie de TV, 35 min. color.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

DERRIDA, Jacques. “Che cos’è la poesia?”. Disponível: <<http://www.mediafire.com/download/8fjgl8sdhey0in/DERRIDA+Jacques+-+Che+cos%27%C3%A8+la+poesia.pdf#39;è+la+poesia.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2015.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*. 1ª ed. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das letras, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Levinas*. Trad. Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã*: dialogo. Trad. Andre Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*: O estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*: uma impressão Freudiana. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. *O cartão postal: de Freud a Sócrates e além*. Trad. Ana Valéria Lessa e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Paixões*. Trad. Lóris Z. Machado. Campinas: Papyrus, 1995.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Paixões*. Tradução de Lóris Z. Machado. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FELINTO, Marilene. Orelha do livro *Cartas de amor*. In: ALCOFORADO, Mariana. *Cartas de amor*. Trad. Marilene Felinto. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FERRAZ, Maria C. F. Prefácio. In: KOFMAN, Sarah. *Rua Ordener, rua labat*. Trad. CARVALHO, Luiz F. M de.; GLENADEL, Paula. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2000.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. Disponível em:< file:///D:/Usuarios/francine.rojas/Downloads/FREUD-%20Obras%20Completas%20Vol%20X-%20(1911-1913).pdf>. Acesso em 20 de março 2016.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o bloco mágico. Disponível em:< file:///D:/Usuarios/francine.rojas/Downloads/docslide.com.br\_freud-uma-nota-sobre-o-bloco-magico%20(1).pdf>. Acesso em 20 de março 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GEBARA, Ivone. *O que é saudade*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

GENETTE, Gerard. *Umbrales*. Trad. Susana Lage. México: Silo XXI Editores, 2001.

GERMANO, José Wellington; LIMA, José G. S. A. de. A pedagogia pós-colonialista de Paulo Freire. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: pós-colonialidade. v. 5 n. 9 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2013, 93-118 p.

GOLDBERG, Jacob P. Apresentação: um romance de vida. In. *História da morte no ocidente*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. ARIÉS, Philippe. Rio de Janeiro: Nova fronteira 2012.

GÓMEZ, Pedro P.; MIGNOLO, Walter. *Estéticas Decoloniales*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

HADDAD, Sonia Moraes; MORAES, Cibele Aparecida de. Desarticulados para memória e corpo: a sobrevivência dos afetos nas lembranças de Sylvia Molloy. In: SOUZA, Eneida Maria de; LYSARDO-DIAS, Dylia; BRAGANÇA, Gustavo Moura (Orgs). *Sobrevivência e devir da leitura*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

JOYCE, James. *Retrato do artista quando jovem*. Trad. José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

JÚNIOR, Oswaldo G. Prefácio de *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche*. In: OLIVEIRA, Jelson. *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

KAFKA, Franz. *Cartas aos meus amigos*. Trad. Oswaldo da Purificação. São Paulo: Nova Época Editorial, 1988.

KLINGER, Diane I. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2º ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KUBRUSLY, Cláudio A. *O que é a fotografia*. São Paulo: Nova cultural, 1986.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Trad. Tereza Bulhões Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Record Altaya, 1996.

LAGES, Susana K. *João Guimarães Rosa e a saudade*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

**Ligações perigosas.** Direção: Denise Saraceni  
 Vinícius Coimbra. Produção: Denise Saraceni  
 Vinícius Coimbra. Intérpretes: Marjorie Estiano, Patrícia Pillar, Selton Melo; Alice Wegmann; e outros. Roteiro: Manuela Dias. Música: Sacha Amback. São Paulo: Warner Brothers, 2016. Color. Produzido por Globo.

LIMA, Rachel E. A entrevista como gesto (auto)biográfico. In: MIRANDA, Wander M.; SOUZA, Eneida M. de. (Orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LYSARDO-DIAS, Dylia. Perfis biográficos jornalísticos: história das vidas ou das mortes?. In: LA GUARDIA, Adelaine; MARTINS, Anderson B.; SOUZA, Eneida M. de (Orgs). *Figurações do íntimo: ensaios*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013, p. 65 – 72.

LOPES, Denilson. Do sublime a leveza. Disponível: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/viewFile/530/277>>. Acesso em: 04 d julho de 2015.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Amizade em Foucault: ética, estética e educação. In: Suzana Albornoz; Eunice T. Piazza Gai. (Org.). *Ó meus amigos, não há amigos!*: Reflexões sobre a amizade. Santa Cruz do Sul, 2010, v. 1, p. 102-117.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARTINS, Aulus M. As margens do texto nas margens do cânone: Paratexto, texto e contexto em *Luuanda* e *Mayombe*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/14-As-margens-do-texto-nas-margens-do-c%C3%A2none.pdf>>. Acesso em: 01 de junho de 2015.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*. Disponível em :<[http://files.sismuc.org.br/ARQUIVOS/DOC\\_ANTIGOS/512\\_1529.pdf](http://files.sismuc.org.br/ARQUIVOS/DOC_ANTIGOS/512_1529.pdf)>. Acesso em 23 de abril de 2016.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. 1ª ed. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. "Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (Orgs). *Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidade y globalización em debate*. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Disponível em:<<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>>. Acesso em: 04 de junho de 2015.

MIGNOLO, Walter. Aiesthesis decolonial. In: Calle 14: revista de investigación em el campo del arte, Bogotá, v. 04, nº. 04, p. 11 – 25, enero de 2010.

MONTAIGNE, Michel de. *Sobre a amizade*. Trad. Carolina Selvatici. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2012.

MORAES, Marcos Antônio de. *Me escreva tão logo possa*. São Paulo: Moderna, 2005.

NASCIMENTO, Evando. A solidariedade dos seres vivos: entrevista com Jacques Derrida". Disponível em:<<http://www.rubedo.psc.br/entrevis/solivivo.htm>>. Acesso: 04 de maio de 2015.

NASCIMENTO, Evando. O estrangeiro, a literatura – A soberania. Disponível em:<<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/239/238>>. Acesso em 22 de julho de 2015.

NASCIMENTO, Evando. Heranças de Derrida: desconstrução, destruição e mecianissidade. In: PEREIRA, Maria S.; SÁ, Luiz F. F. (Orgs.). *Jacques Derrida: atos de leitura, literatura e democracia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

NASCIMENTO, Evando. Prefácio *Derrida: biografia*. In: PEETERS, Benoît. *Derrida: biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: "notas" de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 2º ed. Rio de Janeiro: EDUFF, 2001.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NASCIMENTO, Lyslei de S. Vínculos e gavinhas. In: SOUZA, Eneida M. de; SCHIMIDT, Paulo (Orgs.). *Mário de andrade: carta aos mineiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras (bolso), 2008.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. v. 2 n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 35-50 p.

NOLASCO, Edgar. Clarice espectros. In: NOLASCO, Edgar C. (Org). *Espectros de Clarice: Uma homenagem*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.

NOLASCO, Edgar C. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar C. Memória subalternas latinas: ensaio biográfico. In. Caderno de Estudos Culturais: Memória Cultural. v. 05. n 10. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2013, p. 53 – 72.

NOLASCO, Edgar C. Nunca falo do que não admiro – Eneida Maria de Souza: amizade em política da crítica biográfica. In. Caderno de Estudos Culturais – Eneida Maria de Souza: uma homenagem. v. 06. n 12. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2014, 09 – 24 p.

NOLASCO, Edgar César. Luto e melancolia no canto da seriema do cerrado: por uma identidade da crítica cultural local. In: Cadernos de Estudos Culturais: Crítica Contemporânea. v. 1, n. 3. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, p. 29-49, 2010.

NOLASCO, Edgar. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5º ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1999.

PALMÉRIO, Mário. Saudade. Disponível em:< <http://www.uniube.br/mariopalmerio/musica/musica.php>>. Acesso em 25 de abril de 2016.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Nenhures 2: Lá nas Campinas*. Scripta, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 178 – 189, 1998.

REBELLO, Ivana F. Arquivo secreto: dedicatória e cartas de amor na escrita de Grande sertão: veredas. Disponível em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/15366/11363>>. Acesso em 01 de junho de 2015.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Geir Campos e Fernando Jorge. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Trad. Andre Telles. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2006. 76 p. (Transmissão da psicanálise).

SAINT-ÉXUPÉRY, Antoine. *O pequeno príncipe*. Trad. Frei Betto. São Paulo: Geração, 2015.

SANTIAGO, Silviano. BH, junho de 1925. In: SOUZA, Eneida M. de; SCHIMIDT, Paulo (Orgs.). *Mário de andrade: carta aos mineiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

SANTIAGO, Silviano. *Ora(Direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SANTIAGO, Silviano. Entrevista com Silviano Santiago. [02 de maio de 2002]. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos. Entrevista concedida a Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira.

SANTIAGO, Silviano. “A política em Clarice Lispector”. Disponível em:<<http://www.rocco.com.br/index.php/blog/a-politica-em-clarice-lispector/>>. Acesso em 09 de julho de 2015.

SANTOS, Matildes D. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1992.

SANTOS, Milton. O lugar e o cotidiano. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Souza (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. 1º ed. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

SOUZA, Eneida M.de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, Eneida M. de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida M. de. *O século de Borges*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. Autoficção e sobrevivência. In: VERSIANI, Daniela Beccaccia (Org). *O eu se escreve o outro me escreve*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

SOUZA, Eneida Maria de. A dona ausente. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org). *Correspondências Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa*. São Paulo: EDUSP, 2010.

VIEGAS, Ana C..Com a palavra, o autor - exercícios de crítica biográfica na contemporaneidade. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. v. 2 n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 09-24 p.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade*: uma história do exercício da amizade nos séculos XVII e XIX. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ZWEIG, Stefan. *O mundo que eu vi*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 1999.



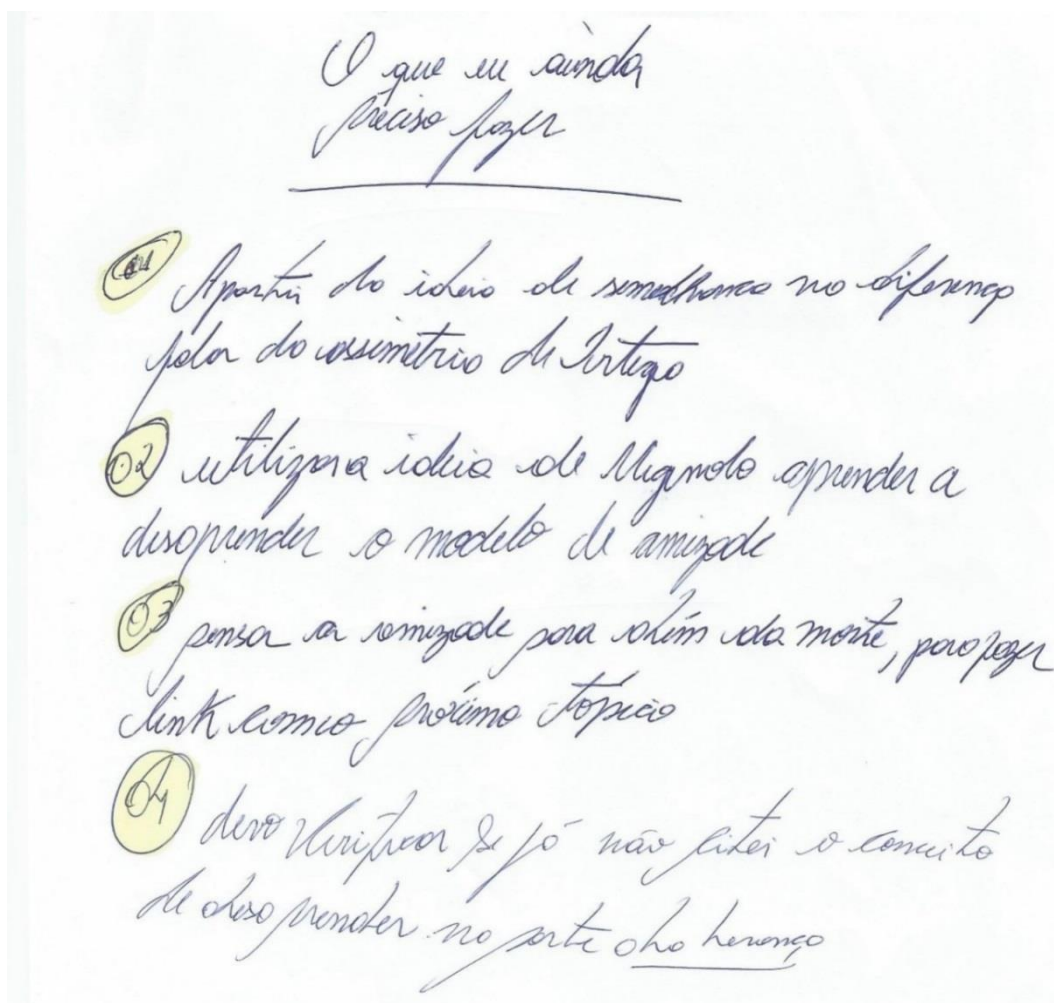
**ANEXOS –  
COLETÂNEA DE RECORDAÇÕES**



Ora, o que é uma bibliografia senão o modelo de uma autobiografia, um scrap-book, uma coletânea de lembranças, um bilhete de trem, tíquetes de museu, programas de espetáculo, cartões de convite, flores secas: inventário dos ícones do autor. Não quero mais nada: suas glosas sobre si mesmo e sobre o mundo me entediam.

COMPAGNON. *O trabalho da citação*, p. 113.

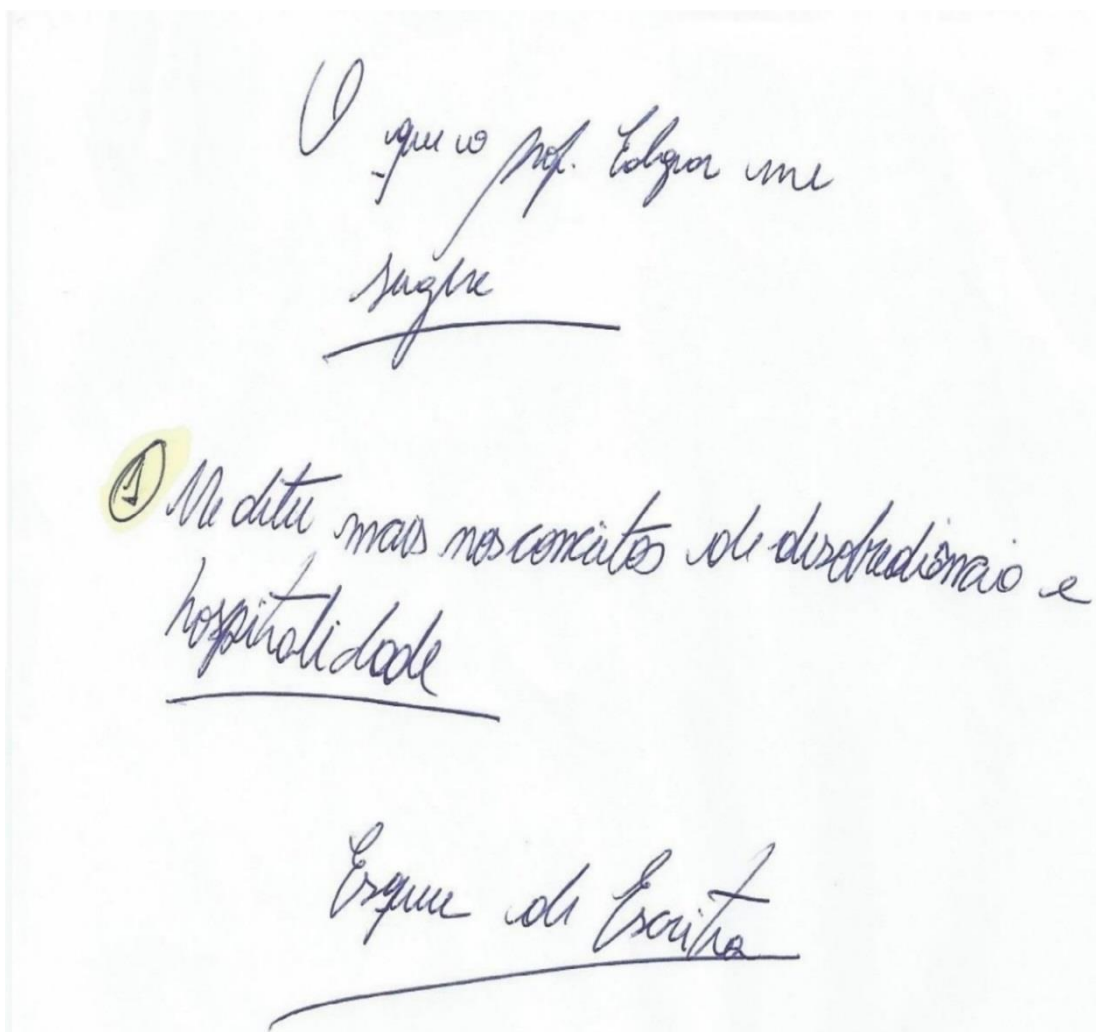
## ANEXO 1 - Anotações referentes a reescrita do primeiro capítulo – parte I



O que eu ainda preciso fazer

- 01) A partir da ideia de semelhança na diferença falar da assimetria de Ortega
- 02) utilizar ideia de Mignolo aprender a desaprender o modelo de amizade
- 03) pensar a amizade para além da morte, para fazer link com o próximo tópico
- 04) devo verificar se já não citei o conceito de desaprender na parte da herança

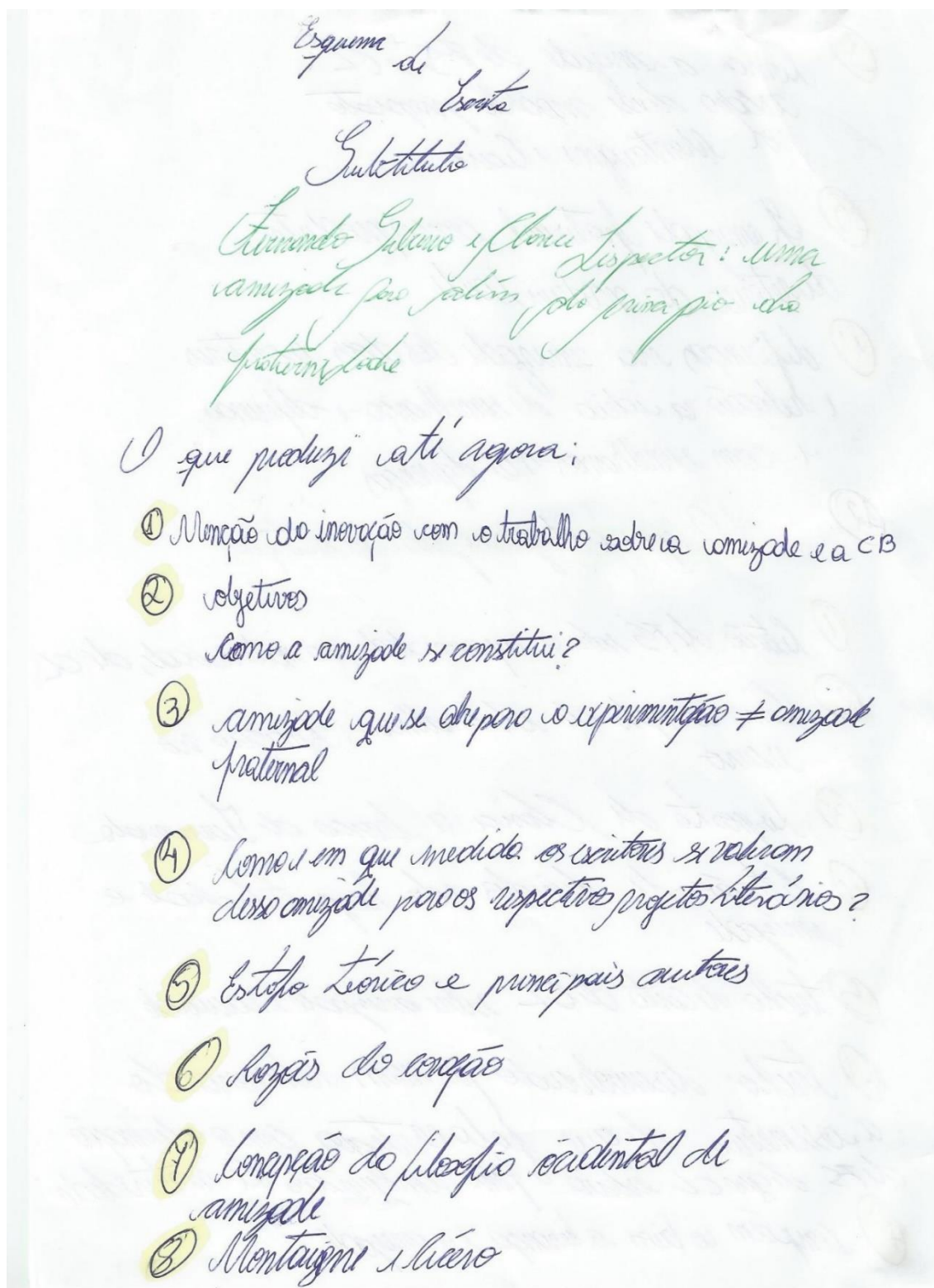
ANEXO 2 - Anotações referentes a reescrita do primeiro capítulo – parte II



O que o prof. Edgar me sugere:

- 1 Me deter mais nos conceitos de desobediência e hospitalidade


### ANEXO 3 - Anotações referentes a reescrita do primeiro capítulo – parte III



Esquema de escrita

O que produzi até agora:

- 1) Menção da inovação com o trabalho sobre a amizade

- ② Objetivos – como a amizade se constitui?
- ③ Amizade que se abre para a experimentação  amizade fraternal
- ④ Como e em que medida os escritores se valiam dessa amizade para os respectivos projetos literários?
- ⑤ Estofo teórico e os principais autores
- ⑥ Razões do coração
- ⑦ Concepção da filosofia ocidental da amizade
- ⑧ Montaigne e Cícero

ANEXO 4 – Anotações referentes a reescrita do primeiro capítulo – parte IV

- ③ Como a amizade de FS e CL  
excepo desse modo proposto  
por Montaigne e Lucano
- ⑩ A amizade fraternal como produto  
da retórica da modernidade
- ⑪ diferenças na amizade dos dois escritores  
e relação a ideia de semelhança e diferença,  
e com semelhanças-no-diferenças
- ⑫ O que produz no texto de crítica
- ① crítica de FS sobre a supremacia, no momento, de CL
- ② Como exemplo de discordância: Amizade no  
velho
- ③ suposto da Clonca a banco de Formosa
- ④ crítica de Lucano sobre hospitalidade e  
amizade
- ⑤ trecho do conto de CL sobre amizade e saudade
- ⑥ trecho desmoldado por mim relacionando  
a assimetria de que pelo crítico como a aproximação  
de FS de que CL estava a frente em questão de maturidade
- ⑦ compõem o livro a herança e a amizade

⑨ Como a amizade de FS e CL

⑩ A amizade fraternal como produto da retórica da modernidade

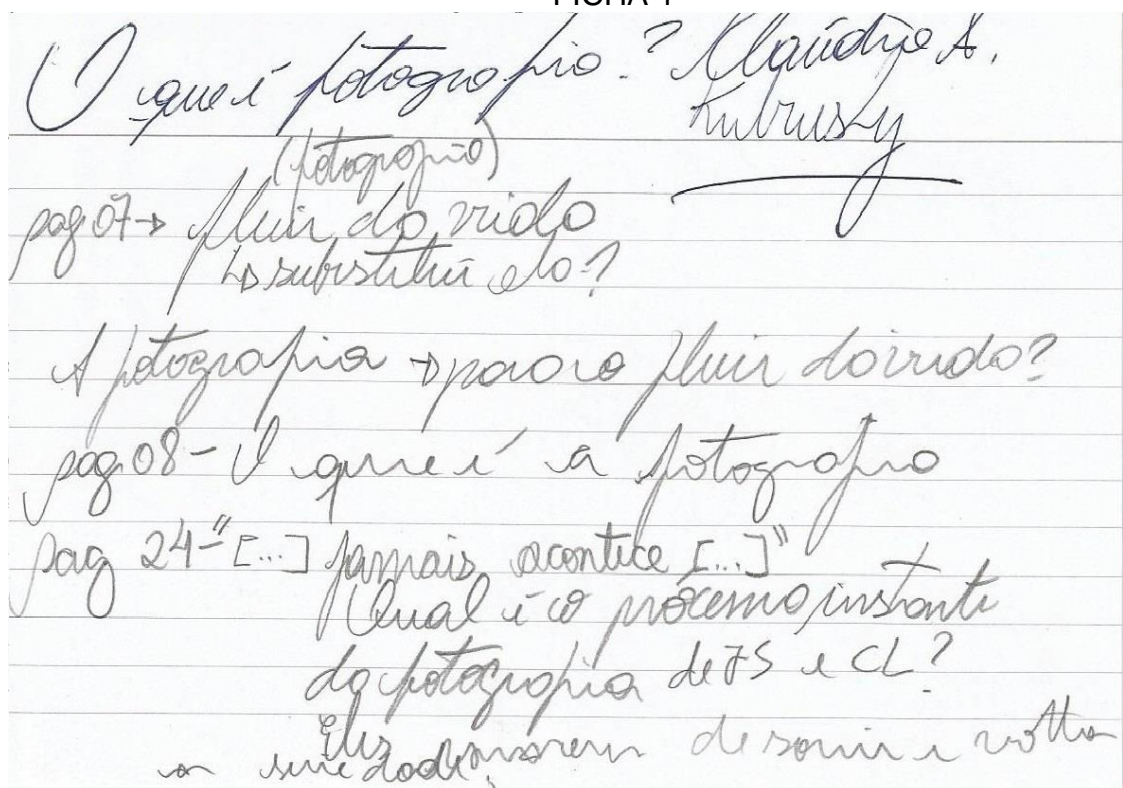
- 11) Diferenças na amizade dos dois escritores (relação a ideia de semelhança-e-diferença, e com semelhanças-na-diferenças)

O que produzi na folha de citação

- 1) Citação de FS sobre a superioridade, na maturidade, de CL
- 2) Como exemplo de desobediência: A maçã no escuro
- 3) Resposta de Clarice a bronca de Fernando
- 4) Citação de Derrida sobre hospitalidade e amizade
- 5) Trecho da carta de CL sobre amizade e saudade
- 6) trecho desenvolvido por mim relacionando a assimetria de que fala Ortega com a afirmação de FS de que CL estava a frente em questão de maturidade
- 7) Compõem o *bios* a herança e a amizade

ANEXO 5 – Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte I

FICHA 1



O que é fotografia? Cláudio A. Kubrusly

Pag 07 – fluir da vida – substitui ela?

A fotografia – para o fluir da vida?

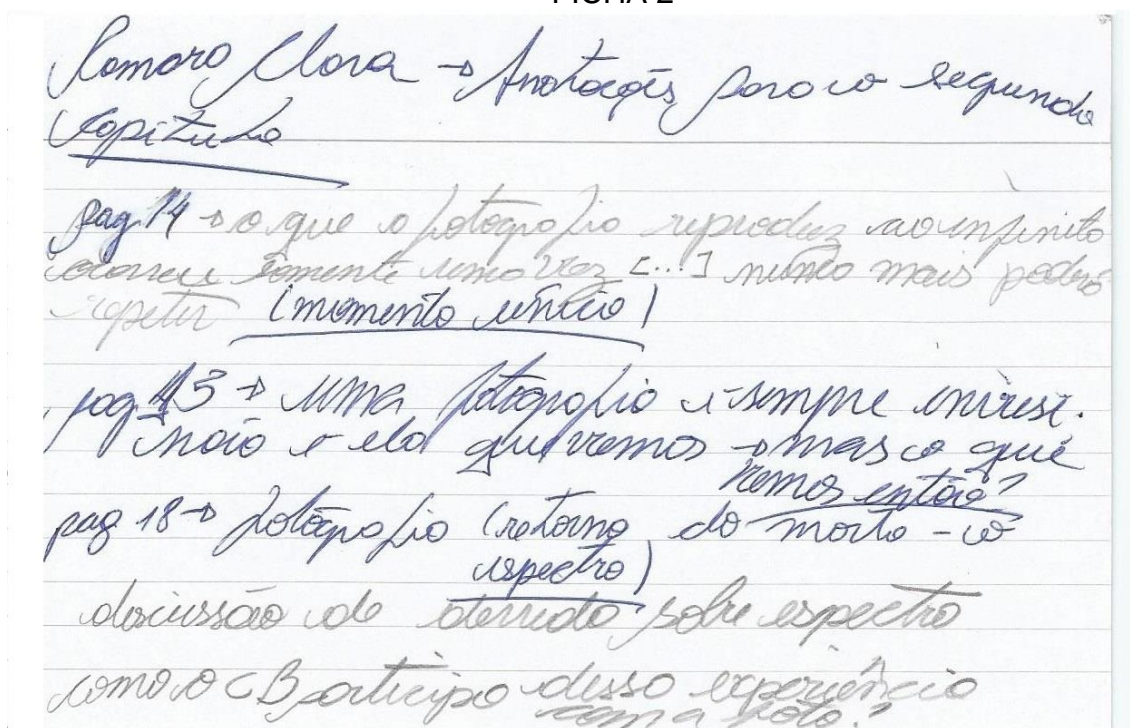
Pag 08 – O que é a fotografia

Pag 24 – “[...] jamais acontece [...]” – Qual é o próximo instante da fotografia de FS e CL?

Eles passaram do sorrir e voltam a seriedade

## ANEXO 6- Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte II

### FICHA 2



Câmara Clara – anotações para o segundo capítulo

Pag 14 – o que a fotografia reproduz ao infinito ocorre somente uma vez [...] nunca mais poderá repetir (momento único!)

Pag 15 – uma fotografia é sempre invisível não é ela que vemos – mas o que vemos então?

Pag 18 – fotografia (retorno do morto – o espectro)

Discussão de derrida sobre espectro

Como o Cb participa dessa experiência com a foto?

## ANEXO 7 – Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte III

### FICHA 3

pag 15 → "Uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos"  
A afirmação de Barthes advém do fato de que a foto não capta o momento em que foi tirada, mas traz em seu corpo o rastro daquele momento  
O que vemos então?  
pag 17-18 → a fotografia tem a ver com o retorno do morto. (derrida - espectro)  
→ desta forma a foto traz para o debate o morto e o crítico

Pag 15 – “[...] Uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos”

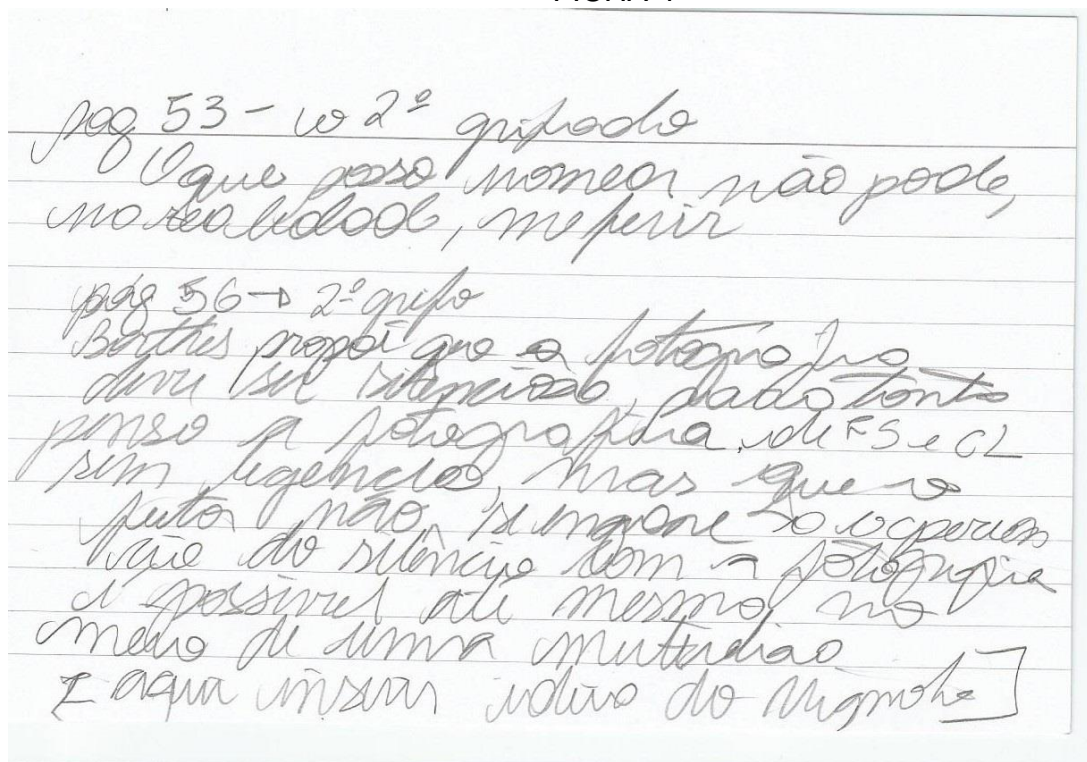
A afirmação de Barthes advém do fato de que a foto não capta o momento em que foi tirada, mas traz em seu corpo o rastro daquele momento

O que vemos então?

Pag 17 – 18 – a fotografia tem a ver com o retorno do morto (derrida – espectro) – desta forma a foto traz para o debate o morto e o crítico

## ANEXO 8 - Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte IV

### FICHA 4



Pag 53 – o 2º grifado

O que posso nomear não pode, na realidade, me ferir

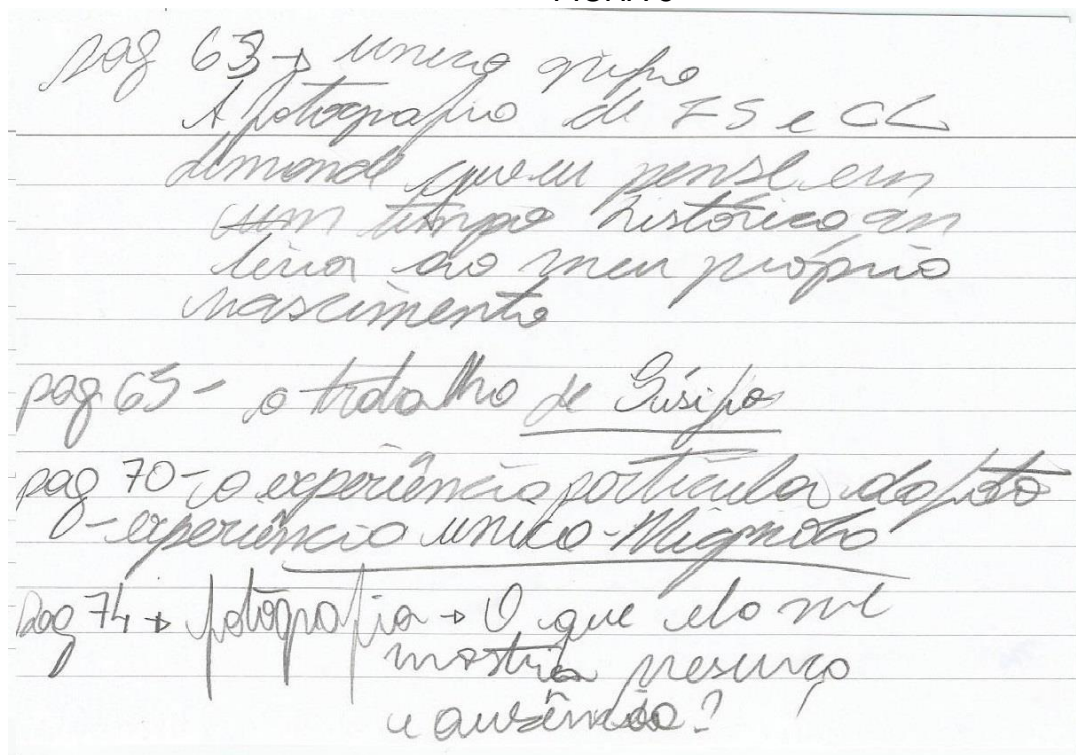
Pag 56 – 2º grifo

Barthes propõe que a fotografia deve ser silenciosa, para tanto, penso a fotografia de FS e CL sem legendas, mas que a experiência do silêncio com a fotografia é possível até mesmo no meio de uma multidão

[aqui inserir ideia do Mignolo]

ANEXO 9 – Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte V

FICHA 5



pag 63 – único grifo

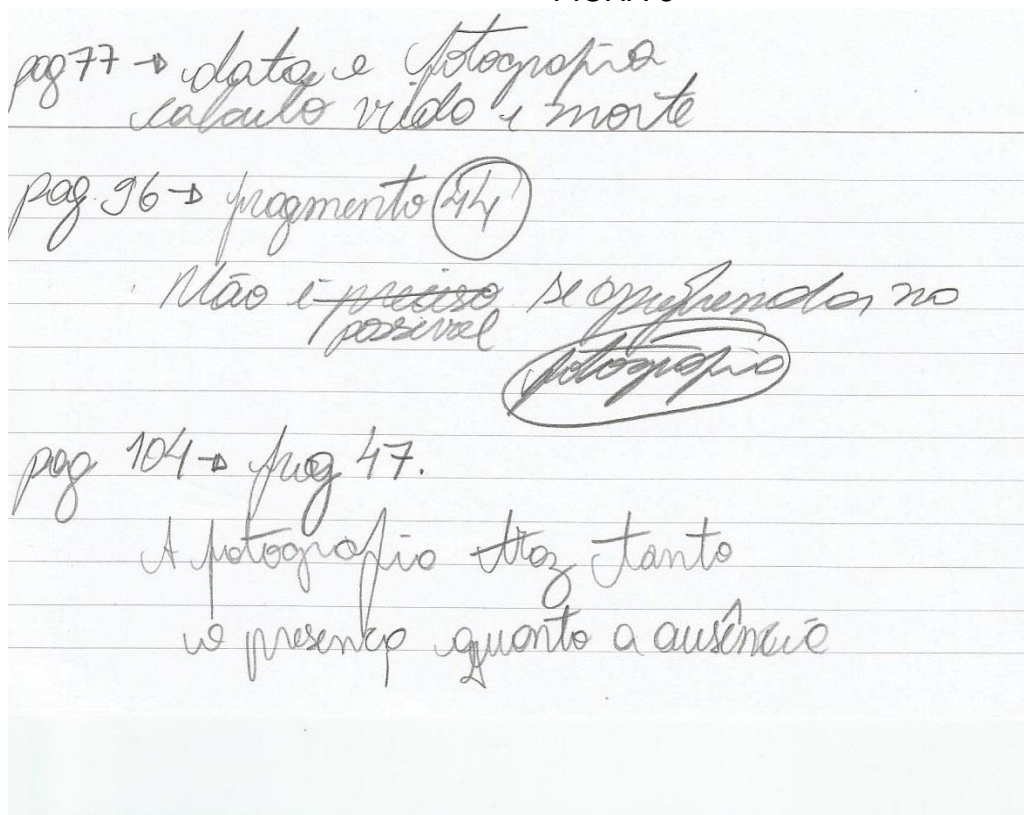
A fotografia de FS e CL demanda que eu pense em um tempo histórico anterior ao meu propósito nascimento pag 65 – o trabalho de Sísifo

Pag 70 – a experiência particular da foto – experiência única – Mignolo

Pag 74 – fotografia – o que ela me mostra – presença e ausência?

ANEXO 10 - Notas de leituras realizadas para o segundo capítulo – Parte VI

FICHA 6



pag 77 – data e fotografia

calculo: vida e morte

pag 96 – fragmento 44

Não é ~~preciso~~ possível se aprofundar na fotografia


pag. 104 – fig. 47

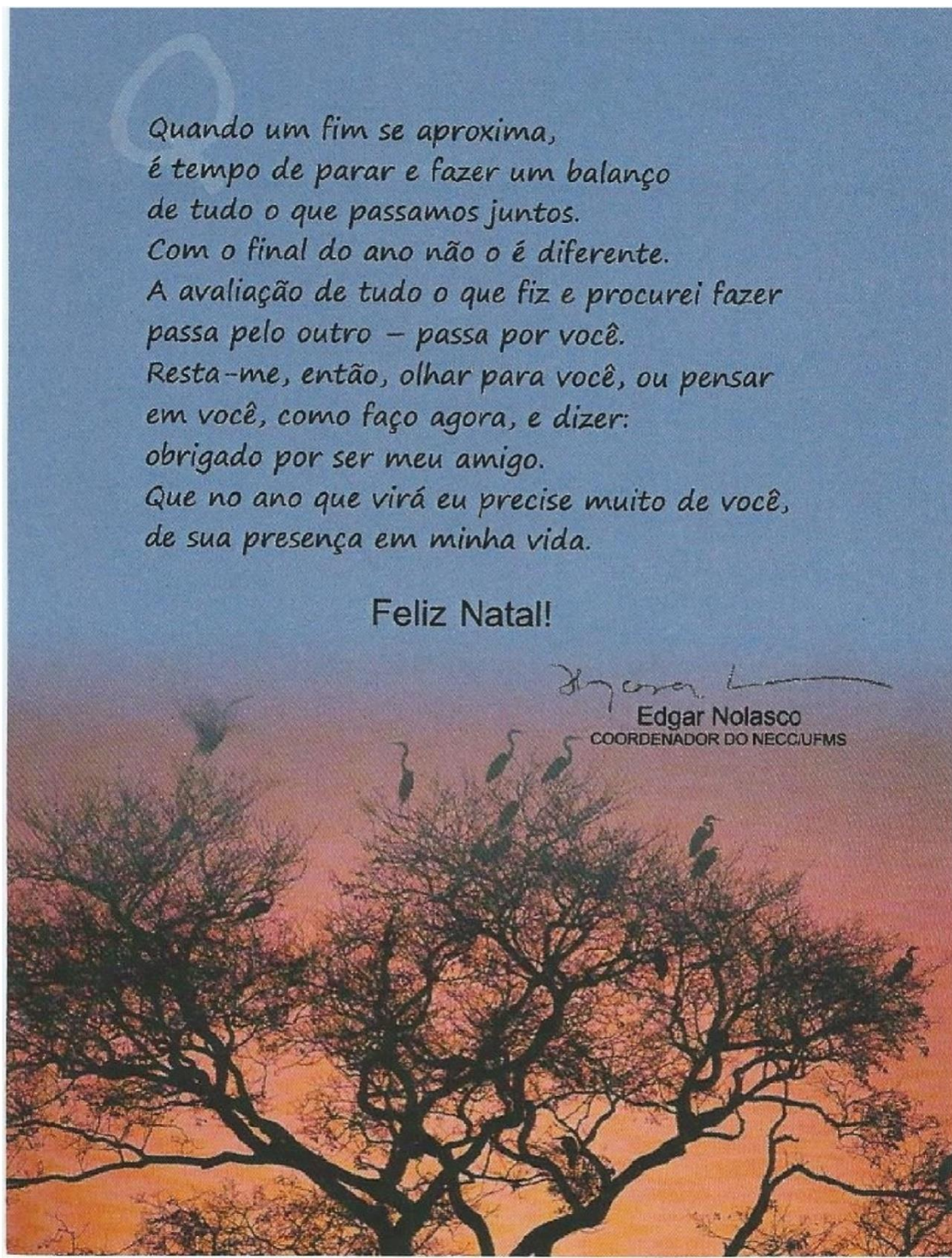
A fotografia traz tanto a presença quanto a ausência

## ANEXO 11 – Recado revertido para o remetente de origem

Quando um fim se aproxima,  
é tempo de parar e fazer um balanço  
de tudo o que passamos juntos.  
Com o final do ano não o é diferente.  
A avaliação de tudo o que fiz e procurei fazer  
passa pelo outro – passa por você.  
Resta-me, então, olhar para você, ou pensar  
em você, como faço agora, e dizer:  
obrigado por ser meu amigo.  
Que no ano que virá eu precise muito de você,  
de sua presença em minha vida.

Feliz Natal!

  
Edgar Nolasco  
COORDENADOR DO NECCUFMS



**ANEXO 12 - Comprobante de pago de evento XV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana para estudiantes**

**UNIVERSIDAD DE SANTIAGO DE CHILE**  
**DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA Y LITERATURA**  
**XV JORNADAS ANDINAS DE LITERATURA**  
**LATINOAMERICANA PARA ESTUDIANTES**

**Boleta de Ventas y Servicios**  
 N°0000072

| CANT. | ARTICULOS   | VALOR         |
|-------|---|---------------|
|       |   |               |
|       | <i>Francine Rojas</i>                               | <i>\$8000</i> |
|       | <b>JALLA</b><br>Santiago 20<br>Universidad de Chile |               |
|       |   |               |
|       |   |               |
|       |   |               |
|       |   |               |
|       |   |               |
|       |   |               |

TRIADAS S.A R.U.T.:76.191.081-7 Checabuco 37 -Santiago.

TOTAL \$ *\$8000*  
 DUPLICADO: CLIENTE

**ANEXO 13 – Crachá do evento XV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana para estudiantes**



**ANEXO 14 – Passagens de ida e volta – Campo Grande (MS) – São Paulo (SP) – Santiago (CL)**

**BOARDING PASS:**

CLASS: Y SEAT: 16A

TOP

ROJAS/FRANCINE MS

JJ 8026 190CT

DE/ FROM: CAMPO GRANDE/C

PARA/ TO: SAO PAULO/GRU

PARTIDA/ DEPARTURE TIME: 15:18

SEQUENCE NO: 180

ETKT: 34572446340712

EMBARQUE ENCERRA 20MIN ANTES

ROJAS/FRANCINE MS

SAO PAULO/GRU

SANTIAGO/SCL

ACCESS

JJ8026 06:15

190CT

24A

Y

180

**TAM oneworld**

CLASSE/ CLASS: Y ASSENTO/ SEAT: 16A

TOP

ROJAS/FRANCINE MS

JJ 3425 190CT

DE/ FROM: CAMPO GRANDE/C

PARA/ TO: SAO PAULO/GRU

PARTIDA/ DEPARTURE TIME: 15:18

SEQUENCE NO: 180

ETKT: 34572446340712

TAM

ROJAS/FRANCINE

1/2KG

CAMPO GRANDE

08H JJ3425

190CT

PRINT DATE (GMT): 1900

0 957 JJ 661413

**TAM**

ROJAS/FRANCINE

3B3J8H 1/2KG

SAO PAULO

SCL JJ8026 190CT

190CT14

0957697772

0 957 JJ 697772

**TAM oneworld**

CLASSE/ CLASS: Y ASSENTO/ SEAT: 24A

ACCESS

ROJAS/FRANCINE MS

JJ 8026 190CT

DE/ FROM: SAO PAULO/GRU

PARA/ TO: SANTIAGO/SCL

PARTIDA/ DEPARTURE TIME: 07:35

SEQUENCE NO: 180

ETKT: 34572446340712

## ANEXO 15 – Carta ao orientador

Não há nenhuma razão para que deixemos de ser amigos. Devoto-te as melhores e talvez as piores horas de minha vida e isso é um vínculo que não pode se romper.

BORGES *apud* CANTO. *Borges a contraluz*, p. 119.

Prof. Edgar,

Tal carta que escrevo para o senhor possui o caráter singular de escapar ao conjunto normativo dos correios que regem as cartas. Na verdade, o que escrevo transita entre as esferas do correio e o meio acadêmico, não obedecendo rigidamente nenhuma das normas instituídas literalmente. Esclarecido esse ponto trato de iniciar logo a parte que me interessa e diz respeito ao motivo pelo qual escrevo diretamente para o senhor, posteriormente irei adentrar em uma questão da nossa convivência que bem pode ter passado despercebido.

Não será surpresa revelar que a ideia de escrever para o senhor surgiu depois da leitura do livro *Carta ao pai* (1997), do Franz Kafka, aliás, trata-se de uma indicação de sua parte para a dissertação. A relação entre o livro de Kafka e a carta que escrevo é que ambos possuem como *leitmotiv* o espectro de uma figura marcante, à dizer, em Kafka é o pai e a dominação que este exerce em relação ao filho. Nesta carta o espectro presente é a figura, que o senhor representa, do orientador, aquele que, conforme recorda Derrida em *Paixões* (1994) desempenha o papel de leitor-avaliador:

Suponhamos, portanto, que esta obra seja apresentada e entregue, oferecida, dada a um leitor – analista preocupado com a objetividade. Esse analista talvez esteja entre nós: não importa a destinatário ou o destinador deste livro.

O avaliador é somente um entre seus espectros, pois se aprendi a pensar Clarice e Fernando em múltiplo (Clarices e Fernandos), dada as múltiplas facetas apresentadas pelos escritores, porque não pensar o senhor e a mim mesma no plural?

Com isso quero melhor empreender o exercício, que a muito desejava fazer, de repensar e recordar minha trajetória dentro do núcleo de pesquisa pelo senhor gerido.

Caminhada que se iniciou em abril de 2010, quando recém matriculada na universidade e no curso de Letras adentrei pela primeira vez o Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). De lá para cá foram quase seis anos de convivência diária, verdade que, por vezes, tensa, verdade seja dita, é o risco em se lidar com outras pessoas. Mas na maior parte do tempo a convivência foi / é bastante proveitosa e profícua.

Caso o senhor, nesse momento, não esteja se perguntando o motivo pelo qual escrevo, faça isso: Por que escrever essa carta? Qual o objetivo? A primeira pergunta é a mais fácil de responder, já a segunda, bem, deixo para logo mais resolvê-la. Escrevo a carta para deixar tudo às claras com o senhor, pelo menos é esse o meu intento, ainda que tenho consciência de que: “O que não pode mais ser assumido em consciência torna-se desde então impagável”<sup>446</sup>.

Após entrar no NECC demorei certo tempo para me adaptar e acostumar a rotina do lugar, após o período, convivendo com diversas pessoas, de alunos de graduação, mestrandos a professores, e desenvolvendo atividades acadêmicas, de extensão e de pesquisa, senti / sinto a necessidade de expressar a gratidão pelo ganho que essa vivência, até os dias de hoje, é para mim.

Remeto a uma específica fala do senhor, dita não faz muito tempo, embora não me recorde a data exata, mas impactante o suficiente de forma que se inscreveu na minha memória. O senhor falou que a gratidão é a memória do coração, e nesse momento penso que além de ser a memória do coração, é, também, a memória que *vem* (nasce) do coração e *através* dele. As diferenças em relação as construções

---

<sup>446</sup> DERRIDA. *Cartão-postal*, p. 292.

podem ser sutis, mas expressam de forma eficaz meu desejo acalentado por muito tempo.

A gratidão é a memória do coração por que é, essencialmente, uma memória composta de lembranças afetivas, aquelas que mais me tocaram. Ela vem *do* coração, posto que dela nasce para somente depois se deparar com o exterior do mundo e do outro, isto é, posto em termos práticos, é preciso que o sujeito a expressar tal sentimento seja tomado da matéria afetiva, de preferência acumulada, e que a força de cada um dos momentos que suscitaram a gratidão, cada um particularmente, seja forte e *significativo* para o sujeito, de forma que o ato de agradecer torna-se limpo, digno e soberano. Chamo de *significativo* tudo aquilo que, para mim, se configura como gestos, pequenos e grandes, visando o diálogo com o outro.

Dessa forma começo a traçar uma possível resposta para a segunda questão elencada a que diz respeito ao objetivo da escrita. O objetivo é conseguir expressar a necessidade íntima fomentada ao longo da nossa convivência e que concerne a gratidão, respeito e admiração que sinto. A melhor forma encontrada e a mais coerente dado o meio em que me encontro é a escrita, aliada, é claro, ao fato de nunca ter conseguido verbalizar o merecido gesto de agradecimento.

Por que nunca consegui expressá-lo? Ora, um pouco por reticência de minha parte, um pouco pela minha atitude de acúmulo que ao deixar as oportunidades de agradecimento passarem tornou-se sufocante. Também por detrás disso está o conflito gerado, por minha culpa devo ressaltar, em pensar, em determinados momentos, de forma categorizadora a relação orientador / orientanda. Fato que muitas vezes me impede, e aqui esclareço outra questão que o senhor pode não ter percebido, refere-se a chamá-lo pelo seu nome. Não que não seja capaz

linguisticamente de dizê-lo, mas me parece que implica em um gesto de demasiada intimidade, o que prontamente me desperta incomodo.

Trato logo de esclarecer minha recém afirmação antes que suscite mal entendidos. Ao falar na questão de intimidade demasiada penso, justamente, no que Francisco Ortega vai falar sobre a boa-distância, espaço de convivência que propícia o profícuo diálogo. A boa-distância que consegui criar passa a existir a partir do momento em que chamo-o de Professor Edgar, a profissão aliada ao nome que designa o ser, e que evita, para mim, o perigo em incorrer na demasiada aproximação.

Afinal, o fundamento da boa amizade é matéria basilar para a relação entre orientador e orientanda. Esta boa amizade é a que me permite realizar um gesto de gratidão para com o senhor, à dizer, em determinado subtítulo de minha dissertação, se não me engano o “1.2 Aos amigos: a dupla dedicatória em *cartas perto do coração*”, me detenho no compartilhamento de autoria sob a égide de Jorge Luis Borges em *Os conjurados* (1985) e Eneida Maria de Souza em *O século de Borges* (2007) para pensar a questão da dedicatória de Fernando e Clarice.

Trago para mais perto ainda o que li e escrevi naquele momento, digo para o senhor que o seu nome está inscrito nas entrelinhas da dissertação, nesse sentido, ao lado do meu nome, Francine Carla de Salles Cunha Rojas, está o seu. Minha dissertação não foi escrita somente a duas mãos, mas também a quatro mãos, atribuir é também um gesto de gratidão.

Até logo,



Francine Carla de Salles Cunha Rojas